



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO  
SUL

FACULDADE DE ARQUITETURA

Programa de Pós-Graduação em  
Planejamento Urbano e Regional



# UNIVERSIDADE & CIDADE

## As Interfaces de uma História



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Autora: Arquiteta Rita Maria  
Mendonça de Figueiredo

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Arquiteta  
Daniela Marzola Fialho

Porto Alegre

Setembro de 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE ARQUITETURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

**RITA MARIA MENDONÇA DE FIGUEIREDO**

**UNIVERSIDADE E CIDADE,  
AS INTERFACES DE UMA HISTÓRIA**

Porto Alegre

2014



**RITA MARIA MENDONÇA DE FIGUEIREDO**

**UNIVERSIDADE E CIDADE,  
AS INTERFACES DE UMA HISTÓRIA**

*Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Planejamento Urbano e Regional. Subárea: Cidade, cultura e política.*

ORIENTADOR: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Arquiteta Daniela Marzola Fialho

Porto Alegre

2014

## CIP - Catalogação na Publicação

Figueiredo, Rita Maria Mendonça de  
Universidade e cidade, as interfaces de uma  
história / Rita Maria Mendonça de Figueiredo. -- 2014.  
267 f.

Orientador: Daniela Marzola Fialho.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura,  
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e  
Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Universidade. 2. Cidade. 3. Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul. 4. Porto Alegre (RS).  
5. História Cultural. I. Fialho, Daniela Marzola,  
orient. II. Título.

RITA MARIA MENDONÇA DE FIGUEIREDO

**UNIVERSIDADE E CIDADE,  
AS INTERFACES DE UMA HISTÓRIA.**

*Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.*

Orientador: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daniela Marzola Fialho, PROPUR/ UFRGS.

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
Examinador Externo: Prof. Dr. Charles Monteiro História- PUC-RS

\_\_\_\_\_  
Examinador Interno: Prof. Dr. João Farias Rovati- PROPUR- UFRGS

\_\_\_\_\_  
Examinador Interno: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Soares Almeida- PROPUR- UFRGS

Coordenador do PROPUR:

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daniela Marzola Fialho

Porto Alegre, 01 de setembro de 2014.



*Dedico este trabalho ao meu marido Jânio e meus filhos Vinícius e Cecília, pelo incentivo, apoio, compreensão e pelo tempo a eles roubado; ao meu pai Ivo, hoje em memória, pela dedicação, companheirismo e apoio incondicional desde o primeiro momento que decidi cursar Arquitetura; a minha mãe Jacyra pelo incentivo e confiança na minha capacidade de alcançar todos os meus projetos de vida; a minha irmã Ana Paula pela força nas horas de desânimo e a todos os parentes e amigos que apoiaram, incentivaram e torceram por mim nesta empreitada.*



## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, à minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Daniela Marzola Fialho, agradeço pela grande amiga que ela é, pelos seus comentários sempre oportunos e esclarecedores ao longo da elaboração desta dissertação, pela dedicação, paciência e bom humor.

A Professora Célia Ferraz de Souza, nossa querida homenageada da turma de graduação de 1989, primeira pessoa que pensei em falar quando resolvi retomar os estudos acadêmicos após 25 anos de trabalhos técnicos para esta universidade na área da Arquitetura e Urbanismo. A esta grande mestra, agradeço pelo incentivo, pelas longas e agradáveis conversas que resultaram na estruturação inicial do meu projeto de pesquisa e por ter me aceito, ainda como aluna especial, na sua disciplina no PROPUR.

A todos os demais professores do PROPUR meus sinceros agradecimentos pelos ensinamentos nas suas diversas áreas, pelo agradável convívio, salutar debate e pela inspiração, especialmente nas pessoas dos quais cursei disciplinas como os professores João Farias Rovati, Heleniza Ávila Campos, Günter Weimer, Luciana Inês Gomes Miron e Eva Machado Barbosa Samios.

Ao professor Antônio Tarcísio Reis, que coordenou o seminário de Dissertação e a todos os professores e colegas, mestrandos e doutorandos, que, com suas falas naquele momento, contribuíram com o andamento do meu trabalho.

Aos professores Maria Soares de Almeida (PROPUR) e Charles Monteiro (PUC-RS) pelas considerações no momento da qualificação, importantíssimas para que eu desenvolvesse o trabalho, a partir dali, com maior clareza de rumos e segurança.

A Mariluz Grando e todo o pessoal da Secretaria do PROPUR, a Jaqueline e pessoal da Secretaria da Faculdade de Arquitetura pelo suporte e dedicação.

A todos os colegas nas disciplinas do PROPUR, cursando Doutorado ou Mestrado, representados aqui nas colegas Inês Martina Lersch, Rossanna Prado Perez e Zyla Suzana Garcia Heit pelo aprendizado nos trabalhos em grupo, pelo auxílio nos trabalhos desenvolvidos durante o curso, pelo apoio e contribuições no desenvolvimento desta dissertação.

Ao colega de trabalho, também mestre, arquiteto e técnico da UFRGS, Davit Eskinazi, pelas longas conversas que resultaram na escolha do tema deste trabalho, que na realidade vem sendo também o tema do nosso trabalho diário há tantos anos, a própria Universidade, agradeço a ele também por todas as contribuições e ideias ao longo destes dois anos que cursei o PROPUR.



Aos senhores Diretor e Vice Diretor da Faculdade de Farmácia da UFRGS, Professores José Ângelo Silveira Zuanazzi e Ruy Carlos Ruver Beck, unidade a qual estou cedida enquanto técnica, agradeço primeiramente pelo convite para participar da elaboração do projeto para o Edifício anexo àquela faculdade, cinquenta anos após a execução do primeiro edifício exclusivo daquela unidade, que foi a primeira a ser criada, ainda enquanto curso livre, e que deu origem a UFRGS. Agradeço também pelo seu apoio e confiança permitindo que eu levasse a bom termo, concomitantemente, o meu curso de mestrado e ao final deste, pela concessão da licença para que eu pudesse concluí-lo.

A todo o pessoal da secretaria da Faculdade de Farmácia, sempre a disposição para qualquer ajuda que eu necessitasse, agradeço representados nas pessoas de Ana Jussara Duarte de Souza e Magda Villanova Nunes, esta também historiadora cuja pesquisa sobre os primórdios da Faculdade de Farmácia muito colaborou para fundamentar meu trabalho.

Aos colegas do setor de Infraestrutura e Informática da Faculdade de Farmácia, Élton Passos da Conceição, Adilson Enio Pierog e Gustavo Vargas, agradeço pelo valioso auxílio nas configurações do meu computador e paciência com a minha inabilidade no que se refere à informática.

As Bibliotecárias desta universidade que orientaram minha pesquisa bibliográfica, com especial agradecimento a Margarida Maria Cordeiro Fonseca Ferreira, bibliotecária da Faculdade de Farmácia, que esclareceu minhas dúvidas quanto à organização técnica deste trabalho.

A todos os colegas da Superintendência de Infraestrutura, SUINFRA-UFRGS, agradeço pelo apoio e incentivo, representados aqui pelo arquiteto Francisco Carlos Souza da Silva, o desenhista Giovani Gomes Porto e o Sr. Carlos Fantinel que disponibilizaram informações, mapas e plantas dos câmpus e prédios da UFRGS.

A todo o pessoal da Secretaria do Patrimônio Histórico, SPH-UFRGS, agradeço as importantes informações sobre o Patrimônio Histórico construído desta Universidade.

A todos os autores, de textos, desenhos e fotografias, aqui citados, pela sua valiosa contribuição ao entendimento e desenvolvimento deste trabalho.

Enfim, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sua Faculdade de Arquitetura e ao Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional, agradeço a oportunidade de desenvolver este gratificante trabalho de pesquisa em minha área de interesse.



O Patrimônio Edificado, indício material e simbólico, expressa as múltiplas relações dos sujeitos que compõem e dialogam com e na Universidade na sucessão do tempo, assim como a relação desta com a cidade, desenhando paisagens, habitando e modificando lugares.

*Maria Stephanou e Maria Aparecida Bergamaschi (2009, p. 9)*



## Resumo

Este trabalho visa problematizar a questão das interfaces da história de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, com a história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), instituição esta com alguns cursos existentes há mais de cem anos. Dentro destas interfaces históricas daremos ênfase à questão da espacialização e da materialidade da universidade dentro da cidade. Lançando mão das ferramentas teóricas ligadas à história cultural, trabalha-se o vínculo histórico nos diferentes contextos de época da Instituição Universidade com o urbano. Com o conhecimento do que hoje é a UFRGS, averigua-se como se deu o seu crescimento físico dentro da cidade de Porto Alegre, quais as inter-relações e reflexos da instituição na cidade e vice-versa.

Palavras Chave: Universidade, Cidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), História Cultural.



## **Abstract**

This paper aims to discuss the issue of the interfaces between the history of Porto Alegre, capital of the state of Rio Grande do Sul, Brazil, with the history of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), these institution has some existing courses that subsist for over a hundred years. Within these historical interfaces we will emphasize the issue of spatiality and materiality of the university within the city. Making use of theoretical tools relating to cultural history , we work with the historical link in the different contexts of the time of the Institution University with the urban. With the knowledge of what is now the UFRGS, it inquires how was its physical growth within the city of Porto Alegre, and what are the interrelationships and the reflexes of the institution in the city and vice versa.

Keywords: University, City, Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), Cultural History.



## Sumário

	página
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1 TEMA.....	13
1.2 LACUNA DO CONHECIMENTO, OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA.....	15
1.3 PRESSUPOSTOS, HIPÓTESES E LIMITAÇÕES.....	16
1.4 DOS CAPÍTULOS.....	17
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA.....</b>	<b>19</b>
<b>3 A UNIVERSIDADE E A CIDADE: NO MUNDO, NAS AMÉRICAS E NO BRASIL.....</b>	<b>25</b>
3.1 A UNIVERSIDADE E A CIDADE NO MUNDO.....	25
3.1.1 O Renascimento.....	31
3.1.2 A Revolução Científica.....	32
3.1.3 O Iluminismo.....	34
3.2 A UNIVERSIDADE E A CIDADE NAS AMÉRICAS.....	35
3.3 A UNIVERSIDADE E A CIDADE NO BRASIL.....	38
<b>4 PORTO ALEGRE E OS CURSOS UNIVERSITÁRIOS LIVRES.....</b>	<b>47</b>
4.1 A FACULDADE LIVRE DE FARMÁCIA.....	54
4.2 A ESCOLA LIVRE DE ENGENHARIA.....	56
4.2.1 Outros prédios relevantes, desdobramentos da Escola Livre de Engenharia...	62
4.3 A FACULDADE LIVRE DE MEDICINA.....	69
4.4 A FACULDADE LIVRE DE DIREITO.....	74

4.5	A ESCOLA LIVRE DE BELAS ARTES.....	78
4.6	A CIDADE E O CONJUNTO DE PRÉDIOS DAS UNIVERSIDADES LIVRES..	79
4.6.1	O Terreno destinado às novas sedes e sua implantação.....	82
4.6.2	O Plano Geral de Melhoramentos de 1914.....	87
<b>5</b>	<b>A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE PORTO ALEGRE (UPA) EM 1934.....</b>	<b>91</b>
5.1	A PLANIFICAÇÃO DA CIDADE DAS DÉCADAS DE 1930/ 1940.....	100
<b>6</b>	<b>A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL (URGS), EM 1947.....</b>	<b>111</b>
6.1	O PROJETO MODERNISTA DO CÂMPUS DA SAÚDE E A CIDADE.....	113
<b>7</b>	<b>O ATO DA FEDERALIZAÇÃO DA URGs EM 1950. ....</b>	<b>119</b>
7.1	O CÂMPUS CENTRO, O PRÉDIO DA REITORIA DA URGs E OUTROS DA MESMA ÉPOCA.....	127
7.1.2	Considerações sobre o Câmpus Centro e sua relação com a cidade.....	132
7.2	O CÂMPUS PRAIA DE BELAS E O PLANO DIRETOR DE 1959.....	134
7.3	O CÂMPUS DA SAÚDE, O HOSPITAL DE CLÍNICAS, SUA INSTALAÇÃO DEFINITIVA E SUA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL.....	143
7.3.1	O Planetário.....	145
7.3.2	Considerações sobre o Câmpus da Saúde e sua relação com a cidade.....	147
<b>8</b>	<b>A REFORMA UNIVERSITÁRIA, A ESTRUTURA EXISTENTE ATÉ HOJE NA UFRGS, O 1º PDDU E O PDDUA. ....</b>	<b>149</b>
8.1	O CÂMPUS OLÍMPICO.....	152
8.1.1	Considerações sobre o Câmpus Olímpico e sua relação com a cidade.....	158
8.2	O CÂMPUS DO VALE.....	159

3.2.1	Considerações sobre o Câmpus do Vale e sua relação com a cidade.....	171
3.2.2	A Universidade e a informática.....	176
3.3	A REDEMOCRATIZAÇÃO, O 1º PDDU E A UNIVERSIDADE (1979/ 1988)..	180
3.4	A REFORMA DA LEI DE DIRETRIZES E BASES NA EDUCAÇÃO, A REVALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO E O PDDUA. (1988 até anos 2000).....	185
3.5	CONTEMPORANEIDADE.....	195
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES.....</b>	<b>201</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>213</b>
	<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>223</b>
	<b>ANEXOS.....;</b>	<b>231</b>
	<b>Anexo 1:</b> Documentos.....	<b>233</b>
	<b>Anexo 2:</b> O Câmpus Centro da UFRGS e alguns de seus prédios históricos Fichas Técnicas.....	<b>249</b>
	<b>Anexo 3:</b> A UFRGS em números.....	<b>263</b>
	<b>Anexo 4:</b> Fontes principais de Pesquisa.....	<b>266</b>



# UNIVERSIDADE E CIDADE, AS INTERFACES DE UMA HISTÓRIA.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Tema

Acredita-se ser importante o estudo e a reflexão a respeito do fenômeno, que se pode constatar ser mundial e secular, onde a Universidade, neste caso a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), contribui com o desenvolvimento da cidade ao mesmo tempo em que a Instituição é influenciada pelas necessidades, tendências e pelo contexto histórico que vive a cidade, no nosso caso, Porto Alegre.

Enquanto instituição, a Universidade nasceu à sombra de poderes que iria questionar. Grandes contradições perpassaram sua existência ao longo da história como a vinculação clerical e a desejada liberdade de pensamento; o patrocínio estatal e a autonomia necessária ao processo de conhecer, entre outras.

Na origem da universidade estava a transição da humanidade de uma etapa para a outra: da vida rural para a vida urbana, do pensamento dogmático para o racionalismo, do mundo eterno e espiritual para o mundo temporal e terreno, da Idade Média para a Renascença. A universidade é filha da transição e elemento dos novos tempos e de novo paradigma. Por muitos séculos, os grandes avanços do conhecimento foram realizados no trabalho universitário, ou em torno dele. (CARVALHO, 2007<sup>1</sup>).

Bender (1988. p. 4, tradução nossa), em breves palavras, avalia a importância do papel da universidade no decorrer de sua história, criada em diferentes cidades no período medieval. Por volta dos anos 1200

universidades foram criadas, aparentemente independentes, em Bologna, Paris e Oxford. Aconteceram mudanças importantes nos oito séculos subsequentes na história da universidade europeia, mais notavelmente a incorporação do ideal da pesquisa e a adoção de um estilo burocrático. No entanto, ninguém pode por em dúvida a continuidade institucional. Nenhuma instituição no ocidente, salvo a Igreja Católica Romana, persistiu por mais tempo. Desde seu pequeno começo medieval esta instituição se tornou difundida através do mundo, assegurando por todo lugar a responsabilidade principal pelo ensino avançado e, mais recentemente, da pesquisa.

---

<sup>1</sup> Publicação digital, sem paginação.

No que se diz respeito às funções e ao papel da universidade, como se percebe, há uma discussão milenar. No Brasil também há esta dualidade de posicionamentos.

[...] no Brasil há duas posições: os que defendem como suas funções básicas a de desenvolver a pesquisa científica, além de formar profissionais, e os que consideram ser prioridade a formação profissional. Há, ainda, uma posição que poderia talvez vir a constituir-se em desdobramento da primeira. De acordo com essa visão, a universidade, para ser digna dessa denominação, deveria tornar-se um foco de cultura, de disseminação de ciência adquirida e de criação da ciência nova. (LABORIAU; ROQUETE PINTO; CARDOSO, 1929).

A universidade ao longo de sua história sempre pareceu passar por ciclos de inovação e estagnação, ciclos estes que, em última análise, parecem extremamente salutares à constante revisão e debate das ideias, dentro desta instituição que tem por fim maior a difusão do conhecimento na busca da verdade.

As universidades podem ter continuado a desempenhar sua função tradicional de ensinar efetivamente, mas não eram em termos gerais, os lugares em que se desenvolviam as ideias novas. Sofriam do que já foi chamado de *inércia institucional*, mantendo suas tradições corporativas ao preço do isolamento em relação às novas tendências. Na Europa, estes ciclos são visíveis desde o século XII, quando as novas instituições chamadas universidades substituíram os mosteiros, como centros de saber, até o presente. Os grupos criativos, marginais e informais de um período regularmente se tornam as organizações formais, dominantes e conservadoras da próxima geração ou da seguinte. (BURKE, 2003. p. 51).

Todavia, até os dias de hoje, a universidade continua sendo uma das mais importantes e consideradas instituições humanas.

A Universidade é um importante foco de interesse cultural e científico da cidade onde está implantada e esta cidade, com toda certeza, ao longo dos anos, imprimiu à *sua* universidade, características que a tornaram única. Suas histórias estão cheias de interfaces que são, por vezes, indissociáveis.

Essas considerações têm por objetivo situar o tema desta pesquisa, que são as interfaces da história da cidade de Porto Alegre e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil, com ênfase na questão da espacialização e da materialidade da universidade dentro da cidade.

## 1.2 Lacuna do conhecimento, objetivos e questões de pesquisa

A lacuna que se acredita existir, diz respeito à como a história do crescimento físico da UFRGS se relaciona com a história da cidade de Porto Alegre e vice-versa. Contudo, quando se volta à história da universidade desde o seu início, o objetivo é a compreensão do presente, considerando-se que o presente é o estágio transitório entre o passado e a expectativa dos diversos futuros possíveis. Os indivíduos e as instituições são construtores e ao mesmo tempo produtos da história. Não existem considerações definitivas e absolutas sobre a história, seja da humanidade, de suas instituições ou da cidade. Ela é um processo contínuo, multifacetado, passível de várias interpretações e de ser analisada sobre variadas perspectivas e pontos de vista.

Esta dissertação parte de um objetivo geral que é examinar e estudar a forma como aconteceram as interfaces históricas entre a UFRGS e a cidade. Para chegar a isso, não se pode deixar de fazer uma análise preliminar de como se deram as relações históricas e culturais da Instituição Universidade e o ente urbano *cidade*, no mundo, nas Américas, no Brasil e finalmente na cidade de Porto Alegre.

Propõe-se aqui mostrar que a expansão da UFRGS acompanhou as vias naturais de crescimento da cidade de Porto Alegre. Será visto também que alguns movimentos arquitetônicos mundiais assim como os momentos de mudanças políticas e reformas educacionais no Brasil tiveram reflexo na materialização dos diversos *câmpus*<sup>2</sup> da UFRGS.

Em um desdobramento destes objetivos, será feito um registro e uma reflexão sobre a história desta Universidade ao longo dos seus 80 anos de existência oficial e, logicamente, também das histórias das escolas que lhe deram origem.

As questões que motivaram esta pesquisa podem ser abarcadas com as seguintes perguntas:

De que formas e em que momentos foram se dando, ao longo do tempo, as interfaces históricas entre o crescimento físico da cidade de Porto Alegre e o crescimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul?

---

<sup>2</sup> Adota-se neste trabalho a grafia da palavra *Câmpus* em português, com acento circunflexo no *â* e escrita igual tanto em seu plural como no singular. Segundo o professor de língua portuguesa da PUC- RS, Cláudio Moreno, as duas grafias são aceitas: *Essa* é uma daquelas palavras mutantes, que se encontra numa espécie de limbo entre o Latim e o Português. Alguns a usam no latim, dando-lhe a grafia e a flexão latina: *o campus / os campi*, (contudo, se grafada em latim deve ser escrita sempre em caracteres itálicos); outros já a tornaram nossa, grafando-a como outros vocábulos latinos similares (*ônus, ângelus, tônus*, etc.), já dentro de nosso sistema flexional e ortográfico." (MORENO, In SCARTON e SMITH, 2002. Publicação Digital sem paginação).

Posto isto, coloca-se outra questão de pesquisa, complementar à primeira: que contextos sociais, políticos, econômicos, educacionais e culturais influenciaram estas interfaces?

Ao longo desta pesquisa pretende-se ir desvelando como se deram estas conexões identificando e contextualizando cada momento histórico importante para este entendimento.

### **1.3 Pressupostos, hipóteses e limitações**

Supõe-se que contextos políticos, sociais, econômicos e culturais em diferentes fases históricas influenciaram, no sentido de motivar e moldar, a existência destas interfaces (Cidade de Porto Alegre x UFRGS).

A universidade pode espacializar-se de diferentes formas dentro da cidade onde se encontra, mas é certo que uma interfere na forma da materialidade da outra.

Tem-se como pressuposto a constatação de que a criação de cada um dos novos câmpus da UFRGS causou, de forma irrefutável, mudanças no entorno urbanos onde eles se instalaram.

Uma das hipóteses levantadas é que a UFRGS teve o seu crescimento, através da implantação dos seus novos câmpus, seguindo as tradicionais vias radiais, antigos caminhos que ligavam a outras localidades e, ao longo das quais, a cidade de Porto Alegre também crescia.

Uma segunda hipótese seria que também a cidade de Porto Alegre, seus habitantes, suas necessidades socioeconômicas, os momentos políticos, o poder público, as reformas educacionais e os planos urbanísticos para a cidade, nos diferentes momentos históricos, influenciaram na criação da sua universidade, no sentido de que motivaram, moldaram e construíram paulatinamente o que é hoje a UFRGS.

Outra hipótese ainda é de que a UFRGS foi, em determinados momentos da história, um dos fatores incentivadores do crescimento físico da malha urbana de Porto Alegre tornando-se foco de interesse da população nas áreas onde passava a se localizar.

A delimitação geográfica deste estudo é a cidade de Porto Alegre, com foco nas áreas onde existem câmpus da UFRGS e seus arredores, excluindo-se as unidades isoladas da UFRGS fora desta cidade. Serão necessários recortes temporais e temáticos, para que sejam demarcados os momentos importantes da Universidade em

sua interação com a cidade, identificadas em diferentes épocas históricas e, ao longo deste trabalho, estas fases irão sendo melhor identificadas e definidas.

Uma provável limitação desta pesquisa está na impossibilidade de, no curto espaço de tempo que se tem para realizar uma dissertação de Mestrado, fazer-se um relato cronológico mais completo a respeito de todos os prédios, que hoje somam, em seu total, uma área construída<sup>3</sup> de mais de 370.000 m<sup>2</sup>, citando todas as Unidades Acadêmicas e todas as transformações que aconteceram na UFRGS ao longo de, no caso algumas unidades, mais de cem anos. Têm-se aí possibilidades de trabalhos futuros.

## 1.4 Dos capítulos

**O Capítulo 1** expõe o tema do presente trabalho de pesquisa, bem como identifica a lacuna do conhecimento que se pretende abarcar com esta pesquisa. Neste mesmo capítulo expomos os objetivos, as questões de pesquisa, os pressupostos, as hipóteses formuladas, bem como as delimitações e limitações do trabalho.

**O Capítulo 2** expõe o referencial teórico e a metodologia a serem utilizados para buscar alcançar os objetivos e confirmar as hipóteses formuladas. Neste estudo, em que serão discutidas as interfaces entre as histórias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a da cidade de Porto Alegre, com ênfase na questão da espacialização e da materialidade da universidade na cidade, trabalhar-se-á com ferramentas teóricas ligadas à História Cultural. A inter-relação entre a história da cidade e a da universidade nos seus diversos aspectos constitui-se, neste caso, em campo e fonte de pesquisa.

**O Capítulo 3** contextualiza a história da Instituição Universidade no Mundo, nas Américas e no Brasil. Para isso estudar-se-á também a influência que alguns importantes movimentos culturais mundiais tiveram na formação e consolidação da Instituição Universidade. Procura-se perceber com este estudo histórico a relação que existe entre a %Instituição universidade+e a %cidade+, partindo-se de contextos culturais, políticos, econômicos e sociais para entender seus reflexos na espacialização e materialização física da universidade dentro da cidade, nas diferentes épocas.

**O Capítulo 4** entra propriamente no nosso tema principal, ou seja, a história do crescimento físico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), dentro de sua organização institucional e dentro da história de Porto Alegre, em seus diferentes momentos históricos. Este capítulo trata dos cursos Universitários Livres em Porto

---

<sup>3</sup> Informação constante em SILVEIRA, 2012. p.7.

Alegre, que deram origem a UFRGS, o contexto político social e econômico da época em que foram criados, sua importância, localização e inter-relação com a cidade.

**O Capítulo 5** trata da criação da Universidade de Porto Alegre (UPA) em 1934, com a unificação dos cursos universitários livres até então existentes na cidade e faz uma explanação sobre a planificação urbana nas décadas de 1930 e 1940.

**O Capítulo 6** trata do que acontece a partir da criação da Universidade do Rio Grande do Sul (URGS) datada de 1947, quando a UPA é unificada com alguns cursos universitários existentes no interior do estado. Explana-se ainda a respeito da primeira necessidade de expansão física da Universidade dentro da cidade, na área onde deveria ser implantado o hospital Universitário e sua importância para Porto Alegre.

**O Capítulo 7** trata do que acontece a partir do ato da Federalização da URGS em 1950; do grande número de prédios construídos nesta época no Câmpus Centro; da efetiva materialização do Hospital de Clínicas e do Câmpus da Saúde e faz considerações sobre a relação destes dois Câmpus com a cidade. O capítulo trata ainda de um câmpus universitário a ser localizado no aterro da Praia de Belas, proposto no Plano Diretor para Porto Alegre de 1959, que, por uma série de fatores, nunca veio a ser implantado.

**O Capítulo 8** trata do que acontece na UFRGS a partir da reforma Universitária, imposta pelo regime militar brasileiro, que lhe deu a estrutura organizacional existente até hoje. Analisam-se os reflexos, percebidos na universidade, provenientes das diversas mudanças de conjunturas políticas e econômicas do país e também dos reflexos na cidade (planos urbanísticos, acontecimentos históricos, etc.) até a contemporaneidade. Serão ainda tratadas as questões da incorporação da área física do atual Câmpus Olímpico pela UFRGS, além da criação do Câmpus do Vale.

**O Capítulo 9** trata das considerações finais traçando perspectivas futuras e conclusões da pesquisa, onde se mostra se as hipóteses formuladas se confirmam e se demonstra, de forma resumida, as interfaces históricas existentes no que se refere à espacialização da UFRGS e a cidade de Porto Alegre.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA.

Como metodologia de pesquisa, neste estudo em que se pretende discutir as interfaces entre as histórias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a cidade de Porto Alegre enfatizando-se a questão da espacialização e da materialidade da universidade na cidade, serão utilizadas ferramentas teóricas ligadas à História Cultural. Utilizar-se-á como referencial teórico para isso métodos como o do paradigma indiciário de Ginzburg e também o método da montagem, de Walter Benjamin, entre outros.

A respeito do modo de como delinear a narrativa histórica, Benjamin (1994, p. 125) diz que o historiador "considera sua tarefa escovar a história a contrapelo". Posição esta que parece ser corroborada por Villaça (1999 p.176) quando afirma que, a história

[...] só pode ser feita indo do presente para o passado e só depois de assim definir o percurso real da história fazê-lo do passado para o presente. Começar do passado e prosseguir em direção ao presente significaria sempre escolher arbitrariamente o *início* do processo e admitir, erroneamente, que a partir deste início o percurso histórico só poderia ter sido aquele que efetivamente ocorreu.

Este estudo partirá do conhecimento que se tem do que hoje é a UFRGS e sua implantação na cidade de Porto Alegre, para então construir uma narrativa histórica, baseada em contextos políticos, culturais, sociais e econômicos que ficaram registrados em documentos, imagens e notícias, entre outras fontes, que possam nos levar a traçar uma história coerente, que demonstre como esta instituição chegou a ser o que é e como se estabeleceu a sua relação com a história da cidade de Porto Alegre. São fontes também, neste sentido, os prédios e câmpus da UFRGS testemunhos e registros das épocas de suas construções.

No que se refere aos recortes históricos, Giovanni Levi enfatiza que o recorte histórico deve ser temático, relacionado com um assunto mais amplo.+(LEVI, 1992), e nosso estudo irá se utilizar destes recortes temáticos, referentes à UFRGS e a cidade de Porto Alegre, não necessariamente de forma cronológica, de modo a permitir sua boa compreensão e fluidez de raciocínio. A partir destas idéias pretende-se identificar, delimitar e contextualizar os recortes históricos e temporais que serão enfocados nesta pesquisa. Partindo dos relatos históricos, das imagens e dos documentos que ficaram registradas até o presente e do que sabemos ser hoje a UFRGS, irá se delimitar os recortes históricos, temporais e espaciais importantes para esta dissertação. Neste sentido, os recortes históricos trabalhados aqui serão a história da implantação física da

UFRGS e seus diferentes câmpus, relacionada ao tema mais amplo da história da cidade de Porto Alegre e também de seus planos urbanísticos. Os diferentes recortes temáticos e temporais dentro da história da UFRGS serão estruturados a partir das diferentes fases organizacionais pelas quais passou a instituição, considerando os fatos que influíram para que estas mudanças ocorressem sejam eles mudanças na política estadual e federal, novas legislações, reformas educacionais, entre outros.

Para Carlo Ginzburg (1989) é preciso não tomar as representações do mundo na sua literalidade, como se elas fossem cópia do real. Ir além do que é dito, ver além do que é mostrado. Para ele o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural+ Este processo de resgate talvez vá requerer do historiador um senso de observação bastante desenvolvido para que possa tal qual um detetive, ir coletando indícios e provas que o levem a dedução de uma verdade+plausível e embasada, que talvez seja o mais próximo da real e imparcial verdade+dos fatos que ainda se possa resgatar nos dias de hoje. Ginzburg, ao enunciar dessa forma o conhecimento histórico equipara o historiador a um detetive que recolhe os rastros, as pistas, em suma os indícios. Mas o método indiciário somente não é suficiente, com os dados coletados é preciso apropriar-se de outro método, nesse caso o método da montagem de Walter Benjamin.

O paradigma indiciário de Ginzburg encontra correspondência naquela estratégia já anunciada, décadas antes, por Walter Benjamin e redescoberta pelos historiadores: o método da montagem. Baseando-se na montagem cinematográfica, a partir das fotografias que, combinadas, produzem o movimento, Benjamin imagina para o historiador um caminho semelhante. Ou seja, para o autor: É preciso recolher os traços e registros do passado, e realizar com eles um trabalho de construção, verdadeiro quebra-cabeças ou *puzzle* de peças, capazes de produzir sentido. (PESAVENTO, 2004 (a). p.64)

Pretende-se aqui demarcar e contextualizar, organizando-os de forma coerente e plausível, os indícios do que tenham sido momentos chaves da história da UFRGS quando das suas mudanças organizacionais e, com o contexto da criação e implantação de seus diversos câmpus, destacar sua relevância em relação à forma como foi sendo construindo a materialidade da Universidade em relação à cidade.

Pretende-se identificar os fatos que precederam a todas estas tomadas de decisão e o momento histórico, social e político pelos quais passava a cidade de Porto Alegre nestes períodos, e qual o papel da Universidade neste contexto. Também se analisará as consequências destas novas áreas e funções implantadas na cidade pela universidade e se identificará seus reflexos diretos e indiretos na estrutura urbana. Portanto, com as ferramentas teóricas ligadas a história cultural, será feita uma análise

multitextual, documental e imagética, sobre a história da UFRGS e sua relação com a de Porto Alegre.

Construindo a narrativa histórica a maneira de Benjamin, ou seja, partindo do que se sabe hoje e aonde irá se chegar; utilizando-nos de Levi, ao demarcar recortes históricos importantes inseridos num tema mais amplo; buscando indícios como Ginzburg o fazia; e voltando à Benjamin, dando-lhes uma montagem coerente e factível; acredita-se poder elaborar um relato plausível e bem embasado que relacione as interfaces existentes entre a história da UFRGS, especialmente no que tange a sua espacialização e a história da cidade de Porto Alegre.

Na análise do conjunto serão considerados os contextos de época de diferentes textos, documentos e imagens. Nessa análise, as fontes primárias serão documentos institucionais da UFRGS, da Cidade de Porto Alegre (Leis Municipais e Planos Urbanísticos), do Estado do Rio Grande do Sul (Constituições e Leis Estaduais) e do Brasil (Constituições e Leis Federais) além dos documentos transcritos no Anexo 1 desta dissertação. As demais fontes estão descritas no Anexo 4, além de nas referências e na lista de figuras.

Após traçar prévias considerações a respeito da história da Universidade, enquanto importante e secular Instituição, e de sua relação com a cidade onde está inserida, se fará a análise do objeto deste estudo, a história do crescimento físico da UFRGS e suas interfaces com a história da cidade de Porto Alegre, cidade onde ela se localiza.

Os capítulos que se seguirão visam relatar momentos importantes da história da organização institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sempre fazendo sua contextualização e identificando as interfaces do crescimento físico da universidade em sua relação com a cidade de Porto Alegre em diferentes momentos históricos, políticos, sociais e planos urbanísticos pelos quais passava.

Como ponto de partida para os recortes históricos necessários foram estabelecidos momentos de mudanças significativas na organização institucional da Universidade, sendo eles:

- A criação dos Cursos universitários livres (1895), que deram origem a Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre,
- A criação da Universidade de Porto Alegre e o ato governamental que a oficializou (1934),

- A criação da Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), unindo os cursos existentes no estado (1947),
- O ato da federalização (1950),
- A Reforma Universitária (implantada na UFRGS em 1970), onde a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) recebe a denominação atual e a estrutura organizacional existente até hoje.

Dentro de cada um destes períodos organizacionais da instituição, serão feitos recortes temáticos onde se identificará momentos em que houve acréscimo, expansão e mudanças físicas na implantação da UFRGS em Porto Alegre, a criação de novos Câmpus, mudanças no contexto político, econômico e social na cidade em cada uma destas épocas e a incidência, ou não, que os diversos planos urbanísticos para a cidade tiveram na universidade.

Será feita uma breve explanação sobre os primórdios de Porto Alegre, e então se discorrerá sobre os primeiros cursos universitários livres do Rio Grande do Sul, porque assim eram chamados, suas datas de criação, que contexto social, político e econômico os fizeram ser criados e que espaços físicos ocuparam na cidade de Porto Alegre. Para isso será feito o registro da criação das primeiras sedes dos Cursos Universitários Livres, seus primeiros desmembramentos e sua relação com a cidade.

Serão contextualizados também os momentos históricos da criação dos câmpus universitários e de alguns dos prédios importantes que foram sendo construídos nestes ao longo do tempo.

Serão analisadas as mudanças que ocorreram na cidade e na UFRGS devido às alterações nos contextos políticos no país, bem como os planos urbanísticos e reformas na educação brasileira ao longo de nossa história e seus reflexos na universidade.

Será visto ainda como a universidade e seus diversos câmpus se desenvolveram, se acompanharam o crescimento físico da cidade e de que forma isso se deu. Serão, portanto, estudados aqui, fatos e momentos que foram marcantes nesta trajetória para percebermos o quão nítidas podem ser as interfaces históricas do crescimento físico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da cidade de Porto Alegre.

Contudo, hoje, em pleno século XXI, grande parte do que se sabe é uma representação da representação, ou seja,

na historiografia pós-moderna, o discurso elaborado pelo historiador é uma construção pessoal e conjectural de um passado sempre contingente em relação

com a realidade e concepções do presente. O discurso histórico torna-se assim uma representação da representação que são os documentos utilizados para a interpretação desse passado, ou melhor, que é uma narrativa assente em outras narrativas. (BARROS, 2011. p.26).

Portanto, pretende-se fazer uma análise conjunta de visões, cenários, documentos e discursos existentes sobre a UFRGS, para, baseados neste estudo, traçarmos uma concepção e uma representação da realidade que, contudo, conforme afirma acima Barros (2011.p.26), por mais isenção e imparcialidade que se busque enquanto pesquisador, resultará ainda numa ~~co~~ construção pessoal; mas, de qualquer forma, contemporânea e plausível, a respeito da questão das interfaces da história da universidade e da cidade.



### **3 A UNIVERSIDADE E A CIDADE: NO MUNDO, NAS AMÉRICAS E NO BRASIL.**

#### **3.1 A Universidade e a Cidade no Mundo**

Embora se possa encontrar na literatura especializada, relatos e até mesmo plantas de cidades Sumérias, Egípcias e Mesopotâmicas, entre outras, datadas de até mais de 3000 anos antes de Cristo, muitos autores tem em suas obras definições para as cidades atuais bem diferentes das existentes na antiguidade, que eram erigidas em função de servir templos ou palácios, não distinguindo o modo de vida de seus habitantes do rural. Em Benévolo, um destes autores que trata das cidades na antiguidade, percebe-se bem esta diferença da cidade com organização de aldeia, quando ele define a cidade, como a concebemos hoje, da seguinte forma:

a cidade - local de estabelecimento aparelhado, diferenciado e ao mesmo tempo privilegiado, sede da autoridade - nasce da aldeia, mas não é apenas uma aldeia que cresceu. Ela se forma, como pudemos ver, quando as indústrias e os serviços já não são executados pelas pessoas que cultivam a terra, mas por outras que não tem esta obrigação, e que são mantidas pelas primeiras com o excedente do produto total. [...] entrementes, as indústrias e os serviços já podem se desenvolver através da especialização, e a produção agrícola pode crescer utilizando estes serviços e instrumentos. A Sociedade se torna capaz de evoluir e projetar a sua evolução. (BENÉVOLO, 2009. p 23)

O aparecimento da cidade como forma de agrupamento urbano tal qual ele é concebido hoje, em detrimento da forma de vida campestre e agrária predominante até a Idade média, ao que tudo indica, surgiu entre outros fatos também devido ao fortalecimento do comércio, o qual em parte se deu devido ao movimento das Cruzadas entre o Ocidente e o Oriente.

Perder-se-ia afirmar que também a história da instituição %Universidade+ aparentemente, desde o seu surgimento ainda na idade média, sempre esteve ligada a da cidade. Contudo, no que diz respeito aos primórdios do ensino superior ainda não vinculado a um espaço físico e a uma organização institucional, a Universidade já se estruturava com os gregos muito antes de existir tal como é hoje. O desejo que movia o ser humano na procura por uma instituição que buscasse, discutisse e gerisse o conhecimento e a cultura, já inspirava os gregos, começou a estruturar-se como tal na idade Média e renovou-se na revolução industrial. A respeito destes primórdios do ensino superior, Carvalho (2007)<sup>4</sup>, afirma que:

---

<sup>4</sup> CARVALHO, 2007 é uma Publicação Digital sem numeração de páginas.

na Grécia, no século V a.C., aparecem os primeiros professores, profissionais e remunerados, do ensino superior, embora não mantivessem escolas como instituições. Seu método poderia ser definido como um preceptorado coletivo, por se incumbirem da formação completa dos jovens que lhes eram confiados. No próximo século, a educação grega passa a supor um conjunto complexo de estudos com curso de retórica, filosofia e medicina. (CARVALHO, 2007.)

Mais adiante a mesma autora relata que:

os romanos incorporaram a educação grega. O curso superior tratava basicamente da oratória. A originalidade do ensino latino foi oferecer a carreira jurídica, e sua importância foi a de ter difundido o ensino grego. Com o advento do cristianismo, as escolas leigas foram substituídas pelas religiosas, que se tornam um único instrumento de aquisição e transmissão de cultura. No século VI d.C. na Europa continental, todo ensino era ministrado pela Igreja Católica. (CARVALHO, 2007.)

Segundo aula de Bonini e Carvalho (2010)<sup>5</sup>, a estrutura física universitária e também enquanto instituição surgiu no período medieval ocidental em consequência do fortalecimento do meio urbano. Já de acordo com Carvalho (2007), a Universidade resulta de uma longa preparação que vai do século VII ao século XII, e passa a ser uma corporação constituída juridicamente dos mestres e discípulos, programas estabelecidos, cursos regulares e com graus acadêmicos. Segundo seu relato, o caráter canônico medieval da universidade, logo teria provocado a revolta entre alunos e professores que reivindicaram um debate mais aberto e mais fundamentado sobre aquelas novas teorias dos antigos gregos (CARVALHO, 2007). Eles procuraram organizar-se e libertar-se da rígida supervisão eclesiástica. Percebendo as vantagens do corporativismo, estudantes e professores seguiram o mesmo caminho das corporações de ofício, surgidas nas cidades na Idade Média que, segundo as Professoras Bonini e Carvalho (2010. slide 66), eram corporações que reuniam trabalhadores (artesãos) de uma mesma cidade para defender os interesses da classe, alguns deles denominados da seguinte forma:

Mestres: eram os donos de oficina, profissão com muita experiência no ramo em que atuava; Oficiais: tinham uma boa experiência na área e recebiam salário pela função exercida; Aprendiz: eram jovens em começo de carreira que estavam na oficina para aprender o trabalho. Não recebiam salário, mas ganhavam, muitas vezes, uma espécie de ajuda. Podemos considerar as corporações de ofício sob duas óticas: um centro de saber e conhecimento e como uma espécie de embrião dos sindicatos modernos.

---

<sup>5</sup> BONINI E CARVALHO, 2010 são Slides, disponíveis em meio digital, utilizados para aula do curso de pós graduação da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) em Metodologia do Ensino Superior, ministrada em 18 de abril de 2010.

Carvalho (2007) afirma que

corporações de ensino, denominadas %universidades+, passaram a organizarem-se então independentes do rei e do bispo. O papa Inocêncio III (1161-1216), que buscava maior prestígio, em detrimento de igrejas e soberanos nacionais, apoiou as universidades.

A mesma autora conta também que

em 1229, ocorreu a primeira greve estudantil da história. A independência da universidade foi reconhecida na França por São Luís e Branca de Castella. Luta semelhante desenvolveu-se na Inglaterra, na Universidade de Oxford, levando o rei Henrique III a concordar com a autonomia universitária, em 1240. As universidades conseguiram direito à greve, monopólio dos exames, atribuição de graus, diplomas, autonomia jurídica e possibilidade de apelar diretamente ao papa. (CARVALHO, 2007).

Deve-se ter claro, portanto, que:

na origem da universidade estava a transição da humanidade de uma etapa para a outra: da vida rural para a vida urbana, do pensamento dogmático para o racionalismo, do mundo eterno e espiritual para o mundo temporal e terreno, da Idade Média para a Renascença. A universidade é filha da transição e elemento dos novos tempos e de novo paradigma. Por muitos séculos, os grandes avanços do conhecimento foram realizados no trabalho universitário, ou em torno dele. (CARVALHO, 2007).

Portanto, a instituição %universidade+ como a conhecemos e a forma de agrupamento humano %cidade+, nos moldes que conhecemos hoje, ao que tudo indica, tiveram ambas suas origens na Idade Média ocidental, com suas histórias, objetivos, desenvolvimento, caminhos e descaminhos, às vezes paralelos, às vezes conflitantes, mas cheios de interfaces em comum. Segundo Bonini e Carvalho (2010. slide 100 e 101),

nenhuma outra instituição européia se expandiu pelo mundo inteiro nos mesmos moldes em que o fez a universidade na sua forma tradicional. Os graus conferidos, de bacharel, de licenciado, de mestre e de doutor, foram adotados pelas mais diversas sociedades de todo o mundo. A universidade, enquanto instituição social, vem relacionado-se desde sua criação com a sociedade instituinte através da mediação dos poderes religiosos, políticos e econômicos. Esses poderes, enquanto pretensos porta-vozes ou tradutores das demandas/necessidades, expectativas da sociedade elaboraram e desenvolveram diversas estratégias de controle às vezes denominadas de avaliação, no intuito de subordinar a seus interesses, em tese da sociedade, os rumos das instituições de ensino superior.

Segundo as mesmas autoras entre o século XV e XVI prevaleceu a Universidade renascentista que se estendeu para os principais países da Europa, influenciada principalmente, pelas transformações comerciais do capitalismo e do humanismo literário e artístico+ (BONINI e CARVALHO, 2010. slide114).

A estrutura universitária surgiu, também de acordo com Burke (2003. p.37), no período medieval ocidental em consequência da afirmação do meio urbano enquanto nova forma do viver, quando este se desvinculava do rural devido ao fortalecimento das atividades comerciais e de manufatura+. A cultura se encaminhava para o período das descobertas e da quebra de dogmas e paradigmas culturais e religiosos, chamado posteriormente de Renascença+.

Ao afirmar que a estrutura universitária surgiu no período medieval ocidental, não se desconsidera aqui toda a história do conhecimento oriental, pois se sabe ser ele riquíssimo e milenar, com vastas bibliotecas, grandes invenções, conhecimentos na área de astronomia, botânica cartografia e inúmeras outras contribuições, por vezes, anexadas à cultura do mundo ocidental em todas as áreas de conhecimento. Contudo, parte-se do pressuposto que a instituição Universidade, da forma que hoje a conhecemos, teve sua origem na Europa medieval e que o fortalecimento do meio urbano foi propício para o aparecimento desta nova estrutura institucional, que evoluiu ao longo de milênios até chegar a sua forma atual, mas mantendo sempre sua concepção inicial. Também na acepção de Burke (2003. p. 38)

[...] o surgimento das cidades e das universidades foi simultâneo em toda a Europa a partir do século XII. As instituições modelo de Bolonha e Paris foram seguidas por Oxford, Salamanca (1219), Nápoles (1224), Praga (1347), Pávia (1361), Cracóvia (1364), Louvain (1425) e muitas outras. Em 1451, quando Glasgow foi fundada, eram aproximadamente cinquenta as universidades em operação.

Também é importante colocar que, segundo o mesmo autor, estas universidades já no seu surgimento eram corporações, tinham privilégios legais e autonomia. Elas detinham o monopólio da educação superior em suas regiões e cada uma delas reconhecia os graus conferidos pelas demais.

Universitas significava Corporação+.<sup>6</sup> As Corporações de Ofício medievais (fig 1) congregavam pessoas com mesmos interesses econômicos, políticos ou culturais. Estas pessoas agrupavam-se, criavam um estatuto para garantir preços melhores e

---

<sup>6</sup>De acordo com o verbete: **Universidade Medieval**, elaborado por LAGE, no Glossário de **História, sociedade e educação no Brasil**. HISTEDBR - (1986 - 2006) CD-ROM.

impedir a entrada de outros produtos ou pessoas em seu domínio. Cada membro da corporação deveria respeitar um estatuto próprio.



Fig. 1: Universidade medieval: mestres e alunos em associação para o desenvolvimento do saber.

O termo do latim *universitas* significava também agrupamento ou universalidade. Tal palavra poderia caracterizar qualquer corporação de ofício, inclusive a de mestres e alunos. Com o passar do tempo, passou a denominar apenas a corporação do saber, então já perfeitamente diferenciada do mosteiro. A universidade era uma instituição mais aberta e eruditamente diversa do mosteiro, instituição que a precedeu como a principal responsável pelo aprendizado no ocidente. (BENDER, 1989. p.3, tradução nossa.)

A ideia de *universalidade* também se aplica neste momento histórico, pois os alunos vinham de diferentes lugares e a comunicação entre eles era feita por uma língua, também considerada na época, universal: o latim, *língua das escrituras e da cultura erudita*, o latim foi também, como seria natural, a língua do ensino. Estudar era, antes de mais nada, estudar *as letras* (*litterae*), quer dizer, o latim. (VERGER, 1999. p. 27).

Segundo Nunes (1978. p. 212), Universidades poderiam surgir de três formas diferentes: espontaneamente, por meio de um poder local ou das escolas catedrais (igreja católica) e por migração de uma Universidade pré-existente.

[...] a nova instituição pedagógica medieval formou-se em consequência do desenvolvimento das escolas episcopais, dos novos métodos didáticos, do aumento do saber em virtude das tradições das obras gregas e árabes, da proteção ao

ensino por papas e príncipes, mas o fator essencial para sua gênese foi o caráter corporativo que assumiram as escolas de artes, direito, teologia e medicina.

Neste período era tido como indiscutível que as universidades deviam concentrar-se na transmissão do conhecimento e não em sua descoberta (BURKE. 2003. p. 38). Da mesma forma, pressupunha-se que as opiniões e interpretações dos grandes pensadores e filósofos do passado não podiam ser igualadas ou refutadas pela posteridade, de tal forma que, os professores, tinham por tarefa limitar-se a expor as opiniões das autoridades, (BURKE. 2003. p. 38) como eram tidos na época Aristóteles, Hipócrates, Tomás de Aquino e outros.

Conforme relata Burke (2003), naquela época, pelo menos oficialmente, as disciplinas que podiam ser estudadas eram somente as sete artes liberais<sup>7</sup> e os três cursos de teologia, direito e medicina. Contudo, o debate era incentivado e com um sistema de argumentações os indivíduos defendiam ou criticavam diferentes temas. Entretanto, se tomarmos, por exemplo, Tomás de Aquino, perceberemos que os modernos da época, também poderiam se tornar autoridades. Seguindo o raciocínio de Burke, Tomás de Aquino se opunha ao uso do pensamento de Aristóteles na sua discussão teológica e, no entanto, teve seu pensamento reconhecido e estudado. Percebe-se que a universidade da época, não era realmente um consenso intelectual e já parecia demonstrar sua vocação ao debate e preocupação com a reavaliação e a busca do conhecimento.

Ainda de acordo com Burke (2003. p. 38), na Europa medieval, os professores universitários eram, quase todos, membros do clero e, portanto, não é de admirar que muitos autores apontem a Igreja Católica medieval como detentora do monopólio do conhecimento. Contudo, não se pode esquecer a pluralidade dos saberes da época, fenômeno observado em todas as épocas nas mais diversas culturas. Falamos aqui no caso dos saberes oriundos dos ofícios dos artesãos medievais, dos ferreiros, dos agricultores camponeses, dos cavaleiros, das parteiras, das donas de casa e tantos outros. Todavia, estes conhecimentos eram transmitidos, na sua maioria, de forma oral, sendo considerados pelas elites dominantes, ao que tudo indica, como tendo um valor intelectual inferior. Já as universidades, assim como os hereses que se multiplicavam na mesma época, eram descritas como comunidades textuais, que se mantinham

---

<sup>7</sup> Embora a expressão e o conceito de artes liberais tenha se originado na Antiguidade, foi nas Universidades da Idade Média que ela adquiriu seu alcance e significado de Studium Generale, bem como o número de disciplinas que a compõem, sendo elas a lógica (ou dialética), a gramática, a retórica, aritmética, a música, a geometria e astronomia (ou astrologia clássica). As artes liberais eram consideradas as disciplinas para a formação de um homem livre, desligadas da preocupação profissional, mundana ou utilitária. Contrapõem-se às *artes mecânicas*, ou seja, às disciplinas não diretamente relacionadas a interesses imateriais, metafísicos e filosóficos, mas estritamente *técnicos* voltados à produção de utilidades que sirvam às necessidades cotidianas do homem. (MONGELLI; FRIAÇA, 1999)

discutindo ideias que estavam registradas em livros e este conhecimento sim, manteve-se por bom tempo sob o jugo da Igreja.

Entretanto, esta situação passava por mudanças. Segundo Burke (2003, p 39) a época da invenção da imprensa<sup>8</sup>, a alfabetização de leigos já tinha longa história na Europa Ocidental. Neste panorama os hereges multiplicam-se e a imprensa trouxe facilidades para a divulgação da multiplicidade de saberes das diferentes camadas da população. Estes saberes ditos leigos e populares, às vezes, entravam em competição e conflito com os saberes até então estabelecidos por uma elite nobre e principalmente a religiosa. Tendo isto identificado talvez fique mais fácil entender as mudanças intelectuais que estavam por vir.

Ainda para Burke (2003), no período posterior ao medieval, seriam três os principais movimentos culturais de mudança: o Renascimento, a Revolução Científica e o Iluminismo, períodos estes quando novas disciplinas passam a se estabelecer enquanto áreas de conhecimento. Iremos aqui abordar um pouco sobre cada um destes movimentos culturais e suas influências na universidade.

### 3.1.1 O Renascimento

O Renascimento buscava o resgate da tradição clássica, mas foi inovador no sentido de se opor ao saber convencional dos escolásticos, filósofos e teólogos que dominavam a universidade da idade média. Os próprios termos escolásticos e idade média foram invenções dos humanistas desta época, a fim de definir a si mesmos mais claramente por contraste com o passado. (BURKE. 2003. p 40).

Contudo, conforme constata o mesmo autor, a maioria dos humanistas estudara nas universidades que criticavam. Como se sabe, o humanismo renascentista propõe o antropocentrismo que era a ideia do homem ser o centro do pensamento filosófico, ao contrário do teocentrismo que imperava na idade média e era a ideia de Deus no centro do pensamento filosófico. Tendo então o homem, independente de Deus e da religião, como objeto de seus estudos, os humanistas desenvolviam suas idéias por meio da discussão, mas seus debates tinham lugar fora do ambiente da universidade, pois ainda

---

<sup>8</sup> Em 1440, o alemão Johannes Gutenberg desenvolve, a partir das técnicas usadas nas prensas utilizadas para espremer o vinho, uma prensa gráfica que estaria na origem de uma das maiores revoluções na história da humanidade: a possibilidade de reproduzir suportes escritos sejam livros, brochuras ou jornais, em série, levando o conhecimento a mais pessoas. Até aí, a informação escrita era, majoritariamente, assegurada por monges copistas, edições limitadas e de circulação restrita. Gutenberg criou os tipos móveis: caracteres avulsos gravados em blocos de madeira ou chumbo, que eram reagrupados numa tábua para formar palavras e frases do texto. Esta arte propagou-se com uma rapidez impressionante pela Europa. A imprensa foi particularmente ativa nas cidades universitárias e nas cidades comerciais. Veneza, Paris, Frankfurt e Antuérpia eram alguns dos expoentes desta revolução. (PROJETO ESCOLAS, 2013)

havia grupos opositores dentro das mesmas. Fundaram então para si, como que uma nova instituição, a *academia*, inspiradas em Platão, que para eles eram *a* forma social ideal para explorar a inovação. [...] por volta de 1600, aproximadamente 400 academias haviam sido fundadas apenas na Itália e poderiam ser encontradas por toda a Europa, de Portugal a Polônia. (BURKE. 2003. p 40).

As academias ensinavam currículos muito menos tradicionais que as universidades.

Tendo sido projetadas mais para homens de negócios que para nobres, e dedicando atenção especial à filosofia moderna (às ideias de Locke<sup>9</sup>, por exemplo), à filosofia natural e a história moderna, [...]. O ensino muitas vezes era proferido em inglês e não em latim. (BURKE. 2003. p 40).

Todavia, ao que tudo indica, eram certos grupos dentro das universidades que hostilizavam os humanistas e não a universidade enquanto instituição. As ideias humanistas se infiltraram gradativamente nas universidades, influenciando mais que somente na mudança de regulamentos, mas incluindo currículos até então não oficiais, como a disciplina de história, entre tantas outras. Quando isso aconteceu, contudo, a fase mais criativa do movimento humanista parece chegar ao fim. O espírito humanístico da academia parece, não sem antes grande polêmica, fundir-se ao espírito universitário, tanto que hoje, no século XXI, as palavras: *universitário* e *acadêmico*, são tidas como sinônimos.

### 3.1.2 A Revolução Científica:

O desafio ao saber constituído vinha agora do que alguns autores chamam *nova filosofia*, *filosofia natural* ou *filosofia mecânica* do século XVII, em outras palavras, do que hoje poderíamos chamar de primórdios da ciência.

Segundo Burke (2003), estas novas ideias estavam associadas, em geral, a um movimento chamado Revolução Científica. Movimento este que tentava incorporar conhecimentos alternativos aos saberes como tal estabelecidos. Como exemplo disto podemos tomar a Química que deve muito a tradição artesanal da metalurgia dos ferreiros medievais e mesmo à controversa alquimia, que antes de ser uma ciência, era uma filosofia de vida, cheia de simbolismos e misticismos. Entre muitas outras ciências que surgiam pode-se ainda ter por exemplos a Botânica e a Farmacêutica, que se

---

<sup>9</sup> John Locke: Filósofo Inglês. Estudou e posteriormente ensinou na Universidade de Oxford. É considerado um dos mais importantes líderes da doutrina filosófica conhecida como empirismo e um dos ideólogos do liberalismo e do iluminismo. Questionou o poder divino da realeza. Nasceu em 29 de agosto de 1632, faleceu em 1704. (JOHN LOCKE FOUNDATION, 2014)

enriqueceram e desenvolveram com conhecimentos advindos de jardineiros, ervateiros e curandeiros populares.

Embora alguns líderes da %evolução científica+trabalhassem em universidades, tendo Galileu e Newton entre eles, passou à história como certo que também havia oposição a esta %nova filosofia+em círculos acadêmicos. Contudo, esta ideia pode ser contradita:

A visão tradicional de que as universidades se opunham a %nova filosofia+, ou pelo menos pouco faziam para seu avanço, passou a ser criticada numa série de estudos publicados a partir de 1970. Seus autores argumentam que os estudos da matemática e da filosofia natural tinham lugar importante nas universidades e que a crítica na época era desinformada, quando não deliberadamente tendenciosa. (BURKE. 2003, p.43).

Muitos fatos são citados pelo autor, comprovando a importância das novas ideias, disciplinas e descobertas para as Universidades:

No caso de Oxford, o estabelecimento das cátedras de astronomia e geometria, respectivamente em 1597 e 1619, foi citado muitas vezes, [...] As posições de Descartes, por exemplo, eram por vezes discutidas na universidade de Paris, as de Copérnico, em Oxford, e as de Newton, em Leiden. Quanto a crítica das Universidades no período, observou-se que a Royal Society cuidava de fazer publicidade e gerar apoio para si mesma. (BURKE, 2003. p.43).

A Royal Society, citada por Burke, era uma das muitas %Sociedades Científicas+<sup>10</sup> organizadas ao longo dos anos 1600, que, de certa maneira, lembravam as academias humanísticas, entretanto tinham sua ênfase nos estudos da natureza. Elas tinham por característica peculiar a possibilidade de obter %patrocínio+ financeiro para suas expedições ou pesquisas, seja ele vindo do governo, (muitos reis investiram em museus e jardins botânicos), ou mesmo de ricos particulares, (às vezes somente curiosos), sem formação científica, o que era bastante comum.

Surgia uma nova versão para os %mecenas+ das artes no Renascimento, uma figura que talvez pudéssemos, por alusão, chamar de %mecenas das ciências+ e que geralmente davam o aporte financeiro necessário às sociedades científicas. Seria o embrião das atuais sociedades de fomento à pesquisa, tanto públicas quanto particulares e, seus beneficiários seriam os primeiros %pesquisadores+ profissionais.

---

<sup>10</sup> Estas sociedades científicas eram instituições tão comuns na época e mexiam tanto com a curiosidade das pessoas que podemos vê-las citadas, vários anos mais tarde, inclusive em alguns livros literários de ficção científica, como os de Julio Verne, onde personagens, ao voltarem de suas expedições, faziam relatos às comunidades científicas.

Ainda segundo Burke (2003. p.43 e 44), também havia críticas às universidades feitas por protestantes radicais, (Burke até mesmo cita os nomes de Dell e Webster), estes também com trabalhos próprios nas sociedades científicas e que por estes mesmos motivos não poderiam ter suas observações tomadas ao pé da letra, por poderem ser tendenciosas. Por outro lado, segundo Hooykaas (1988, p. 189),

[...] os ataques dos radicais (John Webster e William Dell) às universidades nada tinham a ver com algum ódio à ciência. A questão era bem outra: eles pensavam que a exigência de formação universitária para os ministros desconsiderava o papel do Espírito Santo.

Para este autor o que os incomodava, enquanto Protestantes, era que alguém fosse obrigado a estudar Aristóteles antes de interpretar a Escritura.

Cabe aqui também lembrar que muitas destas novas instituições, foram, por vezes, fundadas dentro das próprias universidades. Destas Sociedades científicas as universidades herdaram a tradição de terem hoje, junto a elas dando-lhes aporte empírico, valiosos espaços de pesquisa como laboratórios, observatórios astronômicos, museus, jardins botânicos, anfiteatros de anatomia, sendo que, nas palavras de Burke (2003, p.44), estes espaços são todos ilhas de inovação dentro de estruturas mais tradicionais, no caso, as estruturas já existentes nas universidades.

### **3.1.3 O Iluminismo:**

O século XVII é marcado por importantes mudanças para a universidade. Como já vimos, a criação das academias humanísticas questionou o monopólio intelectual da universidade, mas acabou se fundindo a ela, não sem antes impingir-lhe importantes mudanças. O surgimento das sociedades científicas fez ver que também havia na universidade a vocação para a pesquisa do conhecimento e por último, os letrados, especialmente na França, estavam mais profundamente envolvidos que nunca com projetos de reforma econômica, social e política, em outras palavras, o Iluminismo (BURKE, 2003.p 47).

O Iluminismo foi um movimento cultural de elite de intelectuais do século XVIII na Europa, que se difundiu pela população. Procurou mobilizar o poder da razão, a fim de reformar a sociedade e o conhecimento anterior. Promoveu o intercâmbio intelectual, a criação da Enciclopédia e foi contra a intolerância e os abusos da Igreja e do Estado Absolutista. Este movimento visava promover mudanças políticas, econômicas e sociais, baseadas nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, que se tornariam o lema da Revolução Francesa. De acordo com Burke (2003.p 47) as organizações ainda

menos formais, como o salão e o café, desempenharam um papel na comunicação de ideias durante o Iluminismo.[...] Em Paris, o café Procope, fundado em 1689, servia como ponto de encontro para Diderot e seus amigos. Estes locais, de maneira informal, na época, facilitavam encontros entre ideias e indivíduos, formando também a opinião pública.

Burke (2003.p 58), nos lembra que a imprensa, principalmente a periódica que então surgia, também pode ser considerada uma instituição que incentivou a vida intelectual do século XVIII, contribuindo para a difusão, coesão, e poder do que ele chama de %comunidade imaginada da República das Letras+<sup>11</sup>

A América do Norte nela ingressou no século XVIII, quando homens de letras como Cotton Mather e Jonathan Edwards tentavam manter-se a par do que acontecia na cena cultural Européia através da assinatura de periódicos ingleses como a *History of the Worksof the Learned*.

Estendia-se desta forma esta %comunidade intelectual+também às Américas.

### 3.2 A Universidade e a cidade nas Américas

Com os grandes descobrimentos, um novo mundo se descortina. A Universidade, por natureza uma instituição ligada intimamente ao conhecimento, à cultura e a descoberta do novo, mais cedo ou mais tarde haveria de também se estabelecer por lá.

Embora na Europa, as universidades tanto na Espanha como em Portugal e na Inglaterra tenham surgido praticamente numa mesma época,<sup>12</sup> nas colônias, os critérios de colonização de cada metrópole foram determinantes para a implementação do ensino superior em épocas bastante diferenciadas.

Portugal se interessou, a princípio, pela exploração econômica extrativista das colônias, enquanto Espanha desejava implementar rapidamente nas suas colônias cidades que garantiriam a posse das terras, haja visto a normatização estabelecida pelas %Leyes de las Indias+<sup>13</sup>(1573), já nos primeiros anos da colonização espanhola nas Américas.

<sup>11</sup> %República das Letras é uma expressão que passou a ter uso cada vez mais frequente nos primórdios da Europa Moderna para designar a comunidade internacional dos estudiosos.+(BURKE, 2003.p 28),

<sup>12</sup> %Oxford (Inglaterra), é do ano de 1167, Cambridge (Inglaterra), de 1209; Palência (Espanha), de 1212, Salamanca (Espanha), de 1220, Valença (Espanha), de 1245, Valladolid (Espanha), de 1250; Sevilha (Espanha), de 1254 e Coimbra (Portugal ) de 1290+ (VAZ, 2010. s/ nº de página)

<sup>13</sup>Legislação urbanística, instituída em 1573 por Felipe II, Rei da Espanha, que regia genericamente a fundação das cidades na América Latina.

O que convencionalmente é aceito pela maioria dos autores é a tese de que Portugal reservava o acesso ao ensino superior somente à sua metrópole, já a Espanha tinha por política implantar instituições de ensino superior dentro das colônias, a fim de produzir pessoal capaz de suprir a demanda de cargos burocráticos administrativos das cidades que criava. Daí ter havido a primazia espanhola quanto ao ensino superior nas Américas. Criada em 1538,

a Universidade de São Domingos é historicamente a primeira universidade das Américas. Depois vieram as de San Marcos, no Peru (1551), México (1553), Bogotá (1662), Cuzco (1692), Havana (1728) e Santiago (1738). As primeiras universidades norte-americanas, Harvard, Yale e Filadélfia, surgiram respectivamente em 1636, 1701 e 1755. (GOMES, 2002. p. 7).

As diferenças na forma de Portugal e Espanha encararem suas colônias quanto ao incentivo à formação cultural era tão grande, que por simples comparações dos dados numéricos que nos chegaram até hoje, poder-se-ia constatá-las. Em 1936, Sérgio Buarque de Holanda ao escrever *As Raízes do Brasil*, já chamava atenção para esta desigualdade:

só da universidade do México sabe-se com segurança que, no período entre 1775 e a independência, saíram 7850 bacharéis e 473 doutores e licenciados. É interessante confrontar este número com o dos naturais do Brasil graduados durante o mesmo período (1775-1821) em Coimbra, que foi dez vezes menor, ou exatamente 720. (HOLANDA, 1995. p 119).

Contudo, analisando os registros de Tavares (2000. p.28), percebemos que, pelo menos nas áreas das engenharias, o conhecimento na área do ensino superior era incentivado na colônia brasileira. Segundo ele, a Engenharia Militar surgiu, entre nós, como herança direta da organização militar portuguesa, através de seus elementos que para aqui eram destacados, na medida em que o exigiam os interesses da defesa e da organização do Brasil colônia. Em outra passagem do mesmo autor, poderíamos deduzir que havia, sim, interesse por parte de Portugal na formação de profissionais qualificados no Brasil, para que não se dependesse exclusivamente de trazer para a colônia os profissionais portugueses, e até mesmo estrangeiros, visando garantir a segurança da colônia.

O período colonial da nossa história correspondeu, para a Engenharia Militar portuguesa, a um amplo programa de atividades, iniciado com a ponderável e, então, imprescindível colaboração de técnicos estrangeiros, tendo em vista:

- a) A formação, no Brasil, de engenheiros nacionais;
- b) A construção de fortificações nos pontos mais vulneráveis do território brasileiro;

- c) O levantamento de itinerários e de cartas, visando à penetração pelo interior do País e ao estabelecimento dos nossos limites com a Coroa da Espanha;
- d) A organização dos serviços públicos. (TAVARES, 2000. p. 35)

Porém, como para a metrópole portuguesa, estes assuntos talvez envolvessem segurança e provavelmente segredo militar, o assunto %ensino superior+ restringiu-se mais, e por muito tempo, ao âmbito da engenharia militar e áreas afins.

Devemos lembrar ainda, que, com os grandes descobrimentos no novo mundo, se abria um novo campo também para a pesquisa, que acabou por se incorporar, como no velho continente, à rotina universitária. Segundo Burke (2003.p 119),

o patrocínio governamental da pesquisa, já discutido no caso das Academias científicas, se estendia às partes mais remotas dos impérios e para além delas. Um dos primeiros exemplos é a expedição ao Brasil, montada por João Mauricio de Nassau (1637-44), que contava com artistas como Frans Post e cientistas como o médico Willem Piso para estudar e registrar a fauna e a flora locais.

Já na América do Norte, com a incorporação mais direta das artes liberais, advindas das teorias e práticas iluministas, da revolução francesa e da tecnologia que brotara com a revolução industrial, surge abertamente um %modelo anglo-americano+de universidade. Percebe-se que, neste continente, %no final do século XIX renasce, a tradição da universidade como um conjunto que reúne as modalidades do saber, agora integrando as artes mecânicas e liberais+ (BONINI E CARVALHO, 2010. slide 94). Segundo estas professoras, surgiam na América do Norte, em especial nos Estados Unidos, grandes complexos de ensino e pesquisa, geralmente alinhados a tradição anglo-saxônica, que as fortunas americanas, que então se consolidavam, podiam ajudar a viabilizar, como de fato o fizeram, talvez dando início ao que viria a ser a universidade particular, com o patrocínio de instituições privadas.

Por outro lado, Bender (1988. p.3), lembra que as primeiras universidades dos Estados Unidos, de colonização inglesa, que surgiram ainda antes de sua independência, (esta datando de 1776), e tinham padrões um pouco diversos dos europeus. Os chamados câmpus<sup>14</sup> universitários não surgiam necessariamente vinculados a grandes cidades, o que ele chama de tradição de %anti urbanismo+, mais o grande afluxo de estudantes que passavam a morar perto destas universidades, fundando comunidades e buscando o ensino, acabava, com o tempo, por formar então as cidades universitárias, outra inovação ligando à universidade a cidade.

---

<sup>14</sup>De acordo com Bender (1989. p.3, tradução nossa): %verdadeiramente, a palavra câmpus no seu moderno significado foi primeiramente usada no século XVIII para descrever o gramado cercado o recentemente construído %Nassau Hall+em Princeton.+

a tradição anglo americana, baseada no modelo de Oxford e Cambridge, é fomentada por uma tradição de anti urbanismo, que é um grande desvio do tema central da história das universidades, pois desde o seu começo elas tem sido identificadas com cidades, por vezes cidade de segunda ordem, mas seguidamente com grandes cidades que dominam a vida política, econômica e cultural das nações. (BENDER, 1988.p. tradução nossa).

Portanto, mesmo dentro da tradição anglo americana de universidade, por alguns denominada de anti urbanismo, poder-se-ia considerar, baseados nesta última afirmação de Bender, que esta fosse, isto sim, uma nova forma de relação da universidade com a cidade, onde a primeira dá origem, inversa, mas quase que invariavelmente, à segunda.

### 3.3 A Universidade e a Cidade no Brasil

O Brasil foi um dos últimos países da America Latina a contar com uma instituição oficial de ensino superior. De acordo com Gomes (2002. p.7), durante o período colonial brasileiro:

houve mais de uma tentativa de criar-se uma universidade no país. A mais notável ocorreu no contexto da Inconfidência Mineira. Contam os "autos da Devassa" que o plano de mudar-se a capital do Rio de Janeiro para Vila Rica [...] incluía a implantação na cidade de uma escola de ensino superior nos moldes da de Coimbra. Os inconfidentes sabiam que a independência verdadeira só viria com a educação e com a formação de quadros intelectuais e profissionais. Infelizmente, também esse projeto teve de ser arquivado, pois a rebelião foi delatada e seus autores mortos ou banidos.

No Brasil, tradicionalmente diz-se que o surgimento da universidade deu-se com a chegada da corte portuguesa à cidade do Rio de Janeiro em 1808, mais de 300 anos após o descobrimento da colônia. Analisando este fato histórico, tudo faz crer que a educação no Brasil, já nasceu sob o signo da distinção social. Anteriormente os portugueses proibiam a instalação das universidades na colônia, demonstrando assim, uma resistência à ideia de ensino superior no país com exceção talvez, como vimos anteriormente, na área da engenharia militar por motivos de segurança nacional. Desta forma, tentava-se evitar a formação do perigoso pensamento crítico da população colonial. Naquele período, era tradição no Brasil os portugueses lá arraigados, mandarem seus filhos estudarem em Coimbra, uma universidade portuguesa já centenária.

Segundo Cunha (1980. p 62), com a vinda da família real, a corte passou a necessitar de profissionais mais preparados para exercer as demais funções públicas nas cidades brasileiras. A partir de 1808, são criados cursos e academias destinados a formar, sobretudo, profissionais para o Estado, assim como especialistas na produção de bens simbólicos, e num plano, talvez, secundário, profissionais de nível médio.

A corte também sentiu necessidade de profissionais qualificados para o setor da saúde. De acordo com Villanova (1948, p. 8),

no ano da transmigração da Família Real para o Brasil é criado, por Decreto de 18 de fevereiro de 1808, o Curso Médico de Cirurgia na Bahia e, em 5 de novembro do mesmo ano, é instituída, no Hospital Militar do Rio de Janeiro, uma Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica. Outros atos são sancionados e contribuem para a instalação, no Rio de Janeiro e na Bahia, de dois centros médico-cirúrgicos, matrizes das atuais Faculdades de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

As engenharias, no Brasil, normalmente surgiam ligadas as academias militares. Também segundo Villanova (1948. p.8), em 1810, por meio da Carta Régia de 4 de dezembro, é instituída a Academia Real Militar, inaugurada em abril do ano seguinte. Foi nessa Academia que se implantou o núcleo inicial da atual Escola de Engenharia da UFRJ. Todas estas decisões políticas, que visavam também atender novas necessidades sociais, tiveram seu reflexo material, visto que passaram a ser construídos prédios diferenciados para sediar as Escolas de Ensino Superior, hospitais e Academias Militares, todos ainda neste momento, vinculados e localizados nos centros das principais cidades brasileiras do Brasil colônia, ou seja Rio de Janeiro e Salvador.

Proclamada a Independência do Brasil em 1822, um grande número de oficiais portugueses do Corpo de Engenheiros optou pela nacionalidade brasileira, assumindo, por escrito, o compromisso de servir, sem restrições, ao Exército e à Nação (TAVARES, 2000 p.75).

Ainda de acordo com o mesmo autor, no que se refere à emancipação da Engenharia no país,

a transferência para o Ministério do Império foi o ato formal que emancipou a Engenharia Civil no Brasil, atendendo às condições novas do País, às solicitações do seu progresso, à necessidade de desenvolver a iniciativa privada e, sobretudo, à circunstância de ter cessado, com o quadro novo da vida nacional, a grande missão pioneira que coubera ao Exército na formação dos engenheiros e na execução dos empreendimentos de ordem civil. (TAVARES, 2000, p.111)

Mudanças filosóficas começaram a surgir entre as elites, trazidas com a instalação também dos cursos da área jurídica e também levavam a materialização destas necessidades na forma de prédios. Contudo, no Brasil, as primeiras Escolas superiores da área do Direito, talvez por sua ligação com a filosofia, surgiram ligadas aos mosteiros, no Convento de São Francisco, em São Paulo e no Mosteiro de São Bento, em Olinda. De acordo com Moreira (1960. p.53),

algumas modificações mais significativas parecem ocorrer com a criação dos cursos jurídicos, em 1827, instalados no ano seguinte: um em 1º de março de 1828, no Convento de São Francisco, em São Paulo, e outro no Mosteiro de São Bento, em Olinda, em 15 de maio daquele ano.

Esses dois cursos passam a ter grande influência na formação de elites e na mentalidade política do Império, pois

constituem, sem dúvida, centros de irradiação de novas ideias filosóficas, de movimentos literários, de debates e discussões culturais que interessavam à mentalidade da época. E mais, tornam-se provedores de quadros para as assembleias, para o governo das províncias e também para o governo central (MOREIRA, 1960. p.53).

Já antes disso, quando dos debates na Assembléia Constituinte de 1823, primeiro, e na Assembléia Geral de 1826, depois, a elite política brasileira teve plena consciência da importância do ensino superior, impulsionado pelo Estado, para a construção do Estado nacional+(MOREIRA, 1960. p.53). Para o mesmo autor, portanto, a criação dos cursos jurídicos em 1827, por iniciativa governamental, possibilitou tanto a constituição de uma burocracia qualificada para a gestão do Estado, como a sistematização da nova ideologia político-jurídica, de tal forma que a criação dos cursos jurídicos confunde-se com a formação do Estado nacional+(MOREIRA, 1960. p.53).

Quando é proclamada a República, em 1889 as regras já estavam mudando e de acordo com a Constituição de 1891, o ensino superior é mantido como atribuição do Poder Central, mas não exclusivamente. São criadas várias escolas livres de ensino superior e, como já vinha acontecendo em outros estados, no Rio Grande do Sul, é criada em 1895 a Escola de Farmácia e Química,+ (CORSO, 1990. p.11), em 1896 fundou-se a Escola de Engenharia e em 1900 a Faculdade de Direito. Ora,

o regime de desoficialização do ensino acabou por gerar condições para o surgimento de universidades, tendendo o movimento a deslocar-se provisoriamente da órbita do Governo Federal para a dos Estados. Nesse contexto surge, em 1909, a Universidade de Manaus; em 1911 é instituída a de São Paulo e, em 1912, a do Paraná. (MICHELOTTO, 2006).

Todas estas novas universidades, assim como as do Rio Grande do Sul, são ainda instituições livres. Somente a sete de setembro de 1920, por meio do Decreto Federal nº 14.343, o Presidente Epitácio Pessoa institui a Universidade do Rio de Janeiro (URJ), também chamada Universidade do Brasil, considerada a primeira Universidade oficial do país que, contudo, já funcionava desde 17 de dezembro de 1792 denominada então como Real Academia do Brasil. No período seguinte ao da criação da URJ, Fávero (2006. p. 23) nos relata a transição pela qual a universidade passa devido às adequações a ela impostas após 1930:

Se a Primeira República é caracterizada pela descentralização política, a partir dos anos 20 e, sobretudo, após 1930, essa tendência se reverte, começando a se incrementar uma acentuada e crescente centralização nos mais diferentes setores da sociedade. Nesse contexto, o Governo Provisório cria o Ministério da Educação e Saúde Pública (14/11/1930), [...] que, a partir de 1931, elabora e implementa reformas de ensino . secundário, superior e comercial . com acentuada tônica centralizadora. Trata-se, sem dúvida, de adaptar a educação escolar a diretrizes que vão assumir formas bem definidas, tanto no campo político quanto no educacional, tendo como preocupação desenvolver um ensino mais adequado à modernização do país, com ênfase na formação de elite e na capacitação para o trabalho.

No final dos anos 1940, como no início dos anos 50, começam a esboçarem-se nas universidades algumas tentativas de luta por uma autonomia universitária. Todavia, a situação é complexa. A propósito, Bittencourt (1946. p. 562) observa que [...] mesmo depois do Estado Novo, quando essa Universidade se torna autônoma por decreto, a situação não muda muito [...] continua o DASP<sup>15</sup> a intervir, dia a mais dia, na vida das universidades federais, com aspereza e inciência.

Na década de 50, o ritmo de desenvolvimento das cidades no Brasil se acelera pela industrialização e pelo crescimento econômico. Muitas Universidades são Federalizadas. Começaram a surgir por todo o Brasil projetos de novos câmpus Universitários, já com necessidade de expansão física das universidades, eram projetados um pouco mais afastados dos centros das cidades, mas vinculados

---

<sup>15</sup>DASP: Departamento Administrativo do Serviço Público. A Constituição de 1937 previa a criação de um departamento incumbido de organizar os órgãos do Estado, para o aperfeiçoamento da máquina pública, além de elaborar a proposta orçamentária do governo e prestar assessoria ao presidente da República. O decreto-lei 579/38, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, criou o DASP. (SERVIDOR. disponível em: [http://www.servidor.gov.br/institucional/historico\\_DASP.htm](http://www.servidor.gov.br/institucional/historico_DASP.htm), acesso em 24/01 2013)

administrativamente as instituições pré-existentes. Segundo o histórico que consta do site institucional da UFRJ:

[...] a Cidade Universitária do Rio de Janeiro estava em construção. Vários de seus prédios receberam prêmios arquitetônicos, a começar por aquele em que hoje está instalada sua Reitoria, a Escola de Belas Artes e a Faculdade de Arquitetura, que ganhou o primeiro prêmio na categoria de prédio público na Bienal de Arquitetura de 1957. Projetado por Jorge Machado Moreira, o prédio ainda hoje causa impacto nos que o visitam pela sua beleza, grandiosidade, arrojado e luminosidade de seu hall de entrada e jardins de Burle Marx (UFRJ, 2013<sup>16</sup>).

Contudo, de acordo com Fávero, (2006. p 29), o contexto da Universidade no Brasil estava mudando, muito além do seu aspecto físico, já que

simultaneamente às várias transformações que ocorrem, tanto no campo econômico quanto no sociocultural, surge, de forma mais ou menos explícita, a tomada de consciência, por vários setores da sociedade, da situação precária em que se encontravam as universidades no Brasil. Essa luta começa a tomar consistência por ocasião da tramitação do projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sobretudo na segunda metade dos anos 1950, com a discussão em torno da questão escola pública *versus* escola privada. Limitados inicialmente ao meio acadêmico, os debates e reivindicações deixam de ser obra exclusiva de professores e estudantes para incorporarem vozes novas em uma análise crítica e sistemática da universidade no país.

Na década de 60 as verbas destinadas a construções universitárias decaíram e os prédios então construídos tiveram seu padrão arquitetônico e de construção bastante reduzidos. Em 1964 é instaurado o regime militar no Brasil, o governo decide então intervir nas universidades e passa a utilizar-se, no meio universitário,

[...] do recurso da intimidação e da repressão. Tal recurso é implementado plenamente com a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), de 13 de dezembro de 1968, e com o Decreto-lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969, que definem infrações disciplinares praticadas por professores, alunos e funcionários ou empregados de estabelecimentos públicos ou particulares e as respectivas medidas punitivas a serem adotadas nos diversos casos. (FÁVERO, 2006. p 32).

Em 1968, o Brasil passa por um período de intensa mobilização estudantil, caracterizada por debates dentro das universidades e por grandes manifestações de rua (fig.2) em diversas cidades brasileiras, muitas vezes reprimidas com violência pelo governo. Porém, a União Nacional dos Estudantes (UNE)

---

<sup>16</sup> No Portal UFRJ, no texto **A UFRJ É História**, sem autoria e sem paginação..

[...] vai exigir do Governo medidas no sentido de buscar soluções para os problemas educacionais mais agudos, principalmente dos excedentes. A resposta de maior alcance foi a criação, pelo Decreto nº 62.937, de 02.07.1968, do Grupo de Trabalho (GT) encarregado de estudar, em caráter de urgência, as medidas que deveriam ser tomadas para resolver a crise da Universidade. (FÁVERO, 2006. p 32).



Fig. 2: Ditadura militar e os movimentos estudantis na década de 1960 a 1970.

Estas passeatas, em geral organizadas pela União Nacional dos Estudantes (UNE), eram o retrato de uma época reprimida, conturbada e cheia de meias palavras na política e nas relações estudantis. Diante desse quadro, o governo militar formulou uma política para a reestruturação do ensino superior:

aboliram-se as cátedras vitalícias, introduziu-se o regime departamental, institucionalizou-se a carreira acadêmica, a legislação pertinente acoplou o ingresso e a progressão docente à titulação acadêmica. Para atender a esse dispositivo, criou-se uma política nacional de pós-graduação, expressa nos planos nacionais de pós-graduação e conduzida de forma eficiente pelas agências de fomento do governo federal. Nos últimos 35 anos, a pós-graduação tornou-se um instrumento fundamental da renovação do ensino superior no país. (MARTINS, 2009. p 16).

Com estas medidas governamentais, os cursos antigamente seriados foram substituídos pelo sistema de créditos em diferentes institutos, os cursos não mais eram organizados anualmente, mas semestralizados, o vínculo do estudante universitário com sua turma foi ficando menor, diminuindo, sua coesão e seu poder de articulação política. Além disso tudo, sérias medidas de repressão política foram adotadas por parte da ditadura militar, utilizando-se por vezes de delatores infiltrados nos cursos. As medidas de repressão iam desde a cassação e afastamento compulsório de professores, até a prisão, exílio e, por vezes, a tortura e/ou morte de pessoas contrárias

a política vigente. Foram as décadas de 1960/ 70, os chamados %Anos de chumbo+<sup>17</sup>, uma triste fase de repressão política que refletiu também no ensino Universitário brasileiro.

Durante a ditadura militar ao incentivar-se política e financeiramente, a construção de câmpus Universitários no Brasil, afastados dos centros das principais cidades brasileiras, com a plausível justificativa que estes não comportavam mais o necessário crescimento físico da universidade por falta de área, atendia-se também um dos objetivos da ditadura que era desarticular o movimento estudantil, afastando alunos e professores do centro político, administrativo e financeiro das cidades, ponto focal e nevrálgico de sua população.

Por outro lado, o ensino superior no Brasil, hoje, não é proveniente somente de instituições públicas. Martins (2009. p.15) analisa o surgimento de um novo padrão de ensino superior no Brasil na mesma época da Reforma Universitária, promovida pelo governo militar, o ensino superior de caráter particular. O argumento defendido por aquele autor é que

[...] ele representou uma consequência da implantação da Reforma de 1968. Em função do modelo implantado, que procurou privilegiar uma estrutura seletiva, acadêmica e socialmente, o atendimento da crescente demanda por acesso ao ensino superior passou a ser feito pelo ensino privado, que se organizou por meio de empresas educacionais.

No texto o autor procura salientar as condições que tornaram possível a emergência dessas empresas, concluindo, no entanto, que %a privatização não representou uma democratização do acesso ao ensino superior no país e há necessidade da retomada da expansão das universidades públicas, de modo especial das instituições federais+ (MARTINS, 2009. p 15). Portanto, a criação da Universidade Particular na mesma época da reforma de 1968, mesmo podendo vir a ser uma alternativa à crescente demanda da população e do mercado de trabalho pelo ensino superior, não veio substituir a função da Universidade Pública no contexto do país que seria a democratização do acesso ao Ensino Superior.

Findos os chamados %Anos de Chumbo+, tanto a reorganização do movimento estudantil, como a de alguns outros grupos da sociedade civil, só vieram a acontecer no final dos anos 1970, início dos anos 1980, com a reabertura política e a promulgação da Lei da Anistia. Após esta Lei acontece também o retorno aos quadros universitários de

---

<sup>17</sup> Expressão utilizada em contraponto aos chamados %Anos Dourados+da década de 1950 onde houve um grande crescimento da indústria e economia brasileira, com um acréscimo na qualidade de vida do povo.

vários professores afastados, compulsoriamente, após o AI-5, das universidades públicas.

No limiar da década de 80, observa-se, da parte de significativo número de professores, a consciência de que o problema da universidade envolve não apenas aspectos técnicos, mas também um caráter marcadamente acadêmico e político, exigindo análise e tratamento específicos. (FÁVERO, 2006. p 34).

Constata-se que, a partir dos anos 80, com a paulatina retomada da democracia no Brasil, surgem várias propostas para a reformulação das instituições universitárias. Muitas vezes, frutos de negociações reivindicadas por meio de greves de professores a universidade foi se ajustando, manifestações estas inaceitáveis nas duas décadas anteriores, mas que, com a retomada da democracia passavam a ser aceitas como último recurso de manifestação de insatisfação de todas as classes trabalhadoras.

A respeito da universidade de hoje, finda a primeira década do século XXI, Martins (2009. p. 28) comenta o fenômeno da nova estruturação e da hierarquização das universidades no Brasil, já que

nesses últimos quarenta anos, o ensino superior brasileiro se estruturou como um campo acadêmico complexo, heterogêneo, no qual as instituições passaram a ocupar posições dominantes e/ou dominadas em função dos critérios específicos que definem o prestígio e o reconhecimento dos estabelecimentos. Não seria de todo incorreto levantar a suposição de que houve, nas últimas décadas, um processo de hierarquização acadêmica no interior do campo do ensino superior brasileiro.

No Brasil, nas décadas 1980 e 1990 algumas universidades públicas, como também determinadas universidades privadas, geralmente as confessionais, se reorganizaram gradualmente, incluindo de forma definitiva às suas atribuições, as atividades de pesquisa e o ensino de pós- graduação.

Essas instituições criaram estruturas acadêmicas que propiciaram a produção científica institucionalizada, desenvolveram cursos de pós-graduação *stricto sensu* e *lato-sensu*, promoveram a profissionalização da carreira acadêmica, adotaram o regime de tempo integral para seus docentes, preservaram a liberdade acadêmica, associaram as atividades de ensino e pesquisa, implantaram programas de iniciação científica em parceria com agências de fomento nacionais. (MARTINS, 2009. p 28)

As Universidades no Brasil, portanto, assumem, em definitivo, suas três funções estruturais: transmitir o conhecimento existente, formar profissionais qualificados e produzir novos conhecimentos.

Em 1988 promulga-se uma nova Constituição brasileira, pós- regime militar, e são revistas as Leis de Diretrizes Básicas no ensino. Os anos 1990 são marcados por crises econômicas e recessão até que se debele a inflação, prioridade do governo da época. São destinadas poucas verbas para a ampliação física das universidades públicas. Em 2003, com a economia estabilizada, novas verbas são destinadas à construção e ampliação das estruturas universitárias. Com o Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), ativo ainda em 2014, tenta-se concretizar a implantação do programa de reestruturação de universidades pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Através do REUNI o governo brasileiro busca nos dias atuais a expansão do ensino, na tentativa de ampliar o acesso e a permanência da população à educação superior no Brasil utilizando-se para isso da expansão física, acadêmica e pedagógica das Instituições Federais, tanto as implantadas nas capitais dos estados como incentivando a sua interiorização, tentando expandir assim a oferta de ensino universitário a uma parcela maior da população.

## 4 PORTO ALEGRE E OS CURSOS UNIVERSITÁRIOS LIVRES.

Os Cursos universitários livres existiram em Porto Alegre no período entre 1895 e 1934, ou seja, da época em que o Brasil recém passara de Império à República (1889) até depois de finda a primeira República (1930).

Contudo a cidade de Porto Alegre foi criada bem antes disto. Estudos arqueológicos levam a crer que a região, foi habitada pelo homem desde 11 mil anos atrás. Todavia, atribui-se tradicionalmente a origem do povoado a uma pequena colônia de imigrantes Açorianos, que se estabeleceu em 1752 junto ao porto do Estuário do Guaíba, localizava-se na Sesmaria de Santana, doada pelo Império ao paulista Jerônimo de Ornellas e Vasconcellos. Porto Alegre só foi fundada oficialmente em 1772, com a criação da Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, alterada para Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre em 1773, quando passa a ser a Capital da Província, substituindo Viamão, de onde havia sido desmembrada. Isto ocorreu, pois, tendo seu potencial reconhecido, a nova localidade foi

[...] apadrinhada pelo Governador José Marcelino de Figueiredo, que para ela transferiu o governo municipal e a própria capital da capitania, a população cresceu e prosperou, ganhou a igreja matriz, edifícios públicos e a decidida preferência de comerciantes e construtores de embarcações. (FRANCO, 2000. p.9)

A respeito da sua conformação geográfica, Fialho (2010. p.331), explana que

o sítio onde a cidade foi edificada progressivamente, desde 1772, estrutura a paisagem urbana. Um sítio especial, uma península a beira de um lago/ rio, uma península+ que se tornou o coração da cidade, um local marcado por uma situação geográfica especial e estratégica, que gerou sua escolha como a capital da província antes mesmo de ter sido uma vila. O local tem uma topografia em que um espigão+ a parte mais alta- corre de leste a oeste e o terreno desce para junto do rio na parte sul e norte da península. A história de Porto Alegre está, portanto, associada à sua geografia, por ser o centro de uma rede hidrográfica que a liga com o interior do estado, por seu porto fluvial e por sua situação como um local de passagem. Aliás, um de seus atrativos, é esta paisagem, com o perfil da península, espaço cujos limites foram sendo aumentados ao longo do tempo [...].

A antiga colônia açoriana se transforma na Capital da Província e além de centro administrativo, se torna uma área militar. Paliçadas de madeira são construídas ao seu redor. Segundo Macedo (1993. p.32),

as fortificações teriam sido iniciadas em 1778, mas só aparecem nos registros pela referência aos *portões*. Convém, no entanto lembrar que as fortificações eram apenas trincheiras de pau-a-pique com um valo na parte externa. *Portão*+ tinha o

sentido de acesso, de entrada [...]. Nada tinha em comum com as poderosas portas que fechavam as fortalezas da Idade Média. Era, pois um espaço e não uma peça [...] apenas uma interrupção nas trincheiras.

A capital prospera e, em 1804, a Coroa Portuguesa instala nela uma alfândega. Todavia, passa-se algum tempo, até que o modesto núcleo urbano transforma-se em vila, em 1809, e depois cidade, já em 1822.

O mapa de Porto Alegre (fig. 3) mostra a região da península que é hoje a parte mais antiga do Centro Histórico, nele vê-se também à direita, a linha de fortificações erguidas para defesa em 1778.



Fig.3: Detalhe do Mapa de Porto Alegre. Data: 1839.

O Rio Grande do Sul mergulha em uma guerra de caráter libertacionista em 1835 que se estenderia por 10 anos. A Revolução Farroupilha, também chamada Guerra dos Farrapos<sup>18</sup> impôs longos períodos de cercos<sup>19</sup> a Porto Alegre. A cidade só voltou a crescer após 1845, com o final da Revolução<sup>20</sup>. Esse crescimento se deu com o surgimento de arraiais ao longo dos caminhos que levavam as cidades vizinhas. Nos anos que se seguem devido a imigração, primeiramente dos imigrantes alemães e depois dos italianos que chegam à capital, se intensifica a instalação de restaurantes,

<sup>18</sup> Assim chamada, pois devido a sua longa duração, os uniformes dos combatentes revolucionários haviam tornado-se farrapos. O nome, um tanto pejorativo, foi dado pelas tropas imperiais aos revolucionários.

<sup>19</sup> Foi a resistência a esses cercos impostos pelos revolucionários à capital, que deram o título a cidade de "Mui Leal e Valorosa" que consta em seu brasão até hoje.

<sup>20</sup> Quando foi ordenada a demolição das paliçadas.

pensões, pequenas manufaturas, olarias, alambiques e diversos estabelecimentos comerciais.

Também a Guerra do Paraguai, ocorrida entre 1865/70, teve Porto Alegre como uma das cidades palco das operações de guerra. Com este acontecimento ela recebeu verbas do império, além de serviço telegráfico, novos estaleiros, quartéis, melhorias na área portuária e nas suas edificações.

Em entrevista ao Jornal da Universidade, a Professora Celia Ferraz de Souza expõe um panorama sobre as evidentes mudanças ocorridas na Porto Alegre do século XIX e início do século XX.

[...] viajantes que estiveram no estado na primeira metade do século XIX, como o francês Auguste de Saint Hilaire (1779-1853), não acharam Porto Alegre uma cidade bonita. Mas, no início do século seguinte, ela se embelezou, tornando-se referência pelo ecletismo de suas edificações. É curioso observar que, em 1870, São Paulo era menor do que Porto Alegre e muito menos importante. A capital paulista, fundada em 1554, cresceu como uma cidade pobre e caipira, apenas um entreposto comercial. Já Porto Alegre, na mesma época, era bonita e moderna, atraindo não apenas imigrantes, mas também técnicos, engenheiros e arquitetos que vieram implementar seus projetos.+(CHALA, 2007. p.8).

No que se refere ao aspecto Físico da cidade em meados do século XIX,

a cidade apresentava uma ocupação intensiva em toda a área da península central, se rarefazendo a medida que se afastava do centro em direção aos caminhos. Por essa época, a partir do século 19, a cidade se expandiu ao longo de seus eixos de acesso. (SOUZA e MÜLLER, 2007.p.64).

Ainda no que se refere às primeiras mudanças físicas, a península, a partir do século 19 começou a ser aterrada, [...] já em 1858 o engenheiro Frederico Heydtmann, esboçara um projeto de urbanização onde constava uma primeira perimetral+(SOUZA e MÜLLER, 2007.p.68) unindo as Ruas da Figueira (Coronel Genuíno) e do Arvoredo (Fernando Machado) com a Rua Nova em lugar do Beco do Oitavo, por uma praça pequena de 200 palmos em quadro+ (MACEDO, 1968. p.97-98)

Também Hassen, (1996. p.14), ajuda-nos a contextualizar a Porto Alegre do final do século XIX, mesma época da criação dos 1<sup>os</sup> cursos livres:

[...] nesta época Porto Alegre possuía 70 mil habitantes, e orgulhava-se de ter sido a primeira capital brasileira a abolir a escravidão. O regime republicano consolidava-se, a urbanização começava a tomar rumo acelerado, exigindo aprimoramento de técnicas de construção compatíveis com os novos tempos.

O Ensino Livre que passa a existir no Brasil, segundo Venâncio Filho (1977. cap. 4)

é o processo de transformação do ensino primário, secundário e superior brasileiros iniciados na década de 1870, os quais passaram a ter maior independência do controle imperial. Essa transformação foi instaurada pelo Decreto nº 7.247 de abril de 1879 que estabeleceu a liberdade do ensino primário e secundário no município da corte, Rio de Janeiro, e superior em todo império. Este decreto tratava das condições para a expansão de novos cursos superiores, definindo as normas gerais para a implantação do ensino livre no Brasil. [...] Além disso, a liberdade de associações particulares passou a ser permitida em território nacional, fato outorgado no artigo 21 dessa reforma: *“É permitida a associação de particulares para a fundação de cursos onde se ensinem as matérias que constituem o programa de qualquer curso oficial de ensino superior.”* O ensino livre seria uma alternativa educacional possível ao ensino centralizado e oficial oferecido pelo Império. Esta reforma não se consolidou, entretanto, como liberdade de ensino completa, uma vez que não era permitido ensinar ideias alternativas como ocorreu na Europa.

Na política, a República foi proclamada no Brasil em 1889 e adota-se o sistema de governo presidencialista. Na organização escolar percebe-se influência da filosofia positivista. A seguir veio, em janeiro de 1891, a Reforma Benjamin Constant, que foi de extrema importância para a regulamentação do ensino, a qual afirma:

*“É lícito aos poderes dos Estados federados fundarem Faculdades; mas para que os graus por ellas conferidos tenham os mesmos efeitos legais que os das Faculdades federaes, é de mister: 1º, que as habilitações para matriculas e exames e os cursos sejam identicos aos das Faculdades federaes; 2º, que se sujeitem á inspecção do Conselho de Instrucção Superior.”*<sup>21</sup> (BRAZIL, 1891. art. 418).

Portanto, apesar de o governo não ter mais obrigações com a criação e manutenção de cursos superiores desde o Império, o ensino dos cursos estaduais e livres que viessem a ser criados deveria se pautar pelo modelo de ensino oferecido pelas Faculdades Federais que ainda existiam, para que tivessem a mesma validade legal.

A Reforma de Benjamin Constant tinha como princípios orientadores a liberdade e laicidade do ensino, como também a gratuidade da escola primária. Estes princípios seguiam a orientação do que estava estipulado na Constituição da República Brasileira. Uma das intenções desta Reforma era transformar o ensino em formador de alunos e não apenas preparador para os cursos superiores.

Outra intenção era substituir a predominância literária pela científica. Esta

---

<sup>21</sup> A grafia dos textos em língua portuguesa transcritos neste trabalho permanece conforme a dos originais.

Reforma foi bastante criticada tanto pelos positivistas, pois para eles a reforma não respeitava os princípios pedagógicos de Comte quanto pelos que defendiam a predominância literária, já que o que houve o acréscimo de matérias científicas às tradicionais, tornando assim o ensino mais enciclopédico. Contudo, apesar de toda esta preocupação em regulamentar o ensino superior, é importante estarmos cientes que o percentual de analfabetos no ano de 1900, segundo o Anuário Estatístico do Brasil, do Instituto Nacional de Estatística, era de 75%. (IBGE, 2013)

Já na República, naquele início do século XX, em muitos estados brasileiros estavam sendo criados cursos superiores que, também como os do Rio Grande do Sul, eram em sua grande maioria instituições livres. Os 1<sup>os</sup> cursos universitários criados em Porto Alegre foram denominados Cursos Universitários Livres por não terem vínculo governamental. Eram organizados por entidades particulares, mas, contudo, buscavam atender aos interesses sociais e econômicos da comunidade porto alegreense da época.

Aquele fim de século foi uma época conturbada, com grandes mudanças, tanto políticas como ideológicas. Quando é proclamada a República, em 1889, o ensino superior no Brasil também parece passar a ser influenciado pelas mesmas teorias positivistas do francês Augusto Comte, que inflamavam a muitos pelo o mundo e, no Brasil, aos republicanos.

[...] cabe lembrar que, na Constituição de 1891, o ensino superior é mantido como atribuição do Poder Central, mas não exclusivamente. De 1889 até a Revolução de 1930, o ensino superior no país sofreu várias alterações em decorrência da promulgação de diferentes dispositivos legais. Seu início coincide com a influência positivista na política educacional, marcada pela atuação de Benjamin Constant<sup>22</sup>, de 1890-1891. (CUNHA, 1980. p. 132)

O Positivismo era uma filosofia que não influenciava apenas a política e a educação, ele se materializava em representações simbólicas até mesmo na arquitetura. Algumas construções existentes até hoje em Porto Alegre são testemunhas físicas da forte influência Positivista nesta época,

Exemplos que se mantêm da força que alcançou o positivismo na cidade são algumas de suas edificações. O terceiro templo positivista do mundo foi aqui erguido em 1903 e mantêm-se ainda hoje na Av. João Pessoa como atração cultural. O prédio da Biblioteca Pública Estadual, na Rua Riachuelo, começou a ser

---

<sup>22</sup> Segundo Lemos (1997. p.67), Benjamin Constant era Oficial do Exército Brasileiro, professor de matemática em diversas escolas civis e militares, divulgador da filosofia positivista, organizador do movimento militar que depôs a Monarquia, membro do Governo Provisório republicano - como segundo vice-presidente e titular das pastas da Guerra e da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, entronizado postumamente como o "Fundador da República", era filho de mãe gaúcha.

construído em 1912 e foi inaugurado em 1922. Em estilo neoclássico, ostenta em sua fachada nichos com figuras do calendário positivista. (HASSEN, 1996. p. 23)

Iniciada em 1898 e concluída em 1901, a própria Intendência Municipal de Porto Alegre, hoje chamada Prefeitura Velha, tem em seu prédio símbolos positivistas e a partir desta época tornou-se o principal palco político da cidade.+(HASSEN, 1996. p. 24)

Na mesma época, mais precisamente por volta de 1890, houve na economia do Rio Grande do Sul, um surto industrial, pois a indústria rio-grandense passava a atender também ao mercado nacional e exigia em seus quadros funcionais profissionais cada vez mais especializados. Este surto foi

[...] centralizado na produção de conservas, têxteis, banha, vinho, cerveja e calçados. Embora esta produção visasse, fundamentalmente, o abastecimento no mercado local, algumas empresas como Renner, Wallig e Berta, atingiram o mercado nacional, especializando-se em artigos de superior qualidade. (PESAVENTO, 1992 (a). p. 76)

No que se refere à população, quando do referido surto industrial, associou-se um significativo incremento populacional na cidade de Porto Alegre, confirmando os pressupostos da lei geral do crescimento urbano, de que aos acréscimos de função correspondem acréscimos de população [...].+ (SOUZA e MÜLLER, 2007.p.64).

Segundo Nunes (2013, p.20), estes conglomerados industriais e comerciais emergentes tinham sua representação na política institucional levada a termo pelo Partido Republicano Rio-grandense (PRR) que chegou ao poder no Rio Grande do Sul com a instauração da República em 1889, apoiando-se, sobretudo, nas ideias positivistas, como já vimos de grande repercussão no Rio Grande do Sul. Essas ideias preconizavam a separação entre o poder temporal e espiritual. O Estado não deveria interferir no que dizia respeito às individualidades, porém caberia a ele promover a educação e o esclarecimento necessários para que os indivíduos aceitassem os preceitos positivos, científicos, atingindo, assim, a estruturação racional da sociedade. As políticas educacionais consideravam essa premissa da liberdade individual+ ao formular suas diretrizes. Nunes (2013. p.20 e 21) ainda relata que

Julio de Castilhos tornara-se o Presidente do Estado, adotando a matriz positivista como norteadora do seu governo. Seu projeto, marcado pelo autoritarismo político e administrativo, ensejou a Constituição Estadual de 14 de julho de 1891<sup>23</sup>. Esta carta nascia, portanto, sob o Apostolado Positivista+ e teve Castilhos como praticamente o único autor.

<sup>23</sup>Esta constituição, decretada e promulgada em nome da Família, da Pátria e da Humanidade+, pode ser encontrada em publicação comemorativa no site da assembleia legislativa do Rio Grande do Sul, Constituições sul-riograndenses. 1843 . 1947. (RIO GRANDE DO SUL, 2012)

O Título IV da então Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, que trata das %Garantias Gerais de Ordem e Progresso no Estado+, estabelece o incentivo à indústria e comércio, bem como a liberdade de exercício profissional. A respeito deste assunto esta constituição diz literalmente que %nenhuma espécie de trabalho, indústria ou comércio poderá ser proibida pelas autoridades do Estado, não sendo permitido estabelecer leis que regulamentem qualquer profissão ou que obriguem a qualquer trabalho ou indústria+ (RIO GRANDE DO SUL, 1891. Art.71, par.17º). Ou seja, era proibida, no estado do Rio Grande do Sul, a existência de leis que regulamentassem as profissões. A tão valorizada %liberdade+ profissional promovida por esta Constituição encontra-se, mais detalhada, no parágrafo quinto do mesmo artigo onde é afirmado:

Não são admitidos também no serviço do Estado os privilégios de diplomas escolásticos ou acadêmicos, quaisquer que sejam, sendo livre no seu território o exercício de todas as profissões de ordem moral, intelectual e industrial. (RIO GRANDE DO SUL, 1891. Art.71, par.5º).

Como se observa o Positivismo não parecia valorizar os títulos nem o ensino acadêmico, sendo, contudo, este o posicionamento do pensamento positivista vigente na época.

Foi dentro deste momento histórico, aqui exposto brevemente, sob seus aspectos políticos, urbanos, educacionais, sociais e econômicos que surgiu o primeiro curso universitário livre, que mais tarde daria origem a UFRGS. De acordo com Corso (1990.p.11), podemos dizer que %a história da UFRGS começa com a Escola de Farmácia e Química, fundada em 1895+. O segundo Curso Universitário Livre foi criado um ano após, em 1896 quando se fundou a Escola de Engenharia, %realizada por engenheiros militares, professores da escola militar de Porto Alegre+(HASSEN, 1996. p 14). O terceiro Curso Universitário Livre de Porto Alegre foi a Faculdade de Medicina, que surgiu da anexação da Faculdade de Farmácia ao Curso de Partos da Santa Casa, ocorrida em 25 de julho de 1898 e inicialmente se intitulou Faculdade de Medicina e Farmácia. A Faculdade de Direito, quarto curso Universitário a atuar na cidade de Porto Alegre, foi primeiro curso da área humanística no estado, fundado em 1900. A Escola Livre de Belas Artes foi criado em 1908, sendo este o quinto Curso Universitário Livre de Porto Alegre.

Portanto a universidade, hoje denominada Universidade Federal do Rio Grande do Sul, originou-se da união de vários cursos universitários livres criados na cidade de Porto Alegre a partir do ano de 1895.

## 4.1 A Faculdade Livre de Farmácia.

O primeiro curso universitário do Rio Grande do Sul foi a Faculdade Livre de Farmácia, fundada em 29 de setembro de 1895.

O Estado do Rio Grande do Sul tinha uma Constituição estadual de cunho positivista desde 1891. No que se refere às políticas de saúde no estado, na época,

corroborando a decisão constitucional, em junho de 1895 houve a publicação do edital do *Regulamento dos Serviços de Higiene do Rio Grande do Sul* no jornal *A Federação*, pelo qual ficava determinado que para exercer *a medicina e qualquer um de seus ramos, a pharmacia, drogaria, obstetrícia e arte dentária*, bastava inscrever-se no Serviço de Higiene e, após pagamento de taxa, obter a licença<sup>24</sup>. Nos outros estados brasileiros a perseguição aos que praticavam as *artes de cura* sem a devida formação era estabelecida por lei<sup>25</sup>. (NUNES, 2013, p.21).

Contudo, de acordo com a mesma autora (2013.p.22), a lei não agradava aos profissionais gaúchos realmente capacitados, muitos com formação acadêmica no exterior ou em outros estados, que passam a se organizar em Porto Alegre para defender o exercício da profissão:

a liberdade profissional atingiu médicos, odontólogos e farmacêuticos. Estes profissionais depararam-se dividindo espaço com os mais diversos tipos: curandeiros, boticários, práticos, benzedeiros, barbeiros, e tantos outros que oferecessem a cura. Muitos descontentes mobilizaram-se criando diferentes associações. A classe farmacêutica fundou a *União Farmacêutica*, em setembro de 1894<sup>26</sup>. Dentre alguns dos nomes que se destacam nesta sociedade estavam Alfredo Leal, Carvalho de Freitas, João Daudt Filho e Valença Appel<sup>27</sup>. De acordo com *Relatório da Congregação da Escola Livre de Farmácia de 1898*, nos estatutos da *União Farmacêutica* estava previsto a criação de um curso superior de Farmácia.

A *União Farmacêutica*, (fig. 4 e 5), ao que se percebe, contrariando a Constituição Estadual de 1891 no que diz respeito à formação dos profissionais, dá a aparentemente impressão do desalinhamento desta classe com o governo estadual,

<sup>24</sup> Em *A Federação*, 13 de junho de 1895. (NUNES, 2013.p.22)

<sup>25</sup> O Decreto Federal nº 438 de 1891, regulava a descentralização dos serviços sanitários para os estados, mantendo atribuição do Governo Federal, somente os portos e as fronteiras. Foi essa legislação que permitiu ao RS diferenciar-se, no que diz respeito às normas sanitárias, do restante do país. (NUNES, 2013.p.22)

<sup>26</sup> A data da fundação da *União Farmacêutica*, 02 de setembro de 1894, está no Relatório da Congregação da Faculdade Livre de Farmácia de 25 de julho de 1898. (UFRGS, 1898)

<sup>27</sup> Os profissionais de farmácia estabelecidos na cidade de Porto Alegre, antes de 1895, adquiriam seus diplomas em cursos que funcionavam nas cidades de Salvador, Ouro Preto e Rio de Janeiro. Arlindo Caminha, Edmundo Landell de Moura e João Daudt Filho concluíram seu curso no Rio de Janeiro e Alfredo Leal e Francisco Carvalho de Freitas na Bahia. (NUNES, 2013.p.22)

contudo esta sociedade recebeu desde o início apoio de Julio de Castilhos, através de investimento financeiro e do empréstimo do local para a instalação de um curso superior de Farmácia no sul do país. (NUNES, 2013. p. 23)



**Figura 4:** Membros da União Farmacêutica no início do século XX.



**Figura 5:** Diploma da União Farmacêutica expedido em 1899.

Nunes (2013, p. 24) também relaciona o apoio do governo estadual e a criação de cursos superiores com o possível objetivo de criar uma elite política. Para ela assim como para Pesavento (2004 (a). p.21), tratava-se, em última análise, de um projeto de qualificação das elites para preparar os dirigentes. Este apoio era de natureza moral, não havia o compromisso oficial em oferecer subsídios. Porém isso não era impedimento para que a elite ilustrada, já citada por Pesavento (2004 (a). p.21), ocupasse cargos do governo e tomasse iniciativas para a criação dos cursos. Assim, juntamente com este surto de modernização da cidade iniciava, também, a educação superior no Rio Grande do Sul.

No que se refere à localização do curso na cidade, conforme nos conta Nunes (2013, p.19), desde sua criação, a atual Faculdade de Farmácia, o primeiro curso universitário livre criado em Porto Alegre e que deu origem a UFRGS, funcionou em vários prédios (fig. 6) ao longo de sua história: primeiramente no *Ateneu Rio-grandense*<sup>28</sup> (1895); depois no prédio da Rua General Vitorino (1900), que se localizava nos fundos do prédio da Rua Salgado Filho<sup>29</sup>(1904), posteriormente na sede da Antiga Faculdade de Medicina<sup>30</sup> (1924) à Rua Sarmiento Leite e, por fim, no prédio atual da Avenida Ipiranga (1958), sua primeira sede exclusiva<sup>31</sup>.

<sup>28</sup> Localizado na antiga Lomba do Liceu da Rua de Bragança, atual Rua Marechal Floriano.

<sup>29</sup> Atual prédio do Departamento de Artes Dramáticas (DAD) da UFRGS;

<sup>30</sup> Atual instituto de Ciências Básicas da Saúde da UFRGS.

<sup>31</sup> Construído somente após a Federalização da Universidade

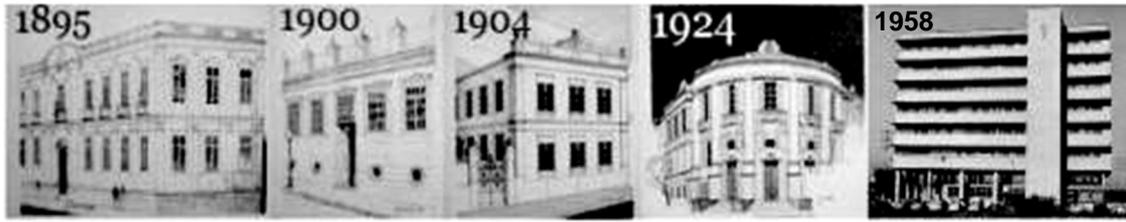


Fig.6: Prédios que sediaram a Faculdade de Farmácia.

É importante ressaltar que, a partir de 1898 a Faculdade de Farmácia foi vinculada e ocupou os mesmos prédios da Faculdade de Medicina até 1958, quando só então, ganha sua sede própria.

## 4.2 A Escola Livre de Engenharia

A Escola de Engenharia, criada em 10 de agosto de 1896, sendo o segundo curso livre a ser criado em Porto Alegre, foi idealizada por cinco engenheiros militares: João Simplício Alves de Carvalho, João Vespúcio de Abreu e Silva, Juvenal Miller, Lino Carneiro da Fontoura e Gregório de Paiva Meira+ (HASSEN, 1996. p.14), todos eles engenheiros militares e professores da Escola Militar do Rio Grande do Sul, juntamente com o engenheiro civil Álvaro Nunes Pereira. Foram apoiados nesta iniciativa pelo presidente da província, Júlio de Castilhos, que tinha como lema o "saber fazer" da filosofia positivista.

Chegavam ao Brasil nesta época os reflexos da Revolução industrial, que foi um conjunto significativo de mudanças tecnológicas que aconteceram na Europa nos séculos XVIII e XIX. O emprego do aço, a utilização da energia elétrica e dos combustíveis derivados do petróleo, a invenção do motor a explosão, da locomotiva a vapor e o desenvolvimento de produtos químicos foram algumas das principais inovações desse período. Estas mudanças puseram em voga uma nova profissão, a de Engenheiro, em todas as suas especializações e áreas de atuação.

O Brasil já tinha tradição na engenharia militar, mas o final do século XIX trouxe consigo a popularização da profissão devido às necessidades ditadas tanto pela economia do país e pelas necessidades de melhorias e saneamento nas cidades, quanto pela necessidade de atendimento de necessidades diárias da população que desejava uma melhor qualidade de vida, espelhada nos padrões europeus.

A respeito da fundação da Escola de Engenharia em Porto Alegre, no ano de 1896, de acordo com os estudos de Hassen (1996. p.14),

em 1896 fundou-se a Escola de Engenharia que durante trinta anos funcionou como instituição privada, embora tenha sido sempre considerada como pública+ pelos

serviços prestados à comunidade na difusão, adequação e aprimoramento da ciência e da técnica da engenharia, tão necessária à Porto Alegre que crescia e se modernizava do final do século XIX.

Para suprir esta necessidade de crescimento e modernização da cidade foram sendo criados cursos superiores para formar profissionais e técnicos nas diversas áreas da Engenharia. A Escola Livre de Engenharia oferecia inicialmente cinco cursos distintos: agrimensura, arquitetura, eletrotécnica, estradas e hidráulica. Contudo, ainda segundo Hassen (1996, p.14), não havia distinção entre a política do ensino da escola e o projeto do Partido Republicano Rio-Grandense, propagador do positivismo no Estado. Segundo a mesma autora (1996, p.27 e 28), a orientação positivista dada a Escola buscava integrar o cidadão à sociedade por meio de um ofício. O ensino superior era, para eles, o aprofundamento de conhecimentos solidificados anteriormente. O importante era formar engenheiros, não diplomados em engenharia.

Por outro lado, Souza (2010. p 47 e 48), ao falar das políticas dos primeiros dirigentes republicanos, afirma que estes, na prática

concentravam seus esforços nos melhoramentos das cidades, estimulando o desenvolvimento da cultura, da economia, e, em especial, do comércio, dos serviços e da indústria, aspirando uma cidade moderna [...] enfrentavam os problemas urbanos a partir das novas técnicas de tratamento dos transportes, do tráfego de veículos, do crescimento da população (principalmente do proletariado), do saneamento, da higiene e da saúde pública [...].

Buscava-se assim alcançar uma nova maneira de viver para Porto Alegre, com melhor qualidade de vida, ao estilo das cidades europeias, progredir, modernizar ou industrializar apareciam como sinônimos em todos os discursos... (SOUZA, 2010. p. 48).

A respeito da função das Escolas de Engenharia do início do século, entre elas a Escola Livre de Engenharia de Porto Alegre, Souza (2010. p. 59) afirma que a modernização das cidades, entendida a partir das transformações de seus espaços, era resultado de um olhar técnico que exigia um aprendizado da Academia. Para a autora,

mais que instituições difusoras do conhecimento acadêmico, essas escolas fomentaram constantes discussões e questionamentos sobre a prática e os caminhos da engenharia, levantando questões referentes a estrutura ou a infraestrutura urbana, a circulação, aos novos equipamentos, ao saneamento e ao embelezamento. (SOUZA, 2010. p. 59).

Sendo, neste ponto de vista, a Escola de Engenharia com seus diversos cursos, fundamental à discussão, ao aprendizado e a aplicação destas novas técnicas de melhoria urbana à cidade de Porto Alegre do início do século XX.

Este curso também ocupou pequenos prédios na península (fig. 7), onde fica o atual centro histórico de Porto Alegre, em sua maioria já demolidos, e que sediaram por curto espaço de tempo, depois que saiu do Atheneu Riograndense, a Escola Livre de Engenharia de Porto Alegre entre o final do século XIX e o início do século XX.

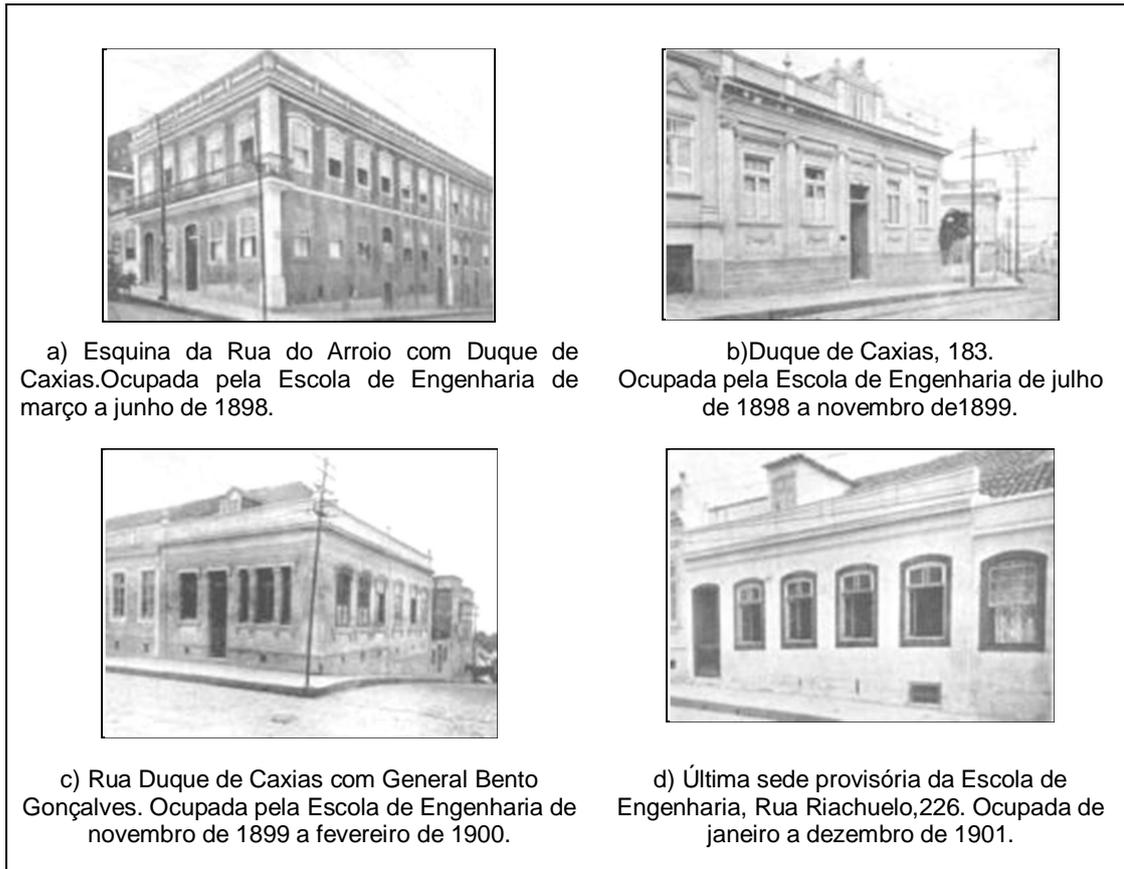


Figura 7: Fotografias de alguns dos prédios alugados no Centro histórico de Porto Alegre para sediar a Faculdade de Engenharia. (Indicados no mapa da figura 27.)

A Escola Livre de Engenharia, apesar de ser o segundo curso universitário de Porto Alegre a ser criado foi o primeiro deles a ter construída entre 1898 e 1900 sua Sede própria (no campo da Várzea) e, a partir daí, ganha grande importância, agora marcada fisicamente, no contexto urbano.

Pode-se identificar no mapa de Porto Alegre datado de 1906, a fachada do prédio sede da Escola de Engenharia (fig. 8) que é retratado, naquele mapa, em baixo, sendo o 2º prédio da esquerda para a direita. Esta edificação já é tida, na época, como sendo uma das construções destacadas da cidade.

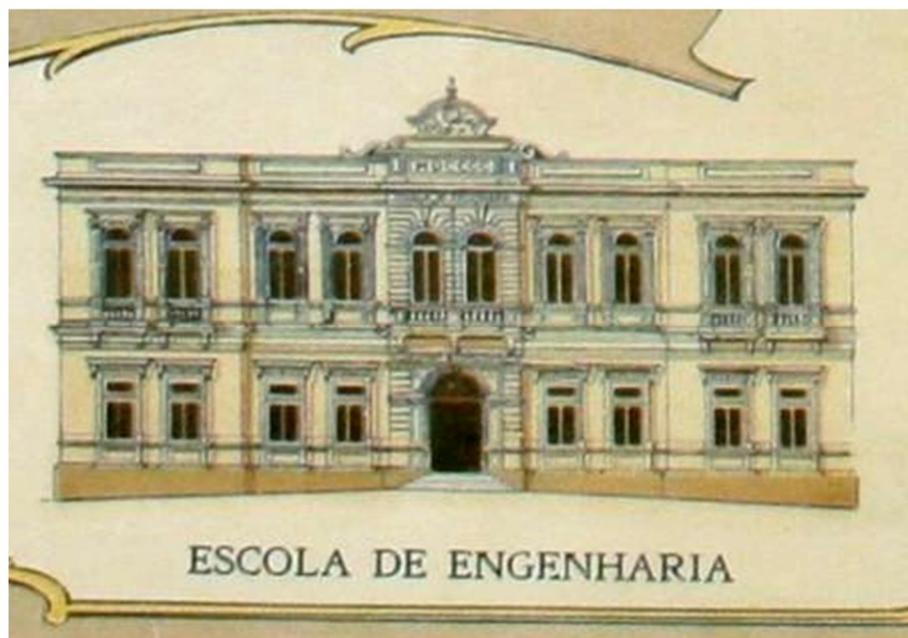


Fig. 8: Detalhe da Planta de Porto Alegre de 1906 (ver fig. 24), desenhado por A. A. Trebbi, onde consta a fachada da Escola de Engenharia.

Ainda em 1900, foi construído um outro prédio pela Escola livre de Engenharia, destinado a ser o *Ginásio Júlio de Castilhos*<sup>32</sup>, situado na Avenida João Pessoa, onde hoje existe a Faculdade de Ciências Econômicas e que tinha por objetivo oferecer um curso elementar direcionado a preparar para os exames necessários para ingresso no curso superior de Engenharia<sup>33</sup>.

Em 1901 ocorreu em Porto Alegre uma grande exposição Agroindustrial<sup>34</sup>. Na exposição estavam representados 60 municípios, com 2 200 expositores e pavilhões dedicados além da Agropecuária, ao comércio, indústria, artesanato, arqueologia e história do Rio Grande+(MACEDO, 1993. p.84). O Presidente da Província, Borges de Medeiros oficializa a Exposição com o decreto nº235 de 4 de abril de 1899. O objetivo era marcar o início do século XX e exibir o desenvolvimento do Rio Grande do Sul em todas as suas atividades. A entrada principal ficava ao lado da Escola Livre de Engenharia (fig.9), cuja imagem e a atuação, desde já, estariam ligadas indissociavelmente ao desenvolvimento do Estado.

<sup>32</sup> Ver Anexo 2- Julio de Castilhos/ Faculdade de Ciências Econômicas.

<sup>33</sup> Este prédio foi destruído por incêndio em 1951 e a estrutura que restou do prédio foi aproveitada para a construção da atual Faculdade de Ciências Econômicas em 1954, que resultou num prédio completamente diferente, com características formais mais de acordo com sua época.

<sup>34</sup> Alguns afirmam que esta Exposição deu origem a Expointer, que depois, em 1909, passou a ser realizada no Prado Riograndense, depois no Parque de Exposições Menino Deus, e finalmente, por causa do espaço insuficiente, instalada em 1970, em uma área de 64 hectares da Fazenda Kroeff, hoje o Parque Assis Brasil em Esteio- RS.



Fig.9: Inauguração Solene da Exposição de 1901, no Campo da Redenção onde já existia a Escola Livre de Engenharia.

Conforme pesquisa de Bastos (2011)<sup>35</sup>,

Um pavilhão para festas e recepções foi construído pelo comissariado da exposição ao lado do edifício da escola de engenharia. Neste local foram recebidas as autoridades que visitavam a exposição bem como muitas festas e recepções foram realizadas no pavilhão. Hoje no local, situa-se o edifício denominado Château do antigo campus da UFRGS [...] Este edifício, em estilo Art-nouveau, abrigou inicialmente o Curso de Topografia da universidade e teve a sua construção iniciada tão logo se encerrou a exposição de 1901.

Finda a Exposição Agroindustrial em dois de junho de 1901, todos os Pavilhões foram paulatinamente sendo demolidos e nos anos que se seguiram deram lugar a outros edifícios que sediariam cursos das diferentes áreas da Engenharia.

A fotografia tirada por volta de 1915 (fig.10) apresenta uma vista do primeiro quarteirão doado pela Intendência Municipal, antigo terreno do potreiro da Várzea, onde começaram a se instalar as sedes dos cursos universitários livres. A imagem, olhando-se da Praça Argentina, tem ao centro a Faculdade de Engenharia, ainda com seus dois pavimentos originais, que foi projeto de engenheiros militares<sup>36</sup> apoiados pelo presidente da província, Júlio de Castilhos. Vemos também à direita o antigo Colégio

<sup>35</sup> Bastos, 2011 é um Blog Digital, onde não constam n<sup>os</sup> de páginas.

<sup>36</sup> Segundo Hassen (1996), a maioria deles era na época professor do Colégio Militar de Porto Alegre, que já tinha sua imponente sede localizada ao final do Campo da Redenção.

Estadual Júlio de Castilhos<sup>37</sup>. Na extrema esquerda, veem-se os prédios, também pertencentes à Engenharia, do %Château+construído ainda em 1901 do %Castelinho+e o Observatório Astronômico (construídos entre 1906/1908)<sup>38</sup>, todos projetados pelo engenheiro e professor Manoel Itaqui. Esta fotografia, disponível no acervo da UFRGS, indica a importância dada aos prédios da universidade, pois sendo um cartão postal, indica a provável associação que se fazia na época, destes prédios à beleza, técnica e modernidade da cidade. O que reafirma-nos Carvalho (1998. p.9) quando escreve:

vê-se então que os edifícios universitários estavam integrados não só a paisagem como também a vida cultural da cidade. Perfeitamente incorporados a malha urbana, os prédios se convertem logo em pontos de referência e como tal ajudaram a compor a fisionomia de Porto Alegre.



Fig. 10: Ao Centro vemos a Escola de Engenharia de Porto Alegre  
A legenda original era: %vista geral das edificações na cidade+.

A respeito do Observatório Astronômico da Escola livre de Engenharia, sito à Praça Argentina,

o prédio teve seu projeto elaborado pelo engenheiro Manoel Barbosa Assumpção Itaqui e surgiu denominado %Instituto Astronômico e Meteorológico+ em 18 de setembro de 1906 onde foi ministrada a disciplina de Astronomia de campo. Desde então foi um órgão de atuação destacada por suas pesquisas e serviços de astronomia e meteorologia no estado do Rio Grande do Sul. Prestava serviços de previsão do tempo, meteorologia agrícola, e de hidrometria, úteis não só a agricultura, como a navegação aérea e fluvial. (CARVALHAL, 1998, p.23)

<sup>37</sup>Segundo Carvalho (1998), este prédio foi destruído nos anos 1950 por um incêndio e reconstruído em 1953, onde hoje se localiza a Faculdade de Ciências Econômicas.

<sup>38</sup> Ver fichas técnicas destes prédios no Anexo 2.

Também a partir de 1912 o Observatório era responsável pelo serviço de marcação da hora certa em Porto Alegre. Com isso verificamos também a importância que teve a Faculdade de Engenharia nas mais variadas áreas e atividades do cotidiano da população portoalegrense.

#### **4.2.1 Outros prédios relevantes, desdobramentos da Escola Livre de Engenharia.**

A Escola de Engenharia também foi a primeira a se desdobrar em vários cursos e prédios. Depois do Chateau, do Castelinho e do Observatório Astronômico, todos estes construídos entre 1906 e 1908, logo foram construídos outros.

O atual Instituto Parobé, que passou a assim denominar-se em 1915, após a morte de seu fundador, foi criado em junho de 1906 pelo professor-engenheiro João José Pereira Parobé, diretor da Escola de Engenharia, com o apoio e participação de diversos colegas professores. Conforme relatório de 1913 da Escola de Engenharia este instituto teria se originado da Escola municipal Benjamin Constant que ao ser associada a Escola de Engenharia, passou a denominar-se Instituto Técnico Profissional. Entre 1908 e 1928 este Instituto funcionou nos prédios do *Château* e *Castelinho*<sup>39</sup> situados em frente a Praça Argentina. (Anexo 2). Constituiu-se numa das mais importantes escola técnico-profissional do Rio Grande do Sul. Voltada inicialmente para filhos de operários e crianças carentes, seu ensino, gratuito, era em regime de internato, formando mestres e contramestres para as áreas da construção mecânica e civil, marcenaria e artes gráficas. De acordo com informações do site do Setor de Patrimônio Histórico da UFRGS, página dos prédios históricos, (SPH-UFRGS, 2013), ~~em~~ iniciativa pioneira, em 1920, foi criada uma *Seção Feminina*, para preparar condutoras de trabalhos domésticos e rurais+começando a dar seriedade profissional a atividades que a pouco mais de 30 anos antes eram realizadas por escravas. Conforme informação da página digital prédios históricos da SPH-UFRGS (2013), ~~em~~ entre os anos de 1925 a 1928, com projeto do arquiteto Chrétien Hoogenstraaten, é construída na atual Rua Sarmiento Leite a nova sede do Instituto Parobé<sup>40</sup>,+ liberando a área anteriormente ocupada no Castelinho e no Chateau e em outros dois pavilhões posteriormente demolidos.

---

<sup>39</sup>A expansão de suas atividades obrigou à construção de uma nova sede para o Instituto, na atual Rua Sarmiento Leite e mudou-se para ali em 1928.

<sup>40</sup> Hoje a Escola Técnica Parobé ainda existe mas está em nova sede, localizada na Avenida Loureiro da Silva, no bairro Praia de Belas, bem próxima dos limites desse com o Centro Histórico de Porto Alegre e passou para o controle do Estado do RS. Na década de 1970, com a separação dos Ensino Técnico Industrial do Ensino Secundário (hoje Ensino Médio), a Escola também abriga, separadamente, turmas de segundo grau sem qualquer tipo de educação profissional em suas dependências, mas sempre mantendo o foco na área técnica. Além de escola, também é um centro de pesquisas e desenvolvimento de tecnologias.

Outro curso importante gerou um novo prédio, o Instituto Eletro-Técnico da Escola Livre de Engenharia. Construído na esquina com a Avenida Bom Fim<sup>41</sup> com a Travessa 1º de Março<sup>42</sup>, foi inaugurado em 1910, que, de acordo com informações da página prédios históricos do SPH-UFRGS (2013) foi a primeira escola do Brasil voltada à formação de engenheiros mecânicos, engenheiros eletricitistas e técnicos montadores, tendo um papel importante na indústria eletrotécnica, que na época de sua construção experimentava uma rápida expansão. Seus equipamentos, de última geração para a época, foram importados dos Estados Unidos e da Europa.

O Laboratório de Resistência dos Materiais da Escola Livre de Engenharia, prédio do atual Museu da UFRGS, situado na atual Av. Osvaldo Aranha, desde o início do século XX constituiu-se num órgão de vanguarda na pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias especialmente voltadas para a construção civil.<sup>43</sup> Teve seu projeto elaborado pelo engenheiro Manoel Barbosa Assumpção Itaqui, foi concluído em 1910 e ampliado em 1919.

Neste mesmo início do século XX, poucos anos depois que, na várzea próxima ao centro, foram construídos o prédio sede da Escola Livre de Engenharia e seus primeiros desmembramentos e no mesmo ano da inauguração do Instituto Eletrotécnico e do Laboratório de Resistência dos Materiais, foi construído o prédio do Instituto Agrônomo e Veterinário entre 1910 e 1913, na época também vinculado a Escola Livre de Engenharia. Este prédio, ao contrário dos demais vinculados a Escola de Engenharia, não foi construído junto a Várzea, que se urbanizava rapidamente, mas sim na Estrada do Mato Grosso, no caminho para Viamão, o que permitiria ao curso a utilização de campos, estábulos, estufas e demais instalações rurais necessárias ao ensino prático da Agronomia e Veterinária.

Esta iniciativa veio a garantir para os anos vindouros a ocupação da área<sup>44</sup> junto à antiga Estrada do Mato Grosso, atual Avenida Bento Gonçalves, no Bairro Agronomia, pelos cursos Livres que viriam a originar a UFRGS e seu futuro Câmpus do Vale. Segundo dados históricos fornecidos pelo Site da Faculdade de Agronomia da Ufrgs: o curso de Agronomia foi criado em 1898, junto à Escola de Engenharia, e foi interrompido logo após a formação da sua primeira turma, em 1902. Este curso

[...] tem a sua origem relacionada a primeira tentativa governamental de criação de estrutura de ensino agrícola superior no estado, a Escola Superior de Agronomia

<sup>41</sup> Atual Avenida Osvaldo Aranha.

<sup>42</sup> Atual Rua Sarmento Leite.

<sup>43</sup> Segundo o Site do SPH- UFRGS, entre 1942 e fins dos anos 60 foi ocupado pelo Instituto Tecnológico do Rio Grande do Sul, e depois serviu ao Curso em Tecnologia do Couro, primeiro do gênero na América Latina, e por isso passou a ser conhecido como o Prédio dos Curtumes e Tanantes.

<sup>44</sup> Hoje dentro do perímetro urbano de Porto Alegre.

Taquariense (1895). Ao contrário da tentativa pioneira da oligarquia pelotense de criar o primeiro curso de agrônomos no estado, a escola de Taquari teve total apoio do governo positivista gaúcho, que custeou a construção do prédio da escola na antiga fazenda Canabarro, em Taquari. Em 1897 foi formada a primeira turma de seis agrônomos e por falta de recursos, a escola foi fechada. (FAC. AGRONOMIA, 2013).

Contudo consta que antes de terminar com seu mandato, o presidente do Estado Júlio de Castilhos, reconhecidamente um dos maiores incentivadores deste empreendimento, descontente com o fechamento da escola,

[...] ofereceu à Escola de Engenharia as instalações da Chácara das Bananeiras<sup>45</sup> para a realização das práticas, bem como requisitou todos os equipamentos e materiais da escola de Taquari para serem utilizados no novo curso de Agrônomos da Escola de Engenharia de Porto Alegre, recém fundada em 1896, também sob os preceitos do positivismo. O Curso provisório de Agrônomos, com duração de três anos, foi criado oficialmente em 1899, mas só começou a funcionar em 1900, com a duração de três anos e formou a primeira turma em 1902, composta pelos Agrônomos Mathias Alfred Wiltgen e Oscar Castilhos. Entretanto, só funcionou efetivamente a partir de 8 de dezembro de 1909. [...] Em novembro de 1909, o governo estadual eleva a taxa profissional para 4% e os recursos advindos são repassados bimestralmente para o então Instituto de Agronomia, cuja verba foi destinada à aquisição do terreno para sua implementação, bem como da contratação de professores. (FAC. AGRONOMIA, 2013).

Em 1910 o curso foi reestruturado recebendo a nova sede. O projeto do edifício sede, do engenheiro e professor Manoel Barbosa Assumpção Itaquí, era bastante ousado e original para a época.

O desenho aqui reproduzido (fig.11) é uma perspectiva externa representativa do projeto do Prédio do Instituto Agrônomo e Veterinário. O núcleo central possui três pavimentos e cada um dos espaços laterais é constituído por um amplo pátio coberto, em forma de arco, e um volume em dois pavimentos.

---

<sup>45</sup> A Chácara das Bananeiras era uma área localizada no atual Bairro Partenon, nas proximidades das Avenidas Coronel Aparício Borges e Bento Gonçalves, próxima a região dos quartéis e do Bairro São José, contudo, até o momento, não foi encontrada pela autora desta dissertação sua localização exata no mapa.



Fig. 11: Prédio do Instituto Agrônomico e Veterinário da Escola Livre de Engenharia

Com a construção da Sede do Instituto de Agronomia e Veterinária (fig. 12), no km 9 da Estrada do Mato Grosso, que ligava Porto Alegre a Viamão, atualmente na Avenida Bento Gonçalves, nº 7712<sup>46</sup>, foi então o Curso de Agronomia transferido para o Vale entre os Morros Santana e Morro da Companhia, fato este que deu origem ao nome do atual bairro da zona leste de Porto Alegre que posteriormente surgiria a seu redor: o Bairro Agronomia, criado pela lei municipal 4166 de 21 de setembro de 1976+(PORTO ALEGRE, 1976)

Ainda conforme o histórico da instituição,

com o término da construção do prédio central e de algumas instalações, reiniciou-se o curso, e a primeira turma graduou-se em 1914. Em homenagem ao seu maior benfeitor, em 1917 o instituto passou a denominar-se Instituto Borges de Medeiros.<sup>47</sup> [...] O curso de Agronomia e Veterinária era dedicado à formação de engenheiros-agrônomo e médicos-veterinários, mas também técnicos de nível médio em Agronomia e capatazes rurais. Além da formação profissional, o Instituto realizava pesquisa e prestava de serviços aos pecuaristas e agricultores gaúchos. (FAC. AGRONOMIA, 2013)

<sup>46</sup> Sendo este ainda o mesmo prédio histórico que existe no local, restaurado entre os anos de 2003 e 2004.

<sup>47</sup> Em 1931, a Escola de Engenharia foi denominada de Universidade Técnica e, em 1934, criou-se a Universidade de Porto Alegre, passando o Instituto Borges de Medeiros a fazer parte dela com o nome de Escola de Agronomia e Veterinária.



Fig. 12: Escola de Engenharia Agrônômica e Veterinária. Também denominado Instituto Borges de Medeiros. Estrada do Mato Grosso km 9. Ano de 1911.

O mapa a seguir (fig. 13), mostra o Vale entre os Morros Santana e Morro da Companhia, local onde se instalou a sede da Escola de Engenharia Agrônômica e Veterinária em 1910, que é hoje o ainda existente prédio histórico da Faculdade de Agronomia da UFRGS, no Vale hoje chamado da Agronomia.



Fig.13: Vale entre os Morros Santana e Morro da Companhia, onde se instalou a sede da Escola de Engenharia Agrônômica e Veterinária em 1910.

Em sua introdução ao livro de Carlos Moura Delphim, Meira (2009, p. 8), destaca que o autor, técnico do IPHAN, identificou raridades que passavam despercebidas, como o jardim filogenético (fig. 14) do que hoje se chama Câmpus da Agronomia.<sup>48</sup>

<sup>48</sup> O jardim referido foi executado quando da construção do prédio sede do Instituto Borges de Medeiros, a Escola de Engenharia Agrônômica e Veterinária, vinculada a escola livre de Engenharia, em terras que ainda, na época, não se denominava Câmpus Agronomia.



Fig. 14: Fonte do jardim como modelo filogenético, Escola de Agronomia .

Segundo entrevista de Carlos Moura Delphim, à Oliveira (2003. p.5) da Revista digital Vitruvius<sup>49</sup>, este era um jardim temático, com funções didáticas, criado exclusivamente para ensino da botânica taxonômica, embora comporte outros usos como o lazer contemplativo e a fruição estética. É um jardim de concepção formal datado do início do século XX. Ainda segundo Delphim, este jardim

uma interpretação espacial de um sistema científico, do qual só se sabia de um outro, construído nos anos 80 em Brasília, cópia de outro, em Hamburgo, Alemanha, o único do mundo até então, segundo informações do diretor do Jardim Botânico de Brasília que o erigiu. (OLIVEIRA, 2003. p.5.)

Um raro exemplar paisagístico que, não sem grande empenho, ainda se pretende recuperar para a cidade de Porto Alegre<sup>50</sup>.

Um conjunto de residências alinhadas em fita (fig. 15) na Estrada do Mato Grosso<sup>51</sup>, bem próximas ao prédio sede do Instituto Agrônomo e Veterinário da Escola Livre de Engenharia, também retratam a época da criação do prédio, pois, devido

a distância em que, na época, estava situada a Escola, exigia a permanência no local, devido a dificuldade dos deslocamentos. Hoje ali estão instalados laboratórios. (CARVALHAL, 1998. p.43)

Estas casas assim como o prédio sede, são bastante significativos enquanto marcos construídos desde 1910/ 13, que se incorporaram aquela paisagem da Estrada do Mato

<sup>49</sup> A entrevista com Carlos Fernando de Moura Delphim foi realizada em Porto Alegre RS em 29 de abril de 2002 por Ana Rosa de Oliveira e foi também parcialmente publicada pelo Jornal da Paisagem <www.jornaldapaisagem.com.br>. A entrevista consultada foi disponibilizada na revista digital Vitruvius no ano seguinte, em outubro de 2003.

<sup>50</sup> Sendo reconhecido como um monumento singular, documento da história dos jardins brasileiros, este jardim da UFRGS deverá ter seus valores preservados, estudados, restaurados e interpretados para o público, servindo novamente a atividades de ensino, de lazer e contemplação, de pesquisa e de uso científico. Por sua singularidade como categoria de jardim histórico e por seu valor de exceção, no Brasil e no mundo, deverá gozar também de proteção legal destacada do conjunto, tendo sido seu tombamento recomendado em caráter nacional pelo IPHAN. (DELPIM, 2009).

<sup>51</sup> Atual Av. Bento Gonçalves.

Grosso como ponto de referencia dos viajantes da época e até os dias de hoje, no bairro Agronomia, já incorporado ao perímetro urbano de Porto Alegre.



Fig. 15: Sede do Antigo Instituto Agrônomo Borges de Medeiros, na Estrada do Mato Grosso, (Atual Faculdade de Agronomia da UFRGS), com suas casas em fita que serviam de residência aos professores.

Outro importante curso, o de Química Industrial da escola Livre de Engenharia, o atual prédio do Anexo II da Reitoria, foi criado em 1920 para atender à crescente demanda interna de tecnologia, cuja absorção de fontes europeias havia sido bloqueada após a crise generalizada decorrente da I Guerra Mundial. Primeiramente este novo curso foi instalado no Instituto Eletro-Técnico, mas precisou transferir-se para um novo prédio sede, construído na atual rua Luiz Englert, em virtude da expansão de suas atividades. O projeto é de autoria desconhecida, e sua primeira fase de construção se deu entre 1922 e 1924. A inauguração oficial, só ocorreu em 8 de junho de 1926 estando presente na ocasião o Presidente Washington Luís.

O prédio da Seção de Meteorologia do Instituto Astronômico e Meteorológico, também vinculado a Escola de Engenharia, hoje sediando a Rádio da Universidade, segundo informações do Site da Secretaria do Patrimônio Histórico da UFRGS, página dos prédios históricos, foi construído entre 1920 e 1921, na atual rua Sarmento Leite, nº 426,<sup>52</sup> e foi projeto de Adolph Alfred Stern. O Instituto prestava os serviços

---

<sup>52</sup> Local onde ainda anteriormente existia um+velódromo+, pista para corridas de bicicleta, pois o ciclismo, prática trazida principalmente pelos imigrantes, foi um esporte muito em voga na cidade no início da século XX.

meteorológicos a partir de informações obtidas de estações distribuídas por todo o Estado<sup>53</sup>. (SPH-UFRGS, 2012)

Continuavam sendo construídos outros prédios universitários e a cidade de Porto Alegre crescendo. Relata-nos Monteiro (1995. p.108.) uma das ocasiões onde o poder público municipal manifesta seu reconhecimento à Escola de Engenharia pela formação dos técnicos necessários ao crescimento e a modernização da cidade.

Em 10 de agosto de 1927, Alberto Bins inaugura um trecho da avenida Bom Fim<sup>54</sup> homenageando a Escola de Engenharia de Porto Alegre, com a escolha da data. Esta escola, que desde a sua fundação seguia uma orientação positivista e havia fornecido quadros técnicos para o projeto de modernização da administração municipal e estadual do PRR, completava seus 31 anos de existência. Alberto Bins franqueia a avenida ao público com 22 mil metros quadrados já calçados em concreto armado, com 13 metros de largura, 1.260 de comprimento e 0,21 de elevação. Após o discurso do Vice-Intendente e do corte da faixa inaugural, as autoridades presentes seguem em desfile até a Escola de Engenharia, onde o Diretor oferece uma taça de champanhe à comitiva oficial.

Em 1931, já no governo Vargas, por meio do Decreto nº 19.851, de 11 de abril daquele mesmo ano, que instituiria um novo regime universitário no Brasil, a Escola de Engenharia e o seu complexo de Institutos e Laboratórios passaram a constituir a Universidade Técnica do Rio Grande do Sul. Sendo assim, pela primeira vez no Rio Grande do Sul usava-se a denominação "Universidade" para um estabelecimento de ensino.

### 4.3 A Faculdade Livre de Medicina

A Faculdade Livre de Medicina em Porto Alegre foi criada dia 25 de julho do ano de 1898, sendo o terceiro curso universitário livre na cidade.

Anteriormente, os médicos gaúchos do fim do século XIX também haviam se organizado para mostrar sua insatisfação com a política positivista da liberdade profissional vigente na época. Nesse sentido,

[...] buscando organizar os médicos e enfrentar, de certa forma, o estamento estadual, em 1889 é fundada a Sociedade Médico Cirúrgica Rio-Grandense e, [...] em 1892, os médicos de Porto Alegre, liderados por Rodrigo de Azambuja

---

<sup>53</sup> A partir de 1942, os serviços de meteorologia foram absorvidos pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, sendo a seção desativada. Em 1960, depois de reformado e adaptado, o prédio passou a abrigar os estúdios da Rádio da Universidade. Entre 2001 e 2002 foi totalmente restaurado.

<sup>54</sup> Atual Avenida Oswaldo Aranha.

Villanova, decidem organizar um grupo associativo, destinado a opor resistência à liberdade profissional, fundando, num salão da Santa Casa, a Sociedade Médica de Porto Alegre. (BOTTINI, 1948 p. 43-51)

De acordo com dados do Site da Sociedade Brasileira de História da Medicina (SBHM, 1997. códig. 31), outro movimento social importante ocorre em 1897, quando alguns médicos,

(...) tendo à frente Protásio Alves, Sebastião Leão e Dioclecio Pereira, fundam um Curso de Partos, sob a direção do primeiro, para formar parteiras, usando as dependências da Santa Casa. O objetivo expresso por estes médicos era o de diminuir o elevado número de mortes durante os partos. Protásio Alves tinha laços fraternos com os positivistas do governo estadual, sendo Diretor de Higiene; ele apresenta à Congregação da Escola de Farmácia a proposta de criar uma faculdade.

Desta forma, a criação da Faculdade de Medicina só se deu de fato quando da anexação da já existente Faculdade Livre de Farmácia, criada em setembro de 1895, ao Curso de Partos ministrado por médicos da Santa Casa de Porto Alegre. A fusão dos cursos se deu em de 25 de julho de 1898, data esta aceita como sendo a da criação da Faculdade Livre de Medicina em Porto Alegre. Esta Faculdade, apesar de ter sido instalada inicialmente em salas do prédio do Atheneu Riograndense, pela grande demanda que tinha, acabou se expandindo rapidamente e precisou aumentar sua área física. Passou então a ocupar em 1900 um prédio próprio adquirido na Rua da Alegria, atual General Vitorino. Em 1904 adquire o terreno aos fundos, na Travessa Dois de Fevereiro, antiga Rua da Cadeia e atual Salgado Filho, e constroi um pequeno prédio com seis salas (fig. 16), onde hoje funciona o Teatro do Departamento de Artes Dramáticas da UFRGS.



Fig. 16: Prédio da Travessa Dois de Fevereiro (atual Av. Salgado Filho), ocupado em 1904 pela Faculdade de Medicina.

Em 1900, a Faculdade tinha 163 alunos e adquire em 30.04.1900 o primeiro prédio próprio, à rua da Alegria (atual General Vitorino) número 54, funcionando aí até 1924 (depois funcionará aí o Instituto Oswaldo Cruz). [...] A Faculdade promove quermesses e consegue construir um novo edifício.<sup>55</sup> [...] Em 01.09.1900, pelo decreto 3758, é obtida a equiparação da Faculdade às oficiais do país, com o consequente reconhecimento dos diplomas de seus formados em toda a República. (RIGATTO, 1998).

Vinculado a Faculdade de Medicina, o Curso de Odontologia foi criado em 10 de outubro de 1898 e também teve seu funcionamento inicial numa sala do porão do antigo ~~Ateneu~~ ~~Ateneu rio-grandense~~, sendo também transferido para os outros prédios junto com a Faculdade de Medicina. Conforme registros existentes na Faculdade de Odontologia, o curso foi reconhecido pelo Governo Federal em 01 de setembro de 1900, quando foi jubilado o primeiro e único aluno da turma, Dr. Abílio Bernardino Fuão<sup>56</sup>.

Em 1910, Porto Alegre tinha cerca de 115 mil habitantes e, de acordo com informações veiculadas pelo site digital da Sociedade Brasileira de História da Medicina (SBHM),

[...] não havia médicos especialistas propriamente ditos, sendo que os médicos atendiam mais em casa do que nos consultórios; praticamente não havia exames laboratoriais. As cirurgias se limitavam à traumatologia e a casos urgentes. A maternidade era destinada às mães indigentes, a mortalidade infantil era grande; pneumonia, difteria e doenças infecciosas (como a tuberculose) eram causas frequentes de morte. (MOSCA, 2011)

Também segundo a página escrita por Mosca (2011) no site da SBHM, sobre a fundação da Faculdade Livre de Medicina em Porto Alegre

[...] o exame das Atas da Congregação da Faculdade de Medicina mostra que ela recebia, até então, verbas dos governos municipal, estadual e federal e também de intendências do interior; havia também verbas vindas de taxas de matrícula, de exames, de certificados, de transferências e de diplomas, bem como do gabinete de odontologia e de juro sobre investimentos bancários. Além disso, o Instituto Pasteur e o Instituto Oswaldo Cruz, anexos à faculdade, recebiam verbas dos governos estadual e municipal, de diversas intendências e de donativos, constituindo-se posteriormente como fontes de recursos; mas até 1910, a escola ainda não pagava diretamente salários aos professores.

---

<sup>55</sup> Podemos observar a localização exata destes prédios, um nos fundos do outro, mais adiante, no mapa da fig. 27.

<sup>56</sup> De acordo com o site oficial da Faculdade, o curso de Odontologia passou por ~~altos e baixos~~. Em razão do desinteresse pelo estudo oficial da Odontologia no Rio Grande do Sul, o curso foi fechado em 1922 e reaberto em 1932, decorrente de uma campanha junto ao Dr. Belizário Pena, Ministro da Educação do Governo Getúlio Vargas.

No caso os Instituto Pasteur e Oswaldo Cruz eram instituições locais que prestavam serviços a cidade e a Faculdade Livre de Medicina.

Se fazia urgente dar uma sede mais ampla e com laboratórios bem aparelhados à Faculdade de Medicina. Ainda de acordo com informações do site da SBHM (1997),

a discussão sobre a localização da sede da Faculdade aparece já quando de sua fundação, tendo uma pedra fundamental sido lançada em local próximo ao Instituto Parobé em 21.09.1911; mas em 02.07.1913 esta pedra será transportada para um local mais próximo ao atual Parque Farroupilha, no terreno onde se construirá o belo edifício ainda existente na atual rua Sarmento Leite.

As obras para o edifício sede foram iniciadas em 1913, na esquina das atuais Avenida Sarmento Leite com Luis Englert em terreno próximo do local onde existiu em Porto Alegre até 1910 o antigo *Circo das Touradas*<sup>57</sup>, (fig. 17 e 18) que se localizava onde é hoje o Parque Farroupilha junto a Avenida João Pessoa.



Fig. 17: Ao fundo o Circo de Touradas, em 1º plano o pavilhão do Velódromo<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup> Segundo os jornais da época, o afluxo de público todos os domingos era tão grande que parecia uma verdadeira "enchente". Nos intervalos ainda se apresentavam números circenses de todo tipo, com ginastas, mágicos e cantores. A partir de 1896 a arena foi também palco para apresentação de cinematógrafos em sessões noturnas. O cinema, por sinal, que ao chegar naquele ano caiu de imediato nas graças dos portoalegrenses, foi um dos responsáveis pelo rápido declínio das touradas, tanto que em torno de 1910 o Circo de Touradas haveria de ser desativado, enquanto que as salas de cinema se multiplicavam na cidade.

<sup>58</sup> O Velódromo ficava no local onde seriam posteriormente construídos e inaugurados, em 1921 o prédio que sedia atualmente a Radio da Universidade e em 1958 a Faculdade de Arquitetura.



Fig.18: A foto de autoria de Virgílio Calegari ilustra o que eram as tardes de domingo no Circo das Touradas numa Porto Alegre de 1904.

Há muitas histórias, inclusive cômicas, tendo como personagens alunos e professores da universidade, que fazem parte do patrimônio histórico imaterial da cidade de Porto Alegre.<sup>59</sup> Entre elas, conta a tradição que o terreno para o prédio sede da Faculdade de Medicina (fig. 19) foi doado pela Intendência Municipal logo após as preces feitas a São José por dona Adelaide, esposa do Dr. Sarmento Leite, professor da Faculdade de Medicina e Farmácia, que recebeu esta incumbência de seu marido em 1911+.



Fig. 19: Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

<sup>59</sup> Também no Livro *Anedotário da Rua da Praia* de Sá Junior, encontramos inúmeros casos de histórias engraçadas protagonizadas por professores e alunos da universidade em seus primórdios.

Segundo registros no Site da SPH-UFRGS (2013), página dos prédios históricos, o prédio da Faculdade Livre de Medicina foi um projeto arquitetônico de autoria de Theodor Wiederspahn, arquiteto teuto-brasileiro com atividade em Porto Alegre, autor de diversos dos prédios históricos importantes da cidade, porém as obras iniciadas em 1912 foram interrompidas logo após, em 1914. A construção deste edifício havia acabado por esgotar todos os recursos financeiros da Faculdade, sendo que as verbas externas (principalmente do governo estadual) escasseavam devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial e às dificuldades financeiras do País. Os trabalhos foram retomados somente em 1919, durando até 1924, porém com o projeto original muito modificado, sendo incluído um grande volume semicircular na esquina. Foram realizados acréscimos em 1937 na ala direita, que sofreu novas reformas em 1952, em 1955 a ala esquerda também foi aumentada para completar o edifício.

#### **4.4 A Faculdade Livre de Direito.**

A Faculdade Livre de Direito em Porto Alegre foi criada em 17 de fevereiro de 1900.

No que se refere ao ensino do Direito no Brasil, as primeiras faculdades de Direito no Brasil foram criadas a partir de 1828 e chamavam-se Academias de Direito, onde o próprio Direito era cultuado como Letras Jurídicas. A Academia de São Paulo instalou-se no Convento de São Francisco, na capital paulista, aos 28 de março de 1828 e a de Olinda, no Mosteiro de São Bento, aos 15 de maio de 1828+ (SILVA, 2000<sup>60</sup>).

Portanto, curiosamente, no Brasil, as primeiras Escolas superiores da área do Direito surgiram ligadas aos mosteiros, talvez por causa da ligação deste curso à filosofia, surgida com os gregos, mas estudada pela Igreja Católica desde o período medieval. Para Moreira (1960. p. 53), a criação dos cursos jurídicos em 1828, por iniciativa do Império, possibilitou tanto a constituição de uma burocracia qualificada para a gestão do Estado, como a sistematização da nova ideologia político-jurídica+, ideologia esta que estruturaria o pensamento Republicano.

Moreira (1960. p.54) ainda relata que novos cursos foram criados como "Faculdades Livres" (isto é, particulares) entre 1891 e 1925+. Entre eles está a Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre, que marcou o início dos cursos humanísticos no Rio Grande do Sul, tendo por função formar Bacharéis em Direito.

---

<sup>60</sup> Artigo Digital sem paginação.

### A Faculdade Livre de Direito foi criada

por iniciativa do jurista, político, jornalista e professor catedrático Carlos Thompson Flores, também o primeiro diretor da faculdade. Além de Carlos Thompson Flores, o jurista e professor catedrático Manuel André da Rocha também contribuiu muito para a fundação da instituição. O terreno onde hoje se localiza, na Avenida João Pessoa, no Centro Histórico da cidade, foi doado pelo intendente de Porto Alegre na época, o Engenheiro José Montaury. (MOREIRA, 1960. p.54)

Sobre sua solenidade de fundação do curso, ainda no prédio do Liceu / Atheneu Rio grandense, Santos (2000. p.10) relata:

A instalação solene da Faculdade ocorreu a 03 de maio de 1900, com a presença, entre outras autoridades, do Presidente do Estado, Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, e do patriarca Júlio Prates de Castilhos, um dos inspiradores de sua criação. Refletindo o pendor da cultura jurídica gaúcha para o direito público, sua aula inaugural, em 4 de maio, foi proferida pelo professor Plínio Casado, responsável pela disciplina de Direito Público e Constitucional.

Contudo segundo informações da página prédios históricos do SPH- UFRGS (2013), a respeito da Faculdade de Direito (fig. 20), para a inauguração de seu prédio sede ainda se teve que se aguardar 10 anos:

Para a construção do prédio, seus fundadores enfrentaram grandes obstáculos financeiros, a começar pela verba necessária para a indenização da empresa concessionária do parque de diversões existente no terreno doado pela Intendência Municipal para esse fim. Doações e recursos obtidos com quermesses permitiram a execução das obras e, no dia 15 de julho de 1910 foi inaugurada, com um pomposo baile, a "Casa do Velho André", assim denominada em homenagem ao seu diretor, o Desembargador Manoel André da Rocha. [...]. Transfere-se, ainda em 1910, para a atual construção neoclássica na Avenida João Pessoa, réplica do "Palais du Rhin", em Estrasburgo.



Fig. 20: Prédio sede da Faculdade de Direito de Porto Alegre (1910), mais ao fundo o antigo colégio Júlio de Castilhos (1900), da Escola de Engenharia.

Os Bacharéis que ali se graduavam ajudaram a pensar, discutir e estruturar as ideias da recém implantada República do Brasil, formando também, entre eles, importantes políticos e homens públicos do Estado e do Brasil. Relata Santos (2000.p.11), que entre os alunos da Faculdade de Direito, ao longo de sua história, podem ser citados muitos brasileiros ilustres. Por seus bancos escolares passaram ilustres homens públicos nacionais, entre os quais Getúlio Vargas (fig.21), Joaquim Maurício Cardoso, João Neves da Fontoura, João Goulart, Francisco Brochado da Rocha e Alberto Pasqualini.+



Fig. 21: Foto da formatura de Getúlio Vargas em 1907.

O futuro Presidente do Brasil, Getúlio Dorneles Vargas, matriculou-se, em 1904, na Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre e bacharelou-se em direito em 1907, segundo dados da instituição. O também futuro Presidente João Goulart graduou-se em 1939. A Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre era bem cotada quanto ao ensino superior no Brasil. Há exatos cem anos, em 1913, o Paraninfo de uma de suas turmas

de formandos era o jurista e jornalista nascido em Salvador, Ruy Barbosa, conforme o que consta da fotografia no quadro dos formandos (fig. 22) daquele ano.



Fig. 22: Ruy Barbosa Paranympio da turma de Direito em 1913.

Figuras relevantes de todas as áreas circularam pela faculdade de Direito ao longo de sua história, não só como alunos e professores. Curiosamente, também o famoso compositor porto alegreense, [Lupicínio Rodrigues é também lembrado como um dos personagens folclóricos da história da Faculdade; bedel (servente) tal qual fora seu pai, como funcionário não era propriamente um exemplo devido à boemia.<sup>61</sup> (JORNAL DA FACULDADE DE DIREITO, 2002). Todavia, quem sabe, talvez se possa especular que, o ambiente filosófico e de questionamento da Faculdade de Direito e o convívio com os jovens acadêmicos, talvez tenha influenciado as idéias e as tão apreciadas letras deste grande artista e filósofo popular do povo porto alegreense, autor da canção *Estes moços*, entre inúmeras outras.<sup>62</sup>

Já no que se refere ao ensino acadêmico, a Faculdade de Direito também deu origem a outros cursos. Inicialmente vinculada a Faculdade de Direito<sup>63</sup>, a atual Faculdade de Ciências Econômicas, criada em 1909, como Escola de Comércio, é também uma instituição centenária que oferecia, inicialmente, dois cursos: um Curso Geral, de nível médio, de três anos, e um Curso Superior, de dois anos. Em 1916, a Escola de Comércio foi declarada instituição de utilidade pública pelo município.

<sup>61</sup> Conforme o artigo *Bill conta destaques da história da Faculdade* do Jornal da Faculdade de Direito da UFRGS, Porto Alegre, edição de dezembro de 2002.

<sup>62</sup> Em 2014, completa cem anos que o compositor gaúcho Lupicínio Rodrigues nasceu em Porto Alegre na Ilhota, bairro habitado basicamente por negros e mulatos descendentes de escravos, região que vivia sendo inundada pelo arroio Dilúvio. A denominação de *Ilhota* é dado porque naquela época o arroio fazia muitos meandros (antes de ser lido um traçado reto pela construção da Av. Ipiranga). A localidade era quase uma ilha, formada pelo arroio dentro da cidade. Após sua canalização, a antiga *Ilhota* foi incorporada ao bairro Cidade Baixa.

<sup>63</sup> Onde permaneceu até 1945.

## 4.5 A Escola Livre de Belas Artes

Nascida em 22 de abril de 1908, a Escola Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul, foi outro curso Livre existente na cidade de Porto Alegre do início do século XX.

De acordo com pesquisa de Simon (2006), a Escola foi criada por iniciativa do Presidente do Estado, Carlos Barbosa, através de seu instrumento fundador e primeiro Presidente, o médico Olinto de Oliveira, e com o apoio de 65 Comissões Regionais do Rio Grande do Sul, sendo regido por uma Comissão Central. Segundo o autor este foi um passo importante num "projeto civilizatório destinado à conquista da autonomia no campo simbólico estadual", numa época em que "Porto Alegre reforçava a sua posição de liderança regional" e acabava assim com parte das deficiências culturais sentidas durante o Império, num verdadeiro projeto compensatório civilizatório regional republicano". (SIMON, 2006. p.77-79) Segundo o mesmo autor, este projeto envolveu a criação de outras instituições de ensino superior no estado, espelhando movimento semelhante em outras partes do país. Apesar deste projeto invocar o apoio de toda comunidade gaúcha, pouco foi conseguido de início e os recursos humanos e materiais permaneceram escassos+ (SIMON, 2006,p. 134)

Ainda de acordo com os estudos de Simon (2006), em julho de 1909 este Instituto criou o seu Conservatório de Música e em 10 de fevereiro de 1910 foi a vez da criação da Escola de Artes+. No início instalou-se a Escola de Belas Artes, num prédio alugado em 1909 (fig. 23), na Rua Senhor dos Passos, nº248, prédio este que foi adquirido em 1913 e teve a sala destinada ao atelier acrescida num último piso em 1914<sup>64</sup>. No mesmo local encontra-se hoje o Prédio novo do Instituto de Artes. Ainda para Simon (2006) em 1915 a dotação orçamentária foi aumentada por Borges de Medeiros, possibilitando uma melhoria nas condições gerais de funcionamento da instituição+. Conta-nos o mesmo autor que apesar de uma variedade de disciplinas estar prevista desde o início, só paulatinamente pôde-se introduzi-las na prática. Iniciou-se com o curso de Desenho (Desenho Geométrico, Perspectiva e Sombras e Desenho de Anatomia Artística), remetendo a professores independentes as disciplinas de Desenho Figurado. Depois instituiu as demais cadeiras, como Modelo Vivo em 1918, e Pintura em 1926.

---

<sup>64</sup> O prédio é demolido em 1941 para dar lugar ao atual prédio do Instituto de Artes da UFRGS no mesmo endereço. Posteriormente a criação da Universidade de Porto Alegre, Instituto de Artes passou por vários períodos em que foi desanexado+ da mesma, em determinados períodos por falta de regularização profissional e em outros até pela necessidade de liberdade de expressão, que lhe é negado, por exemplo, no período militar.



Fig. 23: Prédio da Escola livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul, já com o atelier da escola de artes construído na sua parte superior (após 1914), antes de ser demolido em 1941 para dar lugar ao prédio atual que sedia o Instituto de Artes da UFRGS.

#### 4.6 A cidade e o conjunto de prédios das Universidades Livres.

A Universidade, ainda desde seus primeiros cursos livres, ocupou vários locais na cidade sendo que a princípio se concentrou na Península.

Na planta de Porto Alegre datada de 1906<sup>65</sup>, desenhada por A. A. Trebbi (fig. 24), o prédio do *Atheneu Rio-grandense* (fig. 25) aparece em destaque como uma das principais edificações da cidade. Tendo sido justamente neste prédio que se instalaram os primeiros cursos Universitários Livres de Porto Alegre. Ele é o quarto prédio embaixo, da esquerda para direita. De acordo com Nunes (2013. p.24), além da Escola Livre de Farmácia também os outros cursos existentes em Porto Alegre naquele fim do século XIX, Direito, Engenharia e Medicina, funcionaram pelo menos por algum tempo em seu princípio, neste mesmo prédio na esquina da Rua Duque de Caxias e Bragança (atual Rua Marechal Floriano). O mesmo edifício já teve outras denominações,

[...] anteriormente havia sido o *Liceu Dom Afonso* e a *Escola Normal*. As salas foram cedidas pelo governo, juntamente com os objetos dos laboratórios de Química e Física existentes no local e do material do curso de História Natural. (NUNES, 2013, p.24)

<sup>65</sup> Nesta Planta foram circuladas em vermelho as fachadas da Escola Livre de Engenharia (citada neste trabalho anteriormente) e a fachada do prédio do Atheneu Riograndense.

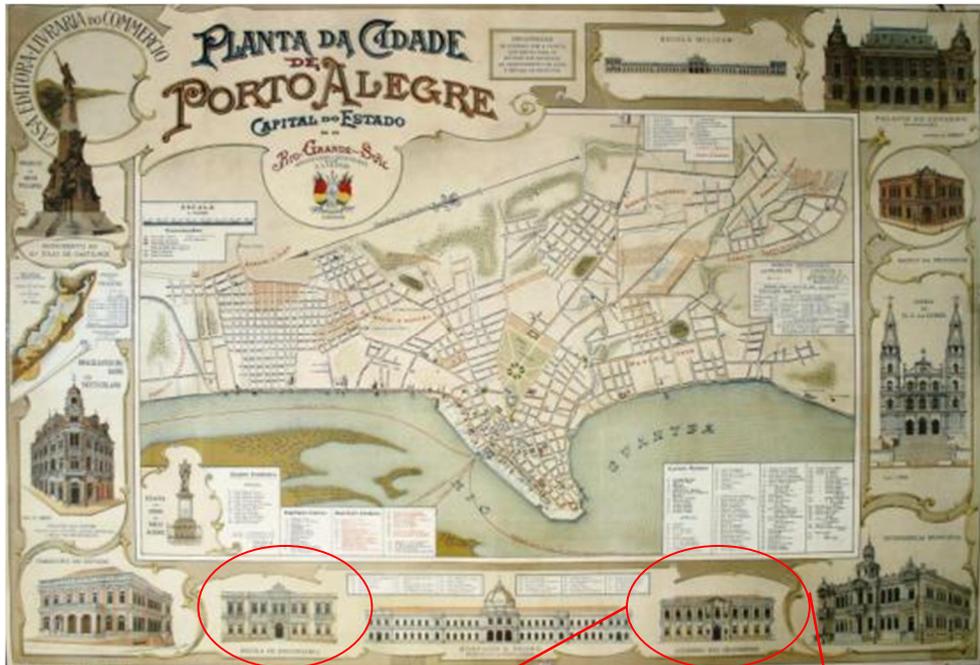


Fig. 24: Mapa de Porto Alegre de 1906.

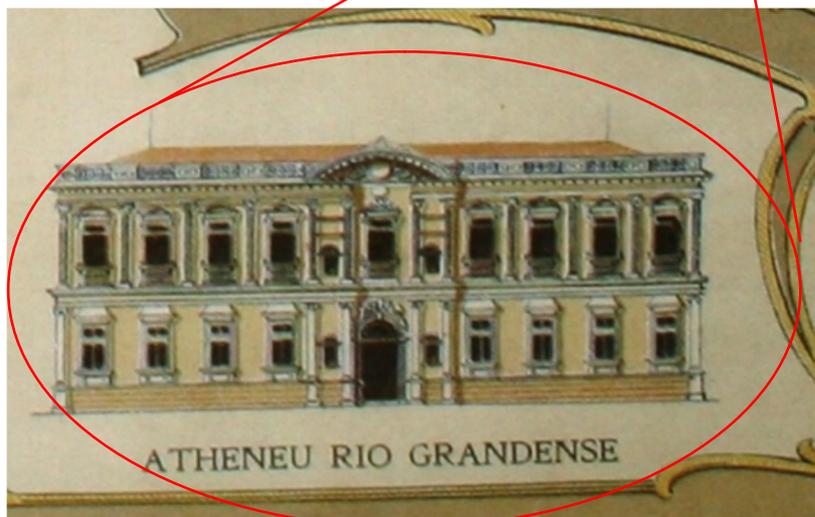


Fig. 25: Detalhe do Mapa de Porto Alegre de 1906, onde consta o Atheneu.

Segundo Macedo (1993, p. 64), a construção (fig. 26), foi um casarão mandado erigir por D. Pedro II quando de sua visita a Porto Alegre em 1846, para sediar os cursos secundários da cidade, mas que em pouco tempo não comportava mais em sua área física tal função.

O prédio do Atheneu, após ser desocupado totalmente pelos cursos universitários livres passou a ter outras funções, até o momento em que foi destruído por um incêndio na década de 1950<sup>66</sup>.

<sup>66</sup> Hoje no mesmo local está situado o prédio do Colégio Seigné.



Figura 26: Prédio do Ateneu Rio-grandense.

Como já foi visto anteriormente, na história de cada um dos primeiros cursos Universitários Livres, vários pequenos prédios alugados ou mesmo comprados ainda na área da península, no Centro Histórico de Porto Alegre, serviram temporariamente de sede para os Cursos Universitários Livres entre o final do século XIX e o início do século XX. No mapa a seguir, (fig. 27), observamos demarcada a localização de alguns deles.



Fig. 27: Localização de alguns dos prédios que sediaram os Cursos Universitários Livres no Centro histórico de Porto Alegre.

Os cursos Universitários livres de Porto Alegre precisavam de um lugar para se expandir e, como veremos posteriormente, assim ocorreu.

#### 4.6.1 O Terreno destinado as novas sedes e sua implantação.

O Antigo Potreiro da Várzea, ou a Várzea do Portão, ou ainda Campo da Redenção, era a área onde atualmente fica o Câmpus Centro da UFRGS e o Parque Farroupilha.

No final do século XIX, pouco antes da criação dos primeiros cursos universitários Livres em Porto Alegre, a Várzea se localizava fora dos limites da cidade, porém próximo à antiga Praça do Portão (atual Praça Conde de Porto Alegre).

Naquele tempo, também pela existência de fortificações de 1778 a 1945, a expansão da cidade (fig.28)

estava limitada pela área da Várzea do Portão uma região baixa e alagadiça que se situava a sudeste da cidade e era utilizada pelos moradores para descanso de gado, de carreteiros e para recolhimento de lenha. Em 1807, o Governador da Capitania Paulo José da Silva Gama doou as Várzeas do Portão e a Várzea do Gravataí para a Câmara de São Pedro. (MARTINS, 2008. p. 157).



Fig. 28: Mapa atual mostrando a proximidade do Câmpus Centro com a antiga Praça do Portão.

De acordo com Souza (2010. p.234), uma cláusula do contrato estabelecia que o terreno não poderia ser alienado sem expressa autorização de sua Alteza Real, Dom João VI. Com aquela doação, as várzeas tornaram-se oficialmente logradouros públicos,

para serem utilizados pela população, ficando proibido o seu loteamento. Entretanto este ato do Governador gerou controvérsias, em especial entre os moradores do local, que não possuíam títulos de propriedade. A questão acabou gerando um processo judicial, que só foi concluído em 1901, quase cem anos depois. (MARTINS, 2008. p. 157).

A respeito do uso a ser dado para a área houveram muitas divergências e negociações ao longo destes quase cem anos, tanto por parte da população como da Câmara e do Presidente da Província, até mesmo o Imperador deu seu parecer a respeito do uso desta área:

em 1826, pela provisão de 14 de outubro, o Imperador Pedro I reiterava a condição de logradouro público da Várzea, área que também destinava aos exercícios militares, uma vez que o país encontrava-se em conflito devido à Guerra da Cisplatina. Com essa provisão, o imperador frustrou uma tentativa da Câmara de parcelar e distribuir em terrenos foreiros a área da Várzea. (MARTINS 2008, p. 158).

Entretanto, outras tentativas de loteá-la seriam feitas ao longo do período, como se percebe na sessão de 16 de junho de 1830<sup>67</sup>, quando os vereadores autorizaram a medição e numeração de todas as quadras da Várzea.

A Várzea do Portão voltaria à pauta de discussões da Câmara Municipal,

[...] quando em 20 de junho de 1833 o vereador Francisco Pinto de Souza apresentou proposição aos vereadores que foi aprovada e enviada ao Conselho Geral da Província. Pelo texto, o vereador sugeria a criação de um jardim botânico na Várzea, uma vez que %havendo-se estabelecido Jardins Botânicos em quase todas capitais das Províncias do Império, [...] não só para instrução, como para recreio público, mas também outros fins, que são de reconhecida utilidade+. Argumentava ainda que não havendo na cidade um jardim, acreditava que o campo da Várzea era o local adequado para tal empreendimento, pedindo que se reservasse a área próxima ao Portão e ao Hospital de Caridade, pois esta era uma área plana e abrigada dos ventos, além de perto da cidade. Entre outros argumentos relacionava que a cidade já era %grande e populosa+ e faltavam diversões e entretenimento para a população. (MARTINS 2008, p. 159).

Esta discussão em torno do uso da Várzea estendeu-se ainda por toda a segunda metade do século XIX, tendo, invariavelmente posições contrárias e favoráveis ao loteamento. Conta-nos Souza (2010. p. 235) que o Intendente José Montauray,

avaliando o problema que essa área representava para a cidade, pensou em lotear parte do parque para custear as despesas da reforma dele. Apesar da concordância do Conselho Municipal, os terrenos que foram a hasta pública não tiveram licitantes, dado seu alto preço. Mas em 1901, o intendente modificou a forma de venda, e os terrenos dos quarteirões formados entre as avenidas Venancio Aires e José Bonifácio, subtraídos do Campo, foram oferecidos a venda, em quatro prestações anuais, com juros de 7% ao ano.

---

<sup>67</sup> Constante no Livros de Atas da Câmara Municipal de Porto Alegre. Manuscrito. (PORTO ALEGRE, %766-1850+. Ano 1830. Seção 1.1.1.9. p. 260 AHMV).

Também, relata Martins (2008, p. 161) que José Montaury <sup>68</sup>autorizou a utilização parcial do terreno. Assim as

[...] áreas do lado norte e sul acabaram por ser destinadas a construções de edifícios, como a Escola Militar (1872), a Escola de Engenharia (1901), o Ginásio Julio de Castilhos e demais prédios do atual Campus Central da UFRGS, além de serem repartidos e colocados à venda os quarteirões subjacentes à Escola Militar (1897/1913) pelo intendente municipal José Montaury.

Sobre essas questões, Franco (1988, p.163) coloca em sua obra que essas desavenças entre autoridades municipais e provinciais em relação à Várzea, talvez haja contribuído para a sua integridade como logradouro público.

José Montaury, que governou a capital gaúcha por 27 anos tendo assumido o cargo em 1897 e deixado suas funções somente em 1924, ao autorizar a utilização parcial desta área pelos cursos universitários livres, incentivou o saneamento da Várzea e a construção no local de prédios com qualidade arquitetônica. Além disso a área em questão, com os novos usos, se tornariam um foco de atração e desenvolvimento da cidade e determinaria daí em diante um maior e mais rápido crescimento para além da região antes englobada pelas antigas muralhas da cidade.<sup>69</sup>

Outra parte deste mesmo terreno<sup>70</sup> continuou de propriedade Municipal e veio a dar origem ao Parque da Redenção, em alusão à abolição da escravatura, datada no Brasil de 13 de maio de 1888.<sup>71</sup> Somente em 1935, com os festejos do Centenário da Revolução Farroupilha, o Parque passou a denominar-se Parque Farroupilha denominação que tem até os dias atuais.

Conforme observamos, o conjunto de edificações construídas para sediar os primeiros cursos universitários em Porto Alegre no terreno do antigo Campo da Várzea<sup>72</sup>, doado para este fim pela Intendência Municipal ainda no século XIX,

<sup>68</sup> Até o momento, não foi possível identificar qual a data precisa nem o Ato Legal em que Montaury autorizou a utilização parcial desta área.

<sup>69</sup> Estas mesmas muralhas, como se sabe, geralmente são citadas em alguma literatura a respeito da Porto Alegre colonial ou narrativas sobre a Revolução Farroupilha (1835) e também representadas no mapa de 1939, mas por pesquisas atuais, inclusive na área da arqueologia, sabe-se que não passaram de paliçadas de madeira cercadas por fosso ou trincheiras.

<sup>70</sup> Também chamado por alguns de Campo do Bom Fim, por causa da construção da capela do Nosso Senhor do Bom fim, erigida em 1867, na avenida de mesmo nome que margeava o parque. (Atual Avenida Osvaldo Aranha.)

<sup>71</sup> O Parque da Redenção sediou a Exposição de 1935 em comemoração aos 100 anos da Revolução Farroupilha. Esta Exposição foi uma grande Feira Internacional, onde cada estado brasileiro tinha um pavilhão que mostrava um pouco da sua história, costumes e seus produtos. Este tipo de evento, na época estava em voga no mundo todo e sediá-la demonstrava a modernidade e progresso desejados pela cidade. Vale lembrar também que os quarteirões Universitários, hoje denominados Campus centro da UFRGS, sempre tiveram com pano de fundo indissociável e fazendo parte da sua história o Parque, paisagem esta que serve de referencial ao cidadão da cidade de Porto Alegre em diferentes épocas e que no passado fizeram parte do mesmo terreno.

<sup>72</sup> Posteriormente denominado Campo da Redenção e Parque Farroupilha.

paulatinamente foram constituindo o que poderíamos identificar como sendo um Câmpus universitário (fig. 29), e que talvez, devido a data de construção de seus prédios, seja um dos primeiros em nosso país.

Inclusive segundo afirmativa de Carvalho (1998. p. 14), o agrupamento destes prédios dos Cursos Universitários Livres, ainda no início do século XX, que formam o atual Câmpus central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, situado em área nobre na malha urbana de Porto Alegre, é o primeiro campus universitário construído no Brasil.



Fig. 29: Localização dos Prédios Sedes dos diversos cursos das Universidades Livres de Porto Alegre que vieram a dar origem ao Câmpus Centro da UFRGS.

Segundo os pareceres de Carlos Fernando de Moura Delphim (2009. p 100) sobre bens patrimoniais do Rio Grande do Sul, técnico do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), este conjunto de edificações do fim do século XIX, destinadas aos Cursos Universitários Livres, compõe uma primeira fase dos prédios que mais tarde representarão a materialidade da Universidade na cidade, fase essa que:

[...] durou de 1898 a 1928, apresenta exemplos das tendências mais comuns na transição do século XIX para o século XX, como o neoclássico, Jugendstil e o ecletismo. Inclui os seguintes prédios: Escola de Engenharia velha, Faculdade de Direito, Antiga escola de medicina, Observatório Astronômico, Château, Castelinho,

Instituto Eletrotécnico, Antigo Instituto de Química, Instituto Parobé, Curtumes e Tanantes e Rádio da Universidade.

Estes prédios em seus diferentes estilos, já representavam na cidade um tipo de modernidade, seguindo tendências arquitetônicas européias e destacando-se por sua monumentalidade, já marcavam a paisagem urbana por algum diferencial seja ele formal, de inovação, técnica ou qualidade espacial. Percebe-se que, a princípio, a configuração urbanística dada aos prédios dos Cursos Universitários Livres, próximos ao Centro da cidade, enquadra-se no padrão tradicional de cidade, com ruas e quadras.<sup>73</sup> Na sua apresentação ao livro de Delphim (2009), Ana Meira (2009, p.8) destaca que o autor:

[...] notou que, em sua origem, a UFRGS<sup>74</sup> fora objeto de concepções paisagísticas elaboradas, em que se destacava a relação dos edifícios com o seu entorno. No Campus Central, percebeu o exercício do que hoje chamaríamos de desenho urbano, finamente consubstanciado no conjunto do Chateau e do Castelinho, no entorno do Observatório Astronômico. O conjunto aberto em leque apontava para a Praça Argentina, revelando a qualidade de um projeto que buscava se abrir à cidade.

Alterações formais na Praça Argentina, na década de 1940, alteraram sua relação com a cidade e com o Largo Paganini (fig. 30 e 31). O próprio Delphim (2009, p.99), afirma a respeito da qualidade dos projetos de implantação física dos prédios que sediaram os cursos universitários livres em seus primórdios, no mesmo livro:

dentro do Campus persistem ainda fragmentos de um agenciamento paisagístico de época, vestígios de alta importância que devem ser preservados e, quando possível, restaurados e valorizados. É o caso do espaço existente no entorno do Observatório, Chateau e Castelinho, denominado largo Paganini, o qual testemunha uma perfeita relação entre o espaço construído e o vazio circundante, devendo ser recuperado em sua qualidade de jardim histórico. Parece que os vazios foram planejados com tanto esmero quanto os cheios. Em sua origem, a UFRGS foi objeto de concepção altamente elaborada, com refinamentos tão sofisticados como o prédio, o roseiral e o modelo filogenético do Campus da Agronomia. Semelhante requinte deve ter sido certamente concedido ao Campus de Porto Alegre."

---

<sup>73</sup> O que, como se verá, não ocorrerá posteriormente no Câmpus da Saúde, com sua implantação modernista, buscando uma melhor orientação solar para os prédios entre outras premissas.

<sup>74</sup> Aspas nossas, tendo em vista que na época citada pelo autor estes prédios ainda não constituíam a UFRGS nem o Câmpus Central, sendo ainda Cursos Universitários Livres.



**Fig. 30:** Vista do conjunto de prédios da UFRGS e sua relação com canteiro em triângulo da Praça Argentina, dialogando com a cidade. (foto de 1928).



**Fig. 31:** O Largo Paganini. Conjunto aberto em leque do castelinho, chateau e ao centro o observatório astronômico se abria para a Praça Argentina. (foto de 2013).

Esta reconhecida qualidade urbanística e arquitetônica pode ser considerada, portanto, como uma das características iniciais da relação dos prédios dos primeiros cursos superiores com a cidade de Porto Alegre.

#### **4.6.2 O Plano Geral de Melhoramentos de 1914.**

Foi também no início do século XX que foi elaborado o "Plano Geral de Melhoramentos", uma tentativa da cidade de organizar seu crescimento, tendo sido encomendado pelo Engenheiro José Montauray de Aguiar Leitão, o mesmo que cedeu a utilização dos campos da Várzea aos cursos Livres, na época ainda intendente de Porto Alegre.

Este plano teve a autoria do arquiteto João Moreira Maciel, foi datado de 26 de agosto de 1914 e baseava-se em princípios orientadores bem definidos conforme comprovam os estudos de Souza (2010). Este plano estabelecia a necessidade de criação de vias de acesso suficientemente amplas que desafogassem o tráfego do Centro para a periferia e vice-versa. Assim, foram projetadas as avenidas Júlio de Castilhos, Otávio Rocha e Borges de Medeiros (na altura da Rua Coronel Genuíno) e a primeira ponte sobre o Arroio Dilúvio, entre outras melhorias. De acordo com Souza (2010.p.17), muitas das idéias de Maciel influenciaram os planos elaborados posteriormente e, a maioria delas, mesmo que às vezes revistas, acabaram sendo executadas, pois

o Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre, de 1914, orientou a marcha da modernização da cidade, propondo, pela primeira vez de forma organizada e abrangente, os melhoramentos gerais e deixando traços na sua estrutura urbana, que traduzem, hoje, a própria identidade de Porto Alegre.

Este Plano não faz referências específicas a projetos para a área ocupada pelos Cursos Universitários Livres, porém, nele já se pode observar o primeiro quarteirão<sup>75</sup> Universitário (fig. 32), inclusive com a configuração atual e, em destaque, os prédios existentes, sedes destes cursos, como a Faculdade Livre de Engenharia e seus primeiros anexos, como o Chateau, o Castelinho, o Colégio Júlio de Castilhos e o Instituto Eletrotécnico, a Faculdade de Direito e a Faculdade de Medicina (esta ainda em construção e fazendo parte do então %Campo da Redenção+, sem a demarcação das atuais Ruas Luis Englert e Paulo Gama).

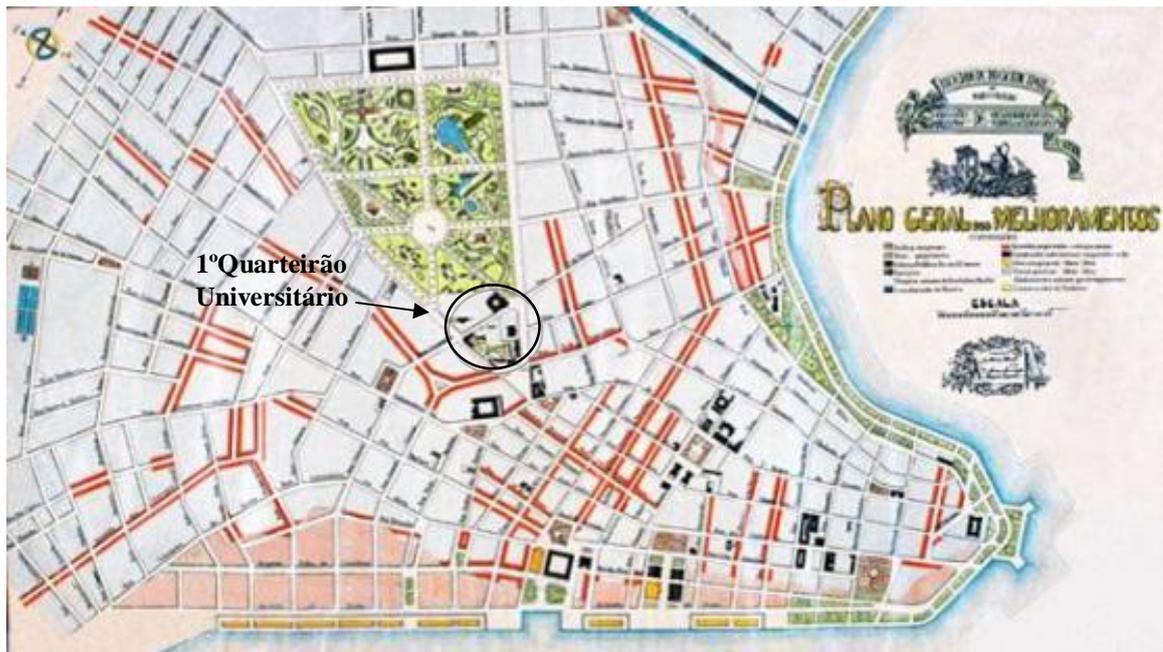


Fig. 32: Plano Geral de Melhoramentos para Porto Alegre. Data: 1914

É importante lembrar ao se concluir este item sobre os Cursos Universitários Livres da cidade que, no momento de sua fundação, no final do século XIX, os mesmos estabeleceram-se no prédio do %Atheneu Rio-Grandense+, e posteriormente, de forma temporária, em alguns outros pequenos prédios na área da península.

Os primeiros cursos universitários livres de Porto Alegre localizaram-se no centro histórico da cidade, não muito distante da Praça da Matriz<sup>76</sup>, onde coexistiam na época os poderes legislativo, executivo, judiciário e religioso municipais. No momento em que passaram a ter prédios próprios, instalaram-se junto à Várzea, depois chamada campo da Redenção, próximos a antiga Praça do Portão, em um local que ficava fora das antigas %murallas da cidade+, porém quase encostados onde elas se situavam e também próximos a Santa Casa de Misericórdia.

<sup>75</sup> Marcação nossa no mapa.

<sup>76</sup> Em 11 de dezembro de 1889, um decreto municipal alterou o nome do logradouro para Praça Marechal Deodoro, que conserva até os dias de hoje.

Desde a construção de seu primeiro prédio entre 1898 e 1900, o da Escola Livre de Engenharia, certamente a Universidade promoveu grandes mudanças nesta região de Porto Alegre. Além de aumentar a malha urbana, com edificações de qualidade, fora dos limites da antiga muralha, criou um novo pólo de atração cultural que trouxe consigo o saneamento e um melhor traçado viário para o entorno da antiga Várzea.

Poder-se-á, portanto, aventar que os primeiros prédios sedes dos Cursos Universitários livres teriam sido uma das primeiras expansões, com qualidade arquitetônica e urbanística, da malha urbana da cidade de Porto Alegre.



## **5 A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE PORTO ALEGRE (UPA) EM 1934.**

O ato governamental que oficializou a criação da Universidade de Porto Alegre foi assinado em 28 de novembro de 1934, numa época de grandes mudanças políticas no país, desejo de modernidade, competitividade na economia e surgimento de novos conceitos na educação.

Contudo, influenciada pelos movimentos europeus, a década anterior, de 1920, havia sido marcada pelo confronto de idéias entre correntes divergentes e culminou também com a conhecida crise econômica mundial de 1929. A crise repercutiu diretamente sobre as forças produtoras rurais que, no Brasil, perderam do governo os subsídios que garantiam a produção. A sociedade e as cidades brasileiras ansiavam por modernidade e melhorias na qualidade de vida, também a economia gaúcha buscava a industrialização para ser competitiva no Brasil e no Mundo.

Na política brasileira, instalava-se um governo Provisório, após a revolução de 1930, de caráter populista e nacionalista e que buscava a princípio, uma nova era com melhorias em todas as áreas para o Brasil. O Governo Provisório, sob o comando de Getúlio Vargas, foi marcado por uma série de instabilidades, principalmente para exigir uma nova Constituição para o país. Em 1932 eclode a Revolução Constitucionalista de São Paulo. Ainda durante este governo Provisório foi promulgada a Constituição de 1934, a segunda da República, que dispõe que a educação é direito de todos, devendo ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos.

A Revolução de 1930 foi o marco para a entrada do Brasil no mundo capitalista de produção. A acumulação de capital, obtido do período anterior denominado República Velha ou Política do Café com Leite<sup>77</sup>, permitiu com que o Brasil pudesse investir no mercado interno e na produção industrial. A nova realidade brasileira passou a exigir uma mão-de-obra especializada e para tal era preciso investir na educação. Para atender esta demanda, em 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública e, em 1931, o governo provisório sanciona decretos organizando o ensino secundário e as universidades brasileiras ainda inexistentes. Estes Decretos ficaram conhecidos como "Reforma Francisco Campos", sendo alguns deles:

---

<sup>77</sup> A República velha ou Política do Café com leite foi a alternância no poder de presidentes mineiros e paulistas. A Região Sudeste era privilegiada nos investimentos federais, principalmente os setores agrícola e pecuário. O café era o principal produto brasileiro de exportação.

- O Decreto 19.850, de 11 de abril de 1931, cria o Conselho Nacional de Educação e os Conselhos Estaduais de Educação (que só vão começar a funcionar em 1934).
- O Decreto 19.851, de 11 de abril de 1931, institui o Estatuto das Universidades Brasileiras que dispõe sobre a organização do ensino superior no Brasil e adota o regime universitário.

Estes, entre outros decretos federais de 1931, organizariam as instituições que em breve iriam ser oficialmente criadas no Brasil.

Em Porto Alegre, cada vez mais se utiliza novas tecnologias não só na construção civil, mas em todas as áreas do conhecimento. Em 1932, já durante a Era Vargas<sup>78</sup> foi inaugurado em Porto Alegre o Viaduto Otávio Rocha (fig. 33), cuja idéia original, mesmo que adaptada, remontava ao Plano de Moreira Maciel de 1914 que previu nas observações do seu relatório, a abertura de vias subterrâneas que poriam em comunicação as faces da colina<sup>+</sup> (MACIEL, 1927. p.15) e serviriam para ligar as zonas leste, sul e central de Porto Alegre.



Fig. 33: Abertura da Avenida Borges de Medeiros e construção do Viaduto Otávio Rocha. Fotografia da década de 1920.

Em 1927 foi então aprovado pela intendência Municipal o projeto para o viaduto dos engenheiros Manoel Barbosa Assumpção Itaqui e Duílio Bernardi, e no ano seguinte começaram as desapropriações necessárias. O Viaduto foi uma construção pioneira deste tipo na cidade, que permitiu também unir o porto à zona sul e que

---

<sup>78</sup> Era Vargas+ é o período da história do Brasil entre 1930 e 1945, quando o país estava sob a liderança de Getúlio Dornelles Vargas. A Era Vargas é composta por três fases sucessivas: o período do Governo Provisório (1930-1934), quando Vargas governou por decreto como Chefe do Governo Provisório, cargo instituído pela Revolução, enquanto se aguarda a adoção de uma nova constituição para o país, o período da constituição de 1934 quando, Vargas foi eleito pela assembléia constituinte como presidente, ao lado de um poder legislativo democraticamente eleito e o período do Estado Novo (1937-1945), que começa quando Vargas impõe uma nova constituição, em um golpe de Estado autoritário e dilui o congresso, assumindo poderes ditatoriais.

mudava consideravelmente o perfil urbano do centro da cidade que se modernizava a passos largos <sup>79</sup>.

Nesta mesma época de modernidade e novas tecnologias, as primeiras viagens aéreas com passageiros passavam a ser uma realidade. O jornal "Correio do Povo" em sua edição de 28 de junho de 1934 anunciava a passagem do Graf Zeppelin sobre Porto Alegre (fig. 34). Conforme a notícia, o Zeppelin passaria em Porto Alegre esta única vez, no dia 29 de junho de 1934, ~~ao~~ fazer um leve desvio da rota rumo a Buenos Aires, atendendo um pedido das autoridades gaúchas e da Sociedade Austríaca de Beneficência+ (CORREIO DO POVO, 1934). A população acompanhou maravilhada esta ~~mod~~ modernidade+ nunca vista nos céus da cidade.<sup>80</sup>



Fig. 34: Zeppelin sobre a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre em 1934.

A ~~mod~~ modernidade+ também se refletia no surgimento de novos conceitos urbanísticos. De acordo com artigo de Padão (2003 p.4), em 1935, no Rio de Janeiro, era introduzido o conceito de cidade universitária.

[...] os trabalhos visando a construção da Cidade Universitária da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, fruto da decisão do Governo Federal de reunir em um só lugar todas as instituições de nível superior componentes da Universidade do Brasil. Lá, inicia-se o processo de escolha da área a se implantar o novo *campus*. O primeiro local indicado foi aquele que já havia em 1929 sido apontado pelo Plano Agache. [...] Em 1936, Le Corbusier, em visita ao Brasil, esboça um projeto de Cidade universitária para a área da Quinta da Boa Vista, mas somente no fim dos

<sup>79</sup> O Viaduto Otávio Rocha foi uma obra conjugada com o aumento do trajeto da avenida, indo primeiro até a Praça Montevideu e depois com sua extensão até a Praia de Belas, em 1943.

<sup>80</sup> Viajar no Zeppelin era um luxo permitido na época para poucas pessoas. A passagem para a Alemanha era muito cara, algo equivalente a 10 mil Euros atuais (2011). O trecho doméstico entre o Rio e Recife também era caro, e poucos lugares eram disponíveis.

anos 40, o problema será dirimido, com a escolha do arquipélago do Fundão, que transformar-se-ia em uma grande ilha que sediará a Universidade do Brasil.

Portanto, foi neste contexto de grandes mudanças políticas no país, de busca por melhorias na qualidade de vida, modernidade, desejo de industrialização na busca por crescimento e competitividade econômica e de novos conceitos como o de Cidade Universitária surgindo, que em 1934, na capital gaúcha, criava-se oficialmente por meio de decreto a Universidade de Porto Alegre.

A Universidade de Porto Alegre foi criada efetivamente em 1934, em Decreto Estadual (fig. 35) assinado pelo Interventor Federal no Estado, General José Antonio Flores da Cunha, e visava, segundo seu próprio texto:

[...] dar uma organização uniforme e racional ao ensino superior no Estado, elevar o nível da cultura geral, estimular a investigação científica e concorrer eficientemente para aperfeiçoar a educação do indivíduo e da sociedade. (RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 5.758, de 1934).



Fig. 35: Decreto estadual 5.758 de 28 de novembro de 1934 que cria a Universidade de Porto Alegre.

(Ver transcrição integral de seu texto no anexo 1)

Este fato constituiu-se num acontecimento bastante importante na cidade de Porto Alegre, haja vista a farta notícia a este respeito nos jornais locais. (fig. 36)



Fig.36: Jornal *A Federação* de 29 de novembro de 1934 veiculando, em 1ª página, a notícia de criação da universidade de Porto Alegre.

A fotografia (fig. 37) publicada originalmente na capa do Jornal *A Federação* de 29/11/1934, mostra o interventor do estado, o General Flores da Cunha assinando o Ato da criação da UPA no Palácio do Governo. Também estavam presentes à cerimônia (na fig.37 da esquerda para a direita): Leonardo Macedônio (Direito), Eduardo Sarmiento Leite (Medicina), Fontoura (repórter do *Correio do Povo*), André da Rocha (Direito) e na extremidade direita, o secretário do Interior e Justiça, Presidente da Comissão organizadora da Universidade.



Fig. 37: Assinatura do Ato da Criação da Universidade de Porto Alegre (UPA) no Palácio do Governo.

De acordo com o texto do decreto Estadual-RS nº 5.758, de 1934, a UPA foi, inicialmente, constituída pela hoje *Faculdade de Medicina*, que englobava as Escolas de

Odontologia e Farmácia; pela *Faculdade de Direito*, com sua Escola de Comércio; pela *Escola de Engenharia*, com a Escola de Agronomia e Veterinária (ainda, na época, vinculados as Engenharias); pelo *Instituto de Belas Artes* e pela *Faculdade de Educação, Ciências e Letras* (na época ainda por serem criadas com tal denominação).

Com a criação da UPA [...] o Ginásio Julio de Castilhos desvinculou-se da Universidade e passou para a esfera do governo estadual, assim como o instituto Parobé. Da mesma forma, desmembrou-se da Engenharia o Instituto Borges de Medeiros, ficando diretamente integrado a UPA como Escola de Agronomia e Veterinária. (PESAVENTO, 2004 (b). p. 50)

O Desembargador Manoel André da Rocha, que foi professor catedrático e um dos fundadores da Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre foi, em 1934, nomeado primeiro reitor da Universidade de Porto Alegre. Por ocasião da fundação da Universidade de Porto Alegre, em 1934, a Reitoria da instituição localizou-se na Faculdade de Direito.

No discurso do General Flores da Cunha, quando da criação da UPA (ver transcrição na íntegra no Anexo 1), publicado no Correio do Povo de 29 de novembro de 1934, fica claro que estão definitivamente rechaçadas as idéias de cunho Positivista, que remontam a Constituição Estadual de 1891, do governo de Júlio de Castilhos, a qual proibia ~~os~~ privilégios de diplomas escolásticos ou acadêmicos, quaisquer que sejam, sendo livre território o exercício de todas as profissões+. Em um trecho deste discurso Flores da Cunha afirma:

[...] tendo tido uma formação cultural bem diferente daquela que hoje domina os espíritos do Rio Grande [...] quando digo cultural também quero me referir à orientação filosófica - devo confessar que era infenso ao ensino Universitário, mas [...] que não me envergonho de corrigir minhas idéias e de rectificá-las. Como ficar insensível e indiferente em face da doutrina que julgava pedantesco, desnecessário e anti-social o ensino universitário, diante da anarchia que tudo domina e avassala e da falta de uniformidade nos programmas do ensino superior? [...] A Universidade é uma necessidade no momento em que os campos de actividade mental estão divididos [...] mais por paixões dos homens e cegueira partidária do que mesmo pela obra do raciocínio.<sup>81</sup> (FLORES DA CUNHA, 1934).

A Universidade demonstra uma relação muito próxima com a cidade e passa a ter dela por diversas vezes o reconhecimento de seu valor pela formação dos necessários profissionais que promovem seu saneamento, planejam, modernizam e constroem a cidade. Isto pode ser visto, por exemplo, no fato de que

---

<sup>81</sup> Ortografia de acordo com o original.

em 1935, foi denominada de Rua Sarmento Leite a antiga Travessa 1º de Março como o prolongamento da Rua da Conceição até encontrar a Avenida Independência, em homenagem solicitada pelos doutorandos da Faculdade de Medicina ao Professor Doutor Eduardo Sarmento Leite da Fonseca, diretor da Faculdade de Medicina, falecido naquele ano. (Franco, 1992. p.)

Também no ano de 1935, ocorre em Porto Alegre uma importante Exposição nos moldes da fase moderna do ciclo das Grandes Exposições Universais. Eskinazi (2003. p. IX), ainda no resumo de sua pesquisa sobre tal exposição, traça um breve panorama do que foi este evento.

[...] o Governo do Estado promoveu a comemoração do "Centenário Farroupilha" através de uma grandiosa exposição [...] em Porto Alegre. Conciliando a arquitetura efêmera de seus pavilhões com alguns elementos permanentes do futuro Parque Farroupilha, construídos na mesma oportunidade, a Exposição do Centenário apresentou-se como o principal símbolo da modernidade possível e desejável para o Estado, em um período de profundas transformações para a sociedade brasileira. Amplamente apoiada em recursos tecnológicos, como a deslumbrante iluminação noturna dos espaços e pavilhões do evento, e conduzida por uma bem informada retórica "déco"<sup>82</sup>, a Exposição articulou um notável conjunto arquitetônico e urbanístico que sintetizou uma visão de modernidade comprometida com a tradição neoclássica, provocando um impacto visual sem precedentes sobre seus contemporâneos. [...]

Eram a arquitetura e o urbanismo ajudando a trazer um panorama de modernidade à cidade.

Ainda nesta mesma época, conta-nos Simon (2006. p 149), que em 1936 assume a direção executiva da Escola de Artes, Tasso Corrêa, que viria a imprimir uma linha de ação que se orientava pelos decretos que governavam o novo sistema universitário brasileiro criado pelo novo regime,

[...] evidenciando que o tempo dos amadores de arte havia terminado e que viera a competência dos profissionais da arte. [...] O idealismo e abnegação da antiga Comissão Central foram substituídos pelo profissionalismo e pelos gestos codificados em novos manuais do administrador da universidade getulhista. [...] Nesse espaço, qualquer expressão de autonomia do artista, não só era vista com desconfiança, mas também como um desafio ao poder político institucional.

---

<sup>82</sup> Movimento Art Déco: Movimento Arquitetônico que teve seu surgimento marcado pela Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais Modernas de 1925, na França. A partir daí, foi difundido no mundo inteiro, sendo extensamente adotado nos Estados Unidos. Contudo para muitos o Art Déco, ainda não apresentava rompimento considerável com a arquitetura pretérita. (Nota nossa).

Em janeiro de 1938 deveriam ocorrer as eleições presidenciais no Brasil, que determinariam o fim do Governo Provisório. Porém, em 10 de novembro de 1937, alegando a existência de um suposto plano comunista e aproveitando o momento de instabilidade política pelo qual passava o país, Getúlio Vargas deu um golpe de estado. Apesar da denominação de %Golpe+, por tratar-se de uma tomada de poder de forma não democrática, Vargas contou para isso com o apoio de grande parte da população, principalmente da classe média com medo do comunismo, e dos militares. Começava assim um período ditatorial no Brasil. %Estado Novo+ é o nome que se deu a este período em que Getúlio Vargas governou o Brasil que vai de 1937 a 1945.

Durante este período, ocorria a 2ª Guerra Mundial (1939-1945), que abalou a Europa e forçou o mundo a buscar novos mercados econômicos, situação esta propícia a industrialização do Brasil.

Após o golpe, Vargas fechou o Congresso Nacional e impôs uma nova constituição com várias características antidemocráticas. Pode-se dizer que governo de Vargas, durante o Estado Novo, apresentou pontos positivos e negativos para o país. Na área econômica, o país fez grandes avanços com a modernização industrial e investimentos e infra-estrutura. Os trabalhadores também foram beneficiados com leis trabalhistas, garantindo diversos direitos. Porém, no aspecto político, o Estado Novo foi um regime totalitário.

Em Porto Alegre, a Escola de Artes foi desvinculada da UPA em 1939, por falta de reconhecimento federal e de instalações adequadas<sup>83</sup>. Contudo, mesmo desvinculada da UPA, o reconhecimento dos cursos superiores de Música e de Artes Plásticas se deu em 1941, e em seguida iniciou-se uma campanha para construção de um novo prédio sede (fig.38), no mesmo terreno do então existente (fig. 23) a ser demolido, para tornar as instalações mais adequadas à instituição que crescia. De acordo com Simon (2006) %endo sido o valor arrecadado insuficiente, até mesmo professores hipotecaram os seus bens para garantir o empréstimo junto ao banco financiador+. A conclusão do novo edifício se deu em 1943.<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> Contudo, há de considerar-se a possibilidade de que a %expressão autônoma das idéias+, que faz parte da natureza deste curso, não fosse bem vista por um governo ditatorial como o de Getúlio Vargas. A forma atual da Escola de Artes junto à Universidade, já então UFRGS, se deu por decreto somente em 1962, ampliando-se o quadro docente e reorganizando os serviços administrativos. Em 1968 com a reforma universitária sua administração foi dividida em três Departamentos: Artes Cênicas, Artes Visuais e Música, o que permanece até o presente passando a denominar-se Instituto de Artes.

<sup>84</sup> Em 1957 surgiu o curso de Arte Dramática, vinculado à Faculdade de Filosofia, depois transformado em Centro de Arte Dramática, que corresponde ao atual Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes. que hoje ocupa um prédio na Rua General Vitorino,255,que já sediara a Fac. de Medicina, Farmácia e Odontologia no Centro Histórico da cidade.



Fig. 38: Prédio do atual Instituto de Artes, construído em 1943.

Em 4 de dezembro de 1945 o Governo Estadual reincorpora mais uma vez a Escola de Belas Artes à Universidade de Porto Alegre pelo Decreto Estadual de nº976. O Reitor Armando Câmara assume em dezembro de 1945 em meio à crise causada pelo Governo Estadual ao reincorporar a Escola de Belas Artes à Universidade por Decreto, sem audiência e pronunciamento prévio do Conselho Universitário como determinava o Estatuto da Universidade. É dada uma solução oficial do caso da Escola de Artes por parte da Universidade com sua nova desanexação, mantendo-se, contudo, na condição de estabelecimento oficial do Estado.

Enquanto isso, a Escola de Comércio, vinculada a Faculdade de Direito, já passara a integrar a Universidade de Porto Alegre em 1934. Em 11 de maio de 1945, foi criada a Faculdade de Economia e Administração, na mesma data também a Escola de Comércio foi desvinculada da Faculdade de Direito e passou a fazer parte desta nova Faculdade<sup>85</sup>.

A cidade de Porto Alegre, na década de 1940, com 272.232 habitantes segundo dados do censo de 1940 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), já era a 5ª maior Capital do país em termos de população e passava por uma fase crítica de crescimento em que se necessitava de desenvolvimento, no sentido mais amplo da palavra e para isso necessitava, para planejar e bem atender esta demanda, cada vez mais de novos profissionais bem preparados. Nesse sentido,

---

<sup>85</sup> A então Faculdade de Economia e Administração passou a oferecer os seguintes cursos superiores: Ciências Econômicas, Ciências Administrativas, Ciências Contábeis e Atuariais.

em 1944, o Instituto de Belas Artes implanta seu curso de arquitetura o que é imediatamente seguido pela Escola de Engenharia. Esta, em 1945, organiza um curso de engenheiros arquitetos [...], Porto Alegre vê conviverem, ao mesmo tempo, os dois modelos de escolas de arquitetura que tinham sido implantados no país. O modelo francês seguido pela Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro, onde o Arquiteto é formado pela Escola de Belas Artes, e o modelo paulista da Politécnica, que mais se aproximava do modelo germânico, onde a arquitetura é uma especialização da engenharia. (ALMEIDA, 1996. p.100)

Em 1947 é criado o curso de Urbanismo junto ao curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes. Em 1948, de acordo com Rovati e Padão (2002. p.24),

entre os dias 20 e 27 de novembro, realiza-se em Porto Alegre, o segundo Congresso Brasileiro de Arquitetos. No dia 3 de dezembro, o Governador Walter Jobim determina a fusão dos cursos de arquitetura existentes no Instituto de Belas Artes e na Escola de Engenharia e reincorpora o Instituto à Universidade (Lei 413).

A Faculdade de Arquitetura de Porto Alegre, passa então a ser resultado da fusão dos Cursos de Arquitetura que existiam separadamente e com enfoques distintos dentro do Instituto de Artes e da Faculdades de Engenharia. A Escola de Belas Artes após a desanexação ocorrida em 1945 pelo Reitor Armando Câmara, só em 1948 terá a sua reincorporação à Universidade do Rio Grande do Sul, mantendo a sua unidade didática e administrativa, mas apenas os cursos de nível superior como, por exemplo, o de Arquitetura criado em 1947 foram considerados universitários.

O curso de Urbanismo e o de Arquitetura passam a ocupar o prédio do Chateau<sup>86</sup>, junto a Faculdade de Engenharia em 1952, quando da instalação oficial da Faculdade de Arquitetura, pelo Reitor Alexandre Martins da Rosa,.

## **5.1 A Planificação da cidade das décadas de 1930/ 1940.**

No momento em que a universidade cria seus primeiros cursos de Arquitetura busca para mestres destes cursos pessoas já reconhecidas por seu planejamento na cidade. De acordo com Almeida (1996. p.100),

[...] é natural que os primeiros professores destes novos cursos fossem buscados nos engenheiros e arquitetos que atuavam na prática profissional e que tinham realizado a sua formação acadêmica em outros centros. O instituto de Belas Artes contrata de imediato para o curso de Urbanismo, Ubatuba de Faria, Edvaldo Paiva e Demétrio Ribeiro que já atuava como professor do curso

---

<sup>86</sup> A Sede própria do Curso de Arquitetura da UFRGS seria inaugurada somente em 1958.

de arquitetura. A Escola de Engenharia vai buscar o professor Steinof, austríaco [...] que trazia outras influências européias e americanas [...]

Contudo, ainda muito antes da criação da Faculdade de Arquitetura em Porto Alegre, o Município iniciara uma segunda tentativa de planificar a cidade, pois conforme Almeida (1996. p.99)

em meados da década de trinta e início da década de quarenta, ampliam-se as atividades de planejamento em Porto Alegre, já com a presença dos engenheiros Edvaldo Paiva e Ubatuba de Faria como técnicos dos quadros da Diretoria de Cadastro da Prefeitura de Porto Alegre. Em 1935 os engenheiros elaboram trabalho de levantamento da cidade e do estudo de sua história, concluindo pela necessidade de uma nova planificação. Estas novas idéias parecem compartilhadas pelos meios políticos e administrativos da cidade.

Também conforme Souza (2010. p.23),

ao final dos anos 1930, foram sendo elaborados outros estudos e planos por parte da administração Municipal. Foram introduzidos novos conceitos, traduzidos através do princípio do *zoning*<sup>87</sup>, e ideias de cidade jardim para as extensões urbanas, além da implantação de um sistema viário de radiais e perimetrais, pois a circulação da cidade tornava-se cada vez mais problemática e complexa.

O Plano que foi chamado "As Linhas Gerais do Plano Diretor - Contribuição ao Estudo de Urbanização de Porto Alegre" partia do plano elaborado por Maciel e voltava-se, em grande parte, para as questões viárias (fig. 39), mas já falava da descentralização das atividades e da necessidade de desafogar o trânsito no perímetro central criando um perímetro de irradiação+(PAIVA e FARIA, 1938. p. 45).

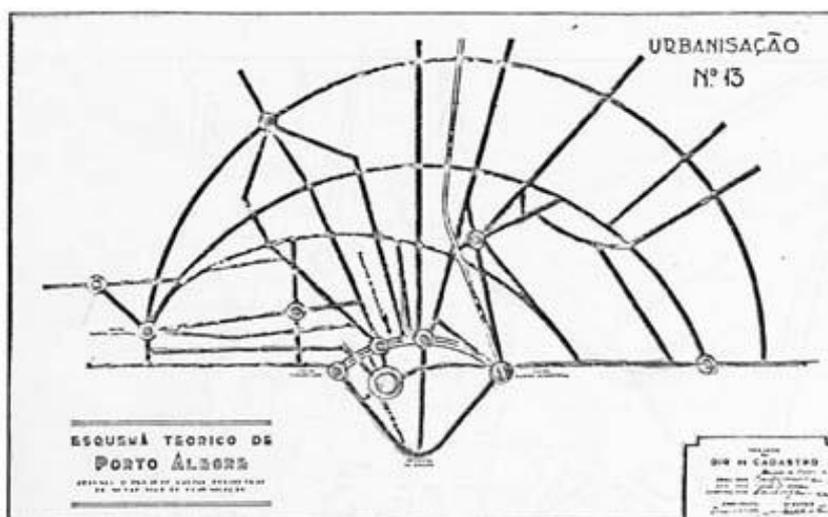


Fig. 39: Esquema Teórico do Plano geral de avenidas radiais e perimetrais. Porto Alegre. Data: 1938

<sup>87</sup> Traduzido para o português normalmente por zoneamento.

Os urbanistas Edvaldo Pereira Paiva e Ubatuba de Faria trabalharam, por exemplo, na elaboração do traçado definitivo da Avenida Farrapos e, entre outras questões, orientavam sobre a necessidade de construção de um túnel sob a Avenida Independência<sup>88</sup>. Também foram estes dois urbanistas que planejaram o sistema de radiais e perimetrais para a cidade. O estudo de Paiva e Farias discorre sobre os aspectos aos quais se dava valor no plano de 1914, mas também no que se baseava, na época, a Urbanística Moderna (zoneamento, áreas verdes, habitação popular) e terminava por falar como deveria ser o plano da cidade. Este documento foi entregue ao Arquiteto Gladosh quando de sua contratação em 1938.

Este plano, não interfere diretamente em questões relativas à área ocupada pela Universidade a não ser propondo alterações no esquema viário no seu entorno, mas como já se disse, são esses profissionais que passam a atuar e ensinar na universidade.

Mesmo havendo na prefeitura de Porto Alegre um quadro profissional de arquitetos e urbanistas, o então prefeito José Loureiro da Silva contrata em 1938 o arquiteto paulista Arnaldo Gladosh para elaborar um plano diretor para Porto Alegre. O seu nome foi lembrado por aquela gestão municipal, principalmente pela sua participação anterior na equipe do arquiteto francês Alfred Donat Agache na realização do Plano de Extensão Remodelação e Embelezamento do Rio de Janeiro. Um ano depois, foi criado em Porto Alegre o Conselho do Plano Diretor (que atua até hoje), para o qual o arquiteto apresentava suas idéias, na forma de palestras ilustradas com mapas e estudos arquitetônicos, compostos por perspectivas, maquetes e fotos de maquetes.

Segundo Abreu Filho, (2008. p. 11) o Plano Diretor de Gladosch

define uma rede viária primária e sobre ela um zoneamento básico, prioriza um projeto de natureza estratégica, essencial à consecução do Plano . o saneamento e urbanização do Vale do Riacho, e alinhava uma série de projetos urbanísticos e arquitetônicos correlatos, alguns vinculados à reforma do Centro, outros à do Vale.

Ao que consta até o momento, foi durante o Plano Gladosh, em uma de suas palestras ao Conselho do Plano Diretor em sua 9ª reunião, realizada em 17 de abril de 1941, que se designou pela 1ª vez a área próxima ao Morro Santana, na divisa com a cidade de Viamão para a localização da cidade Universitária de Porto Alegre em local excêntrico, fora da periferia, no limite Leste do vale do Riacho, entre as Avenidas Bento Gonçalves e Protásio Alves, lindeiro às propriedades da Escola de Agronomia.+ (LOUREIRO DA SILVA, 1943. p. 52), porém esta idéia não teria implantação imediata,

---

<sup>88</sup> Quase 40 anos mais tarde esta orientação virá a dar origem aos estudos que resultaram na construção do complexo do túnel e elevadas da Conceição.

somente sendo reservada esta área para uma futura intervenção. Segundo o dizer do próprio Gladosh, transcrito na Ata da 9ª Reunião com o Conselho do Plano Diretor, realizada em 1941,

o trabalho que hoje apresentamos constitui um anteprojeto para a localização da Cidade Universitária de Porto Alegre em conjunto com um Jardim Botânico, um Horto Florestal e um Bosque Municipal, na forma de uma reserva florestal do Município. Este trabalho é o resultado de diversos estudos que realizei em colaboração com o Dr. Ari de Abreu Lima, reitor da Universidade de Porto Alegre, com o Dr. Paulo de Aragão Bozano, diretor geral da Diretoria Geral de Obras e Viação, e com os demais engenheiros da Prefeitura. (LOUREIRO DA SILVA, 1943. p.198 e 199)

Foi o texto de Loureiro da Silva, que para sua redação teve colaboração técnica de Edvaldo Paiva, trabalho este datado de 1943 e denominado *Um Plano de Urbanização* que descreveu e registrou os projetos do Arquiteto Gladosh.

Para Abreu Filho (2008. p.2.), este mesmo texto que registra os trabalhos de Gladosh e as suas reuniões com o Conselho do Plano Diretor é um

[...] misto de relatório de prestação de contas e testemunho da administração Loureiro, único documento remanescente em função do extravio dos originais [...]. Um Plano de Urbanização aborda os sucessivos Estudos, Anteprojetos e Planos de Gladosh, com minuciosa descrição e análise crítico-comparativa de sua estrutura e de suas partes [...]

Na mesma reunião, referindo-se ao problema das enchentes do Arroio Dilúvio, Gladosh define a construção de uma represa junto a Cidade Universitária para *formação* de um lago, como bacia de compensação, para as águas das chuvas máximas do referido curso *d'água*.

Na fig. 40, a seguir, reproduzida da página 55 do texto de Loureiro da Silva (1943), ficou registrada uma perspectiva de Arnaldo Gladosh onde se lê: *Plano diretor da cidade de Porto Alegre. Anteprojeto da cidade Universitária, Jardim Botânico e Horto Florestal. Vista Geral.* Seu desenho conceitualmente se assemelha bastante ao atual Câmpus do Vale.



Fig. 40: Perspectiva da Cidade Universitária segundo Gladosh.

Na mesma perspectiva pode se observar também, conforme consta em sua legenda original *o lago artificial e a represa que terão a função de regularizar o regime do Riacho*. Tal represa (fig. 41) seria posteriormente de fato construída junto ao Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH), este inaugurado na década de 1950, no atual Câmpus do Vale. Sua construção, além de amenizar o problema do regime de cheias do Arroio Dilúvio, conforme previu Gladosh, viria a atender as necessidades acadêmicas da universidade naquela região. Segundo Fujimoto (2001) em seu trabalho sobre a sub-bacia hidrográfica do Arroio Dilúvio,

[...] a Represa Mãe D'Água, que foi inaugurada em 1962 pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento. Inicialmente a água represada visava suprir as necessidades do Instituto de Pesquisas Hidráulicas e também das granjas experimentais da Faculdade de Agronomia, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

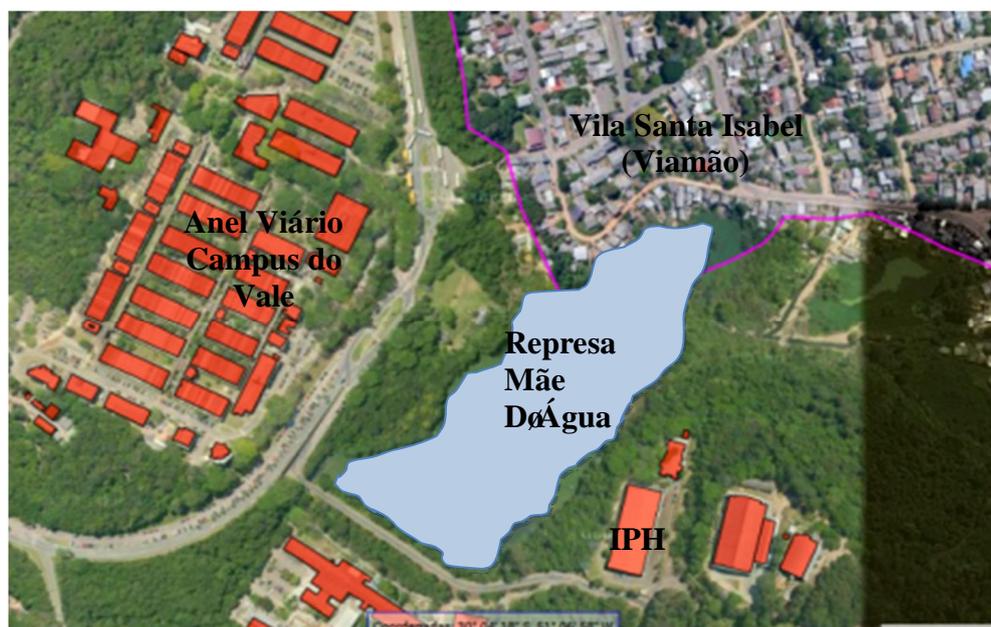


Fig. 41: Represa Mãe D'Água, no atual Câmpus do Vale.

Consta ainda de um Plano de Urbanização de Loureiro da Silva (1943. p.55), um mapa de Porto Alegre (fig. 42), tendo escrito em sua legenda a localização da Cidade Universitária na planta urbana, indicada muito próxima a localização do atual Câmpus do Vale da UFRGS e onde se observa também a proposta de canalização do Arroio Dilúvio até a cidade Universitária.

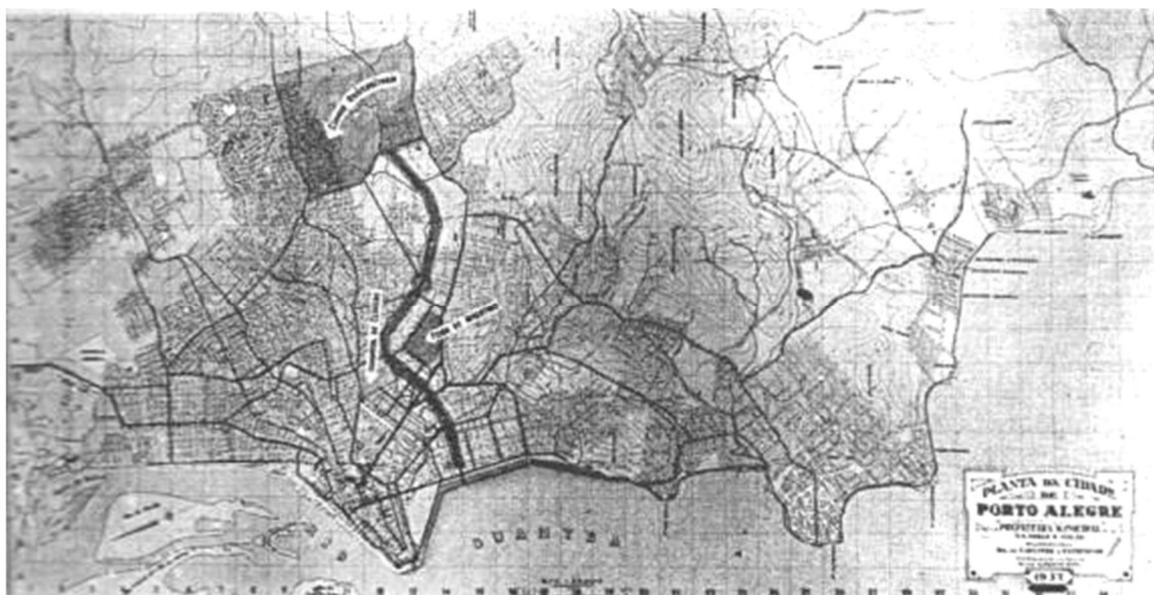


Fig. 42: Planta de Porto Alegre, onde consta a localização da futura Cidade Universitária, na mesma localização atual do Câmpus do Vale da UFRGS.

O curioso é que o mapa está datado de 1937, portanto antes da contratação de Gladosh, e consta em seu selo que foi executado pela diretoria de Cadastro da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, onde trabalhavam Paiva e Faria. Teriam também estes arquitetos participado da escolha do local da cidade Universitária ou Gladosh apenas se utilizou de um mapa pré existente para posteriormente localizá-la?

Conforme artigo de Almeida (1996. p.99), a respeito do Plano Gladosh,

O arquiteto elaborou quatro estudos para a cidade, onde predominaram as preocupações com as soluções viárias, sistema de verdes, o tratamento das margens, a travessia do Guaíba. Estes estudos não foram implementados por várias razões, que vão desde a inadequação de algumas propostas, à questões de ordem técnica e política.

No texto dos estudos para o Plano Diretor de 1959 elaborados por Edvaldo Pereira Paiva e pela equipe da prefeitura Municipal, que teve sua lei aprovada em 1959 e que foi posteriormente alterado em 1964, consta a respeito do Arquiteto Gladosh, que o mesmo entregou ao poder público quatro estudos urbanísticos e que este Urbanista não chegou a concluir seu trabalho, cuja complementação indispensável ficou a cargo

de repartições municipais insuficientemente preparadas para a tarefa e sufocadas pela rotina burocrática.+(PORTO ALEGRE, 1964, p.23)

Para Souza (2010. p.184), a respeito dos Planos Gladosh (fig. 43), sua grande contribuição foi, sem dúvida, levar para o campo político as questões do urbanismo+

Para Weimer (1997, p.93) os vários debates ocorridos na época foram importantes para o amadurecimento da consciência e a aceitação da necessidade do estabelecimento de uma regulamentação que ordenasse o desenvolvimento urbano, que estava começando a apresentar índices de crescimento cada vez mais preocupantes+

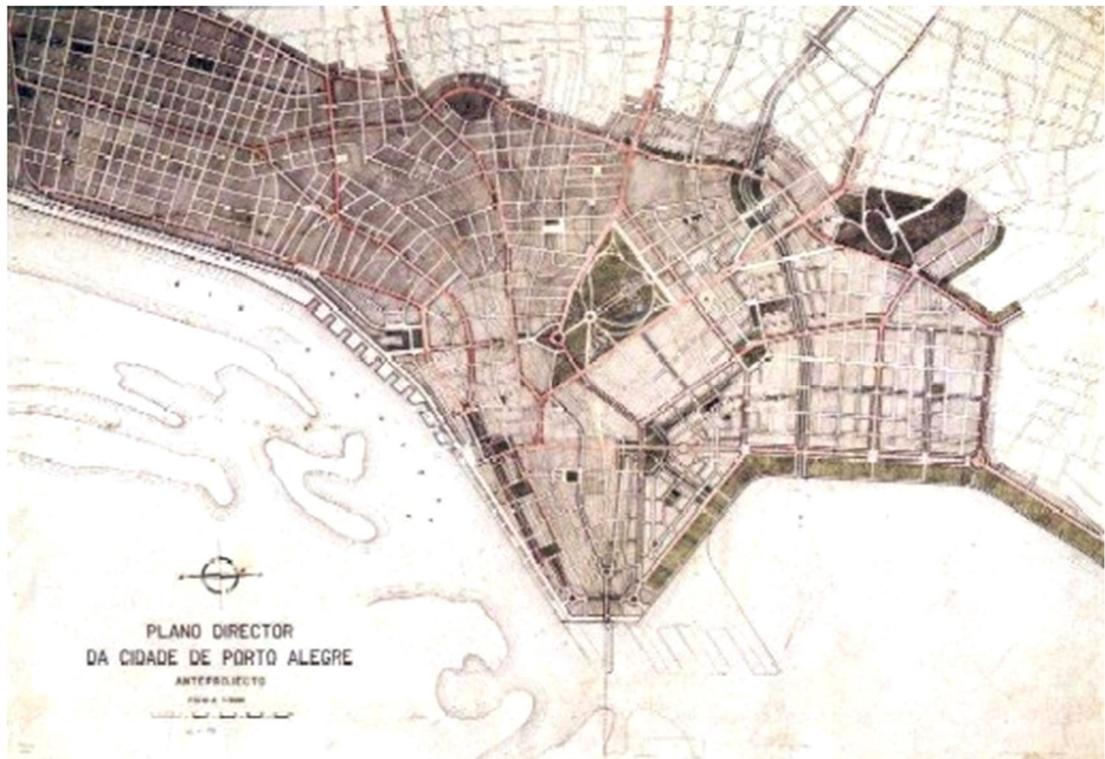


Fig. 43: Terceiro Projeto Gladosh, talvez o mais conhecido e bem acabado deles - Um dos Anteprojetos para o Plano Diretor da Cidade de Porto Alegre.

Em 1943 os mesmos Edvaldo Ruy Pereira Paiva e Luiz Arthur Ubatuba de Farias, que compunham os quadros da Prefeitura de Porto Alegre, e que em 1947 comporiam o primeiro corpo docente da Faculdade de Arquitetura, apresentaram novo trabalho na gestão do prefeito Loureiro da Silva,

sob a denominação de "Plano de Urbanização para Porto Alegre". Os estudos continham três partes - Expediente Urbano, Pré-Plano e Plano. Este último constituía-se numa síntese dos projetos urbanísticos realizados pela administração Loureiro da Silva. Mas é somente em 1959 que a cidade

recebeu a aprovação de um novo Plano Diretor, elaborado sob a coordenação de Paiva. (ALMEIDA, 1996. p.99).

Souza (2010. p. 23) coloca que nesta época também foram construídas muitas obras.

No período de 1938 á 1943, correspondente a administração de José Loureiro da Silva, foi concretizado o Plano de Urbanização, e foram realizadas muitas obras que transformaram a cidade, tendo essas, na sua maior parte, origem no Plano de Melhoramentos, de 1914.

O novo Plano Diretor para Porto Alegre resultante destes trabalhos seria aprovado somente em 1959 e propunha uma área para a implantação da Universidade no aterro da Praia de Belas, conforme será visto mais detalhadamente adiante no sub-capítulo que tratará especificamente do %Campus Praia de Belas+.

A cidade mostra indícios claros das interfaces de sua história e de seus planos de crescimento físico com o crescimento físico da Universidade. Por exemplo, vemos a fotografia (fig. 44) que mostra a antiga funerária %Armador Postiga+ sendo derrubada para a construção da Avenida Senador Salgado Filho<sup>89</sup>, obra realizada entre 1939 e 1940. Esta avenida pode ser claramente identificada no projeto do Plano Gladosh, alterando o traçado urbano nas proximidades da Universidade. À direita vê-se o prédio do 7º Batalhão de Caçadores do Exército, quartel este que também já fora ocupado pelo 8º Batalhão de Infantaria<sup>90</sup>, o qual deu origem ao nome do antigo %Beco do Oitavo+<sup>91</sup> que em 1952, após ser saneado e ter sua via duplicada, passou a se chamar Avenida Desembargador André da Rocha, em homenagem ao magistrado, professor da Faculdade de Direito e primeiro Reitor da Universidade de Porto Alegre, Manoel André da Rocha.

Vê-se ao fundo, na mesma figura, o quarteirão universitário com os prédios da Engenharia Velha; Chateau; Castelinho e os fundos do Instituto Parobé. Este quarteirão teve seu entorno completamente modificado e sua relação com o centro da cidade intensificada com a abertura da Avenida Salgado Filho, que trará, a partir de então, diretamente ao centro da cidade o tráfego proveniente da antiga Estrada do Mato Grosso (Av. Bento Gonçalves) e do Caminho da Azenha (Av. João Pessoa).

Centralizada na fotografia ao fundo também já se pode identificar a Av. Osvaldo Aranha alargada com duas pistas separadas por canteiro. Nota-se também na fotografia da fig. 44, o desenho da Praça Argentina completamente diferente da atual<sup>92</sup>. Após

<sup>89</sup> Ao que tudo indica, pela data da construção da Avenida, a fotografia foi tirada entre 1939 e 1940.

<sup>90</sup> Para a construção do Viaduto José Loureiro da Silva, inaugurado por Telmo Thompson Flores em 1970, esse quartel acabou sendo demolido.

<sup>91</sup> Beco este que permaneceu por muito tempo degradado urbanística e socialmente na cidade.

<sup>92</sup> O traçado atual da Praça é adotado em meados da década de 1940.

estas mudanças começou a se projetar o adensamento do segundo quarteirão central da Universidade que se consolidaria na década de 1950.

Foram alterações urbanísticas da cidade de Porto Alegre que interviram na materialidade da Universidade.



À DIREITA = 7º BC - ARMAZÉM POSTIGA SENDO DEMOLIDO PARA A CONSTRUÇÃO DA AV. SALGADO Fº

Fig. 44: Obras para construção da Av. Salgado Filho. À direita, 7º Batalhão de Caçadores do Exército (anteriormente 8º Batalhão de Infantaria).

Foi ainda no contexto da Universidade de Porto Alegre e pela sua necessidade de expansão, necessidade esta que também tinha a cidade, que uma nova ampliação espacial da Universidade acontece. Segundo Souza e Müller (2007, p.64) ao descrever a estrutura urbana do fim do século XIX,

O Caminho do Meio (atuais Avenidas Osvaldo Aranha e Protásio Alves) constitui o eixo cuja ocupação era pouco densa, não chegando a definir ainda nucleações que viriam futuramente a formar o Bairro Petrópolis. Isso em virtude desse eixo atravessar uma zona de banhado e a seguir uma lombada muito forte.

Esta outra área de banhado, até então desprezada pela cidade, viria futuramente a ser o local onde se implantaria a primeira expansão urbana da Universidade, que daria origem ao atual Câmpus da Saúde. Conforme dados institucionais do Hospital de Clínicas de Porto Alegre desde 1931, a Faculdade de Medicina já sonhava com a construção de um hospital universitário, que foi autorizada pelo então presidente da República, Getúlio Vargas.+(PORTAL HCPA, 2013)

Em Porto Alegre, no ano de 1938,

o Governo do Estado comprou uma área um pouco mais afastada do centro da cidade, em que se localizava o Campo de Pólo da cidade, para ali erguer o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina. Um projeto foi encomendado no mesmo ano a um professor da Universidade de São Paulo. O projeto não vai adiante e um novo é feito em 1940, ano em que o Estado doa à Universidade este terreno. (PADÃO, 2003. p. 4)

Do projeto até a conclusão do prédio, no entanto, muito coisa aconteceria. A pedra fundamental foi lançada em 1943 e no final dos anos 40, começariam os trabalhos. O Hospital de Clínicas fora pensado em 1931, viabilizado com a compra do terreno pelo Estado em 1938 e doado a universidade em 1940. Portanto, podemos afirmar que em meados da década de 1940 em meio a uma área de 20 hectares, predominantemente alagadiça, começa a ser criado o atualmente chamado Campus da Saúde e assim a UPA experimentou o início da sua primeira expansão física significativa dentro do território da cidade de Porto Alegre<sup>93</sup>, afastando-se mais um pouco da área central.

Os novos prédios que seriam futuramente implantados ali, construídos para sediar cursos existentes que se desmembrariam, acabariam por se tornar exemplares significativos do movimento arquitetônico modernista em Porto Alegre e o Câmpus da Saúde da Universidade traria transformações históricas e urbanas a esta área da cidade.

Para este trabalho é importante ressaltar que as décadas de 1930/40 tiveram intenso trabalho de planificação em Porto Alegre que, de diferentes formas se refletiu na espacialização da Universidade. O Arquiteto Gladosh indicou pela primeira vez no ano de 1941, em palestra ao Conselho do Plano Diretor, a localização da %Cidade Universitária+no atual Câmpus do Vale.

O alargamento da Avenida Osvaldo Aranha e a abertura de avenidas como a Salgado Filho ao longo destas décadas, no entorno do atual Câmpus Centro da universidade, possibilitaram maior fluidez do deslocamento radial do tráfego dos arredores da universidade junto ao centro histórico, a locais da cidade, na época, mais afastados, contudo ainda seguindo seus caminhos tradicionais como a Estrada do Mato Grosso, formada pelas atuais Avenidas Bento Gonçalves e João Pessoa, da qual a Salgado filho é um prolongamento até o centro, e Caminho do Meio, formada pelas

---

<sup>93</sup> A primeira expansão física da UFRGS em Porto Alegre poderia, por alguns, ser considerada a Faculdade de Agronomia e Veterinária em 1910, porém naquela época o atual bairro Agronomia ainda não fazia parte da cidade e a faculdade localizava-se no km 9 da Estrada do Mato Grosso, atual Av. Bento Gonçalves.

atuais Osvaldo Aranha e Protásio Alves. Ao longo destes caminhos havia possibilidade de crescimento da malha urbana de Porto Alegre e de novas áreas para implantação de expansões da Universidade.

Enquanto isso a estrutura interna da Universidade mudava para atender uma nova Constituição Brasileira. Pesavento (2004 (b). p. 60).

Em 1946, pouco depois de ter assumido a Reitoria, Armando Câmara anunciava ao Conselho Universitário, em 9/1/1946, que a eleição para os cargos de Reitor e de Diretores de Unidade, com mandato de 3 anos, se daria mediante lista tríplice, sendo o reitor nomeado pelo Governador do Estado e os Diretores de Unidade pelo Reitor empossado.

É neste contexto que a estrutura organizacional da Universidade em Porto Alegre vem a passar por novas mudanças.

## **6 A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL (URGS) EM 1947.**

A Universidade do Rio Grande do Sul (URGS) foi criada em 1947, unindo os cursos superiores existentes no Estado do Rio Grande do Sul.

No mundo vivia-se um período de pós-guerra. A segunda Guerra mundial terminara com a vitória dos Aliados em 1945, alterando o alinhamento político e a estrutura social mundial. Criara-se a Organização das Nações Unidas (ONU) para estimular a cooperação global e evitar futuros conflitos, a União Soviética e os Estados Unidos emergiam como superpotências rivais, já antevendo uma Guerra Fria que se estenderia pelos próximos quarenta e seis anos. Nesse ínterim, a Europa ocidental dava início a um movimento de recuperação econômica e integração política.

No Brasil a deposição do Presidente Getúlio Vargas e do seu regime do Estado Novo, em 1945, e a posterior a redemocratização do país, com a adoção de uma nova Constituição Brasileira de 1947, marca o fim de um período ditatorial, que teve, todavia, alguns ganhos na área das Leis Trabalhistas e o início da industrialização do país.

A Universidade de Porto Alegre (UPA) passou em 1947 formalmente ao âmbito estadual, devido a mudanças exigidas pela nova Constituição do Estado. Em 1947, a nova Constituição do Estado do Rio Grande do Sul alterou o nome da Universidade de Porto Alegre para Universidade do Rio Grande do Sul+ (PESAVENTO, 2004 (b). p. 60). No ano seguinte, ocorreu na prática o processo que reestruturou a URGS e passou a englobar outras Faculdades que então já existiam no estado. De acordo com Pesavento (2004 (b). p. 60),

no final de 1948, uma série de medidas legais foi levada a efeito pelo governo estadual, com o objetivo de reestruturar as unidades que compunham a Universidade. A Lei Estadual 413, de 3/12/1948, reincorporou a Universidade o Instituto de Artes, que havia sido desanexado em 1946. A mesma Lei determinou a fusão dos cursos de Arquitetura existentes no Instituto de Artes e na Escola de Engenharia (mas a Faculdade de Arquitetura é oficialmente instalada apenas em 1952). A Lei Estadual 414, do mesmo dia incorporou à Universidade do Rio Grande do Sul as Faculdades de Direito e Odontologia de Pelotas, tal como a Faculdade de Farmácia de Santa Maria, incorporações estas já previstas na Constituição de 1947.

Segundo Espíndola (1979, p.7), nesta época, também a Universidade passou por uma sucessão de projetos de implantação física+, aliás, ao que tudo indica o crescimento da área da Universidade em todos os tempos esteve ligado às necessidades de ampliação física para melhor atender seus cursos. Podemos ver, inclusive até hoje, inúmeros exemplos nesta história, onde se têm como requisito básico

para a criação de um novo curso ou aprimoramento de um existente a construção de um espaço físico adequado onde fossem atendidas as peculiaridades necessárias a implantação pedagógica do curso.

Enquanto isso, entre as décadas de 1940 e 1950 a cidade de Porto Alegre passava por uma fase na qual também ambicionava e precisava crescer e se modernizar. A Porto Alegre que, segundo o senso do IBGE, tinha em 1940 um total de 272.232 habitantes, em 1950 já tinha perto de 400.000 pessoas residindo na cidade. A época foi marcada por uma cidade cheia de contradições,

[...] se o centro da cidade se verticalizava e se embelezava, muitos pobres, expulsos do centro urbano, se aglomeravam em vilas populares, concentrando a miséria urbana nas áreas periféricas que circundavam a cidade. Como um entrave em meio a cidade que se modernizava, a Ilhota<sup>94</sup>, zona alagadiça a beira do Arroio Dilúvio, se constituía em uma área de pobreza dentro do perímetro urbano. Foi na grande enchente de 1941 que se acentuou o problema dos menos favorecidos. As águas subiram, invadiram o centro da cidade, transbordaram o arroio Dilúvio, atingiram desde o Guaíba os bairros de Navegantes e São João. A cidade apresentava um estado de calamidade Pública. (PESAVENTO, 2004 (b). p. 53)

O acréscimo da população aliado a tragédia natural, trazia consigo também uma urgente necessidade de incrementos na área da saúde. Foi criado em 1941, ano da grande enchente que atingiu Porto Alegre, porém inaugurado em 19 de abril de 1944, o Hospital de Pronto Socorro para atendimentos de urgência. Também em 1941 foi instituído o Centro de Saúde Modelo que, a princípio, foi destinado ao controle da tuberculose e da varíola, contando com serviços como abreugrafia, laboratório, consultórios médicos, cozinha que atendia e orientava subnutridos e atendimento a população de baixa renda. Contudo a década de 1950 já traria novamente consigo déficit no atendimento a saúde.

O planejamento urbano da época era feito pelas equipes da Prefeitura Municipal, sendo que esta em especial (décadas de 1940/1950), foi uma fase de muitos levantamentos e estudos. Como vimos anteriormente em 1943 os Engenheiros Paiva e Faria apresentaram estudos sob o título de *Plano de Urbanização para Porto Alegre*, mas somente em 1959 a cidade teria um Plano Diretor.

---

<sup>94</sup> A partir das enchentes de 1941, a Prefeitura começou a projetar o fim da Ilhota enquanto local alagadiço e enquanto vila urbana. Conforme ela foi superlotando, começaram as remoções massivas. Com a canalização do Arroio Dilúvio a área foi incorporada ao bairro Cidade Baixa. Em novembro de 1954, foram retiradas 704 malocas, mas foi durante a ditadura que o processo se intensificou. Em 1967, o Demhab, com a ajuda do Exército, retirou mais de mil casas da Ilhota e levou seus moradores para inaugurarem a recém criada Restinga, em local distante e ainda sem infraestrutura. (FAGUNDES e RODRIGUES, 2011).

Na fig. 45, vê-se uma fotografia da obra da canalização do Arroio Dilúvio, as margens do qual seria implantada a Avenida Ipiranga, percebe-se que este projeto de canalização visava mais do que saneamento, pois também

[...] se inseria na modernização da cidade da década de cinquenta e a foto tinha como característica o registro técnico do processo de urbanização. Foram os interesses de um grupo de políticos e dirigentes da cidade que deram visibilidade a esta parte da cidade. No entanto, é possível imaginar o que não está visível na figura: o oposto à ideia de modernização, aspectos rurais, ausência de luz, saneamento precário na Porto Alegre dos anos cinquenta. (NUNES, 2013, p. 44)



Fig. 45: Visita do Governador Walter Jobim<sup>95</sup> às obras de desvio de canalização do Arroio Dilúvio, ao longo do qual foi construída a Av. Ipiranga. Data: 1950.

Estas eram as condições, na época, do local de Porto Alegre que fora destinado a ser ocupado pelo futuro Hospital de Clínicas, entre a recém projetada Avenida Ipiranga e a Avenida Protásio Alves, antigo Caminho do Meio, e que, num futuro ainda mais distante se tornaria o Câmpus da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## 6.1 O Projeto Modernista do Câmpus da Saúde e a cidade.

O Hospital de Clínicas de Porto Alegre foi projetado por Jorge Moreira e teve seu projeto original elaborado em 1948. O autor deste projeto já havia sido Arquiteto-chefe responsável pela equipe que fez o plano urbanístico e arquitetônico do Câmpus da Universidade do Brasil (atual UFRJ), na ilha do Fundão. Além de buscar uma imagem de modernidade, a população e o governo em Porto Alegre necessitavam, já

<sup>95</sup> Secretário de Viação e Obras Públicas do Rio Grande do Sul, durante o Estado Novo, cargo que ocupou de 1937 a 1943. No ano seguinte, nas primeiras eleições para governador no RS após a ditadura Vargas, elegeu-se. Seu mandato então durou de 1947 a 1951.

naquela época, do importante equipamento urbano que seria o Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina<sup>96</sup> para a cidade.

Contudo, diversos problemas retardaram as obras do hospital, que se estenderam pelas décadas de 1940, 50 e 60, porém ao longo deste tempo construíram-se na Av. Ramiro Barcelos, vários prédios habitacionais no entorno deste futuro campus e prolongou-se a área de comércio e serviços que já era uma tendência na época ao longo da Av. Osvaldo Aranha, continuidade da Av. Protásio Alves, pelo lado do Bairro Bom Fim.

O projeto arquitetônico original do Hospital [...] comandado por escritório do Rio de Janeiro chegou a fazer jus a uma premiação. No entanto a viabilização de sua execução era questionada. Enquanto isso, um loteamento clandestino ocupava o terreno do futuro Hospital. Reitores se sucediam, empenhavam-se pela obra, mas as dificuldades financeiras os venciam. (RIGATTO, 1998.p.56)

Apesar dos atrasos e contratempos da obra do Hospital de Clínicas, o seu projeto arquitetônico inicial foi de grande importância, pois trouxe à Porto Alegre, uma nova tipologia arquitetônica e urbanística, conceitual, estética e construtiva, característica do Modernismo. Isto se percebe desde a implantação diferenciada e não ortogonal no quarteirão, buscando uma melhor orientação solar, até as novas formas, materiais e técnicas construtivas propostas para o prédio.

A fig. 46 mostra muito claramente a tipologia arquitetônica ainda vigente na época em Porto Alegre, caracterizada pelo pórtico de entrada do Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina, hoje demolido, porém construído logo que o terreno teve esta destinação na década de 1940, em contraste com o prédio bastante moderno para a época, que se pode observar na mesma figura ainda em construção ao fundo, na década de 1960.

---

<sup>96</sup> Até hoje o Hospital de Clínicas é um dos mais importantes hospitais da cidade, atende a pacientes de toda região metropolitana e ainda serve como hospital escola da UFRGS.



Fig. 46: Antigo Pórtico do Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina (hoje denominado Hospital de Clínicas de Porto Alegre).

O projeto do Hospital de Clínicas (fig. 47) trazia o discurso do Movimento Modernista que, assim como no resto do mundo, passa a ter seus reflexos na Universidade e na cidade de Porto Alegre.

Desde a Revolução Industrial, a partir do final do século XVIII, os processos da modernidade vêm modificando todo o mundo. O urbanismo do século XIX constituiu uma resposta aos problemas criados pelo intenso crescimento urbano observado na Europa desde a segunda metade do século XVIII; mas foi também fruto de uma imagem da cidade que incorporava os efeitos das novas infra-estruturas urbanas numa outra concepção do espaço. [...] Inicialmente o movimento moderno fez parte de movimento de vanguardas [...]. A autenticidade no uso dos materiais e novas lógicas construtivas foram indispensáveis para construção do novo pensamento moderno, em que formas mais limpas e claras foram definidas. Contudo a aparência estética dessa arquitetura moderna continuou a promover idéias de progresso, racionalidade e crença na tecnologia. (MATA, 2010<sup>97</sup>)

Ao mesmo tempo em que se incorpora a Porto Alegre a revolução arquitetônica e urbanística que representou o Movimento Modernista no mundo, cria-se um novo fator de desenvolvimento e adensamento urbano naquela região da cidade que era, também como havia sido o Câmpus Centro a chamada Várzea, outra área alagadiça da cidade que, paulatinamente, foi sendo saneada para dar lugar a Universidade.

---

<sup>97</sup> Publicação Digital sem paginação.

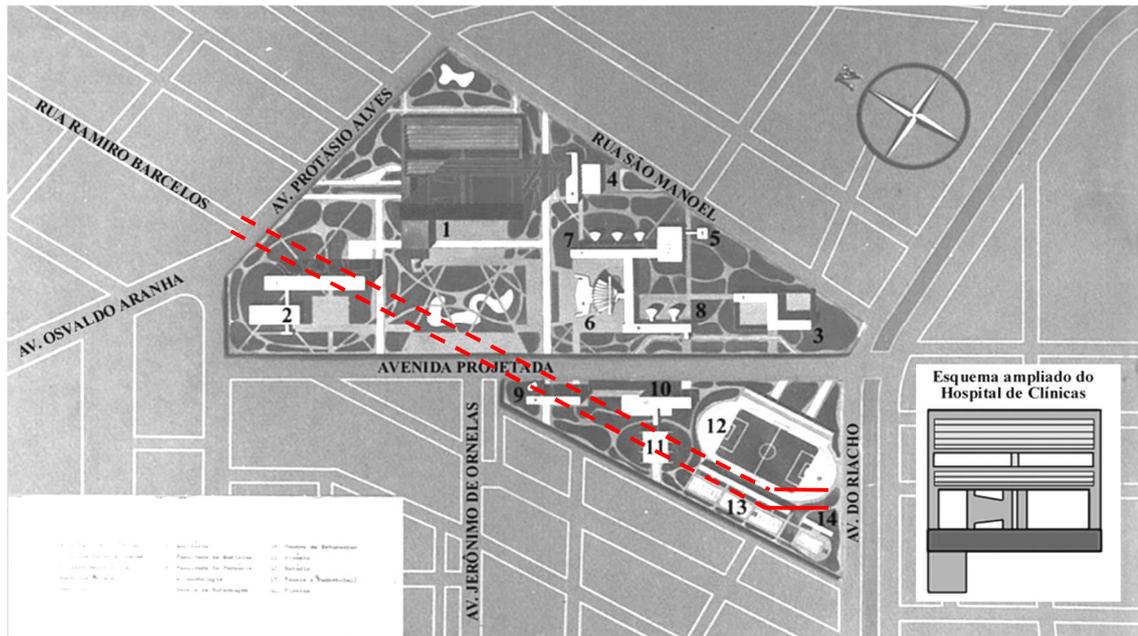


Fig. 47: Projeto original do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. (Centro Médico projeto do Arquiteto Jorge Moreira). Data: 1948. Em vermelho vê-se o prolongamento da Rua Ramiro Barcelos executado ainda no fim dos anos 1940.

Na legenda original do projeto, descrevendo os prédios que ali seriam construídos constava:

- 1-Hospital de Clínicas, 2-Clínicas Especializadas, 3-Clínica Neurológica, 4-Serviços Gerais e Odontologia, 5-Necrotério, 6-Auditório, 7-Faculdade de Medicina, 8-Faculdade de Farmácia, 9-Escola de Enfermagem, 10-Centro de Estudantes, 11-Ginásio, 12-Estádio, 13-Tênis e Basquete, 14-Piscina.

Com o prolongamento da Rua Ramiro Barcelos pela prefeitura Municipal no final da década de 1940+ (FRANCO, 1992. p. 347), muda drasticamente a forma do terreno onde o projeto seria implantado (fig. 48), fazendo com que as futuras edificações não mais se relacionassem com a av. Projetada, que deixaria de existir, porém se criaria uma alternativa de tráfego mais direto na cidade. Este prolongamento da Rua Ramiro Barcelos até a Avenida Ipiranga se deu quando a circulação de veículos já se fazia intensa, tornando-a uma das principais vias de ligação transversal do centro da cidade. (FRANCO, 2006. p. 339-340). Consequentemente, no que se refere ao projeto arquitetônico de Jorge Moreira,

o conjunto perde um eixo organizativo importante e a ambiguidade da disposição tradicional e moderna, parecendo ficar evidente a negação de quarteirões e alinhamentos por meio da disposição oblíqua dos edifícios, evitando-se a frontalidade. (PEREIRA, 2000. p. 57).

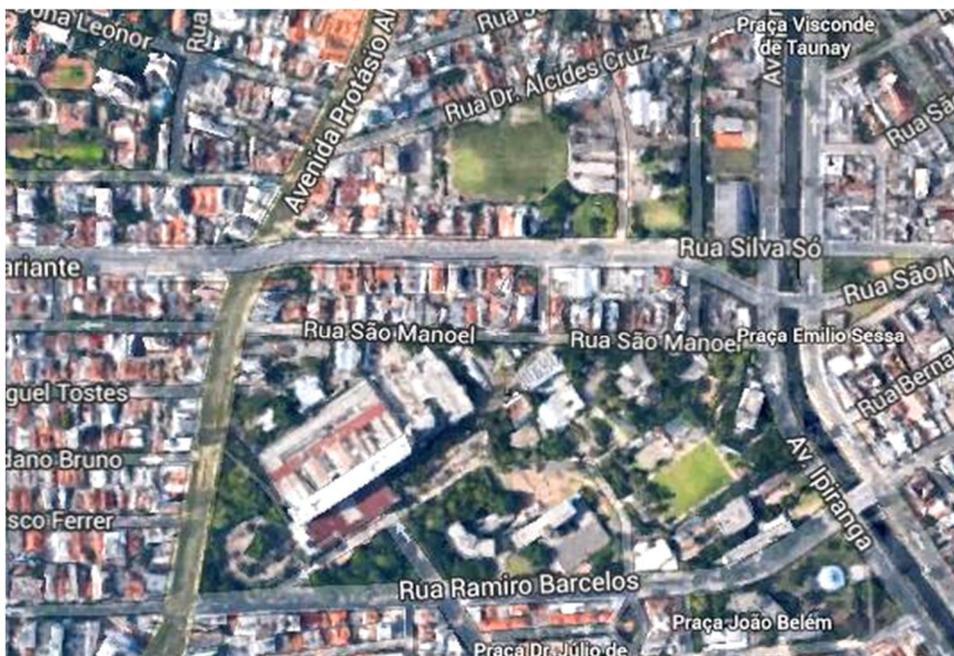


Fig. 48: Atual forma do Câmpus da Saúde após o prolongamento da Rua Ramiro Barcelos.

Portanto, poderíamos dizer que a decisão da cidade em prolongar esta rua com o intuito de criar uma alternativa de tráfego de ligação ao centro, alterou, no que se refere ao seu projeto inicial, a implantação do Câmpus da Saúde da Universidade.

Também passam a desejar sedes próprias no campus da Saúde, então em formação, as Escolas de Odontologia e Farmácia da Faculdade de Medicina de Porto Alegre transformadas em instituto autônomo no último ano da Universidade do Rio Grande do Sul antes da federalização, conforme a Lei nº1021 de 28 de dezembro de 1949, sancionada pelo presidente Eurico Gaspar Dutra.

A implantação, neste local, do novo câmpus da Universidade, traria também desenvolvimento e adensamento àquela área da cidade (como se percebe na comparação da fig. 49 com a fig. 70), enfim, criar-se-ia um novo pólo de atração, tal qual ocorrera com a criação do Câmpus Centro em relação ao terreno da Várzea, e também poderia ajudar a descentralizar a cidade o que já era uma das preocupações urbanas de Porto Alegre nas décadas de 1940/50.

É nestas circunstâncias, ainda ansiando pelo efetivo estabelecimento do novo Câmpus da Saúde, que a URGS é Federalizada.



## 7 O ATO DA FEDERALIZAÇÃO DA URGs EM 1950.

Em quatro de dezembro de 1950 a Universidade do Rio Grande do Sul foi federalizada, passando à esfera administrativa da União.

Todavia, apesar da federalização ter ocorrido em 1950, foi só após a reforma Universitária de 1968, durante o Regime Militar brasileiro, mais precisamente no ano de 1970, que a Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), juntamente com a grande maioria das universidades mantidas com verbas federais, passou a denominar-se Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Também as Faculdades de Direito e Odontologia de Pelotas e a Faculdade de Farmácia de Santa Maria incorporadas a URGS em 1947, só seriam totalmente desincorporadas, posteriormente, com a criação da Universidade de Santa Maria, em 14 de dezembro de 1960 e a Universidade Federal de Pelotas em 8 de agosto de 1969.

Em 1945 finda o Regime ditatorial do Estado novo no Brasil e em 1946, o Brasil passara a ter nova Constituição, o mandato do presidente vigoraria por cinco anos e o direito ao voto foi permitido a todos os brasileiros com mais de dezoito anos de ambos os sexos. Eurico Gaspar Dutra torna-se Presidente do Brasil de 1946 a 1950.

No aspecto legal, especificamente sobre a federalização de universidades no Brasil, constam, ao que se sabe, apenas duas leis, a Lei nº 1.254 de 4 de dezembro de 1950 e a Lei nº 1.523 de 26 de dezembro de 1951. A primeira trata do *modus operandi* da federalização, assim definindo no seu Artigo 1º:

O sistema federal de ensino superior, supletivo dos sistemas estaduais, será integrado por estabelecimentos mantidos pela União e por estabelecimentos mantidos pelos poderes públicos locais, ou por entidades de caráter privado, com economia própria, subvencionados pelo Governo Federal, sem prejuízo de outros auxílios que lhes sejam concedidos pelos poderes públicos. (BRASIL, 1950)

Esta lei, sancionada no governo de Eurico Gaspar Dutra, dispõe sobre o recém criado sistema federal de ensino superior, trata especificamente sobre as incumbências da União para com essas instituições, fazendo com que professores (então catedráticos) e servidores dessas instituições fossem aproveitados no serviço público federal e que ocorresse a incorporação ao Patrimônio Nacional de todos os bens móveis, imóveis e os direitos dos estabelecimentos federalizados pela lei.<sup>98</sup>

Já no ano seguinte, no governo de Getúlio Vargas, em 1951, a Lei de nº 1.523, de 26 de dezembro (BRASIL, 1951), trata da autorização dada ao Poder Executivo de

---

<sup>98</sup> Artigos 4º e 5º.

abrir, pelo então Ministério de Educação e Saúde, um crédito especial para atender %a manutenção de estabelecimentos de ensino federalizados e integrantes do sistema federal de ensino superior+, tratados na lei anterior de nº 1.254/1950. As despesas referidas por esta lei destinam-se especificamente as Universidades do Pará, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás e Minas Gerais.

De acordo com as informações contidas na linha do tempo do site oficial da UFRGS, %foi iniciativa do reitor Alexandre da Rosa o encaminhamento de documento ao então presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, no qual informa sobre a necessidade de federalização da Universidade+ (UFRGS-75 anos, 2009)

Em sessão do Conselho Universitário, de 1º de setembro de 1950 o reitor Alexandre Rosa, %comunicou a aprovação pelo Senado da integração da Universidade do Rio Grande do Sul, com todos os seus cursos, faculdades e escolas ao Sistema Federal do Ensino Superior estabelecido pela Lei nº 1.254, de 4 de Dezembro de 1950+.

Segundo Pesavento (2004 (b). p. 61), também a possibilidade de um maior aporte financeiro para a Universidade, se federalizada, motivou o desejo desta mudança. Já que

o Rio Grande ultimava o processo de atrelamento a proposta de centralização do Governo Federal e uma nova fase se iniciava. A UFRGS fora federalizada. A exiguidade dos recursos locais justificava tal medida, [...] em 17 de junho de 1952 o Decreto 30.994 aprovava o seu Estatuto.

Na política do Brasil,

o fim do Estado Novo marcou a instalação de um período democrático - a chamada democracia populista - que, de 1946 a 1964, ensaiou-se nos rumos do pluripartidarismo. [...] foram os anos do populismo no Brasil [...] que lidava com a idéia de harmonia social, de progresso econômico e de nacionalismo, estabelecendo uma aliança entre empresários, massas trabalhadoras e o governo. (PESAVENTO, 2004. (b) p.58)

Em 1950, ano da Federalização, Getúlio Vargas volta ao poder, agora por votação democrática, porém em 24 de agosto de 1954, suicida-se no Palácio do Catete e é sucedido pelo vice-presidente Café Filho como o 18º presidente do Brasil. Após ele tivemos Juscelino Kubitschek, que foi eleito presidente para o período de 1956 a 1961, o Brasil viveu aí um período de desenvolvimento econômico e relativa estabilidade política. Ao longo dos governos que se sucederam entre a queda de Vargas e o Golpe

de 1964, houveram oscilações políticas e sociais, porém, segundo Pesavento (2004 (b). p. 58), por motivos diversos

dois governos merecem especial atenção neste contexto: o de Juscelino Kubitschek e o de João Goulart. [...] Nos chamados anos JK [...] o Brasil deu um salto tecnológico, passando a produzir, de forma acelerada, bens duráveis e semi-duráveis. Foi construída uma nova capital . Brasília<sup>99</sup> -, e o país aumentou sua dívida externa, incrementando a inflação interna.

Já no que se refere ao governo João Goulart, de 1961 a 1964, a mesma autora (p.58) relata que o mesmo herdou um país endividado, com problemas a resolver com o Fundo Monetário Internacional, inflação crescente e surto de greves.<sup>100</sup>

Também no Brasil da década de 1950, no que se refere à economia a

[...] industrialização crescente concorreu para acelerar o crescimento das metrópoles brasileiras, que atraíam cada vez mais a mão-de-obra do campo. A partir da metade da década de 1950, o desenvolvimentismo do presidente Juscelino Kubitschek imprimiu um novo ritmo na vida nacional. Através do lema 50 anos em 5, JK promoveu a abertura do país ao capital estrangeiro e a internacionalização da economia, sem deixar de lado o ufanismo nacionalista existente desde a fase anterior. Capitalismo, nacionalismo e industrialização tornaram-se as palavras de ordem que mobilizaram o país, traduzindo os anseios por modernidade durante a época dos anos dourados. (PESAVENTO, 1991, p. 94).

Porto Alegre, no mesmo ano da federalização da universidade, em 1950 havia sido uma das cidades sedes da Copa do Mundo de Futebol, sediada pela 1ª vez no Brasil. Conforme matéria de Silva (2014.p.35 a 39) no Jornal Zero Hora, muito diferente do que ocorre hoje, em 2014, quando a Copa está sendo novamente sediada na cidade, aquele campeonato de 1950 foi, bem antes do advento dos Mega Eventos com gastos elevados, um mundial em que estruturas temporárias eram arquibancadas de madeira, o padrão Fifa exigia alambrados de arame e um Gre-Nal foi o jogo teste para o Estádio dos Eucaliptos, do Sport Club Internacional, construído em 1944 e localizado no bairro Menino Deus.<sup>101</sup>

<sup>99</sup> A cidade começou a ser planejada e desenvolvida em 1956, pelo urbanista Lúcio Costa e pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Foi inaugurada em 21 de abril de 1960, pelo então presidente Juscelino Kubitschek.

<sup>100</sup> Estes problemas, aliados a outros fatores políticos iriam pouco a pouco se agravando e culminariam nos anos que viriam, com a deposição do presidente por meio de um Golpe de Estado em 31 de março de 1964, que instalaria a ditadura militar no país.

<sup>101</sup> Hoje, em 2014, é o Estádio do Internacional que novamente sedia jogos da Copa do Mundo de Futebol, porém tem nova localização, no aterro da Praia de Belas e construído entre 1959 e 1969, denominando-se Estádio Beira-Rio. O Estádio dos Eucaliptos foi vendido em 2010 e demolido em 2012 para a construção, no mesmo local, de prédios residenciais.

Pesavento (2004 (b). p.68 -69), descreve a Porto Alegre que crescia, literalmente, sob uma nova perspectiva:

Em 1953 inaugurou-se o Aeroporto Salgado Filho, [...] o viajante que chegasse a Porto Alegre, vindo de avião, - e não mais de barco, como antes-, continuaria a divisar a *urbs* disposta em anfiteatro, à beira do Guaíba. Mas [...] o panorama era muitíssimo mais vasto. A cidade que se abria em leque, avançava, com novos bairros, novas artérias e uma notável concentração de prédios de grande altura na zona central. [...] e, se o avião baixasse em altura, era possível ver a Universidade, com o seu Câmpus Centro ao lado do parque Farroupilha, e o seu Câmpus Saúde, ao lado da Avenida Ipiranga e da Rua Ramiro Barcelos.

No que se refere à Arquitetura Moderna, esta já se consolidara no cenário mundial quanto ao seu aspecto físico, conceitual e formal. Em Porto Alegre, para Bello (2006)<sup>102</sup> já nos anos 1950, o surgimento da primeira geração de arquitetos locais foi um evento emblemático na progressiva hegemonia da doutrina modernista na arquitetura e na adoção dos preceitos da Carta de Atenas<sup>103</sup>.

Brasília, em construção a partir de 1956, inaugurada ainda incompleta em 21 de abril de 1960, com plano urbanístico de Lúcio Costa e orientação arquitetural de Oscar Niemeyer, era o exemplo brasileiro do urbanismo Modernista. No Rio Grande do Sul, de acordo com Pereira (2000. p.57)

a arquitetura moderna brasileira [...] eclodiu no Rio Grande do Sul somente na década de 50 sob a atuação de arquitetos como Edgar Graeff, Demétrio Ribeiro, Emil Bered, Carlos M. Fayet, Luís Fernando Corona entre outros. Nessa década o Hospital de Clínicas encontrava-se em lenta construção, permitindo-nos supor que não foi a obra do Hospital de Clínicas que refletiu na arquitetura do estado do Rio Grande do Sul, mas o seu projeto feito por Jorge Moreira. Juntamente com a ampliação de publicações sobre a arquitetura moderna na época, alguns dos arquitetos rio-grandenses aderiram a essa arquitetura, retirando dela lições necessárias para adaptá-la as características do sul do país.

É interessante lembrar que todos os arquitetos citados acima, que entre outros representaram o movimento modernista no Rio Grande do Sul, foram professores da Faculdade de Arquitetura da URGs, quase todos entre os anos 1950 e os anos 80.<sup>104</sup>

---

<sup>102</sup> Artigo Digital sem paginação. (ISSN 1808-5741)

<sup>103</sup> A Carta de Atenas é o manifesto urbanístico resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), realizado em Atenas em 1933. O evento, que teve como tema a "cidade funcional", discutiu aspectos da arquitetura contemporânea. O documento final, redigido por Le Corbusier, define praticamente o conceito de urbanismo moderno, traçando diretrizes e fórmulas que, segundo os seus autores, seriam aplicáveis internacionalmente.

<sup>104</sup> Segundo registros existentes hoje (2014) na secretaria da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, Edgar Albuquerque Graeff esteve vinculado à faculdade entre 1950 e 1983 quando se aposentou. Demétrio

A construção do hospital universitário em Porto Alegre e a grande demanda por médicos no Estado na década de 1950 determinaram a fundação da então Faculdade Católica de Medicina (FCM). Acontece que com a construção do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, a Santa Casa temia que uma parcela significativa de seu corpo clínico, formado em grande parte por médicos-professores e alunos da URGS, deixassem o complexo hospitalar. Surgiu então a idéia de criar uma nova faculdade de medicina, isto reduziria o déficit no corpo clínico da instituição, uma vez que médicos-professores e alunos da nova FCM utilizariam a Santa Casa como hospital de ensino; e reduziria o déficit de médicos no Estado, que, na época, contava com apenas uma escola de medicina (a Faculdade de Medicina da URGS). Foi então criada em 8 de dezembro de 1953, por Decreto do Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, com a denominação de Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre e autorizada a funcionar pelo Decreto nº 50165, de 28 de janeiro de 1961, foi reconhecida pelo Decreto nº 54.234, de 02 de setembro de 1964. A 22 de agosto de 1969 foi autorizada a funcionar como Fundação de direito privado. Foi, contudo, só em 1980 que entendeu o Governo Federal que a mesma deveria ser federalizada.<sup>105</sup>

No que se refere à URGS, após a Federalização as unidades acadêmicas começaram a ganhar autonomia administrativa e a ter verbas próprias a elas destinadas pela administração central. Com mais verbas passou-se a construir também novos prédios.

Na fotografia da década de 1950 do atual Câmpus da Saúde, (fig. 49), com todos os prédios na época em construção, vê-se a direita a faculdade de Farmácia, ao centro o Hospital de Clínicas e a esquerda o Pavilhão de Tisiologia (prédio anexo ao Hospital de Clínicas que se dedicaria exclusivamente ao estudo e tratamento da Tuberculose e que, com os avanços médicos nesta área, perdeu sua função e com a Reforma Universitária passou a sediar o Ciclo Básico da Universidade e mais tarde o curso de Psicologia).

---

Ribeiro de 1959 a 1986, Emil Achutti Bered de 1952 a 1983, Carlos Maximiliano Fayet de 1958 a 1991 e Luís Fernando Corona de 1958 a 1977, quando faleceu aos 52 anos. Contudo houve um período de expurgo pelo regime militar, sendo que Graeff, Ribeiro e Corona foram expurgados em 1964 e Fayet em 1969, retomando suas atividades docentes somente com a anistia política, no início dos anos 1980 e obtendo o direito de aposentadoria.

<sup>105</sup> A 11 de dezembro de 1980, por meio da Lei nº 6.891, passou a denominar-se Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFFCMPA). Em 1987, por força da Lei nº 7.596, de 10 de abril, foi enquadrada como Fundação Pública. Em 11 de janeiro de 2008, é instituída a Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre a UFCSPA.



Fig. 49: Vista aérea do Campus Saúde. Década de 1950.

Como vimos anteriormente, a Escola de Farmácia que havia sido o primeiro curso livre que deu origem a UFRGS, criado em 1895, anexada à Faculdade de Medicina em 1898 após fundir-se com o Curso de Partos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, em 1949 recuperou sua autonomia enquanto curso universitário, mas permanecia ocupando fisicamente o mesmo edifício que a Faculdade de Medicina, permanecendo vinculada à mesma legalmente até 1952 quando pelo Decreto nº 30.943 de 05 de junho de 1952 foi, então, organizada como uma das Unidades Técnico-Administrativas da UFRGS.

O novo prédio (fig. 50), construído entre 1954 e 1958, é o primeiro destinado exclusivamente a ser sede da Faculdade de Farmácia, que ainda na década de 1950 ocupava os porões da Faculdade de Medicina na Rua Sarmento Leite e, como vimos, já ocupara outros prédios ao longo de sua história. Conforme conta o professor e arquiteto Flávio Soares<sup>106</sup>, o novo prédio %o projetado para ser construído no câmpus da saúde, próximo ao hospital de Clínicas na década de 50, com características modernistas e é considerado, naquela época, uma vanguarda na arquitetura porto-alegrense+. Este prédio teve seu projeto arquitetônico elaborado pelos arquitetos já formados por esta instituição e futuros professores da Faculdade de Arquitetura da UFRGS<sup>107</sup>, Lincoln

<sup>106</sup> Informações verbais fornecidas pelo professor Flávio Soares em entrevista gravada e concedida por ele e pelo Prof. Lincoln Ganzo de Castro na sala da direção da Faculdade de Farmácia em 13 de junho de 2012, quando da visita destes arquitetos ao prédio por eles projetados.

<sup>107</sup> Lincoln Ganzo de Castro iniciou a dar aulas na Faculdade de Arquitetura em 16/03/1960 aposentando-se em 10/05/1990 e Flávio Figueira Soares, iniciou em 30/05/1962 aposentando-se em 18/12/1989. Conforme informações pesquisadas nos arquivos da FacArq.-UFRGS (2014).

Ganzo de Castro e Flávio Figueira Soares, com o apoio técnico e construtivo do corpo técnico da divisão de obras da UFRGS.



Fig. 50: Faculdade de Farmácia no Câmpus da Saúde.

No já então chamado Câmpus do Vale da Agronomia, ainda na década de 1950, a Faculdade de Veterinária tem construído e a ela anexado administrativamente um hospital escola, o Hospital de Clínicas Veterinárias (HCV), localizado na Av. Bento Gonçalves, número 9090. O HCV de Porto Alegre, inaugurado no dia 14 de maio de 1956, como um órgão auxiliar da Faculdade, serve de apoio às aulas práticas de pequenos e de grandes animais, além de prestar serviços médico-veterinários à comunidade porto alegreense. Também com a federalização, porém oficialmente somente em 1959, a Escola de Agronomia e Veterinária passou a chamar-se, Faculdade de Agronomia e Veterinária<sup>108</sup>.

Já no atual Câmpus Centro, com a federalização, também a Faculdade de Economia e Administração se tornara unidade totalmente autônoma e passa a denominar-se Faculdade de Ciências Econômicas em 1950. Em 1953, é reconstruído com verbas federais, apesar de muito modificado, e acrescido de andares, o antigo Colégio Júlio de Castilhos que havia incendiado em 16 de novembro de 1951. Ele passa então a sediar a recém criada Faculdade de Ciências Econômicas. No mesmo ano, foi criado o Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas (IEPE)<sup>109</sup>, como órgão auxiliar da Faculdade que, promoveu, também, alguns dos primeiros cursos de pós-graduação da

<sup>108</sup> Com a reforma universitária de 1970, se separa do curso de veterinária e passa a se denominar Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Faculdade de Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>109</sup> O IEPE é hoje o órgão que elabora o índice de preços ao consumidor (IPC) da Região Metropolitana de Porto Alegre.

Universidade<sup>110</sup>. Em 1952, também no Câmpus Centro, ainda vinculado a Filosofia é criado o curso de Comunicação Social, tendo por sua habilitação mais antiga o curso de Jornalismo.

No que se refere a administração da universidade, em 1952, é empossado Elyseu Paglioli como reitor da Universidade do Rio Grande do Sul, cargo que ocuparia pelos doze anos seguintes. Em sua gestão houve grande expansão física da universidade, que a partir daquela década também aumentou o número de cursos oferecidos e de unidades, além de passar a investir em pesquisa, até esta época bastante tímida. De acordo com Rigatto e Hassen (1998), no período em que o médico Elyseu Paglioli foi Reitor da Universidade, ele

capitaneou a fase de maior desenvolvimento material da mesma. Quando assumiu a Reitoria em 1952, das doze Escolas e Faculdades existentes, apenas quatro tinham prédio próprio: Direito, Medicina, Engenharia e Agronomia/ Veterinária. Trinta e cinco obras foram realizadas em sua gestão, remodelando os hoje chamados Câmpus Central e Médico. Os prédios da Reitoria, do ex Colégio de Aplicação, da Economia, da Arquitetura, Farmácia, Odontologia e Enfermagem foram obra sua.

Paglioli também acompanhou com especial empenho durante todo seu reitorado o andamento das obras do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (fig. 51), mas ainda não foi na sua gestão que o Hospital passou a funcionar.



Fig. 51: Ao centro Elyseu Paglioli inspecionando as obras do Hospital de Clínicas. A sua esquerda, Leonel Brizola<sup>111</sup>, que foi prefeito de Porto Alegre e governador do Estado.

<sup>110</sup> Mestrado em Economia Rural, Mestrado em Economia Pura e Mestrado em Sociologia Rural, na década de 1960.

<sup>111</sup> Leonel de Moura Brizola havia cursado a Escola de Engenharia na Universidade do Rio Grande do Sul, formando-se em 1949.

No Câmpus da Saúde, a autonomia da Faculdade de Odontologia, desvinculando-se da Farmácia, efetivou-se em 1952, pelo Decreto nº 30.943, quando foi incluída como estabelecimento autônomo da Universidade do Rio Grande do Sul, recentemente federalizada. Ela ganha, no início dos anos 1960, também sua sede própria, projeto do Arquiteto Walter Bered. A foto da fig. 52 mostra a construção do prédio sede da Faculdade de Odontologia em 1962, que será inaugurado somente em agosto de 1968, na da fig. 53 tem-se seu aspecto, já no século XXI.



Fig.52: Faculdade de Odontologia. Data: 1962



Fig. 53: Faculdade de Odontologia- 2012

Com tudo isso, vê-se que, com a federalização, a Universidade é incorporada a união. Professores e técnicos passam a serem funcionários federais, as verbas para manutenção e construção passam a vir do Governo Federal, mas isso também permite uma maior autonomia das unidades acadêmicas na gestão de seus cursos e de sua área física. A época Pós-Federalização foi notadamente um momento de grande expansão e crescimento físico da Universidade em Porto Alegre.

## 7.1 O Câmpus Centro, o Prédio da Reitoria e outros da mesma época.

Em Porto Alegre, a importância que a URGS enquanto instituição adquiriu ao longo dos anos se evidencia pela decisão de construir um edifício isolado para sediar seus setores administrativos.

De 1954 a 1957 é construído o prédio Sede da Reitoria da URGS (fig. 54), no Campus Centro. O Arquiteto Fernando Petersen Lunardi, então professor da URGS, foi o responsável pelo projeto do complexo Reitoria/Salão de Atos, com traços marcantes da arquitetura moderna. Para a concepção dos interiores foi contratado o arquiteto Frederico Michel Müller, professor da disciplina de Composição Decorativa da faculdade de Arquitetura.



Fig. 54: Prédio da Reitoria da UFRGS- inaugurado em 1957.

O Prédio abrigava a administração da URGS e centralizava atividades sociais acadêmicas, como formaturas, bailes e grandes apresentações culturais (fig. 55).

Numa Porto Alegre do final da década de 1950, com pouco mais de 600 mil habitantes<sup>112</sup>, onde os bondes ainda circulavam no centro da cidade e o Brasil passava por uma fase de crescimento econômico, este prédio veio a tornar-se importante ponto de referência e foco de interesse social e cultural da sociedade de Porto alegreense da época.



Fig.55: Conjunto Melódico Norberto Baldauf,<sup>113</sup>que animava os bailes da Reitoria, na fotografia, em apresentação na extinta TV Tupi no canal 5 de Porto Alegre.

Nesta época a Reitoria da URGS tornou-se sinônimo de convívio, não só acadêmico como social em Porto Alegre. Conforme matéria do nº143 do Jornal da Universidade, fossem eventos oficiais, como formaturas, ou organizados pelos alunos, o

<sup>112</sup> Em 1960, Porto Alegre tinha, segundo o IBGE, 641.173 habitantes.

<sup>113</sup> Norberto Baldauf, pianista, líder do conjunto do mesmo nome, que animava os Bailes da Reitoria da UFRGS foi também professor do Departamento de Biofísica desta Universidade.

fato é que estes eventos atraíam a juventude porto-alegrense. Divertiam-se no imponente salão de traços modernistas os estudantes universitários, ~~as~~ as mocinhas casadoiras, o pessoal mais quadrado, a patota pra-frentex+, enfim, a juventude toda Porto Alegre que ainda despertava para as primeiras modernidades daqueles ~~anos~~ anos dourados+ (CARDOSO, 2011. p.1)

Ainda conforme Cardoso (2011. p.8), falando dos Bailes da Reitoria da URGs, na Porto Alegre dos anos entre 1950/1960, ~~esses~~ esses eventos foram tão emblemáticos na história da capital gaúcha, que é difícil falar do contexto daquela época sem citá-los.+

Na mesma época, segundo Delphim (2009, p 100), no campus centro é construído além da Reitoria um novo grupo de prédios

da corrente modernista, [...] Entre 1950 e 1964, foram construídos os seguintes prédios: Instituto de Física, Faculdade de Filosofia, Cinema e Teatro da Filosofia, Faculdades de Ciências Naturais, Arquitetura, Ciências Econômicas, Educação, Engenharia Nova, pavilhão de tecnologia e Salão de Atos [...]

Em março de 1953 a Faculdade de Filosofia se instalou em um novo prédio na atual Avenida Paulo Gama (fig. 56) que foi concluído em 1954 com a construção do Instituto de Filosofia e Ciências Naturais. Parte do Instituto de Física passou então a funcionar numa ala da Faculdade de Filosofia. Em 3 de setembro de 1953 é criado o Centro de pesquisas Físicas

[...] dirigido basicamente para a pesquisa, com o que se realizava uma inflexão da destinação original do ensino da Física na Universidade, até então abrigada nos quadros da Faculdade de Filosofia, como um departamento destinado a formação de professores. Para tanto, realizou-se a contratação de professores estrangeiros, atitude que foi decisiva para a implantação do Instituto de Física, em 1957. (PESAVENTO, 2004 (b). p. 63)



Fig. 56: Fachada do Instituto de Filosofia e Ciências Naturais. Década de 1950.

Na fotografia da fig. 57, datada dos anos 2000, pode-se ver a esquerda o Salão de Atos, vinculados ao Prédio da Reitoria, ambos construídos entre 1954 /1957, em seguida vê-se organizados em formato de U os Prédios da Faculdade de Filosofia, Física e de Ciências Naturais de 1953/54 (atuais anexo I e III da Reitoria), ao fundo a antiga Escola de Química Industrial inaugurada em 1924, (atual anexo II) a extrema direita vê-se parte da Faculdade de Educação (1960/1964).



Fig. 57: Reitoria e conjunto de prédios construídos nos anos 1950/1960.

Com a construção de todos estes prédios na década de 1950, houve um aumento significativo de área física, já escassa nos quarteirões do câmpus Centro da UFRGS, junto ao centro histórico de Porto Alegre. Este aumento de área propiciou que também houvesse um aumento do número de pessoas estudando, trabalhando e circulando nesta região da cidade.

A Faculdade de Arquitetura, como já se viu, resultou da fusão do curso de Arquitetura da Faculdade de Engenharia e do Curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes e que já ocupara quando da sua criação em 1952 o prédio conhecido como "Chateau", teve construída entre 1954 e 1957 sua sede própria (fig. 58), na esquina da Av. Oswaldo Aranha com Rua Sarmiento Leite. A construção, de linhas modernas, é inaugurada em 1958, em 13 de janeiro, o presidente Juscelino Kubitschek inaugura o novo prédio da Faculdade de Arquitetura e, nesse ato, inaugura simbolicamente todos os demais prédios novos da Universidade+(ROVATI e PADÃO, 2002. p.26).



Fig. 58: Prédio Sede da Faculdade de Arquitetura. Data de construção: 1954/ 1957

A Faculdade de Engenharia, (primeiro curso a ter sua sede própria em 1895), ganhou entre 1955 e 1960 seu novo edifício sede (fig. 59), hoje denominado prédio da Engenharia Nova, este também como o da Arquitetura, de características Modernistas, refletindo os novos padrões estéticos e construtivos que marcavam aquela época. Este prédio foi construído na Av. Oswaldo Aranha entre dois prédios do início do século XX, o Instituto Eletrotécnico e o Observatório Astronômico, criando um curioso contraste arquitetônico.



Fig. 59: Prédio da Faculdade de Engenharia "Nova". Data de construção: 1955/1960.

### 7.1.2 Considerações sobre o Câmpus Centro e sua relação com a cidade.

A organização interna do Câmpus Centro (Quarteirões Universitários) hoje, em 2014, pode ser observada no mapa da fig. 60. Os prédios assinalados foram construídos entre as décadas de 1950 e 1960, os demais, (com exceção do de nº 9 que é do séc.XXI), são do início do século XX.



Fig. 60: Câmpus Centro (Quarteirões Universitários) em 2014.

<b>Quarteirão 1</b>	<b>Quarteirão 2</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>1- Escola de Engenharia Antiga</li> <li>2- Castelinho- NORIE</li> <li>3- Chateau</li> <li>4- Observatório Astronômico (Antigo)</li> <li>5- Faculdade de Ciências Econômicas (onde se localizava o Colégio Júlio de Castilhos)</li> <li>6- Faculdade de Direito</li> <li>7- Escola de Engenharia Nova</li> <li>8- Departamento de Engenharia Elétrica</li> <li>9- Novo Prédio de Salas de Aula Câmpus Centro (2013)</li> <li>10- Departamento de Engenharia Mecânica (Antiga Escola Técnica Parobé).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>11- Instituto de Ciências Básicas da Saúde (Antiga Faculdade de Medicina)</li> <li>12- Rádio da Universidade</li> <li>13- Faculdade de Arquitetura</li> <li>14- Museu Universitário ( Antigo Curtumes e Tanantes)</li> <li>15- Faculdade de Educação</li> <li>16- Anexo III . Reitoria</li> <li>17- Departamentos de Engenharia Química</li> <li>18- Sala Redenção- Cinema Universitário</li> <li>19- Lancheria (Antigo Bar da Filosofia)</li> <li>20- Anexo II . Reitoria (Antiga Engenharia Química)</li> <li>21- Anexo I . Reitoria</li> <li>22- Reitoria</li> <li>23- Salão de Atos . Reitoria</li> </ul>

O Câmpus Centro da UFRGS é conhecido geralmente pelos dois quarteirões que formavam o também chamado Polígono Universitário, contudo, hoje ainda fazem parte desse Câmpus unidades isoladas (fig. 61), como os prédios do Instituto de Artes, que se localizavam ainda dentro dos limites das antigas muralhas da cidade, haja visto que a Praça do Portão era a mesma que hoje denomina-se Praça Conde de Porto Alegre.

Também incorporado ao Câmpus Centro tem-se o Prédio do Restaurante Universitário (1953)<sup>114</sup> que localiza-se do outro lado da Av. João Pessoa, em frente a Faculdade de Ciências Econômicas (1954), esta construída no local do antigo Colégio Júlio de Castilhos (1900). Tem-se também o prédio da Escola de Administração da UFRGS, inaugurado no ano de 2000, este se localizando no quarteirão entre as Ruas Washington Luis e Av. Loureiro da Silva, que passou a funcionar a partir deste ano em uma unidade isolada e não mais no prédio da Faculdade de Ciências Econômicas. O atual prédio da Escola de Administração era, até então, a Sede da Delegacia do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em Porto Alegre, contudo, após a greve dos professores de 1998 e com a invasão por parte dos grevistas, o MEC decidiu fechar esta representação. O edifício foi então destinado a UFRGS.

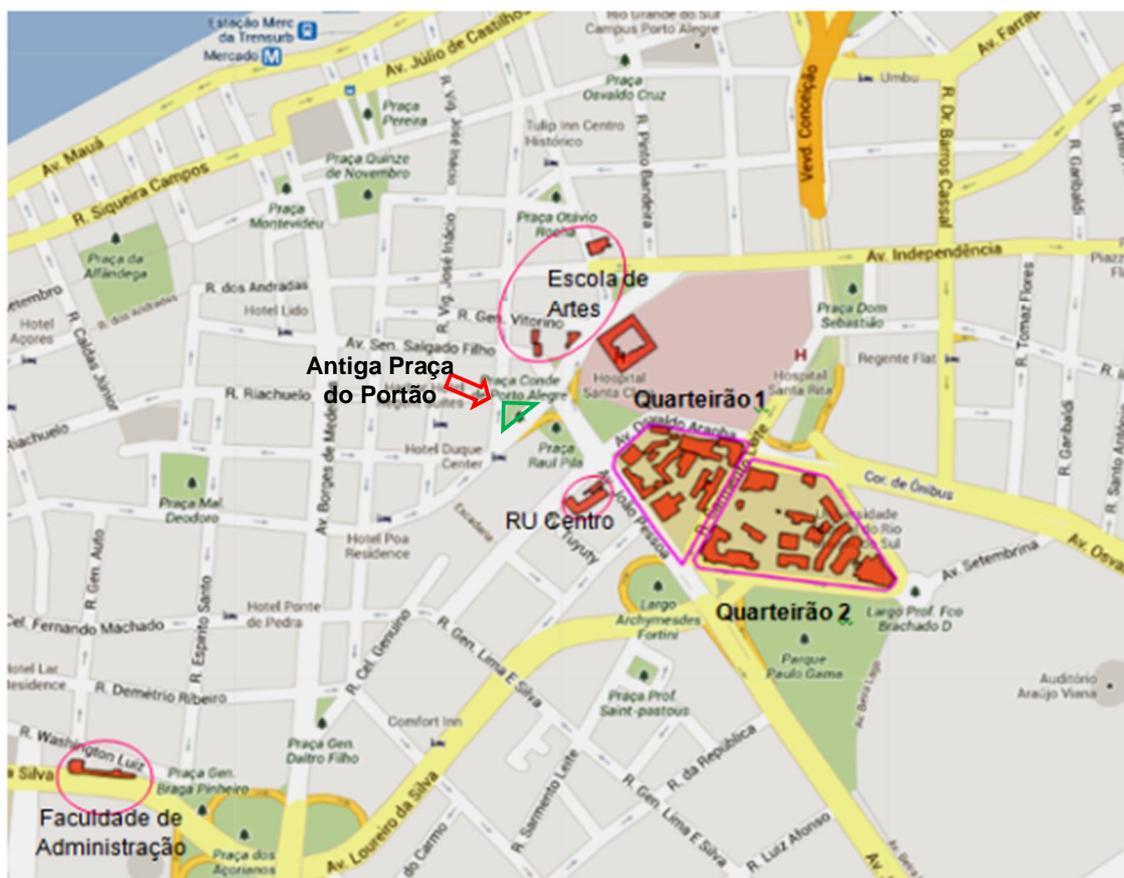


Fig. 61: Câmpus Centro, quarteirões universitários e suas unidades isoladas.

<sup>114</sup> Datas de Inauguração dos referidos prédios.

O Câmpus Centro da UFRGS, ao que se conclui, teve uma fase de intensa construção no início do século XX e foi paulatinamente ocupando parte do terreno que já havia sido denominado Potreiro da Várzea, Campo do Bom Fim e Campo da Redenção e que também foi denominado Polígono Universitário, no Plano Diretor de 1959.

Entre as décadas de 1950 e 1960, houve uma segunda fase de intensa construção neste Câmpus, quando se construiu o prédio da Reitoria e seu Salão de Atos, a Nova Faculdade de Engenharia, a Sede da Faculdade de Arquitetura, entre outros já citados anteriormente, que fecharam estes quarteirões, adensando sua área construída, mas, principalmente, criando mais oportunidades e espaços adequados ao trabalho, ensino e pesquisa na Universidade aumentando consideravelmente a população que circula diariamente por essa área da cidade.

Quanto aos Prédios construídos no Câmpus Centro nas décadas de 1950/60, poder-se-ia dizer que fisicamente eles fecharam os quarteirões centrais da Universidade em seus espaços, ainda na época, abertos. Contudo, devido a ter se passado meio século da data da construção do primeiro conjunto de prédios, para muitos observadores, eles não vieram a formar um conjunto harmonioso com os prédios pré-existentes.

Numa outra linha de análise, poder-se-ia afirmar que a forma destes prédios foi perfeitamente adequada, pois eles retratam e são testemunhos da época em que foram construídos, seja quanto a suas características formais Modernistas como também por serem exemplos de novas tecnologias construtivas e estruturais que se passou a adotar em meados do século XX.

Hoje, os quarteirões centrais da Universidade estão consolidados. Sendo compostos por prédios construídos em diferentes épocas e de reconhecida qualidade arquitetônica, eles fazem parte do patrimônio histórico construído da UFRGS e de Porto Alegre.

## **7.2 O Câmpus Praia de Belas e o Plano Diretor de 1959.**

Não se poderia aqui deixar de tratar a respeito da área destinada a um futuro câmpus da UFRGS, que na realidade nunca existiu efetivamente. Trata-se de um terreno no aterro junto ao Estuário do Guaíba, por muito tempo destinado a ser um futuro câmpus da UFRGS por planejadores e políticos de Porto Alegre no projeto para a Praia de Belas do Plano de 1959.

Conforme relata Pesavento, (2004(b). p.68), na época em que surgiu esta ideia:

[...] Os edifícios ganhavam novos contornos, com formas mais modernas e arrojadas. [...] A cidade se verticalizava e as indústrias começaram a retirar-se do centro pelo caminho da BR-116, para além dos limites urbanos, constituindo a Grande Porto Alegre. A cidade espalhava-se em zonas periféricas, originando novos arrabaldes. A população aumentava [...].

Pelo censo do IBGE de 1950, Porto Alegre já contava com 641.173 habitantes. A cidade também crescia e reformulava seus contornos tomando área do Estuário do Guaíba, por meio de novos aterros.

O projeto de urbanização da Praia de Belas foi criado entre 1954/1964, e passou a integrar o Plano Diretor de Porto Alegre, tornado Lei pelo decreto nº 2046, de 30 de dezembro de 1959<sup>115</sup>, que, ao longo do tempo, teve novas redações, (em sua extensão A, datada de 1964, por meio do decreto nº 2872; Extensão B, em 1967, pelo Decreto nº 3487; Extensão C, em 1972, pelo Decreto nº 4552 e Extensão D, em 1975 pelo Decreto 5162).

O Projeto (fig.62) que deu origem a este Plano foi elaborado pelo Eng. Edvaldo Pereira Paiva e o projeto da Praia de Belas, nele incluso, visava dar um uso de caráter residencial ao novo bairro que se planejava na área construída sobre o aterro, dando alternativa de habitação a uma população que crescia, tendo sido proposto já dentro das premissas modernistas, com unidades vicinais, com instalações para esportes, áreas verdes, áreas para escolas, mercados, praias e para o sistema viário, conforme consta da redação do texto daquele projeto. (PORTO ALEGRE, 1964. p. 64)

---

<sup>115</sup> Embora transformado em lei no dia 30 de dezembro de 1959 (Lei 2046/59), o Plano acabou sendo alterado pela Lei 2330/61, quando entrou em vigor. A área física do Município coincidia, na época, com a superfície mais habitada da cidade, onde era mais urgente a regulamentação. Seus limites eram as avenidas Sertório, D. Pedro II, Carlos Gomes, Salvador França, Aparício Borges e Teresópolis.



Fig.62: Plano Diretor de Porto Alegre de 1959, que incluía um projeto de Urbanização para o Aterro na Praia de Belas.

Com a colaboração do arquiteto Carlos Maximiliano Fayet, que tivera sua formação acadêmica na UFGS e viria a ser também seu professor, o Eng. Paiva elaborou o projeto definitivo para a Praia de Belas com características do urbanismo Modernista, introduzindo um zoneamento de usos e alturas para as edificações e prevendo a localização de órgãos de ensino, de recreação, de abastecimento, serviços sociais e esportes e privilegiando a cidade com uma bela área de parques margeando o novo contorno do Estuário do Guaíba.

Na fotografia da fig. 63 vê-se a obra de aterro da orla do Guaíba, iniciada em 1959, na época a última rua existente era a Praia de Belas, hoje, estão sobre o aterro as avenidas Edvaldo Pereira Paiva (Beira-Rio) e Borges de Medeiros, além dos prédios do Shopping Praia de Belas, Centro Administrativo, residências e hotéis.

Grande parte deste plano foi implementado, porém, conta-nos Espíndola (1979, p.65) que a prefeitura reserva, no aterro da Praia de Belas, uma área de 42 hectares para a UFRGS [...]. Foi então instituída a primeira Comissão de Planejamento, com a função específica de estabelecer um Pré- Plano do centro Universitário da Praia de Belas.



Fig. 63: Aterro do Guaíba, área do Projeto Praia de Belas, 1959.

Conforme consta da página 67 da descrição do Projeto para o Plano Diretor, elaborada entre 1954/1964, o terreno da Praia de Belas seria cedido a URGS e desta forma a Prefeitura Municipal de Porto Alegre tentaria através de permuta recuperar o polígono próximo ao Parque Farroupilha, terrenos estes que haviam sido cedidos aos cursos universitários Livres pela Intendência Municipal ainda no fim do Século XIX. (PORTO ALEGRE, 1964)

Podemos identificar esta área (fig. 64) destinada a URGS, já demarcada no projeto de Paiva e Fayet.

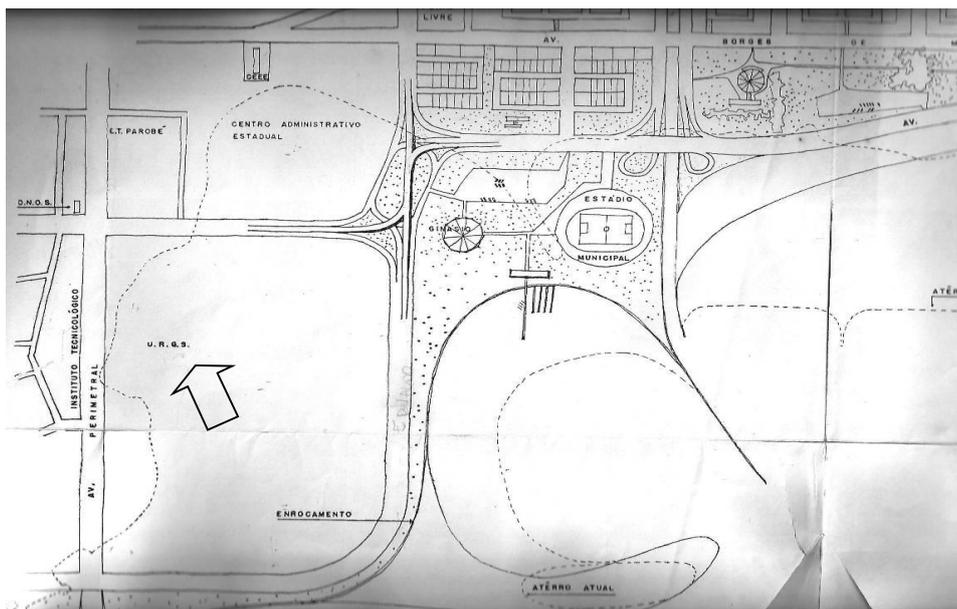


Fig. 64: Área destinada a URGS no aterro da Praia de Belas no projeto para o Plano Diretor para Porto Alegre de 1959 que se delineava desde 1954.

Alguns problemas surgem dificultando esta permuta. De acordo com artigo publicado na revista *“Espaço Arquitetura”* em 1958<sup>116</sup>, por Paiva e Fayet, entre outros autores, relatam que

[...] a Prefeitura Municipal, pretendendo localizar o Centro Cívico da Cidade nos atuais terrenos da Universidade, propôs trocá-los por 24 hectares situados na Praia de Belas. A proposta deixou de ser acolhida porque a Municipalidade situava, como condição fundamental, a suspensão de quaisquer melhoramentos, ou ampliações ou novas construções no atual *“Polígono”*. Ora, aceita tivesse sido esta proposta . feita, sem dúvida, com os melhores propósitos- as gerações atuais do estudantado teriam sido enormemente prejudicadas: é sabido que uma Cidade Universitária não se conclui nem em 10 ou 20 anos; assim, até que concluída estivesse a Universidade ao longo do Guaíba, a Faculdade de Arquitetura continuaria funcionando no ridículo Pavilhão anexo a velha escola de Engenharia, esta última não poderia contar com o moderno prédio que está por ser inaugurado, as ampliações feitas para as de Medicina, Direito e Ciências Econômicas não teriam sequer sido planejadas, etc [...] (PAIVA, et al, 1958. p. 33).

O mesmo Projeto de 1954/64, que resultou no plano Diretor, instituído por lei em 1959, desejava promover também uma nova estruturação e maior fluidez viária para a área Central de Porto Alegre. Ele previa a construção de uma Avenida Perimetral, espécie de anel coletor de tráfego no contorno do centro congestionado, que daria acesso mais direto e desimpedido as vias radiais preexistentes que davam acesso aos bairros. Contudo, a progressiva implantação do sistema viário de Porto Alegre também colidia com os tradicionais quarteirões universitários. A Avenida Perimetral, como se vê no trecho B de seu projeto, ligaria a Av. Borges de Medeiros à Av. Osvaldo Aranha e, segundo seu traçado original, deveria cortar com um viaduto os quarteirões Universitários, denominados no Plano como *“Polígono Universitário”*, ao que tudo indica, tendo, que desapropriar total ou parcialmente, alguns dos prédios nele existentes, como por exemplo, a Faculdade de Medicina, a Rádio da Universidade, o prédio do atual Museu Universitário, entre outros além de passar tangenciando a Faculdade de Arquitetura.

A comunidade Universitária não ficou contente com a proposta de cortar ao meio um dos quarteirões universitários, demolindo alguns de seus prédios. De acordo com o que relatam Doll e Comerlato (2010. p. 6.), diretor e vice da Faculdade de Educação em

---

<sup>116</sup> Artigo de autoria de uma das equipes que também elaborou um dos projetos iniciais para a cidade Universitária no Vale da Agronomia, publicado na mesma revista, estando entre seus autores Paiva e Fayet.

2010, a respeito da construção do prédio sede desta Faculdade (fig.65) entre os anos de 1960/1964, ou seja, no contexto da discussão destas ideias de planejamento do município,

A própria construção é rodeada por histórias. Uma versão da construção de nosso prédio se daria pelo movimento da Universidade contra a passagem de uma rua que rasgaria o Campus Central ao meio, continuação da Perimetral em direção ao Túnel da Conceição. [...] sendo, portanto, a construção da FACED vista como uma forma de resistência à destruição de um patrimônio público.



Fig.65: Faculdade de Educação/ Colégio de Aplicação, construído no centro do quarteirão Universitário.

A fig. 66 mostra o trecho B do Projeto para a Avenida Perimetral. Em vermelho marcou-se a área do Polígono Universitário a ser trocado pela área na Praia de Belas e pelo qual passaria um Viaduto, conforme consta no texto do Projeto para o Plano Diretor de 1959 (PORTO ALEGRE, 1964, p. 62). Foi acrescido a esta planta (também em vermelho) o prédio novo da Faculdade de Educação, construído pela Universidade entre 1960/64.

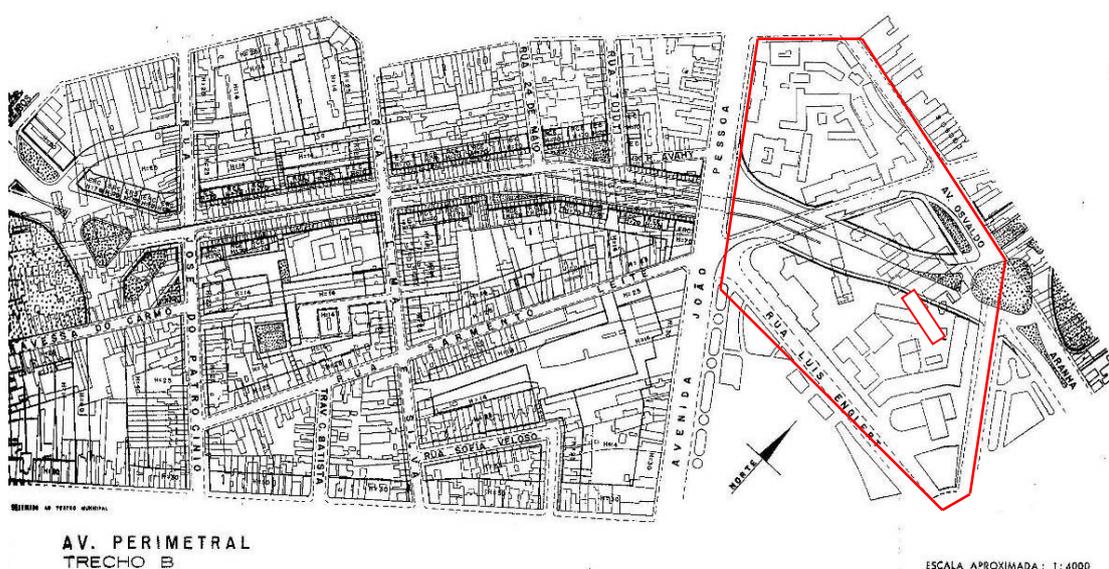


Fig. 66: Área do Polígono Universitário a ser trocado pela área na Praia de Belas conforme consta no texto do projeto para o Plano Diretor. (elaborado entre 1954/64)

Documentos, como o próprio texto de exposição de motivos do Projeto de urbanização da Praia de Belas e também o Processo de nº 1412/48 (ver anexo 1) do Reitor Alexandre Martins da Rosa ao Governador Walter Jobim, encaminhado em 31 de março de 1949, onde o Reitor anexa inclusive um esboço de Projeto de Lei, que estabeleceria as bases para a construção e localização da Cidade Universitária, comprovam muitas negociações onde o município pretendia trocar a área da Praia de Belas pelos prédios do Campus Centro e a Universidade contra-argumentava que o local mais adequado para o novo Câmpus seria o local já indicado anteriormente pelo Arquiteto Gladosh em seu plano para a cidade, junto ao Vale da Agronomia. Além disso, os processos de implantação de novos câmpus são sempre lentos e os prédios do Centro, de toda forma, não poderiam ser desocupados de imediato.

O Reitor Paglioli pretendia executar para a UFRGS um Plano Global,

em 5 de maio de 1958, uma promissora fase teria início na implantação de uma nova definição geofísica para a UFRGS, o reitor Elyseu Paglioli cria o Escritório Técnico de Planejamento sob a direção do Arquiteto e professor Edvaldo Paiva com a função de projetar a cidade Universitária [...]. (ESPÍNDOLA, 1979. p. 58)

A idéia da construção de um câmpus em uma área de 24 hectares, num aterro da Praia de Belas, onde hoje fica o Parque da Harmonia<sup>117</sup> ainda não agradava ao meio Universitário, que tentava provar tecnicamente sua inadequação. Reafirmava-se ainda nesta data a intenção da construção de um novo câmpus, chamado na época de Cidade Universitária, mas ele, ao que tudo indicava, deveria se localizar nas imediações das Faculdades de Agronomia e Veterinária e para isso foram feitos muitos projetos.

Por tudo isto, a cidade abriu mão de dar continuidade a Av. Perimetral conforme seu traçado original no Plano de 1959, que seccionava os quarteirões universitários próximos ao Centro Histórico de Porto Alegre. Posteriormente, foi construído o Viaduto Imperatriz Dona Leopoldina<sup>118</sup>, na Av. João Pessoa, em frente às Faculdades de Direito e Medicina da UFRGS. Tentava-se resolver desta forma um problema viário, porém foi gerada muita polêmica na época, pois se alterou o entorno imediato da área da universidade bem como sua relação com a cidade. O Viaduto implantado neste novo local foi uma solução para o problema viário da região na época, mas foi concebido sem considerar mais aprofundadamente o necessário diálogo urbanístico que deveria existir com o importante conjunto de prédios históricos dos quarteirões centrais da UFRGS.

---

<sup>117</sup> Ideia esta que não foi aceita pelo Conselho Universitário.

<sup>118</sup> No ano de 1975.



Fig.67: Construção do Viaduto Imperatriz Dona Leopoldina em frente à Faculdade de Medicina.

Conforme lê-se em Espíndola (1979, p.82), esta foto, (fig. 67) de janeiro de 1975, mostra, com força física e plástica, o obstáculo [...] não só no aspecto visual, mas também a falta de diálogo urbanístico que representará o Viaduto Dona Leopoldina localizado em frente à antiga Faculdade de Medicina da UFRGS. O resultado estético da construção do novo viaduto não valorizava devidamente os prédios históricos, todavia este não mais cruzaria pelo meio dos quarteirões universitários, resolvendo o problema viário e mantendo o Câmpus Centro da UFRGS no mesmo lugar que este passou a ocupar desde o fim do século XIX, ou seja, permanecendo junto ao Centro Histórico da cidade.

Por outro lado, mesmo que a título de curiosidade, é interessante constatar que, no mapa de Porto Alegre (fig.68), com os dados cartográficos de 2013 do Google maps, ainda se verificava constar uma área demarcada destinada a um futuro centro Universitário da UFRGS, que nunca existirá.<sup>119</sup>

<sup>119</sup> Somente hoje, em 2014, o Google Maps corrigiu esta informação.

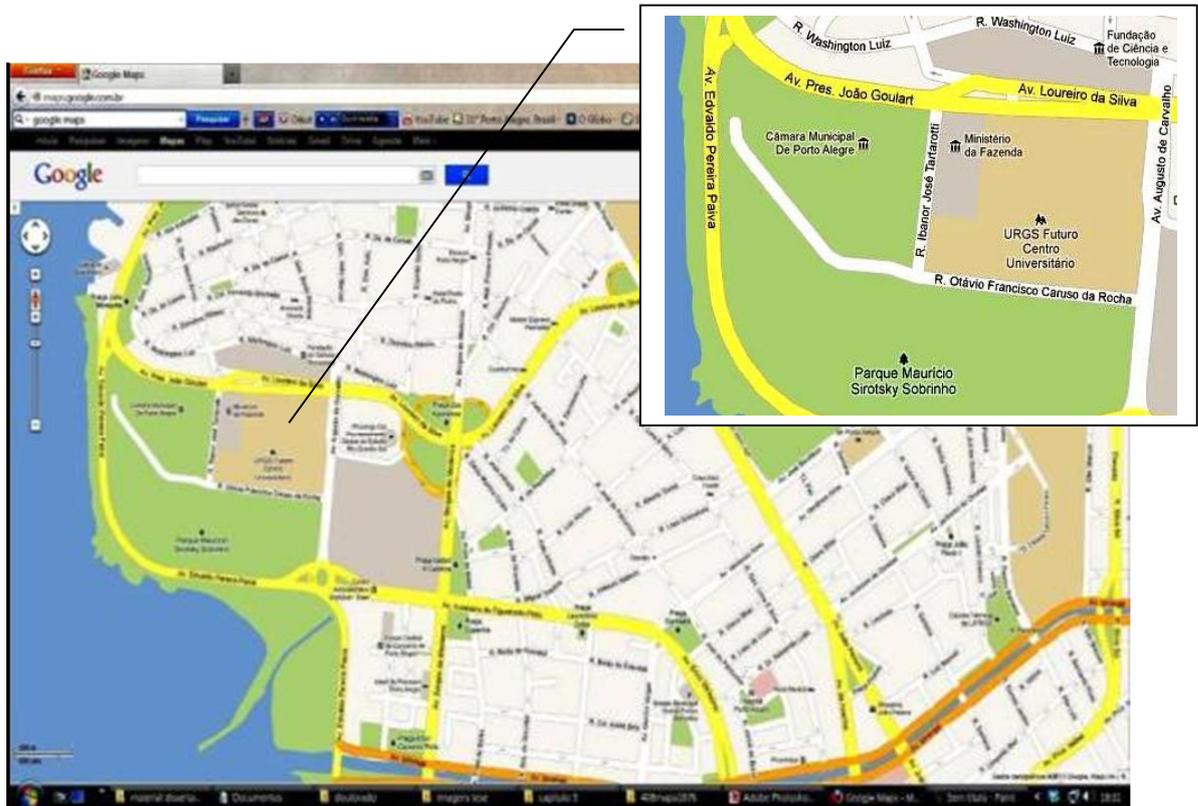


Fig. 68: Mapa de Porto Alegre, com os dados cartográficos de 2013 do Google maps+, onde ainda aparece uma área no bairro Praia de Belas, com a seguinte inscrição: URGS- futuro centro Universitário+

Curioso também que neste mesmo local da Praia de Belas, hoje em pleno centro administrativo de Porto Alegre, até bem pouco tempo (2011), existia uma vila clandestina, conhecida por Vila Chocolate+ (fig. 69), cujo nome fazia alusão aos vidros fumê (chocolate) do prédio do Ministério da Fazenda, localizado ao seu lado.



Fig. 69: Aspecto da Vila Chocolate+ em 2011 antes da reintegração de posse do terreno promovida pela prefeitura municipal à União. Terreno este que já esteve destinado a um futuro câmpus da UFRGS.

A população apropria-se da cidade, muitas vezes, diferentemente do que para ela foi planejado por técnicos e políticos.

### **7.3 O Câmpus da Saúde, o Hospital de Clínicas, sua instalação definitiva e sua estrutura organizacional**

Em 1968, o então reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Eduardo Faraco, nomeou uma comissão para estudar a instalação definitiva do Hospital de Clínicas e sua forma organizacional, um problema já crônico que perturbava a Universidade e a cidade a mais de vinte anos.

O Hospital de Clínicas de Porto Alegre foi então criado organizacionalmente um tanto diferente dos demais hospitais universitários brasileiros. De acordo com lei federal aprovada no Congresso Nacional em 1970, nasceu como empresa pública de direito privado, ou seja: é academicamente ligado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), integra a rede de hospitais do Ministério da Educação, que banca sua folha de pagamento, mas tem orçamento próprio e autonomia administrativa. Conforme registros históricos existentes no Portal do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (PORTAL HCPA, 2013):

[...] o Clínicas nasceu com a missão de oferecer serviços assistenciais à comunidade gaúcha, ser área de ensino para a Universidade e promover a realização de pesquisas científicas e tecnológicas. A assinatura, pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici, da lei que instituía a figura jurídica da Instituição, foi o coroamento de uma longa trajetória para a criação do hospital universitário.

Em julho de 1971, o estatuto do Hospital foi aprovado e publicado no Diário Oficial da União. No ano seguinte, com o prédio ainda inacabado,

[...] entram em funcionamento alguns serviços assistenciais: o primeiro atendimento ambulatorial foi em dois de fevereiro, na especialidade de Endocrinologia, e a primeira internação, de um paciente da Nefrologia, ocorreu em 23 de maio, no 4º andar/Ala Norte. (PORTAL HCPA, 2013).

O hospital foi assim finalmente instalado, em 1972, no seu edifício sede (fig. 70), que estava previsto para tal desde 1931, durante o primeiro governo de Getúlio Vargas. Ainda nos anos seguintes permaneceu em constante processo de implantação. Ainda baseados em dados constantes no portal da Instituição sabe-se que gradualmente, mais serviços foram sendo colocados em funcionamento com a inauguração de novas unidades de internação e ambulatórios, Bloco Cirúrgico, Laboratório de Patologia Clínica entre outros+ (PORTAL HCPA, 2013).



Fig. 70: Vista aérea atual do local onde se localiza o Hospital de Clínicas de Porto Alegre. À esquerda vemos a Av. Protásio Alves. Abaixo a Ramiro Barcelos. Data: 2010.

Com a conclusão do Hospital de Clínicas, a partir de 1974, grande parte dos Departamentos da Faculdade de Medicina, foram para lá transferidos, formando-se a estrutura que permanece até hoje.

No antigo prédio da Faculdade de Medicina no Câmpus Centro, na mesma época, com a Reforma do ensino superior na URGs em 1970, ficaram sediados os recém criados departamentos do Instituto de Biociências e o Instituto de Ciências Básicas da Saúde, local onde passaram a ser oferecidas algumas disciplinas do recém criado Ciclo Básico.

As atividades práticas da Faculdade de Medicina, por sua vez, se desenvolviam principalmente no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, mas também na Irmandade da Santa Casa de Misericórdia e alguns outros hospitais de Porto Alegre.

Ainda no Câmpus da Saúde, em 1970 é inaugurado o Prédio sede da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social (FABICO) criada pela Portaria nº 714, assinada pelo Reitor Eduardo Zaccaro Faraco em 1º de setembro de 1970, cursos estes antes vinculados respectivamente a Faculdade de Economia e a de Filosofia, ambos permanecendo ainda no Câmpus Centro.

### 7.3. O Planetário.



Fig. 71: Construção do Planetário da UFRGS .  
fotografia de 1971.



Fig. 72: Planetário da UFRGS . fotografia de  
2010.

O Planetário da UFRGS (fig. 71 e 72), inaugurado em novembro de 1972, localizado no Câmpus da Saúde, não está vinculado a nenhuma unidade acadêmica da Universidade e sim a Pró Reitoria de Extensão (PROREXT). Tem ele, como sua principal característica, atender não só a comunidade acadêmica como ao público em geral. Neste estudo não poderia-se deixar de citar o Planetário por ser um prédio emblemático na paisagem da cidade.

Em 30 de julho de 1969, a humanidade havia pisado pela 1ª vez o solo da Lua, na pessoa do astronauta norte americano Neil Armstrong, levado pela nave Apolo 11, durante o governo do Presidente Americano Richard Nixon. Olhos do mundo todo olhavam fascinados para o céu, num misto de incredulidade, curiosidade e encantamento. Os recursos tecnológicos da época permitiram que este momento histórico fosse transmitida ao vivo pela televisão, mesmo que ainda em preto e branco.

A UFRGS, como já havia ocorrido em outras épocas, ainda na década de 1970 continuava inovando formal e tecnologicamente em Porto Alegre. No início de 1971 passa a ser construído o Planetário de Porto Alegre, no Câmpus da Saúde, porém com frente para a Avenida Ipiranga, na época já uma das Avenidas mais importantes da cidade. O projeto do Planetário foi do Arquiteto do corpo técnico e professor da Faculdade de Arquitetura Fernando Gonzales, do Engenheiro Walter Bered e outros arquitetos e engenheiros da equipe dos quadros funcionais da UFRGS, a obra foi executada pela Prefeitura Municipal. Conforme histórico do Planetário,

no dia 20 de outubro de 1972, pouco tempo antes da inauguração, os astronautas americanos James Lovell, tripulante da Apolo 13, e Donald Slayton, diretor de tripulação de vôo da NASA, visitam as instalações já concluídas. Em novembro de 1972 era inaugurado o prédio, no encerramento da XIII Semana de Porto Alegre. O prédio, [...], sugeria uma nave espacial pousada no solo, rodeada por jardins,

espelho d'água, relógio de Sol e rosa dos ventos. Sob o olhar dos convidados, o Spacemaster fazia a primeira exibição ao público. Na cúpula de 12 metros de diâmetro, os planetas e oito mil estrelas eram projetados, mostrando o céu de qualquer parte do mundo, tanto do passado como do futuro. (PLANETÁRIO-UFRGS, 2013).

A respeito do equipamento instalado, segundo registros existentes no Planetário, sabe-se que foi:

[...] doado pelo ministério da Educação e Cultura, [...] a Universidade Federal do Rio Grande do Sul recebeu nessa época o projetor Spacemaster da Zeiss, fabricado na então Alemanha Oriental. Para sua instalação em Porto Alegre, Universidade e Prefeitura Municipal promoveram uma ação conjunta. (PLANETÁRIO-UFRGS, 2013).

Não eram muitos os lugares no mundo que possuíam planetários até o início dos anos 70. ~~M~~Munique, Paris, Londres, Roma, Chicago, Osaka, Buenos Aires e São Paulo eram algumas cidades em que este tipo de aparelho havia sido instalado. Por seus grandes recursos didáticos na demonstração dos movimentos dos astros, sabe-se que Universidades e escolas navais se utilizavam deste equipamento para aulas.

Nestes novos centros culturais que acabavam se criando em função dos planetários, a população em geral começava a tomar contato mais direto com a astronomia, que deixava de ser domínio exclusivo dos físicos e passava a ser motivo de interesse também das escolas primárias, secundárias e da população em geral. De acordo com o histórico do Planetário da UFRGS, o projeto arquitetônico, manutenção do equipamento e pessoal docente, técnico e administrativo ficaram a cargo da UFRGS. A construção do prédio coube à Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que implementava um conjunto de melhorias na cidade. Decidiu-se que o prédio seria levantado numa área da Universidade, próxima ao Câmpus da Saúde, criando um novo pólo atrativo descentralizado na cidade, bem como um novo centro científico e turístico.

O nome escolhido para o Planetário é uma homenagem da UFRGS e da cidade de Porto Alegre ao professor da Escola de Engenharia, José Baptista Pereira, pelo seu trabalho em prol da astronomia no Rio Grande do Sul. Este prédio da UFRGS pode ser até hoje considerado um dos pontos turísticos mais visitados de Porto Alegre, mantendo-se em plena atividade.

### 7.3.2 Considerações sobre o Câmpus da Saúde e sua relação com a cidade.

Como já foi visto, o Câmpus da Saúde foi a primeira expansão da área da Universidade fora do antigo campo da Redenção, hoje Parque Farroupilha, contudo, a área também alagadiça, já mostrava ter vocação para a implantação da instituição de ensino na cidade.

No mapa da fig. 73, que mostra a conformação atual do Câmpus da Saúde, verificamos a proximidade do mesmo ao Parque Farroupilha e a fácil acessibilidade fornecida pelo antigo Caminho do Meio (hoje Avenidas Osvaldo Aranha e Protásio Alves) e, a partir dos anos 1940, da Avenida Ipiranga.

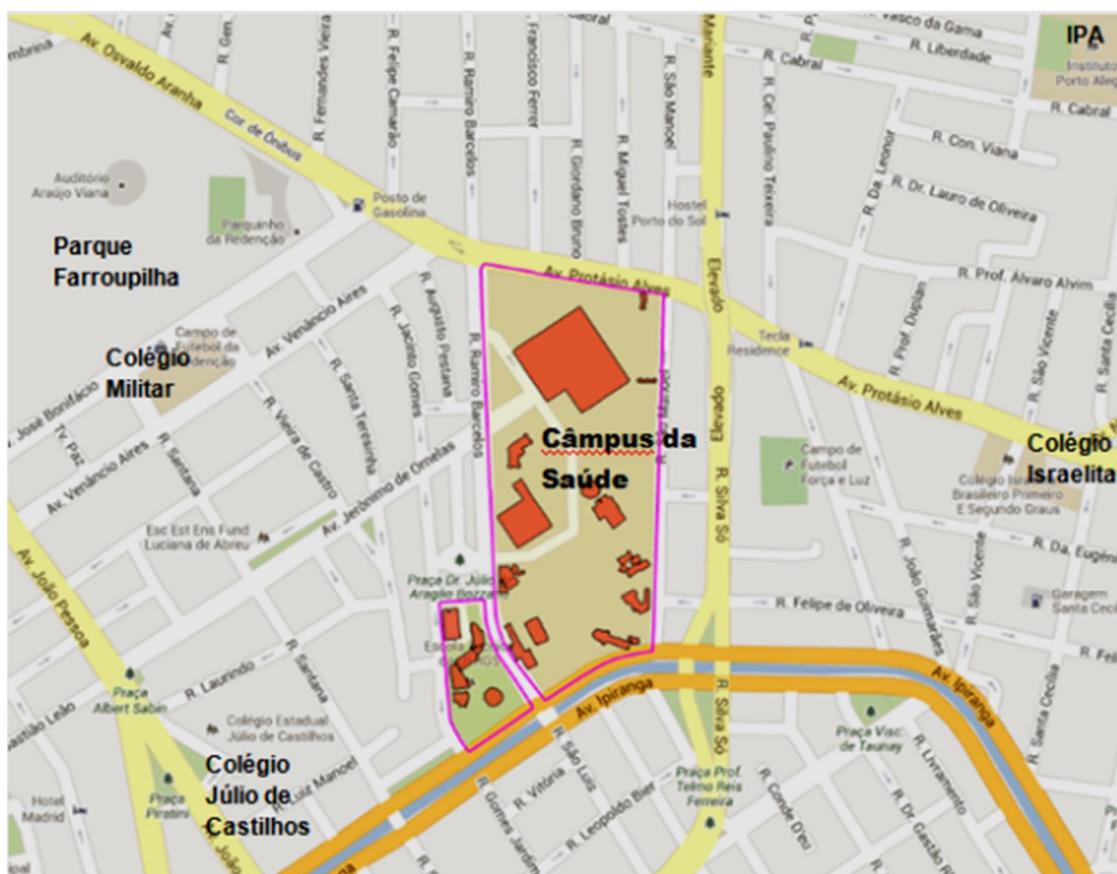


Fig. 73: Câmpus da Saúde com seus dois quarteirões.

Percebe-se, também ao observar-se a fig. 73, a proximidade existente entre o Câmpus da Saúde e outras escolas, no caso, primárias e secundárias, hoje já seculares como o Colégio Militar de Porto Alegre, o Colégio Americano do Instituto Porto Alegre (IPA), o Colégio Israelita, e mais recentemente ali implantado, o Colégio Júlio de Castilhos, que originalmente ocupava o terreno da Faculdade de Ciências Econômicas, ao lado da Escola de Engenharia, no primeiro quarteirão universitário. Portanto, não foi injustificada a primeira opção da Universidade e da cidade de implantar neste terreno sua Cidade Universitária. Não fosse a exiguidade desta área para a implantação de

todas as unidades acadêmicas e futuras expansões, como só se percebeu mais tarde, o local seria bastante adequado para a localização da cidade universitária. Este fato pode hoje ser comprovado até visualmente quando se analisa este Câmpus (fig. 74), repleto de prédios de funções tão peculiares e inseridas no cotidiano da universidade e da cidade, quanto o Hospital de Clínicas, a Faculdade de Farmácia, o Centro de Processamento de Dados (CPD), a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) e o Planetário entre tantos outros prédios da Universidade ali localizados.



### Quarteirão 2

14-Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/ FABICO.

15- Anexo I Câmpus Saúde.(Ex. Escola Técnica de Comércio hoje desanexada da UFRGS).

16- Prefeitura Campus Saúde.

17- Planetário

Fig. 74: Câmpus da Saúde, ocupação atual dos dois quarteirões.

### Quarteirão 1

1- Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

2- Departamento de Apoio a Saúde (DAS).

3- Casa do Estudante do Campus Saúde . CEUFRGS

4- Faculdade de Medicina (Novo Prédio).

5- Faculdade de Odontologia.

6- Reservatório.

7- Centro de Processamento de Dados.

8- Restaurante Universitário. (RU 2) / Gráfica / Editora / Farmácia Popular/ DCE.

9- Escola de Enfermagem

10- Creche Francesca Zaccaro Faraco.

11- Instituto de Psicologia.

12- Departamento de Bioquímica . ICBS.

13- Faculdade de Farmácia.

Este Câmpus tem como principal característica física a implantação da maioria de seus prédios nos quarteirões seguindo premissas modernistas e sem ortogonalidade com as vias. Contudo, percebe-se que hoje o Câmpus da Saúde está totalmente inserido e fazendo parte do tecido e do contexto urbano de Porto Alegre.

## **8 A REFORMA UNIVERSITÁRIA, A ESTRUTURA EXISTENTE ATÉ HOJE NA UFRGS, O 1º PDDU E O PDDUA.**

A Reforma do Ensino Universitário no Brasil foi instituída pela Lei 5.540, de 1968, que fixou as novas normas de organização e funcionamento do ensino superior nas universidades brasileiras. Contudo, só em 1970 estas normas passam a funcionar na UFRGS.

Na época da Federalização, no que se refere à política no Brasil, passava-se por um período conturbado, de acordo com informações do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas<sup>120</sup>,

Na madrugada do dia 31 de março de 1964, um golpe militar foi deflagrado contra o governo legalmente constituído de João Goulart. A falta de reação do governo e dos grupos que lhe davam apoio foi notável. Não se conseguiu articular os militares legalistas. Também fracassou uma greve geral proposta pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) em apoio ao governo. João Goulart, em busca de segurança, viajou no dia 1º de abril do Rio, para Brasília, e em seguida para Porto Alegre, onde Leonel Brizola tentava organizar a resistência com apoio de oficiais legalistas, [...] Apesar da insistência de Brizola, Jango desistiu de um confronto militar com os golpistas e seguiu para o exílio no Uruguai, de onde só retornaria ao Brasil para ser sepultado, em 1976. (CPDOC- FGV, 2013)

Contra a força política de resistência e protesto que já representavam os estudantes universitários na época, na madrugada de 1º de abril de 1964, um incêndio criminoso destrói o prédio sede da União dos Estudantes (UNE), na praia do Flamengo, Rio de Janeiro. Não houve mortes, porém, ao que tudo leva a crer, foi uma advertência do regime militar que se instaurava naquela data.

A economia Brasileira se encontrava em crise devido a, entre outros fatores uma dívida externa fora do controle, à pressão inflacionária crescente e as diferenças econômicas e sociais gritantes entre as regiões do Brasil. Ainda conforme o mesmo texto,

[...] o golpe militar foi saudado por importantes setores da sociedade brasileira. Grande parte do empresariado, da imprensa, dos proprietários rurais, [...] e amplos setores de classe média pediram e estimularam a intervenção militar, como forma de pôr fim à ameaça de esquerdização do governo e de controlar a crise econômica. (CPDOC- FGV, 2013)

---

<sup>120</sup>Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964>.

Pesavento (2004 (b). p.59), ao traçar um panorama do Brasil pós-Golpe Militar, conta que o que se seguiu foram

os chamados *Anos de Chumbo*, com a repressão política, o fechamento dos partidos, as cassações e perseguições, os Atos Institucionais, a tortura, o combate ao movimento estudantil. (...) Ao fechamento político e aniquilação da democracia, o governo oferecia o projeto de um Brasil Grande. A regra era Ame-o ou deixe-o. [...] O Brasil, grande potência, divulgava pelos canais de comunicação os slogans *Ninguém segura este país, Prá frente Brasil*, em clima de euforia. [...] Mas se esta era a realidade econômica- pontes, estradas, viadutos, estádios de futebol, crescimento acelerado da indústria, grandes obras públicas- a sociedade civil, afetada pela desigual distribuição de renda, continuava amordaçada, com a censura de imprensa e falta de expressão política.

O novo modelo de Universidade, implantado pela Reforma, teoricamente e segundo o governo federal, pretendia agregar a racionalidade administrativa à Universidade para torná-la mais moderna e adequada às exigências de desenvolvimento. Contudo,

[...] politicamente, a racionalidade administrativa acaba aumentando, no interior da própria Universidade, o controle dos órgãos centrais sobre toda a vida acadêmica e, externamente, o controle da própria Universidade pelos órgãos de administração federal de ensino, ou seja, retirou dela qualquer resquício de autonomia sobre o que produzia, aumentando a dominação no seu plano interno e externo. A estrutura universitária tornou-se mais conservadora do que anteriormente, porém fantasiada de elementos modernos de comunicação e controle administrativo-pedagógico, assentado no discurso de desenvolvimento nacional. (SILVEIRA; PAIM, 2005. p. 123).

Conforme notícia veiculada no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre, exemplar datado de 02 de setembro de 1970 (fig. 75), informa-se a comunidade Porto alegrense que a UFRGS iniciara a Reforma Universitária e o mesmo artigo descreve as mudanças que ela acarreta, como por exemplo, as várias unidades de ensino que deixavam de existir enquanto outras estavam sendo criadas. Segundo a notícia,

uma das resoluções baixadas pelo reitor Eduardo Faraco criou a Faculdade de Educação. As Faculdades de Agronomia e Veterinária foram separadas, [...] A Faculdade de Filosofia foi desmembrada em Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas e o Instituto Central de Letras. (JORNAL ZERO HORA, 1970).

O mesmo artigo explica também a nova estrutura Universitária, na qual

[...] os Institutos Centrais terão uma função bastante específica [...]. Um aluno que pensa ser engenheiro, por exemplo, vai realizar seus estudos básicos em Institutos

como os de Química, Física, Matemática, Geociências e outros. Aprovado neste primeiro estágio passará a área do conhecimento específico: construção, hidráulica, mecânica e eletrônica [...] (JORNAL ZERO HORA, 1970)

Portanto, a partir da chamada Reforma Universitária, implementada na UFRGS em 1970, foi dada à Universidade do Rio Grande do Sul a sua estrutura atual, de organização em institutos e faculdades. Os departamentos passaram a ser unidades fundamentais, reunidos em institutos e faculdades e a Universidade apesar de ter sido federalizada desde 1950, passou adotar só então a denominação de Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e não mais se denominaria Universidade do Rio Grande do Sul (URGS).

Neste mesmo ano, durante a gestão do reitor Eduardo Faraco, também passariam a existir novos órgãos superiores, como o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e todo o conjunto de bibliotecas passou a compor um sistema integrado.



Fig. 75: Implantação da Reforma Universitária na UFRGS. Jornal Zero Hora, de Porto Alegre, exemplar datado de 02 de setembro de 1970.

Todavia, com a implantação destas medidas, tendo sido os cursos seriados substituídos pelo sistema de créditos a serem cursados em diferentes Institutos e semestralizados, foi se alterando profundamente o vínculo do estudante universitário com seu curso e sua turma, diminuindo, em parte, sua coesão e seu poder de articulação política. Aliado a isso temos a paulatina retirada das casas do estudante do

interior dos câmpus universitários e a construção de Câmpus Universitários afastados dos centros das principais cidades brasileiras. Decisão esta de ordem aparentemente organizacional e projetual por parte do governo militar, que, no entanto, conseguiu trazer consigo na época, um ~~de~~ desejado+ menor poder de inserção, intervenção e articulação do estudante dentro do meio universitário brasileiro a partir da adoção destas medidas ~~organizacionais~~+ do governo nas Universidades. Poderíamos afirmar que a construção do Câmpus do Vale da UFRGS, no Vale da Agronomia na década de 1970 financiado pelo Regime Militar, entre outros fatores, também foi um reflexo em Porto Alegre desta intenção política do Governo Federal de afastar do centro da cidade a massa crítica formada por professores e estudantes universitários.

No que se refere à espacialização da cidade de Porto Alegre, é a partir das décadas de 1960/70 que se começa a perceber um novo fenômeno urbano, a Metropolização<sup>121</sup>. Porto Alegre começava a conurbar-se<sup>122</sup> com as cidades menores ao seu lado, tendendo a desaparecerem as fronteiras municipais. Segundo os estudos de Souza e Muller (2007.p.101)

Na década de 1960, ficou claro que muitos dos problemas que se apresentavam não poderiam mais ser resolvidos no âmbito da jurisdição municipal. Os limites impostos por acidentes físicos muitas vezes não correspondiam aos fatos socioeconômicos ou as necessidades administrativas. O uso do solo precisava ser disciplinado, os transportes e sua infraestrutura necessitavam de integração. Ao saneamento apresentavam-se problemas comuns na região. Significativas parcelas da população moravam em municípios vizinhos, embora trabalhassem na cidade de Porto Alegre. [...] Porto Alegre e seus municípios vizinhos passavam a formar um todo orgânico que reclamava iniciativas e soluções conjuntas [...].

Constata-se aí claramente o início da formação da região metropolitana de Porto Alegre.

## 8.1 O Câmpus Olímpico.

Foi em 16 de setembro de 1970, que a Escola Superior de Educação Física (ESEF) passou do âmbito Estadual para o Federal, incorporando-se a UFRGS.

---

<sup>121</sup> Metropolização é o processo em que as cidades de uma região metropolitana (ou apenas uma cidade fora de região metropolitana) estão em via de se tornarem uma metrópole, ou seja, prestes a abrigar mais de um milhão de habitantes em uma região ou apenas em uma cidade.

No Brasil, é um fenômeno recente, pois se até 1960 o país tinha apenas duas cidades com mais de um milhão de habitantes (Rio de Janeiro e São Paulo), possuindo hoje, um total de 17 metrópoles, sendo Porto Alegre uma delas.

<sup>122</sup> Conurbação (*do lat. urbis, cidade*) é a unificação da malha urbana de duas ou mais cidades, em consequência de seu crescimento geográfico. Esse processo geralmente dá origem à formação de regiões metropolitanas. Porém o surgimento de uma região metropolitana não é necessariamente vinculado ao processo de conurbação.

O processo de incorporação da área do atualmente chamado Campus Olímpico pela UFRGS partiu de sua criação enquanto instituição estadual, durante o Estado Novo em 1940, e se concretizou com a federalização exigida pelo Regime Militar brasileiro que se implantou a partir de 1964 estabelecendo a reforma Universitária em 1968.

É interessante lembrar que naquele momento, ainda sob o regime ditatorial do Estado Novo, a Educação Física era valorizada como meio de formar cidadãos brasileiros e solidificar a campanha em prol do nacionalismo. (NEGRINE, 1996 apud GOELLNER et al. 2011. p.15). Sobre este assunto, é importante destacar um trecho da mensagem do presidente enviada ao Congresso Nacional em 1937, onde Vargas expressa uma concepção de educação a serviço do regime autoritário por ele implantado, baseada enfaticamente no controle e na disciplina: *persiste a necessidade de continuarmos vigilantes e aparelhados para reprimir novos surtos de anarquia, e desenvolver, sem tropeços, a obra de educação e de restabelecimento da disciplina, destinada a reforçar as bases do regime.* (BRASIL, 1978)<sup>123</sup>

A constituição brasileira de 1937 estabelecia a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas primárias, secundárias e normais, o que demandava maior número de profissionais qualificados. Além disso, o decreto 1.212 de 1939 exigia formação específica para professor de Educação Física, técnico esportivo e Médico especializado em Educação Física e Esportes. (NEGRINE, 1996 apud GOELLNER et al. 2011. p.15)

A ESEF enquanto órgão estadual surgiu, portanto, em meio da agitação política do Estado Novo que identificava a Educação Física como capaz de conferir educação moral e física aos brasileiros. Sua criação ficou a cargo do Departamento de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul (DEEF), órgão técnico subordinado à Secretaria de Educação do Estado, fundando em 1939 com o objetivo atender as exigências de formação especializada em Educação Física.

Em outro momento, na década de 1950, o então Reitor Alexandre Rosa, sugeriu a construção de instalações destinadas à ESEF junto ao hospital de Clínicas da URGS. Naquele momento a URGS, até então mantida pelo Estado do Rio Grande do Sul foi federalizada. Contudo, de acordo com Nunes e Molina Neto (2005) a falta de recursos inviabilizou o projeto que poderia ter federalizado a ESEF, já na década de 1950.

Na época da Federalização da ESEF (1970),<sup>124</sup> no que tange à política no Brasil, passava-se por um outro período bastante conturbado, o Brasil estava submetido então a um Regime ditatorial militar e na universidade a Lei 5.540, de 1968, fixara as normas

---

<sup>123</sup> Carta de Getúlio Vargas ao Congresso, compilada em BRASIL, 1978, p.720.

<sup>124</sup> A Federalização da ESEF foi posterior a Federalização da URGS essa ocorrida em 1950, como já foi visto anteriormente.

de organização e funcionamento do ensino superior nas universidades brasileiras. Foi a chamada Reforma do Ensino Universitário Brasileiro. O princípio básico que regia esta lei era a formação de institutos centrais e a departamentalização.

Segundo Ghiraldelli Júnior (1988 p.18), no que se refere à educação física militarista, o autor afirma que tal tendência aplicada ao ensino da população, não se resume numa prática militar de preparo físico. É acima disso, uma concepção que visa impor a toda sociedade padrões de comportamento estereotipados, frutos da conduta disciplinar própria ao regime de caserna. A partir do golpe militar de 1964, a Educação Física obrigatória nas escolas passou a ser novamente, como no Estado Novo, uma ferramenta de propaganda do governo, incentivando o conhecimento e a prática desportiva, o que estimulava a formação de turmas de treinamento para variadas modalidades esportivas. Contudo, por outro lado, também de acordo com Ghiraldelli Jr. (1998. p.18),

o ano de 1970 se caracterizou pela arbitrariedade, pelos assassinatos, prisões e tortura de militantes políticos contrários ao regime. Enquanto isso os meios de comunicação em convivência com o governo, enalteciam a vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970 [...] As glórias do nosso futebol foram exaustivamente divulgadas com o objetivo de fazer crer que os resultados obtidos pelas nossas equipes tinham uma relação com o nosso desenvolvimento enquanto nação. Outro uso político do futebol foi o de encobrir as denúncias feitas contra as graves violações dos direitos humanos que aqui aconteciam.

A incorporação da Escola de Educação Física à UFRGS, antes vinculada à administração do estado do RS, ocorreu após a reforma do ensino, implantada pelo regime militar então vigente no Brasil. Em setembro de 1970 foram assinados os atos formais do processo de federalização da ESEF. De acordo com o relato de Gutierrez (2008. p. 2),

[...] em 16 de setembro de 1970, em emocionante histórica cerimônia no Ginásio de Esporte, com a presença do Ministro de Educação - Prof. Cel. Jarbas Passarinho, do governador do Estado - Cel. Walter Perachi de Barcelos, do Secretário da Educação e Cultura - Dr. Luiz Lesseigneur de Farias, do Magnífico Reitor da UFRGS - Prof. Eduardo Z. Faraco e de outras altas autoridades, foram assinados os *atos finais da passagem da ESEF do âmbito Estadual para o Federal*. Neste período ainda foram criados o Centro Olímpico, órgão cujo objetivo era gerir o desporto universitário da UFRGS e, posteriormente, o Laboratório de Pesquisa do Exercício com o intuito de melhorar o desempenho esportivo dos atletas brasileiros.

Conforme contam Nunes e Molina Neto (2005), a Federalização alterou a estrutura acadêmica da ESEF que teve de mudar bastante e, como toda a universidade,

teve de adequar-se a Reforma Universitária. O ingresso dos alunos, como já era nas outras unidades, passou a ser por vestibular, passou também a adotar o regime departamental e com isso, algumas de suas disciplinas, como a anatomia, por exemplo, passaram a ser ministradas nos outros câmpus da Universidade, passando o Câmpus Olímpico a concentrar principalmente as atividades ligadas aos esportes e ao movimento. Era o espaço destinado ao esporte que a Universidade carecia desde a sua criação.

Diante do contexto histórico vivido no país e na sociedade, no qual há a ascensão e valorização do fenômeno esportivo, a já então ESEF- UFRGS incorpora a área anteriormente pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul na Av. Salvador França, hoje parte da Terceira Perimetral, localizada no bairro Jardim Botânico, e começa a projetar e construir a infraestrutura necessária para dar condições à formação acadêmica dos professores de Educação Física, visando formar professores de Educação Física para suprir as demandas exigidas pela Lei de Diretrizes e Bases (de 1961), que fixara a obrigatoriedade da Educação Física no ensino primário e secundário, e da Reforma Universitária de 1968+ (NUNES; MOLINA NETO, 2005. p.172), reforma esta que já havia tornado obrigatória a prática da Educação Física, também, no ensino superior.

Entre as décadas de 1970/80, no Câmpus Olímpico, já então um dos quatro câmpus integrantes da UFRGS, são projetados e construídos por arquitetos, engenheiros e demais profissionais do Corpo Técnico da UFRGS, prédios diferenciados que muito bem caracterizam, formal e tecnicamente, sua época de construção em Porto Alegre, como, por exemplo, o Prédio das piscinas da Escola Superior de Educação Física da UFRGS (fig. 76), projetado em 1971 por Fernando Gonzales, José Albano Volkmer e Suzana Costa Barbosa, concebido com grandes vãos livres e estrutura em concreto protendido.



Fig. 76: Prédio das Piscinas - Centro Náutico - ESEF/UFRGS. Data: 1980.

Ao mesmo tempo passa a adensar-se a cidade de Porto Alegre preenchendo os espaços remanescentes entre a Av. Protásio Alves e a Avenida Ipiranga.

No entorno deste novo Câmpus Universitário passa a ocorrer, no bairro Jardim Botânico, um verdadeiro boom+ imobiliário habitacional na década de 1980 nas imediações de onde, então, já passara a se localizar oficialmente a Escola Superior de Educação Física da UFRGS. Na fig. 77 observa-se uma vista do Câmpus Olímpico da UFRGS, com o Prédio das Piscinas em 1º plano, o Parque Jardim Botânico do outro lado da Avenida Salvador França e o bairro residencial Jardim Botânico, parcialmente visto ao fundo, num contexto urbano, hoje, indissociável.



Fig. 77: Câmpus Olímpico da UFRGS, o Parque Jardim Botânico do outro lado da Avenida Salvador França e ao redor o bairro residencial Jardim Botânico.

Este Câmpus permanece ainda nos dias atuais pouco denso, no que se refere à área construída, até mesmo por sua característica ligada aos esportes que necessitam de diversos tipos de quadras, canchas e pistas para as atividades esportivas em espaço aberto.

Hoje a ESEF e o Câmpus Olímpico da UFRGS (fig. 78) encontram-se consolidados e incorporados a cidade servindo inclusive como ponto de referencia no bairro Jardim Botânico.



Fig. 78: Organização interna atual do Câmpus Olímpico - UFRGS

### 8.1.1 Considerações sobre o Câmpus Olímpico e sua relação com a cidade.

O Câmpus Olímpico da UFRGS (fig.79) situa-se na Avenida Salvador França, com entrada pela Rua Felizardo. Nele situa-se a Escola Superior de Educação Física da UFRGS (ESEF-UFRGS), desde 16 de setembro de 1970 até os dias de hoje.

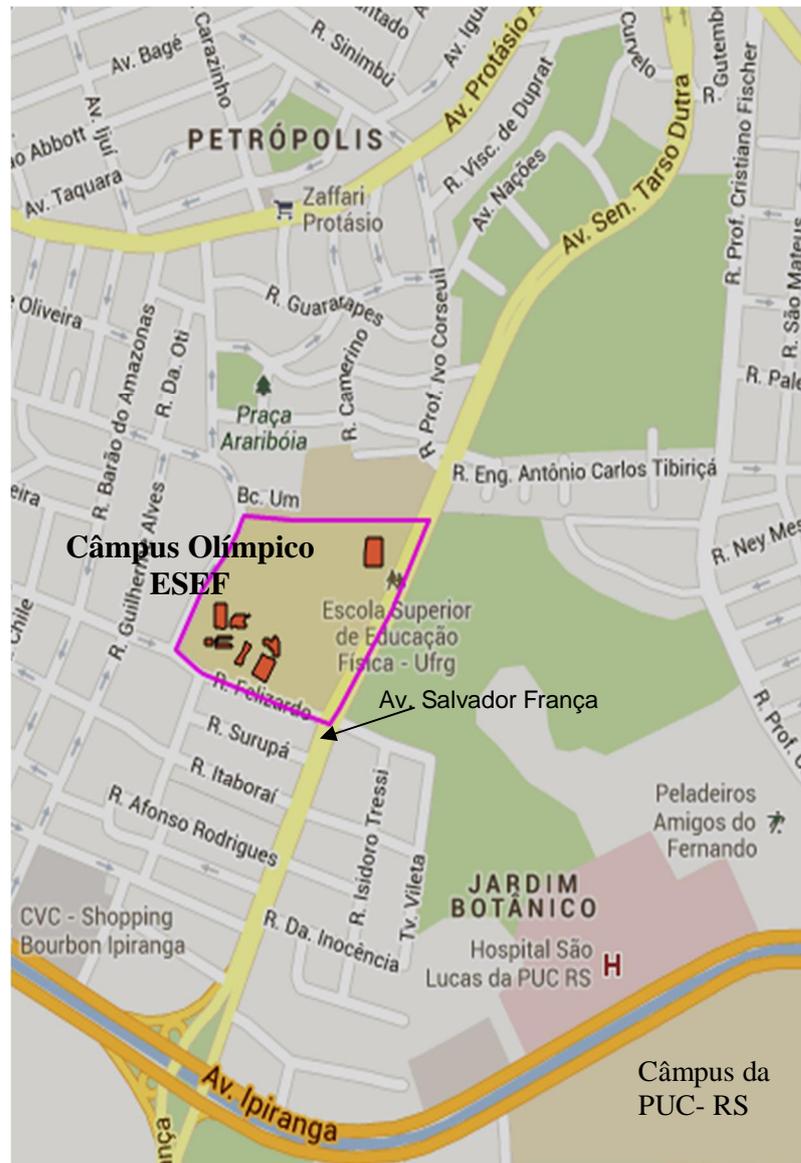


Fig. 79: Implantação do Câmpus Olímpico na cidade de Porto Alegre.

Sua área está compreendida entre duas importantes radiais de Porto Alegre a Avenida Protásio Alves, antigo Caminho do Meio, e a Avenida Ipiranga, esta criada na década de 1940/1950, margeando o Arroio Dilúvio quando de sua canalização.

Do outro lado da Avenida Salvador França, localiza-se o Jardim Botânico de Porto Alegre que já havia sido aberto ao Público, em 10 de setembro de 1958.

Próximo da ESEF também se localiza o Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), que em 1970 teve iniciadas suas

obras de construção e foi inaugurado no dia 29 de outubro de 1976. Em frente a este Hospital, ainda na Avenida Ipiranga localiza-se o Câmpus Universitário da PUC-RS.

Partindo da análise destas informações podemos deduzir que a área de Porto Alegre localizada no entorno do Câmpus Olímpico da UFRGS, demonstra ser na cidade uma área de vocação de uso para a Educação, Esporte e Saúde, que foi se estruturando ao longo dos anos, principalmente após a década de 1970, contando hoje com boa acessibilidade e comércio no seu entorno ao longo da Av. Protásio Alves e mais recentemente na Avenida Ipiranga.

O Câmpus Olímpico da UFRGS, hoje, já se encontra configurado como um centro universitário inserido na cidade, voltado ao ensino superior acadêmico, à prática e a pesquisa do esporte e do movimento. Contudo a ESEF atende também diretamente a população em geral da cidade, oferecendo através de seus alunos e professores, atividades esportivas orientadas, como natação, ginástica, capoeira e dança de salão entre outros projetos, a título de extensão.

Todos estes fatores de atratividade justificam o adensamento populacional do bairro Jardim Botânico na década de 1980 e os novos empreendimentos habitacionais particulares em construção a partir dos anos 2000, na Av. Ipiranga, tendo sido a implantação da ESEF na região certamente um destes fatores de atratividade.

## 8.2 O Câmpus do Vale.

O Câmpus do Vale da UFRGS foi oficialmente inaugurado em 24 de setembro de 1977. Contudo sua história remonta há muito tempo atrás.

Conforme relatos de Oliveira (1985. p.20), o atual morro Santana, onde se localiza o Câmpus do Vale, fazia parte da Sesmaria de Santana %concedida a Jerônimo de Ornellas Menezes e Vasconcellos por carta de cinco de novembro de 1740+ Segundo o mesmo autor, que localizou inclusive em mapa a localização da Sede da Sesmaria, %Jerônimo de Ornellas, em 1732, juntamente com sua família, estabeleceu-se no Morro Santana (fundos da atual escola de Agronomia), ali construindo a residência [...] (OLIVEIRA, 1895. p.17.) Este fato consta inclusive no texto da Placa Inaugural do Campus do Vale da UFRGS de 1977 (fig. 85).

Segundo Souza e Müller (2007.p.65) este foi um dos caminhos que serviu para a expansão da cidade a partir do fim do século XIX e foi ao longo deste caminho que se implantou o Câmpus do Vale: %acompanhando o terceiro lado do Parque<sup>125</sup>, a Avenida

---

<sup>125</sup> No caso quando ainda no séc.XIX, trata-se do Parque da Redenção, futuro Parque Farroupilha (1935).

João Pessoa, em continuação com a Avenida Bento Gonçalves, formava a estrada do Mato Grosso, que se dirigia a Viamão, formavam um outro eixo da estrutura urbana principal.+

É ao longo deste eixo que já entre 1910 e 1913 foi instalada a Escola de Agronomia e Veterinária, vinculada a Escola Livre de Engenharia, primeiro prédio do futuro Câmpus do Vale da UFRGS. Todavia a implantação e construção definitiva do Câmpus do Vale no terreno em que se localiza hoje (fig.80) ocorreram efetivamente a partir da década de 1970.

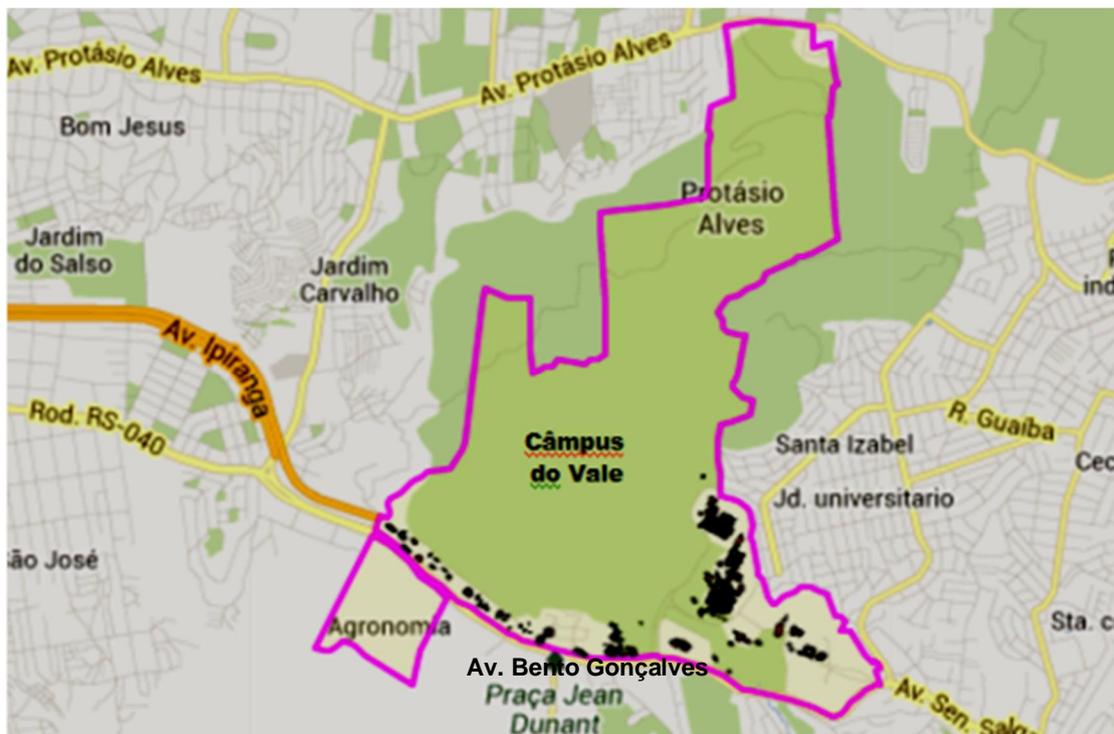


Fig. 80: Câmpus do Vale, localizado entre as Avenidas Protásio Alves (antigo Caminho do Meio) e Bento Gonçalves (antiga Estrada do Mato Grosso).

Desde a década de 1930 se iniciaram os estudos visando à expansão da UFRGS que crescia e precisaria se expandir além dos dois quarteirões do Câmpus Centro. A idéia da Cidade Universitária, como já se viu anteriormente, teve seu embrião na proposta do urbanista Arnaldo Gladosch, que indicou para sua construção a área do atual Câmpus do Vale, incorporando tal ideia ao Plano para Porto Alegre, conforme o relatado em Loureiro da Silva (1943, p. 52).

Diferentes gerações de técnicos da Universidade arquitetos, engenheiros e professores vinculados a esta área, ao longo de três décadas conceberam planos para a expansão da UFRGS, em diferentes localizações, ao longo da sua história com diferentes cenários sócio-político-econômicos, conferindo-lhes diferentes denominações e visando atender diferentes necessidades. Somente para ilustrar, poderíamos citar

projetos como os da Cidade Universitária, Monumento Universitário e Vila Universitária, entre vários outros, planos estes já descritos mais detalhadamente por Espíndola (1979), Padão (2003) e Pesavento (2004). Aqui não iremos discorrer sobre estes Planos, pois apesar de serem eles muitos, bastante complexos, com diferentes concepções e localizações, acreditamos não estarem diretamente relacionados a este estudo que visa analisar as interfaces da história da universidade e da cidade no que se refere a sua materialidade, e tais planos, por não terem sido efetivamente executados, não tiveram sua materialidade acrescida à cidade.

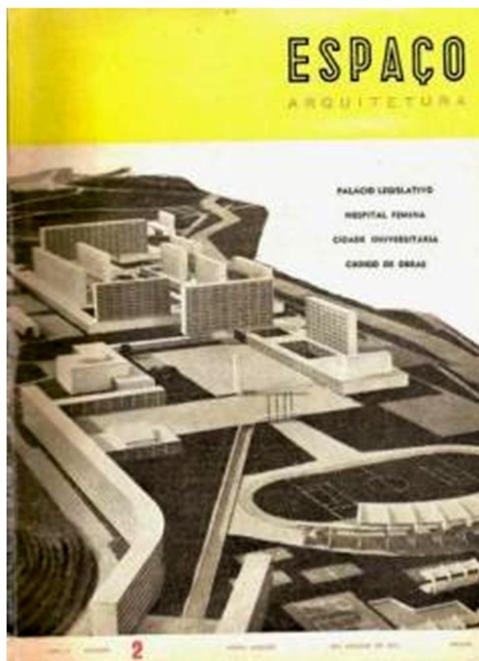


Fig. 81: Capa da Revista Espaço Arquitetura (1958).

Na capa da Revista Espaço Arquitetura, publicada em Porto Alegre em 1958, (figura 81) vemos em destaque a maquete da cidade Universitária da UFRGS, a ser construída no Vale da Agronomia. Este plano apresentado na íntegra em matéria da mesma revista, não foi executado desta forma nem neste local, porém representa a grande qualidade dos estudos executados até que se chegasse à decisão final no que se refere a que plano seria realmente implementado. Convém aqui ressaltar que esta decisão não foi tomada somente com base no aspecto técnico da implantação do projeto. Precisava-se de um projeto que além de atender as necessidades técnicas e educacionais da Universidade, tivesse também anuência política e viabilidade econômica para que viesse a se concretizar.

Na década de 1970 em Porto Alegre aumentava o processo de conurbação e metropolização iniciada nos anos 1960. A área fronteira a Viamão reservada ao Câmpus da Universidade pedia por ser ocupada. Contudo, nesta mesma época em

que, efetivamente, se começou a concretizar o Câmpus do Vale, vários outros fatores também concorreram para isso, inclusive a reforma no Ensino Universitário.

A construção do Câmpus do Vale da UFRGS, na década de 1970, foi iniciada então num período de verbas para construção de câmpus universitários, incentivados e financiados pelo regime militar, iniciativa esta que, para muitos, teve por objetivo maior a retirada da comunidade universitária gaúcha do centro político e administrativo de Porto Alegre, bem como das principais capitais brasileiras, minimizando os conflitos ideológicos que na época chegavam a gerar confrontos físicos violentos e muitas vezes armados.

Ao falar da criação da Faculdade de Educação da UFRGS, tendo sido esta ainda sediada no último prédio construído no Câmpus Centro na década de 1960, Doll e Comerlato (2010. p.5) descrevem parte do contexto da criação do Câmpus do Vale. Segundo eles a Faculdade de Educação foi

constituída a partir do desmembramento da antiga Faculdade de Filosofia, [...], teve sua origem marcada pela tentativa do Governo Federal de desarticular os focos de resistência à Ditadura Militar na virada da década de 1970. O esfacelamento da antiga Filosofia também deu origem, além da Faculdade de Educação, a outras quatro Unidades: o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, o Instituto de Letras e o Instituto de Biociências. O surgimento dessas novas Unidades foi parte da Reforma Universitária [...] trazendo consigo a proposta de ampliação de vagas no ensino superior e atendendo, desse modo, a uma das reivindicações da classe média da época.

Coincidentemente ou não, algumas das unidades provenientes do desmembramento da antiga Faculdade de Filosofia, como o curso de Letras e o de Filosofia e Ciências Humanas, viriam a ser as primeiras unidades a saírem do Câmpus Central e a serem instaladas no Câmpus do Vale.

Por outro lado, era fato que a Universidade crescia e precisava urgentemente expandir sua área física, e mesmo antes da reforma do ensino ser oficialmente implantada na UFRGS, buscava-se definições para seu crescimento físico. Nesse sentido, vários grupos de estudo foram criados ao longo da história da instituição, contudo, em 1966,

por meio da Portaria de nº 1105 de 16 de agosto de 1966 o Reitor João Carlos Fonseca Milano instituiu um grupo de trabalho constituído pelos então arquitetos do quadro funcional da UFRGS e também professores da Faculdade de Arquitetura Ari Mazzini Canarin, Carlos Moreira Maia, Castelar Pena e Fernando Gonzáles, coordenados por Luiz Pilla. (ESPÍNDOLA, 1979. p.79).

Após estes estudos, bastante aprofundados, que consideravam tanto as características físicas do local quanto a nova estrutura universitária instituída no país pela Reforma Universitária de 1968, implantada durante a elaboração destes estudos, foi sugerido que efetivamente seria um platô no Vale da Agronomia o local mais adequado para a inserção da cidade universitária.

O Plano Piloto<sup>126</sup> da década de 1970 que implantava o novo Campus seria agora definitivamente no Vale da Agronomia e não mais no alto do Morro Santana, nem ao longo da Av. Bento Gonçalves, como já se havia cogitado em estudos anteriores.

O Plano de Zoneamento para o Câmpus do Vale, elaborado em meados da década de 70, teve o objetivo de dar início à transferência de varias unidades da UFRGS para aquela área e propunha a implantação das novas edificações dentro de um "Anel Viário", tendo também como objetivo realizar a integração do novo conjunto de prédios ao complexo acadêmico já existente até então, a Faculdade de Agronomia (inaugurada em 1913), o Instituto de Pesquisas Hidráulicas<sup>127</sup>(1953), o Hospital de Clínicas Veterinárias (1956), o Restaurante Universitário da Faculdade de Agronomia (1957), a Casa do Estudante da Faculdade de Agronomia (1960) o Prédio de Laboratórios da Veterinária (1961) e o Observatório Astronômico no alto do Morro Santana (1972).

O Plano definitivo previa além do Anel Viário de contorno, um sistema construtivo com autonomia plena e modular, estruturas em concreto para acomodar nos edifícios, organizados em blocos (fig. 82), as diversas unidades acadêmicas e módulos de serviços, tudo interligado por passarelas cobertas com estrutura em arco, feitas em fibra de vidro, retratos da tecnologia, da tipologia e do planejamento urbano da época.

---

<sup>126</sup> Após a execução do Plano Piloto de Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960, tornou-se usual a utilização do termo "Plano Piloto" em urbanismo no Brasil e a UFRGS também teve o "Plano Piloto no Câmpus do Vale".

<sup>127</sup> O Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) fora criado em 1953, a fim de realizar experiências com modelos reduzidos para aproveitamento das águas marítimas, pluviais e fluviais. (PESAVENTO, 2004 (b). p. 63). Junto a ele encontra-se a represa Mãe D'Água, a mesma prevista no Plano Gladosh.

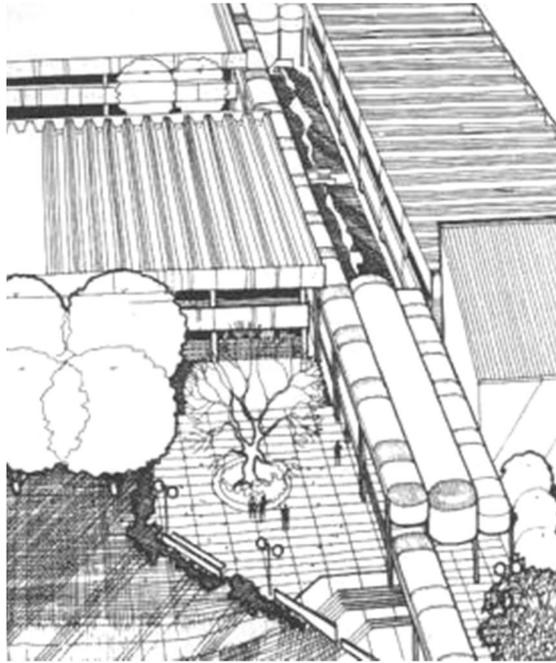


Fig. 82: Perspectiva ilustrativa do sistema de blocos e passarelas do Plano do Câmpus do Vale.

A Área Acadêmica, organizada em blocos, seria disposta de modo a formar uma ampla ferradura aberta para o lado sul, reservando a área central para as funções administrativas e representativas da Universidade em prédios diferenciados no Câmpus tais como Administração Central, Reitoria, Salão de Atos, Biblioteca Central, Praça Cívica, Centro de Convenções, Centro Comercial, Restaurantes Universitários, etc.(fig. 83)

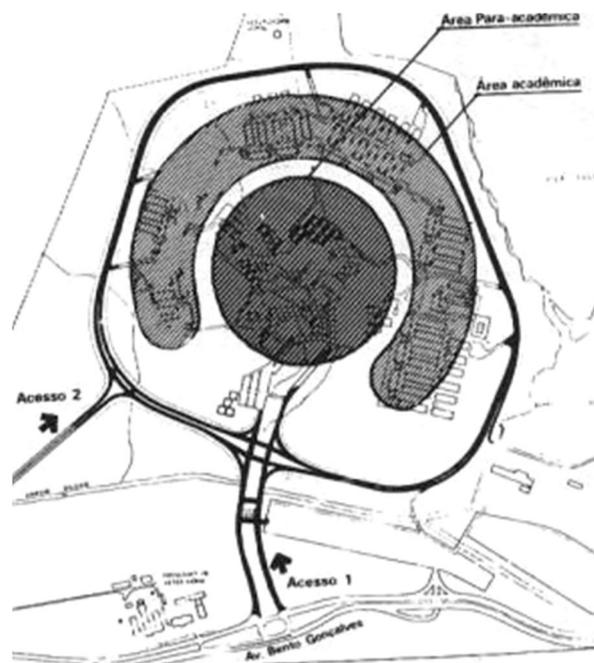


Fig. 83: Plano Piloto do Câmpus do Vale.

Assim, foram estabelecidas as bases do projeto arquitetônico do atual Campus do Vale, projeto este que foi coordenado pelo arquiteto Cyrillo Severo Crestani<sup>128</sup> durante a década de 1970. Segundo Espíndola (1979. p. 95)

Durante a gestão do Reitor Ivo Wolff (1972-1976), a questão física se agravaria ainda mais com a construção da Avenida Perimetral e o progressivo assentamento do Plano Viário Municipal<sup>129</sup>, com cujo traçado colidia frontalmente os quarteirões universitários.

Nesta época a Faculdade de Educação já havia sido construída e estava funcionando no interior do segundo quarteirão universitário, onde, no projeto original da Av. Perimetral, deveria passar um viaduto<sup>130</sup> e não havia mais área para a UFRGS expandir-se no Câmpus Centro. Desta forma

em 1972, uma visita do Ministro Jarbas Passarinho e de outras autoridades do MEC, desencadeava a adoção de medidas efetivas para a construção da UFRGS no Vale da Agronomia. O problema de crônico passara a emergencial exigindo medidas urgentes para sua solução. (ESPÍNDOLA, 1979. p. 95)

Também de acordo com os relatos de Espíndola (1979. p. 96),

em 27 de agosto de 1975, finalmente, foi assinado o convênio para a construção do novo Câmpus [...]. Somados todos os recursos, o Câmpus teria a seu dispor um total de Cr\$ 460.100.000,00 (quatrocentos e sessenta milhões e cem mil cruzeiros). Aos preços de 1975, tais recursos permitiriam a construção de cento e noventa mil metros quadrados, num prazo de aplicação extensivo até 1979.

Ainda segundo Espíndola (1979. p.104), em 1º de julho de 1976, assumiu a Reitoria da UFRGS o professor Homero Só Jobim que tomou como objetivo principal de sua administração as obras no novo Câmpus+. Foi ele quem criou a Pró Reitoria de Planejamento (PROPLAN) indicando Francisco Luis dos Santos Ferraz como 1º Pró-Reitor de Planejamento que teria a responsabilidade de

[...] supervisionar e executar o projeto da construção do campus do Vale e coordenar o projeto de transferência de Unidades, órgãos e atividades do Câmpus Central para o Câmpus do Vale, de forma a manter articuladas as atividades acadêmicas com as de execução das obras. (ESPÍNDOLA, 1979. p.104)

Para isso, a PROPLAN passa a ter vinculado a si o já existente Escritório Técnico do Câmpus, criado em maio de 1958 na gestão do reitor Elyseu Paglioli. Sendo assim,

<sup>128</sup> Arquiteto este que também foi graduado e posteriormente professor da Faculdade de Arquitetura.

<sup>129</sup> Previstos desde o Plano Diretor de Porto Alegre de 1959.

<sup>130</sup> Viaduto este que é construído em 1975, na Av. João Pessoa em frente a Faculdade de Medicina, como vimos no item que se refere ao Câmpus+ Praia de Belas e o Plano Diretor de 1959.

no segundo semestre de 1976, o Escritório Técnico do Câmpus, [...] transferia-se da sala do Panteon - atual Sala dos Conselhos . que ocupava no prédio da Reitoria no Câmpus Centro, para um prédio específico e próprio, no Câmpus do Vale. Na realidade, estar próximo do canteiro de obras, e presente na área dos projetos que justificavam sua existência era um fator de importância vital para a eficiência e rentabilidade dos trabalhos de construção do Novo Câmpus. (ESPÍNDOLA, 1979. p.113)

Com novas contratações, o Escritório Técnico passava a contar com uma equipe de profissionais que elaborariam tanto os projetos quanto a execução destas obras, que, se por um lado eram tão padronizadas em sua implantação e estrutura, por outro seriam tão diferenciadas em seu programa de necessidades. Num primeiro momento, devido a exiguidade do prazo, optou-se por construir o sistema viário, as redes de infraestrutura e a construção de um sistema estrutural padronizado e de rápida execução organizado em blocos que posteriormente, ao longo dos anos iriam sendo paulatinamente preenchidos e fechados, atendendo as unidades acadêmicas que iriam sendo transferidas para o novo Câmpus.

Com verbas disponibilizadas pelo Regime Militar no governo do Presidente Ernesto Geisel<sup>131</sup>, foram construídas as estruturas dos blocos I, II e III em concreto armado, com armadura protendida mecanicamente (permitindo grandes vãos) e no sistema pré-moldado (que permite produção industrial de vigas pilares e lajes, com montagem limpa e rápida). Em 1977, durante a gestão de Homero Jobim (1976-1980), é inaugurado, oficialmente, o Campus do Vale da UFRGS. Transferindo-se para lá o Instituto de Letras, o Instituto de Ciências e Tecnologia dos Alimentos e o instituto de Filosofia e Ciências Humanas.



Fig. 84 : Placa inaugural do Campus do Vale da UFRGS.

<sup>131</sup> Ernesto Geisel assumiu a Presidência do Brasil em 15 de março de 1974, governando até 1979.

Nas figuras 84 e 85 vê-se a Placa de Inauguração do Câmpus do Vale da UFRGS, localizada naquele câmpus, próxima a sede do Instituto de Letras.



Fig. 85 : Placa comemorativa a inauguração do Campus do Vale da UFRGS.

Nesta Placa pode-se ler o seguinte:

*Aos 24 dias do mês de setembro de 1977, no governo do Presidente Ernesto Geisel, sendo Ministro da Educação e Cultura o Senador Ney Braga e Reitor da Universidade o Professor Homero Só Jobim, foi inaugurado o primeiro conjunto de prédios do Novo Câmpus da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no qual passam a funcionar o Instituto de Letras, o Instituto de Ciências e Tecnologia dos Alimentos e o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.*

*O novo Câmpus, situado nas encostas do Morro Santana, em gleba de terra que outrora foi parte da Fazenda de Jerônimo de Ornellas e que foi adquirida pela Universidade em 1957, na gestão do Reitor Professor Elyseu Paglioli, teve seu Plano Global aprovado em 1975, na gestão do Reitor Professor Ivo Wolff, sendo Secretário Geral do Planejamento o Professor Luiz Duarte Vianna.*

*Com o apoio do Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura, dirigido pelo Professor Edson Machado de Souza e do Programa de Expansão e Melhoramento das Instalações do Ensino Superior, coordenado em 1975 pelo Professor Gaspar Erich Stemmer e atualmente pelo Professor Rubem Suffert, foi concluída esta fase do projeto sob responsabilidade da Pró-Reitoria de Planejamento, dirigida pelo Professor Francisco Luis dos Santos Ferraz, o Escritório Técnico do Câmpus administrou a construção, sob coordenação*

*do Engenheiro Luiz Carlos Ribeiro Bortolini, dirigindo a equipe de projeto o Arquiteto Cyrillo Severo Crestani.*

Com o término das estruturas do bloco IV, todavia, paralisaram-se as obras de implantação das estruturas de concreto no Câmpus, deixando de lado não só os blocos V, VI e VII, na área acadêmica em forma de ferradura, mas também a ocupação da área central, como por exemplo, Reitoria e Biblioteca Central, edifícios estes que teriam sua implantação diferenciada dos demais.

Deveu-se esta paralisação em parte a existência no Morro Santana, onde estava sendo implantado o Câmpus, de uma área de proteção ambiental (fig. 86) definida no 1º PDDU em 1979, a ser transformada em reserva florestal, que fez com que a universidade renunciasse a ideia do Anel Viário, restando a ela mudar o seu traçado para um "Semi-Anel Viário"<sup>132</sup> que, desta forma, não mais interferiria nesta área de proteção ambiental.



Fig. 86: Área de proteção ambiental do Morro Santana, no Câmpus do Vale da UFRGS.

Rapidamente haviam sido construídas as estruturas dos Blocos I, II e III. Por outro lado, garantir apenas a implantação de estruturas em concreto armado dos vários blocos dentro do Anel Viário (fig. 87) não bastava para a efetiva implantação do novo Câmpus. O interior destas estruturas precisava ser minuciosamente detalhado, tanto por projeto arquitetônico como por projetos de instalações específicas devido à complexidade e diversidade dos laboratórios, bibliotecas, salas de aula e auditórios das mais diversas áreas de conhecimento, que paulatinamente passavam ali a funcionar. Além disso, era fundamental para a transferência dos cursos que também as obras de execução destes projetos específicos fossem realizadas em ritmo acelerado.

<sup>132</sup> Via esta, que teve sua execução concluída somente em 2004.



Fig. 87: Câmpus do Vale em início de implantação (1979).

Nas décadas de 1980, 1990 até o início dos anos 2000, uma equipe composta por vários arquitetos, engenheiros, projetistas e desenhistas, projetou detalhadamente e executou o interior e o entorno destes prédios modulares na estrutura.

Foram também criados nesta época, com a finalidade de preencher as estruturas de concreto, na área da UFRGS entre as Faculdades de Agronomia e Veterinária, prédios onde se instalaram verdadeiras oficinas de produção (fig. 88) como, por exemplo, a Marcenaria e a Serralheria da UFRGS, além do seu almoxarifado de obras. Faziam também parte dos quadros funcionais da UFRGS vários marceneiros, carpinteiros, serralheiros, estofadores e mestres de obras entre outros profissionais da construção civil, necessários a execução de obra de tamanho vulto.

Vários convênios foram feitos pela universidade para contratar tanto Técnicos de Nível Superior como pessoal de obra, como pedreiros e serventes, tal era o volume de projeto e construção realizado internamente pelos profissionais técnicos da Universidade nestas três décadas.



Fig. 88: Zoneamento interno do Câmpus do Vale. (Conforme o existe até os dias atuais).

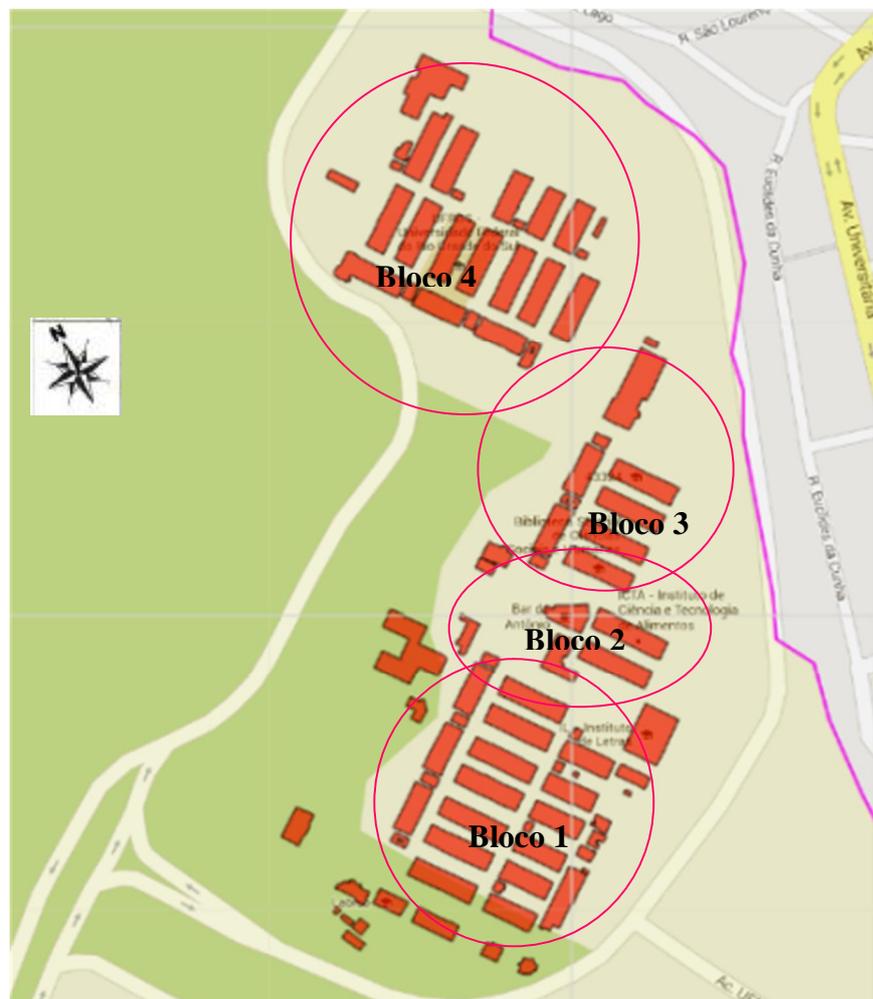


Fig.89: Blocos do Anel Viário

Funcionam nos Blocos do Anel Viário as seguintes unidades:

#### **Bloco I**

Instituto de Matemática e Instituto de Química  
 Instituto de Matemática  
 Instituto de Biociências  
 Instituto de Química  
 Instituto de Química  
 Salas de aula teórica  
 Salas de aula teórica  
 Instituto de Física e Instituto de Geociências  
 Instituto de Química  
 Instituto de Física  
 Instituto de Geociências  
 Instituto de Geociências – Pós-Graduação em Estratigrafia  
 Instituto de Química  
 Instituto de Química

Instituto de Matemática  
 Instituto de Geociências  
 Instituto de Química (depósito de reagentes)  
 Instituto de Química  
 Instituto de Física (Departamento de Material Radioativo)  
 Instituto de Física  
 Instituto de Geociências  
 Instituto de Química (salas aparelhos RMN)  
 Instituto de Física (casa de força)  
 Instituto de Física  
 Instituto de Física  
 Instituto de Física  
 Implantador de Íons  
 Microscopia eletrônica

#### **Bloco II**

Salas de aula teórica e lancheria  
 ICTA (Instituto de Ciências e Tecnologia dos Alimentos)

Instituto de Letras e salas de aula teórica

#### **Bloco III**

IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas)  
 Departamento de Genética  
 IFCH  
 IFCH e ILEA (Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados)  
 Departamento de Genética  
 IFCH  
 Departamento de Genética  
 Departamento de Genética (em projeto)

#### **Bloco IV**

Centro de Ecologia  
 Instituto de Informática  
 Instituto de Informática (em obras)  
 Centro de Biotecnologia  
 Departamento de Ecologia e Departamento de Biofísica  
 Departamento de Botânica  
 Instituto de Informática  
 Instituto de Informática e salas de aula teórica

### **8.2.1 Considerações sobre o Câmpus do Vale e sua relação com a cidade.**

Geograficamente, hoje o Câmpus do Vale está localizado ainda dentro do perímetro urbano da cidade de Porto Alegre, porém fazendo divisa com o município vizinho de Viamão. Construído no Morro Santana e é limitado ao norte pela Avenida Protásio Alves e ao sul pela Av. Bento Gonçalves, na qual existem dois acessos ao mesmo. O Morro Santana possui 311 metros de altitude e uma área próxima a 1.000 ha, dos quais de 665 hectares pertencem ao Campus do Vale, porém nem 10% do terreno é ocupado atualmente. Nessa área hoje está localizada a Reserva Ecológica do Morro Santana, com 350 ha. O acesso a ela pode ser feito tanto pela avenidas Protásio Alves como pela Bento Gonçalves, mediante autorização prévia da UFRGS.

A proximidade com estas duas importantes vias torna o Câmpus do Vale conectado à região metropolitana bem como às saídas norte, sul e oeste de Porto Alegre. Segundo Turkienicz (et al. 2004. p. 3),

a localização do Câmpus na divisa do município de Porto Alegre com Viamão altera a fisionomia da região. Constituída, originalmente, por população de baixa renda, gradativamente diversifica seus contingentes sociais. Os eixos Protásio Alves e Bento Gonçalves passam a constituir vetores de crescimento populacional e econômico a partir do vertiginoso crescimento populacional nos municípios vizinhos.

O Câmpus do Vale passa a situar-se em zona de transição de Porto Alegre com dois pólos de crescimento: os municípios de Alvorada e o de Viamão. A proximidade da Terceira Perimetral e da Avenida do Trabalhador ao Câmpus não deixam dúvidas quanto a sua inserção em área de grande centralidade regional.

O Câmpus do Vale, inicialmente um núcleo da UFRGS bastante afastado do centro da cidade, não foi poupado de problemas comuns a todo núcleo urbano, como o caso das ocupações irregulares que vão se estabelecendo ao longo de décadas até se tornarem um problema crônico. Como se pode ver na fig. 90,

a Vila Agrovét<sup>133</sup> é fruto de uma sequência de invasões do polígono da Bento, hoje controladas pela interposição de uma cerca de concreto. Seus moradores, na maioria funcionários da UFRGS, tem seus gastos mensais mitigados pela proximidade da Vila dos seus locais de trabalho. A Vila em sua espontaneidade coloca em evidência um problema e, ao mesmo tempo, uma solução. O problema é demonstrado pela ocupação precária da Vila, tanto no que diz respeito às condições de saneamento e infraestrutura, como de regime de propriedade [...] (TURKIENICZ, (et al.), 2004. p. 38).



Fig. 90: Vila Agrovét, bairro Agronomia.

Relata o autor na mesma publicação que, na época, em 2004, buscava-se a solução do problema com um Estudo de Viabilidade Urbanística (EVU) que desse a regularização da posse aos moradores, passando o terreno da Vila a não ser mais considerado área Federal e dando condições legais para que se levassem ao local, melhorias por parte da Prefeitura Municipal e dos próprios moradores, regularizando

<sup>133</sup> Recebe este nome por ter entre seus moradores funcionários assentados em terreno localizado entre as Faculdades de Agronomia e Veterinária.

inclusive as questões tributárias. Como muitos outros problemas urbanos, este também não tem uma solução imediata e a pendência se arrasta até os dias de hoje.

Os riscos de invasão, hoje, não se concentraram na Av. Bento Gonçalves, o mesmo autor afirma que estes riscos

[...] aumentam no restante das bordas do Câmpus do Vale. Na face da gleba voltada para a Avenida Protásio Alves, uma concentração significativa de residências sem ordenamento sinaliza para um alto risco de prejuízo ao ambiente natural. Esta ocupação também ameaça as possibilidades de expansão das atividades de ensino e pesquisa da UFRGS voltadas para a zona Norte da Capital e para os municípios de Viamão e Alvorada. Na face leste, o tecido residencial da cidade vizinha, Viamão, avança sobre os limites da propriedade Federal, comprometendo, no mínimo os mananciais hídricos que dividem os municípios de Porto Alegre e Viamão. (TURKIENICZ, et al. 2004. p. 20).

Esforços têm sido feitos, mas os problemas de segurança no Câmpus do Vale, não só quanto a invasões, mas também no que se refere à criminalidade permanecem, requerendo ações ainda mais efetivas por parte tanto da Universidade quanto da Cidade que enfrenta problemas para intervir na área por tratar-se de propriedade Federal.

O interior do Câmpus do Vale, mesmo na sua parte construída, ainda mantém algumas características marcantes como a da vegetação abundante, resultado do projeto paisagístico inicial, elaborado pela Arquiteta paisagista Maria Regina Paradedda e equipe do Escritório Técnico do Campus, projeto este que criou espaços externos atrativos, mesmo nas áreas mais densamente ocupadas. Ainda hoje nos intervalos das aulas e principalmente após o horário do almoço percebe-se, que os estudantes se utilizam de espaços a sombra das copas das árvores para leituras, convivência e lazer.

O projeto arquitetônico também mantém sua força e a harmonia formal do conjunto (fig. 91), apesar de já se haverem revisto algumas de suas premissas iniciais, tomando-se, por exemplo, os núcleos exclusivos para sanitários e serviços, tidos hoje na prática como inadequados, mas que foram adequados na época da obra pela racionalidade e rapidez de sua execução.



Portanto, a ocupação do campus do Vale iniciou com a Faculdade de Agronomia e Veterinária (1910/ 1913), junto a Av. Bento Gonçalves, passando pelo Instituto de Pesquisas Hidráulicas (1953/1958), localizado junto à Represa Mãe D'água, vindo a consolidar-se então na década de 1970, com a construção dos prédios dentro do anel viário, primeiramente destinados aos Institutos de Biociências, Ciência e Tecnologia dos Alimentos, Filosofia e Ciências Humanas, Física, Geociências, Informática, Letras, Matemática e Química.

Podemos situar a criação efetiva do Campus do Vale entre as décadas de 1970 e 1980 (fig. 92), como sendo o início de um novo foco de desenvolvimento que promove a urbanização da área de Porto Alegre fronteira à cidade de Viamão. Com ele também passa a haver o adensamento populacional daquela região e o incremento do saneamento e transportes nesta área.



Fig. 92: Campus do Vale da UFRGS. Década de 1980.

O final dos anos 1970 e os anos 1980 e 90 trouxeram ao Câmpus do Vale ainda vários outros prédios, já diferenciados dos blocos em sua forma e função, e mais centralizados por terem função para-acadêmica, conforme já previa o Plano Piloto deste Câmpus em seu planejamento inicial (fig. 83). Estão entre eles, prédios como o RU do Câmpus do Vale, projeto do arquiteto Edson Zanckin Alice, inaugurado ainda em 1978.

Várias administrações centrais da UFRGS deram continuidade à implantação do plano do Câmpus do Vale (fig. 93), e apesar de o órgão responsável pelo espaço físico ter tido diferentes denominações (ETC, COEF, SUPEF, e hoje SUINFRA) e ter passado por diferentes orientações técnicas e políticas em suas diversas administrações, o antigo «Escritório Técnico do Campus», hoje com seu quadro funcional bastante reduzido, ainda tem uma demanda enorme de trabalho e orienta inúmeros projetos e obras, hoje em sua maioria terceirizados.



Fig. 93: Maquete eletrônica do Anel Viário do Câmpus do Vale com sua ocupação atual.

### 8.2.2 A Universidade e a Informática

A utilização da informática, em suas mais diversas aplicações, foi para a UFRGS, como para todo o mundo moderno uma verdadeira revolução. O Instituto de Informática foi fundado no Câmpus do Vale, em nove de novembro de 1989, sendo hoje responsável pelo ensino e pesquisa da Informática na UFRGS. Todavia suas origens dentro da universidade são bem anteriores.

De acordo com o Discurso proferido pelo Diretor do Centro de Processamento de Dados (CPD), Prof. Manoel Luiz Leão em solenidade alusiva ao 10º Aniversário do CPD-UFRGS,<sup>134</sup> foi também o Reitor Elyseu Paglioli, responsável por um período de grande crescimento da área física da universidade, o primeiro gestor da UFRGS a incentivar o uso e o ensino da Informática na Universidade. Foi ele que em 1961,

autorizou que um grupo de professores se submetesse, no Rio de Janeiro, a um curso de programação de computadores, ministrado pela companhia IBM. [...] Travamos, então, pela primeira vez, contacto com um computador digital, o IBM-650, hoje peça de museu. [...] Na ocasião, já contávamos, na Universidade, com uma unidade convencional de processamento de dados, em cartões perfurados, as "Máquinas Hollerith", como eram conhecidas, instaladas em uma sala da Faculdade de Ciências Econômicas. [...] Na metade da década de sessenta, já era patente que a Universidade deveria adquirir um novo computador, [...] surgiu, assim, o IBM-1130, provisoriamente instalado na atual sala dos Conselhos e logo após removido para a atual sede da Divisão Acadêmica do CPD, no piso térreo do Edifício da Escola de Engenharia. (LEÃO, 1978).

Criado no ano de 1966, o CPD foi instalado em sede própria em 1972. O prédio (fig. 94), que inicialmente, havia sido projetado para ser uma garagem do Hospital de Clínicas foi depois adaptado para receber o Centro de Processamento de Dados.

Conta ainda o Diretor do CPD, em seu discurso, que

o Reitor, que pugnou pela obtenção dos recursos, que designou uma Comissão para estruturar o Centro de Processamento de Dados, que promoveu a licitação e a compra do equipamento, o ilustre Professor José Carlos da Fonseca Milano, inaugurou as instalações, com a presença do próprio Ministro da Educação, hoje Senador Tarso Dutra. Uma placa de bronze, no local, registra o acontecimento, na data de 6 de abril de 1968. (LEÃO, 1978)

---

<sup>134</sup> Discurso proferido em abril de 1978.



Fig. 94: Prédio do CPD da UFRGS, ainda em construção, década de 1960.

Foi vertiginoso a partir daí o crescimento das aplicações do computador e de seu emprego também na UFRGS. Conforme Leão,

no início da década de setenta, o Reitor Eduardo Faraco, pesando estes fatos, concluiu que a Universidade não poderia estagnar ou recuar [...] dificilmente conservaria os docentes qualificados, que tão penosamente formara, se não lhes oferecesse, também, oportunidade de lidar com sistemas de grande porte, no desenvolvimento de novas e mais avantajadas aplicações. O computador 1130 já atingia o limite de seu horizonte e cumpria dar um novo passo, decisivo, na expansão do CPD. A aquisição do computador B-6700 foi a conclusão natural de tais reflexões [...] Foi este, efetivamente, o grande passo em frente, que tornou irreversível, de certa forma, o papel da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no cenário brasileiro da Ciência da Computação, perpetuado, aliás, em outra placa de bronze, na nova sede do CPD, junto ao Hospital de Clínicas. (LEÃO, 1978).

Também no início da década de 1970, época da reforma Universitária e sob o regime militar, alterou-se a estrutura CPD, passando a ter duas divisões: a Divisão de Computação, que prestaria de serviços de processamento de dados à Universidade, localizada no prédio novo, e a Divisão Acadêmica (posteriormente denominada Departamento de Informática), responsável pelo ensino e pesquisa em Informática, localizada nas antigas instalações do CPD, junto à Escola de Engenharia.

Neste período, o Governo Federal começava a consolidar a ideia de uma Política Nacional de Informática, que teria na Reserva de Mercado um de seus principais instrumentos. Foi então incentivada a criação de empresas nacionais, às quais foi reservado o mercado brasileiro de minicomputadores. A Eletrônica Digital S.A. (EDISA), foi criada no Rio Grande do Sul, usando como importante argumento, no processo de

seleção, a existência, no Estado, de um centro de formação de recursos humanos de alto nível, na área de Informática, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Conforme dados fornecidos pelo site do CPD, em julho de 1972 foi instalado, na nova sede, o novo computador, o Burroughs B6700 e em 1975, a UFRGS tornou-se a primeira Universidade Federal a realizar a sua matrícula on-line. (CPD- UFRGS, 2014)

Na década de 1980, o Brasil e outros países não desenvolvidos de então precisavam de uma autorização do governo americano para comprar um computador de alta potência<sup>135</sup>. Segundo Oliveira (2011. p.3), que é livre docente de Física Matemática do departamento de matemática aplicada da Unicamp, a respeito dos supercomputadores no Brasil,

na época, a USP, UFMG, UFRGS e UnB, pelo menos, tinham projetos acadêmicos para adquirir um desses ao preço da ordem de milhões de dólares. A despesa não era a maior dificuldade. Esses computadores exigiam refrigeração líquida, muito espaço, muita energia elétrica e ambiente controlado. A USP e UFRGS compraram e usaram seus super poderosos computadores CRAY nos anos 1990. Quem tem um iPad nas mãos talvez não saiba que o poder de processamento, autonomia de bateria e o baixo aquecimento deixariam aqueles supercomputadores envergonhados. Mas era outra época.

Durante o ano de 1987 foram instalados os primeiros laboratórios de ensino com recursos de microinformática e em meados de 1988, iniciou-se o treinamento em microinformática para servidores e professores da UFRGS, bem como para usuários externos à Universidade. Sendo a informática um serviço inerente e necessário a toda a universidade, ela passou a ocupar espaços em todos os câmpus.

Sendo assim, foi fundado no Câmpus do Vale, em nove de novembro de 1989, o Instituto de Informática, responsável pelo ensino e pesquisa da Informática na UFRGS, tendo suas origens no CPD. Atualmente ocupando naquele câmpus uma área de mais de 7.700 m<sup>2</sup>. De acordo com informações do histórico constante no site do Instituto

muitos grupos de pesquisa do Instituto trabalham em cooperação com outras instituições nacionais e internacionais e com empresas, sedia o Centro de Empreendimentos em Informática (CEI/II-UFRGS), atuando hoje também na geração de novas empresas do setor. (INSTITUTO DE INFORMÁTICA/UFRGS, 2014).

---

<sup>135</sup> Todavia, na época muitas áreas de conhecimento, como por exemplo, os cálculos de física nuclear eram feitos nesses supercomputadores. (OLIVEIRA, 2011. p.3)

No Câmpus Centro, no início da década de 1990, o Ministério da Ciência e Tecnologia optou por apoiar a criação de um centro de supercomputação na UFRGS, instalado no prédio da Faculdade de Engenharia Nova.

Na ocasião, mesmo reconhecendo-se a pouca maturidade das idéias sobre o tema e a falta de consenso na comunidade científica sobre os caminhos futuros, foi aceito que o centro a ser instalado na UFRGS seria o embrião de uma rede nacional, aberta a empresas, governo e academia, para a prestação de serviços sob demanda, treinamento e desenvolvimento de aplicações. (EWALD, 2004. p.15)

Foi então criado em 1992, o Centro Nacional de Supercomputação . CESUP

como um centro aberto, devendo atender com serviços de processamento de alto desempenho a comunidade acadêmica, governamental e empresarial do país. Entre 1992 e 1998, foram instaladas cinco unidades, nas universidades federais do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Ceará e na UNICAMP, com o apoio do CNPq, este na forma de bolsas de estudo e de trabalho. (EWALD, 2004. p.16)

De acordo com informações do CPD-UFRG, em abril de 1993, foi instalado o computador Unisys U6000, denominado ASTERIX, para sediar o Sistema de Automação de Bibliotecas da UFRGS.+ Também neste ano o Instituto recebeu importante missão dentro do programa Polo SOFTSUL do Governo Estadual que, articulado com o Projeto SOFTEX 2000 do Ministério da Ciência e Tecnologia, se propõe a estimular e apoiar o incremento da produção de software para exportação.

O Jornal Zero Hora, publica uma matéria intitulada "Supermáquina de pesquisa" esclarece, mesmo que para leigos, a importância destas máquinas para as universidades:

O que estudos sobre a aerodinâmica de turbinas eólicas, o impacto de mudanças climáticas na agricultura ou o desenvolvimento de novas vacinas têm em comum? Essas são apenas algumas das 66 pesquisas atualmente em desenvolvimento no Centro Nacional de Supercomputação (Cesup) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Embora sejam trabalhos de diferentes áreas, todos precisam processar uma imensa quantidade de dados, e é aí que máquinas extremamente potentes os supercomputadores são essenciais. (JORNAL ZERO HORA, 2009<sup>136</sup>)

Nesta matéria<sup>137</sup>, Denise Grüne Ewald, afirma que

para os pesquisadores, a boa notícia é que, depois de 11 anos, o Cesup adquiriu um novo supercomputador, aposentando o Cray T90, em operação desde 1998 .

<sup>136</sup> Disponível digitalmente, sem paginação.

<sup>137</sup> Este artigo foi resultado de entrevista com a diretora na época do CESUP.

um equipamento jurássico para os padrões de evolução cada vez mais meteóricos da computação. A nova máquina é um Cluster Sun Fire, com capacidade de processamento total de 12,76 teraflops, o que significa que é capaz de realizar mais de 12 trilhões de operações por segundo. Escolhido por licitação, o equipamento teve um custo de US\$ 400 mil, bancados pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. (JORNAL ZERO HORA, 2009)

Portanto, posto tudo isto, poderíamos afirmar que a UFRGS, em Porto Alegre, também foi uma das pioneiras no Brasil a fazer parte desta nova Revolução Tecnológica, a da Informática. Esta inserção no mundo da Informática permite que hoje, com o advento das Redes Mundiais, o CPD-UFRGS dê o suporte por meio de Portais para o Ensino Acadêmico a Distância (EAD) uma nova forma da Universidade divulgar seu conhecimento.

### **8.3 A Redemocratização, o 1º PDDU e a Universidade (1979/1988).**

O Plano Diretor de 1959 já passara por várias alterações, porém não atendia mais a metrópole que se tornara Porto Alegre.

No panorama político, o Brasil passava novamente por mudanças e iniciava-se um processo de redemocratização. Abertura política o foi nome dado ao processo de liberalização da ditadura militar que governou o Brasil. Esse processo teve início por volta do final dos anos 70 e terminou em 1988, com a promulgação da nova Constituição Brasileira e a redemocratização do país.

No que se refere à economia do Brasil,

O País passava por uma crise econômica que se agravava a cada dia. O elevado preço do petróleo e as altas taxas de juros internacionais desequilibravam o balanço brasileiro de pagamentos e estimulava a inflação, no entanto, apesar de todos esses problemas econômicos e também sociais o governo não cessou o ciclo de expansão econômica iniciado nos anos 70 aumentando o desemprego. Segundo analistas econômicos, o crescimento da dívida externa, mais a alta dos juros internacionais, associadas à alta dos preços do petróleo, somaram-se e desequilibraram o balanço de pagamentos brasileiro. Consequentemente houve o aumento da inflação e da dívida interna. (MARQUES, 2014<sup>138</sup>)

Apesar da censura, a onda de descontentamento crescia, inclusive dentro das Forças Armadas, pois os militares de mais baixo escalão, assim como o resto da

---

<sup>138</sup> Artigo Digital sem paginação.

população, também se ressentiam da alta da inflação. Sem alternativas, os militares liderados pelo então Presidente Ernesto Geisel, resolveram iniciar uma abertura política. Em 1978 os Atos Institucionais que forçaram a aceitação do governo militar sobre a Nação são revogados<sup>139</sup>. Em 15 de março de 1979, João Batista de Oliveira Figueiredo, último dos generais no poder, assume a Presidência da República (1979-1985) prometendo fazer do Brasil uma democracia. No dia 28 de agosto de 1979 é sancionada a lei 6683, que concede Anistia aos cassados pelo regime militar, entre eles muitos professores universitários. Contudo a mesma lei também concedia anistia aos membros do governo acusados de tortura.

No fim do Regime Militar brasileiro instaurara-se definitivamente um período de abertura política e redemocratização. Em 1984, se iniciou a campanha chamada de "Diretas já". Em junho de 1984, o governo envia ao congresso uma proposta de emenda constitucional que definia as eleições diretas em 1988.

No dia 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves foi eleito, ainda de forma indireta, o primeiro presidente civil após a ditadura militar. Contudo, na véspera da posse, Tancredo Neves foi internado às pressas e veio a falecer assumindo então a presidência do Brasil seu vice- presidente, José Sarney.

Em Porto Alegre, em 1970 havia sido instaurada de fato na UFRGS a Reforma do ensino, imposta pelo Regime Militar, medida esta que fez com que se reestruturasse totalmente o ensino, que passou a ser departamentalizado e com novo organograma interno, nos moldes que permanece até hoje. Nesta época a cidade também passava por visíveis mudanças. Conforme Pesavento (2004 (b), p.71)

a complexificação da Universidade nos anos 70 corria paralela a complexidade da vida urbana. Porto Alegre vivenciou a era do concreto+, com vias elevadas, túneis, viadutos, remodelação de praças, conjuntos habitacionais, expansão de vilas populares, verdadeiras microcidades. Algo um pouco monumental, que acelerou a metropolização e descaracterizou em parte a cidade e apagou vestígios de seu passado, com perdas irreparáveis para a memória urbana.

O Plano Diretor de 1959 já havia tido várias novas redações e acréscimos, em sua extensão A datada de 1964, pelo decreto nº 2872; Extensão B em 1967, pelo Decreto nº 3487; Extensão C em 1972, pelo Decreto nº 4552 e Extensão D em 1975 pelo Decreto 5162 e ficava claro que deveria ser substituído definitivamente por outro.

---

<sup>139</sup> Em 13 de outubro de 1978, no governo Ernesto Geisel, foi promulgada a emenda constitucional nº 11, cujo artigo 3º revogava todos os Atos Institucionais e complementares implementados pelo Regime Militar, contrários à Constituição Federal.

Porto Alegre, em 1979, já era uma metrópole. Pesavento (2004 (b). p.72) reforça essa questão quando afirma que

o Plano Diretor de 1959 não mais atendia a grande *urbs* e, vinte anos depois um novo plano foi criado para atender um desenvolvimento integrado [...] findava uma época e com ela os bondes. As ruas ficavam cheias de carros e de gente (...) muitos ônibus passaram a percorrer o centro, e, para alguns saudosistas o calçadão da Rua da Praia acabou com seu velho charme.

Em Porto Alegre, no período em que a ditadura brasileira começava lentamente a dar lugar à abertura política apesar de os cidadãos ainda não poderem exercer o direito de voto, era prefeito municipal Guilherme Socias Villela, indicando pelo governo para a Prefeitura por dois períodos, de 1975 a 1983. Segundo dados da Prefeitura Municipal, em sua gestão foram inaugurados

o Parque Marinha do Brasil e o Parque Maurício Sirotski Sobrinho. Foi também criada a primeira Secretaria Municipal do Meio Ambiente, pioneira no Brasil. Concluiu-se 15 mil casas no complexo habitacional da Restinga e obras como o Centro Municipal de Cultura, onde se situam o Teatro Renascença, a Sala Álvaro Moreyra, o Ateliê Livre e a Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães. (PORTAL PMPA, 2013).

Em meio a este panorama, em 1979, numa época em que a UFRGS passava por um dos auges de acréscimo de área física no seu Câmpus do Vale, Porto Alegre ganharia um novo plano diretor, o 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (1º PDDU). Todo o conjunto de normas relativas ao 1º PDDU foi consolidado em um único texto legal, a Lei Complementar 43/79 tendo em anexo vários mapas. Este Plano foi uma proposta elaborada pela prefeitura municipal que, todavia, reuniu uma equipe de técnicos de variada formação, como arquitetos e urbanistas, engenheiros, geólogos, sociólogos, entre outros, o que evidenciava o seu caráter multidisciplinar<sup>140</sup>.

Apesar de ainda se estar submetido ao Regime militar, era paulatinamente instaurada a abertura política e o aspecto participativo foi outra prerrogativa que começou a surgir com este Plano, abrindo um pouco mais de espaço à representação de algumas entidades organizadas da sociedade civil na forma de Conselhos Municipais. Em relação ao plano anterior, o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, 1º PDDU, trouxe principalmente novas metodologias de planificação urbana e pela primeira vez utilizaram-se recursos computacionais para a elaboração de um Plano Diretor de Porto Alegre. O Plano trouxe inovações, %o planejamento atingiu toda a área

---

<sup>140</sup> Infelizmente nem tudo é consenso no que se refere a planejamento urbano, sendo que alguns criticam hoje este plano justamente pelo seu caráter supostamente %ecnocrático+.

municipal, sendo que foram definidas as zonas urbana e rural, com a primeira sendo dividida em partes de uso intensivo e extensivo+(PORTO ALEGRE, 1994).

Na fig. 95 vemos um dos mapas do 1º PDDU representativos da Porto Alegre de 1979. Nele podemos ver o grande crescimento da malha urbana se comparado ao núcleo inicial da cidade na Península.



Fig. 95: Uma das plantas representativas de Porto Alegre com a área abrangida pelo 1º Plano Diretor de Porto Alegre (1º PDDU). Data: Julho de 1979.

Um exemplo do trabalho multidisciplinar que resultou no Plano Diretor foi o estudo registrado posteriormente no livro *Porto Alegre e sua evolução urbana* das professoras do Programa de Planejamento Urbano e Regional da UFRGS, Célia Ferraz de Souza e Dóris Müller, que foi resultado de um trabalho de pesquisa realizado para ser aplicado na elaboração do 1º PDDU. Este estudo é uma

[...] análise da transformação do processo de desenvolvimento urbano, social, econômico, político e locacional, cuja metodologia foi aplicada a cidade de Porto Alegre por ocasião da elaboração do Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado, 1º PDDU, em 1977/1979. (SOUZA e MÜLLER, 2007. p.9)

Comprovando também a importância da aplicação da pesquisa e do método acadêmico nos trabalhos práticos da cidade, foi o referido estudo realizado [p.] através da UFRGS em convênio com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, mostrando uma efetiva

integração entre estes dois órgãos, destacando uma eficiente participação da Universidade em questões objetivas da comunidade+ (SOUZA e MÜLLER, 2007. p. 10).

Houve também com este Plano, uma primeira iniciativa de demarcação de reservas de interesse ambiental, como no caso de parte do Morro Santana onde se construía o novo Câmpus da UFRGS.

No que tange a zona urbana intensiva foi dividida em setores denominados de Unidades Territoriais de Planejamento (UTPs), classificados de acordo com as tendências de uso e ocupação do solo. Assim, o regime urbanístico e os dispositivos de controle das edificações foram definidos como consequência da ocupação prevista para cada setor (Unidades Territoriais Residenciais, Mistas, de Comércio/ Serviços e Industriais). Foram criadas ainda as Unidades Territoriais Funcionais para áreas de natureza especial e que deveriam, por esta razão, contar com um regime urbanístico próprio (valor histórico cultural, de valor paisagístico, etc).

Em relação às áreas ocupadas pelos já então quatro câmpus da UFRGS na cidade, este plano apenas denominava estas áreas da universidade como sendo Unidades Territoriais Funcionais para áreas de natureza especial+, não incidindo sobre elas índices urbanísticos específicos, e não sendo necessária a expedição de documentos como o habite-se+ ou Plano de Proteção contra Incêndio. Prerrogativa esta que permitia aos arquitetos e engenheiros que projetavam e construía nestas áreas da Universidade quase que uma total liberdade de criação, porém sem nenhum controle do poder público municipal, situação esta que se estendeu até a implantação do PDDUA em 1999.

O 1º PDDU esteve em vigor por 20 anos. Nesse período %altos prédios de apartamentos cresceram na cidade, cercada por duas espécies de periferia: uma constituída de complexos luxuosos e cercados, outra a abrigar vilas populares+ (PESAVENTO, 2004 (b). p.72). Com o passar do tempo e pela falta de atualizações periódicas do plano diretor de 1979, também suas propostas passaram a não condizer com a realidade e as aspirações da cidade. Pesavento (2004 (b), p. 72) comenta a respeito desta época de mudanças: %Se a cidade ganhara em beleza era uma questão a ser debatida, mas que era, em definitivo, uma metrópole e que dispunha de uma das maiores universidades do país, não era pauta de discussão+.

No Câmpus Centro da UFRGS, na década de 1980, praticamente não havia mais área para expansão física e muitos prédios antigos que já haviam sediado os cursos universitários livres, sofriam com o processo de degradação pelo tempo. Contudo, em 1986, entre os meses de abril e agosto realizou-se um evento denominado

Centro Cultural+ com intensa programação, por iniciativa do Reitor Francisco Ferraz. Com essa iniciativa vieram as primeiras ideias de restauro dos prédios que representavam o patrimônio histórico construído naquele câmpus.

No Câmpus da Saúde, em 1985 inaugura-se a sede própria da Escola de Enfermagem, que apesar de ser criada como unidade em 04 de abril de 1950, ainda não havia se independizado espacialmente da Faculdade de Medicina.

No Câmpus do Vale a década de 1980 representou a fase de maior crescimento físico com a instalação definitiva de inúmeros cursos como, por exemplo, o Instituto de Química, transferido em 1981 e o Instituto de Matemática para lá transferido em 1985.

Portanto vê-se que neste período de 1979 a 1988 o país passava por um processo de redemocratização política e crise econômica. Em 1979 é sancionada a lei que concede anistia aos cassados pelo regime militar, entre eles muitos professores universitários. Neste mesmo ano, Porto Alegre ganhava um novo Plano Diretor em substituição ao anterior (de 1959). O 1º PDDU é um plano de elaboração multidisciplinar com novas metodologias, conceitos e o início de preocupações com as causas ambientais e da participação de entidades representativas. A Universidade, por sua vez, iniciava uma fase de grande crescimento físico com a construção do Câmpus do Vale. O 1º PDDU denominava as áreas da universidade dentro da cidade como sendo Unidades Territoriais Funcionais para áreas de natureza especial+, não incidindo sobre esta áreas índices urbanísticos específicos. Em 1988 o Brasil ganha uma nova Constituição e a educação, novas diretrizes.

#### **8.4 A reforma da Lei de Diretrizes e Bases na educação, a revalorização do patrimônio arquitetônico e o PDDUA. (1988 até anos 2000).**

Após o primeiro governo civil, que ainda fora eleito por um colégio eleitoral, e com a nova Constituição, paulatinamente reinstala-se a democracia no Brasil, a qual após longo período de ditadura passa por um período de aparente aprendizagem+por meio de erros e acertos tanto na economia como na política.

Na economia, entre 1986 e 1994, o Brasil teve uma série de planos econômicos estabelecido pelo Governo Federal que visavam debelar a inflação. Foram implementados o plano Cruzado, do presidente Sarney, os planos Collor I e II, entre outros que teoricamente visavam reduzir a inflação e cortar gastos do governo. Porém, estas medidas não tiveram sucesso, causando recessão, desemprego e insatisfação

popular. Trabalhadores e empresários foram surpreendidos com o confisco em suas contas bancárias.

Na política brasileira, após o fim da ditadura militar, Fernando Collor de Mello venceu as eleições e se sagrou como o primeiro Presidente da República eleito pelo voto direto, em 1989. A sequência de desacertos na economia, aliado a denúncias de corrupção no Governo, fez instaurar-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar a participação do Presidente no esquema de corrupção. No dia 29 de setembro de 1992 a Câmara dos Deputados se reuniu para votar a destituição do cargo do presidente, era o *impeachment*.

O Presidente foi deposto e no lugar de Fernando Collor de Mello, assumiu o vice-presidente, Itamar Franco. Fernando Henrique Cardoso, Ministro da Fazenda no Governo de Itamar Franco, reuniu um grupo de economistas que elaborou um plano que se julgou capaz de estabilizar a economia, o Plano Real. Em 1º de julho de 1994 passou a vigorar a nova moeda do país, o Real. O Banco Central fixou uma paridade entre o Real e o Dólar, a fim de valorizar a nova moeda, ou seja, um Real era o equivalente a um dólar. Um ano depois, Fernando Henrique Cardoso era eleito Presidente da República já no primeiro turno, tendo sido posteriormente reeleito, cumprindo dois mandatos (1995 a 2003).

No que tange a Educação, a Reforma da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) na educação foi um

processo reformista da educação nacional que começou a se configurar a partir do ano de 1988, depois que a Assembleia Constituinte de 1987/1988 aprovou uma nova Constituição Federal, contendo capítulo específico para a educação nacional (Capítulo III . da Educação, da Cultura e do Desporto, artigos 205 a 214, do Título VIII . da ordem social). Ele teve início quando o projeto de lei nº1.258 Ingressou no Congresso Nacional em 1988, iniciando, desta maneira, a discussão das diretrizes e bases para a educação nacional. A Regulamentação da nova lei de educação teve início antes mesmo que ela fosse aprovada, em dezembro de 1996 [...] (HERMIDA, 2006.)

Ainda na opinião de Hermida (2006) as reformas educacionais correspondem a períodos de crise econômica, assim sendo, para ele as reformas educacionais sempre viriam em resposta às transformações amplas no país, seja no aspecto econômico, político ou social de um país. Entre meados dos anos 1980 e toda a década de 1990, muito se debateu os aspectos filosóficos dos rumos da Educação no Brasil com a nova redação da LDB. A partir de 20 de dezembro de 1996, através de aprovação do Congresso Nacional e sanção do presidente da República, passou a vigorar a Lei

Federal n.º 9.394/ 96, denominada Lei Darcy Ribeiro. A LDB estabelece, no parágrafo 2º do seu artigo 1º, que "a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social". O artigo 26 estabelece que "os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada pelos demais conteúdos curriculares especificados nesta Lei e em cada sistema de ensino". (BRASIL, 1996)

A reforma da educação trazida pela constituição de 1988 e a LDB da educação envolveu além de aspectos sociais também interesses orçamentários e interferiu em instituições públicas e privadas. A LDB garantiu por lei o direito a Educação a todas as pessoas, inclusive as com necessidades especiais, tornou o ensino fundamental obrigatório e gratuito, entre outras mudanças positivas. Esta lei instituiu também a avaliação de cursos como um processo regular para a autorização e reconhecimento de cursos bem como o credenciamento dos pré-existentes. Hoje o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) usada para avaliação dos cursos de ensino superior, são formas de por em prática estas avaliações. A LDB facilitou ainda o acesso a formação complementar do cidadão em todos os níveis e melhorou a qualificação do corpo docente nas Universidades Federais, porém a promessa do governo de definir e implementar a autonomia universitária plena, englobando os aspectos administrativos, organizacionais e financeiros, não avançou. Pelo contrário, devido ao objetivo principal de sanar as dívidas públicas dos governos anteriores, as universidades públicas, assim como outros setores da máquina pública, tiveram uma redução do aporte financeiro e de pessoal. As universidades, não tiveram concursos para contratações por um longo período e o pessoal de seus quadros funcionais teve seu salário congelado. Ainda parcialmente cumprida ficou uma das metas do governo FHC que era de investir na melhoria dos laboratórios, equipamentos e bibliotecas das instituições federais. Contudo, nesse governo, foram construídos na UFRGS os prédios sedes da Escola Técnica de Comércio, do Departamento de Bioquímica e da nova Faculdade de Medicina no Câmpus da Saúde, além da sede do Colégio de Aplicação no Câmpus do Vale.

No Câmpus da Saúde da UFRGS, conforme consta na página histórico do Câmpus no site do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS- 2014), em novembro de 1989, foi definido um terreno localizado na Rua Ramiro Barcelos, ao lado do Planetário e da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação para a construção da Escola Técnica de Comércio+que, conforme previa a LDB deveria atender "a expansão da oferta de cursos de nível técnico, início de novos concursos públicos para docentes e ingresso de mais servidores técnico-administrativos", e necessitava de uma sede

própria. Portanto até 1994, a sede da Escola Técnica de Comércio manteve-se nos fundos do prédio da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, no Câmpus Centro quando se transferiu para sede própria no Câmpus da Saúde, tendo tido seu projeto arquitetônico elaborado por Marcelo Spolaor e equipe de arquitetos e engenheiros do Corpo Técnico da Universidade. Ainda no Câmpus da Saúde, é inaugurado em 1997 o Prédio do Departamento de Bioquímica que mudou-se do antigo prédio da medicina para uma nova sede, construída próxima ao prédio do Ciclo Básico. No que se refere à Faculdade de Medicina, em dezembro de 1998 toda a estrutura administrativa, incluindo a Direção, Secretaria, Departamentos, Cursos de Pós-Graduação e Biblioteca, foi transferida para o novo prédio sede da Faculdade (fig.96), construído na Rua Ramiro Barcelos, 2400 e projetado pelos Arquitetos Edison Zanckin Alice, Octacílio Rosa Ribeiro, Ana Luiza Oliveira e equipe de arquitetos e engenheiros do Corpo Técnico da Universidade.



Fig. 96: Novo edifício sede da Faculdade de Medicina.

Nos anos 90 a UFRGS continuava com um intenso processo de transferência de cursos que necessitavam de expansão física para o Câmpus do Vale. Contudo, com a diminuição das verbas federais para construção civil nas Universidades e as alterações nos rumos nas políticas universitárias, alguns prédios em obras na UFRGS foram atingidos por estas mudanças como a %Creche do Câmpus do Vale+, que atenderia filhos de professores, funcionários e alunos naquele Câmpus. Tal prédio, cujo projeto arquitetônico foi datado de 1993 e participou inclusive de uma exposição Municipal de arquitetura pré-escolar, teve seu projeto concluído, detalhado e sua construção iniciada, sofreu com o corte de verbas federais para pré-escola, que deveria a partir de então ser provida exclusivamente pela municipalidade. O referido prédio teve então sua obra paralisada, permanecendo só a estrutura construída por quase 10 anos, bem no acesso ao Câmpus do Vale. Escassez de verbas também foi, ao que tudo indica, no final da

década de 1990, o motivo pelo qual o prédio que deveria sediar os setores de Plantas de Lavoura, Horticultura e Fruticultura (ver fig.97), situado na Faculdade de Agronomia, edifício este que seria composto por dois blocos com dois pavimentos interligados por uma rampa, já atendendo as normas de acessibilidade universal exigidas pela LDB, teve apenas um dos seus blocos construído, descaracterizando o projeto e não atendendo completamente aos departamentos.



Fig. 97: Prédio que deveria sediar os setores de Plantas de Lavoura, Horticultura e Fruticultura, na Faculdade de Agronomia, ainda incompleto.

Ainda no Câmpus do Vale, em 1996, o Colégio de Aplicação foi transferido, passando a ter um prédio construído especialmente para ele, já a Faculdade de Educação, permaneceu no Prédio do Câmpus Centro.

No que se refere ao urbanismo e a cidade, por volta da década de 1980, findo o Movimento arquitetônico Modernista e com o advento do pensamento Pós-Modernista, o mundo todo passa por um processo intenso de revalorização de seu patrimônio histórico arquitetônico construído. A preservação deste patrimônio já era esboçada pelo Modernismo na Carta de Atenas, porém a partir dos anos 80 passa a ser analisado sob uma nova perspectiva, com maior ênfase na valorização destes espaços como testemunhos históricos e incentivo ao restauro. No que se refere aos movimentos culturais mundiais em relação ao urbanismo, [...] a pós-modernidade seria classificada como um estilo, baseado em uma reação ao Movimento Modernista, onde é adotado certo ecletismo e ironia no uso das formas+ (BURDEN, 2006). O pós-modernismo não teve significativos reflexos formais nas construções da UFRGS dos anos 1980/90, tendo talvez como um dos seus únicos representantes formais o prédio da nova sede da Faculdade de Medicina, na Rua Ramiro Barcelos. Contudo este movimento ajudou a

reforçar a ideia de revalorização de características formais de seus prédios históricos, incentivando iniciativas para sua preservação e restauro.

Décadas antes no mundo, no Brasil e também no Rio Grande do Sul já haviam surgido preocupações pontuais quanto à preservação do patrimônio histórico de bens com excepcional valor histórico e cultural, como por exemplo, no que se referia ao patrimônio construído na região das Missões Jesuíticas, no Rio Grande do Sul. A respeito das Missões

em 1937 Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do recém criado Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), designou o Arquiteto Lúcio Costa para realizar uma visita técnica à Região dos Sete Povos das Missões e recomendar as providências para sua conservação. Na mesma época ele projetou o Museu das Missões. Seu relatório foi de extrema importância e em 1938 foram declarados patrimônio nacional os remanescentes do Antigo Povo de São Miguel+ [...]. (STELLO, 2013. p.80)

Lúcio Costa, consagrado arquiteto modernista brasileiro que concebeu o Plano Piloto de Brasília, apesar da preservação histórica não ser uma ênfase da época, demonstrou muita sensibilidade com esta questão e os critérios de intervenção por ele estipulados servem de base para os trabalhos desenvolvidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) nos sítios missioneiros do Rio Grande do Sul até os dias de hoje.+ (STELLO, 2005. p.80) estes mesmos critérios foram importantes para a política de Preservação no âmbito nacional.

Refletindo a preocupação preservacionista que se acentuou na década de 1980, a própria Constituição Federal Brasileira de 1988 apresenta disposição específica sobre patrimônio cultural, estabelecendo em seu artigo 216 que confere ao patrimônio cultural e natural brasileiro o tratamento que lhe era devido, assegurando proteção legal abrangente de bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação e a memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira+.

Porto Alegre que já contava em 1980 com 1.125.478 habitantes, muitos já um tanto imbuídos desta nova visão. Também o poder público e os técnicos municipais buscavam a valorização da história e do patrimônio construído da cidade. É então criada em 1981 a Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural, da Secretaria Municipal da Cultura. Iniciou-se aí um processo de estudo e resgate dos bens culturais do Município de interesse histórico, social e arquitetônico. Pode-se dizer que

os anos 80 e 90 são ambivalentes: por um lado, a cidade continuou a crescer e a incorporar ícones da modernidade urbana, como os *shoppings-centers*, mas, ao mesmo tempo, passou a preocupar-se mais com a preservação do seu patrimônio, a resgatar os tradicionais pontos de referência da urbanidade, a recuperar os seus prédios históricos, a tomar atenção com o aspecto paisagístico de seus parques e avenidas. (PESAVENTO, 2004 (b). p. 73)

Como já foi visto neste trabalho, na UFRGS em 1986 o Reitor Francisco Ferraz havia lançado a ideia do Centro Cultural, primeiro passo para concretizar um plano de restauro e reutilização efetiva dos prédios históricos da instituição. Em 1998, o prédio da Faculdade de Direito e o Observatório Astronômico foram tombados (fig. 98 a) pelo Instituto do Patrimônio Histórico Arquetônico Nacional (IPHAN), através do processo 1438-T-98, conforme podemos constatar por meio do ofício 424-99 encaminhado pelo IPHAN a UFRGS. (Anexo 1)

A Secretaria do Patrimônio Histórico (SPH), atual Setor de Patrimônio Histórico da UFRGS foi criada em 2000, se destinando na época a planejar e executar a restauração de doze prédios (ver descrição dos prédios nas fichas técnicas no Anexo 2) de um Projeto de Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS. Estes 12 prédios tem sua proteção assegurada pela Lei 11.523 de 15 de setembro de 2000 (fig.98 b), que os declara integrantes do patrimônio cultural do Rio Grande do Sul. Esta secretaria visava recuperar e preservar prédios históricos de significado cultural, devolvendo-os à comunidade acadêmica e à população de Porto Alegre em geral, de forma a se reintegrarem as atividades de ensino, pesquisa e extensão e resolver parte das carências em termos de espaço físico que a Universidade enfrenta devido a sua constante ampliação. Segundo informações do SPH-UFRGS, visando efetivar estas restaurações a UFRGS enviou ao ministério da Cultura um projeto para captação de recursos junto a instituições particulares, pessoas jurídicas e físicas<sup>141</sup>:

Este Projeto foi aprovado em 1999 pelo Ministério da Cultura . MINC, possibilitando a captação de recursos via Lei Rouanet para a recuperação dos prédios históricos do Campus Centro, como conjunto arquetônico, e do prédio da Faculdade de Agronomia no Campus do Vale. (SPH-UFRGS, 2012)

Segundo informações do SPH-UFRGS sabe-se que de acordo com especialistas do campo da preservação e do restauro, da arquitetura e do urbanismo, que tais edificações compõem um dos mais antigos conjuntos arquetônicos construídos no

---

<sup>141</sup> As Pessoas Jurídicas tributadas com base no lucro real poderão deduzir do Imposto de Renda Devido, os valores destinados, no período de apuração, a projetos culturais (limitado a 4% do imposto devido. Pessoas Físicas poderão deduzir do Imposto de renda devido até 100% do valor doado (limitado a 6% do imposto devido).

Brasil com a finalidade de servir à educação superior. Alguns dos prédios históricos da Universidade como o da Faculdade de Direito (1910)<sup>142</sup>, o Castelinho (1908), o Chateau 1908, o Observatório Astronômico (1908), a Rádio da Universidade (1921) o Museu (1913) e a Faculdade de Agronomia (1913), hoje, em 2014 já foram restaurados. Alguns como a antiga Faculdade de Medicina (1924), a antiga Engenharia Química (1924) e o antigo Parobé (1928) aguardam restauração. A antiga Engenharia (1900) está em final de restauração. As várias intervenções, no sentido de restaurar e adequar os prédios históricos da UFRGS, buscam devolvê-los à Porto Alegre como espaços públicos voltados a convivência, revitalizando desta forma também a cidade sem transformá-los em meros monumentos ou museus de antiguidades.



Fig. 98: a) Documentos de Tombamento Federal do Observatório Astronômico e da Faculdade de Direito  
b) Reconhecimento de 12 Prédios do Câmpus Centro como Patrimônio pelo Estado do Rio Grande do Sul.

Estes edifícios, que são testemunhos das transformações vividas pela UFRGS e pela própria cidade de Porto Alegre, estavam castigados pelo tempo e pelo uso e hoje vários deles estão sendo reintegrados à vida acadêmica e da cidade passando novamente, assim como na época de sua construção, a ser um referencial positivo na cidade, agora como política bem sucedida de reapropriação destes espaços históricos para os usos da Universidade do século XXI.

Em Porto Alegre, mais ou menos na mesma época que iniciaram as iniciativas para restauro, mais precisamente em 1999, entrou em vigor em Porto Alegre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA), sancionado pela Lei

<sup>142</sup> Anos referentes à conclusão dos prédios citados.

Complementar 434 de 1º de dezembro de 1999,<sup>143</sup> que agregou ao Plano de Porto Alegre novos conceitos e terminologias. Neste Plano (fig. 99), a cidade se tornou objeto de um planejamento estratégico, fundamentado na estruturação urbana, mobilidade urbana, uso do solo privado, qualificação ambiental, promoção econômica, produção da cidade e sistema de planejamento. Seu modelo espacial partiu do reconhecimento do centro histórico da cidade e propôs a expansão deste centro até a III Perimetral cidade radiocêntrica, a partir de onde se definiram outros tipos de cidade com maior miscigenação de usos.<sup>144</sup>

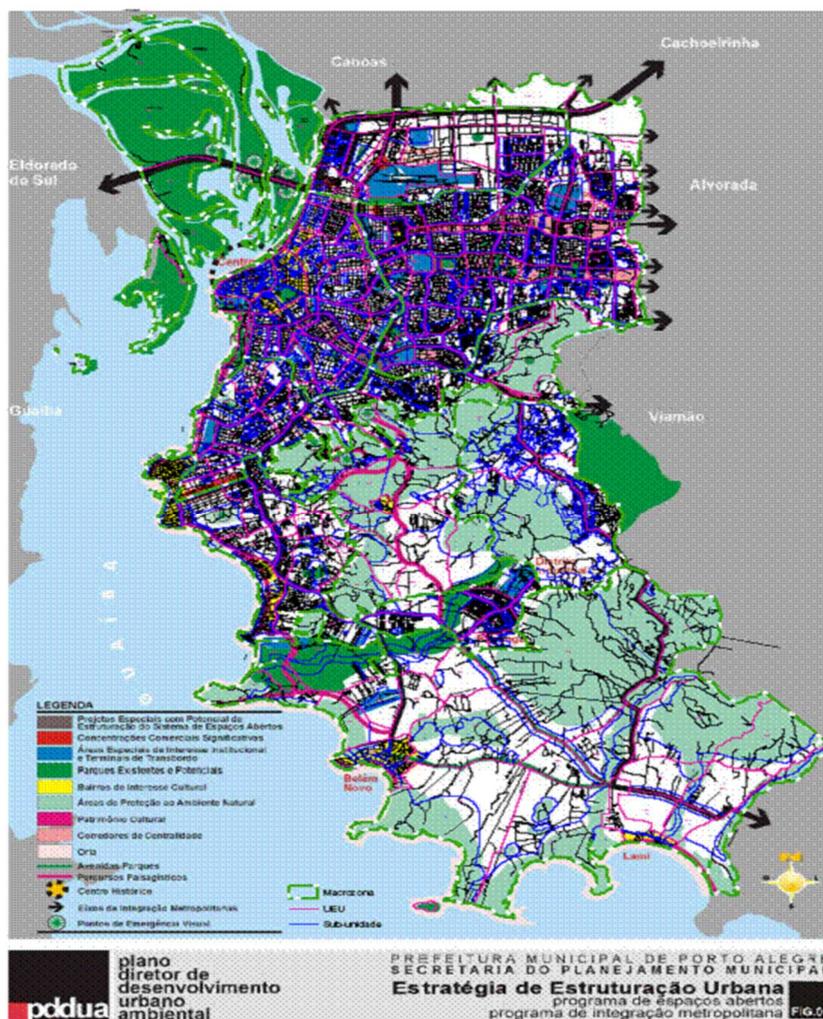


Fig. 99: Um dos mapas do PDDUA- indicando Estratégias de Estruturação Urbana e integração Metropolitana.

No que se refere ao meio ambiente, algumas áreas de mata do Morro Santana, onde se localiza o Câmpus do Vale, foram devastadas entre o final do século XIX e início do século XX. A consciência de que sua conservação era muito importante já

<sup>143</sup> Em julho desse ano, o 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (1º PDDU) havia completado 20 anos de aplicação, enquanto que, no dia 30 de dezembro, o Plano Diretor de 1959 (Lei 2330), completou 40 anos de sua aprovação. Talvez por uma grande coincidência histórica, os três planos diretores da Capital acabaram sendo aprovados em períodos de vinte em vinte anos.

<sup>144</sup> Ocorrendo inclusive a proposição da cidade-jardim em setores da zona sul.

existia desde as primeiras iniciativas de preservação tomadas pelo 1º PDDU, porém foi abalizada e complementada em 1999 pela legislação municipal prevista no PDDUA. A cidade estava se expandindo e esta área da reserva é em grande parte ocupada por formações florestais, possuindo uma importante diversidade biológica que deve ser seriamente preservada e levada em consideração nos projetos futuros.

O PDDUA valorizou ainda mais o aspecto ambiental, com medidas que visam à preservação e qualificação do ambiente natural e construído através, por exemplo, da proposta de regulamentação das ~~%~~Áreas Especiais de Interesse Cultural+ (uma atualização e ampliação das antigas ~~%~~Áreas Funcionais de Interesse Paisagístico+ do plano anterior). (PORTO ALEGRE, 2000)

A UFRGS, que tinha suas áreas assim designadas pelo 1º PDDU, passou então, a partir do PDDUA, em 1999, a ter que considerar os índices que passaram a incidir sobre toda a sua área nos quatro Câmpus e a ter que prestar contas de seus projetos e construções, por sua natureza, bastante diferenciadas, ao poder Público Municipal. Estando ambas as Instituições, nem sempre preparadas para dar os devidos trâmite a projetos tão diferenciados e com a agilidade necessária, passados 15 anos da implementação do PDDUA, percebe-se ainda a grande necessidade de que haja negociações entre as duas instituições para que o processo de licenciamento destes projetos e obras decorra com maior objetividade, agilidade e fluidez, não esquecendo que, como já se denominava nos planos anteriores, os prédios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre, tem realmente um caráter especial.

Mesmo tendo este Plano a prerrogativa de desenvolvimento urbano sustentável, algumas das medidas adotadas, tais como o aumento de densidade e carregamento da infra-estrutura, também induziram o incremento dos regimes urbanísticos, principalmente na área definida como cidade radiocêntrica, acarretando impactos na morfologia urbana. A unidade de vizinhança, conceito importante do 1º PDDU, perdeu significado no PDDUA, pois causou rompimento do tecido residencial de alguns bairros tradicionais da cidade por edifícios de, muitas vezes, 20 pavimentos de altura, gerando conflitos entre a população local, gestores municipais e agentes imobiliários. Para Bello (2006)<sup>145</sup> a esse respeito, os conflitos morfológicos e tipológicos que surgiram na cidade na vigência dos planos anteriores ~~%~~prossegiram na vigência do PDDUA apesar do discurso ambientalista e dos novos instrumentos de participação e de preservação, indicam ainda desequilíbrios entre inovação e permanência no construir da cidade [...]+ De acordo com o mesmo autor, a respeito das mudanças que se sucederam,

---

<sup>145</sup> Artigo digital sem paginação (ISSN 1808-5741).

[...] Porto Alegre exemplifica o caso de uma cidade onde um modelo de estruturação mais tradicional não se manteve e cujos modelos aplicados mais recentemente não se completaram. Apesar do desmonte do ambiente urbano construído na primeira metade do século XX, seus principais elementos ainda compõem a estrutura primária da cidade contemporânea, juntamente com realizações mais recentes.

O PDDUA sofre alterações posteriores em 2010, mas, aliás, como é característica de um plano participativo, ainda deverá sofrer vários ajustes adaptando-se as mudanças de contextos históricos, sociais, econômicos e culturais pelos quais passa a cidade.<sup>146</sup>

Concluindo este subcapítulo pode-se afirmar resumidamente que, entre 1988 e os anos 2000 o Brasil ganha uma nova constituição e passa a eleger democraticamente seus presidentes, na educação é revista a LDB, resultando em diretrizes bastante positivas para a educação no país. Na economia têm-se uma série de Planos econômicos, com o principal objetivo de pagar a dívida externa e interna dos governos anteriores e acabar com a inflação, contudo para isso passa-se por um período de cortes de verbas no serviço público que se refletiram na universidade. Com o advento do Pós-Modernismo, no pensamento arquitetônico e urbanístico, o mundo todo passa por um processo de revalorização de seu patrimônio histórico arquitetônico construído que passa a ser analisado sob uma nova perspectiva. A cidade de Porto Alegre e a Universidade criam órgãos administrativos com a função específica de preservar seus prédios históricos mais significativos. Porto Alegre ganha ainda em 1999 um novo Plano Diretor, sendo que a principal mudança que o PDDUA trouxe em relação a universidade foi que a partir dele a Universidade teve os índices urbanísticos municipais incidindo sobre sua área nos quatro campus.

## 8.5 Contemporaneidade

Na contemporaneidade a Universidade brasileira cumpre cada vez mais seu papel de foco e mantenedora da cultura, disseminadora de conhecimento e também de geradora de novos conhecimentos, através da pesquisa. No que tange a instituição e ao governo continua-se, de uma forma ou outra, tentando implementar, as diretrizes estabelecidas para a educação na constituição de 1988 e na LDB.

---

<sup>146</sup> A Lei Complementar 434/99 sofreu vários ajustes. As modificações mais profundas foram introduzidas pela Lei Complementar nº 646/2010 que revisou o Plano Diretor. O novo texto do PDDUA entrou em vigor no dia 26 de outubro de 2010.

Na política brasileira, no ano de 2002 é eleito para Presidente Luis Inácio da Silva, do partido dos Trabalhadores (PT), exercendo seu mandato de 1º de janeiro de 2003 a 1º de janeiro de 2011, somando dois mandatos seguidos devido à reeleição. Foi sucedido na presidência pela candidata governista Dilma Rousseff, eleita em 31 de outubro de 2010 e que governa o país até os dias atuais. No governo do PT foram criadas novas universidades públicas, todas no interior, por vezes utilizando-se de estruturas já existentes. Em 30 de dezembro de 2008, foi publicada a Lei 11892/2008, que tornou independentes 38 Institutos Federais no País, entre eles o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), dando administração própria e desvinculando as Escolas Técnicas das Universidades Brasileiras. Em agosto de 2012, o Senado Federal aprovou um projeto de lei que garante, no mínimo, metade das vagas das Universidades públicas a cotistas. Dentro destes 50%, a distribuição deve ser feita entre alunos economicamente carentes e por etnias, dadas as proporções de negros, pardos e indígenas em cada Estado brasileiro. As cotas econômico-raciais geraram e ainda geram debates na sociedade, contando tanto com posições favoráveis tanto quanto contrárias. O projeto Prouni tenta facilitar o acesso a Universidade particular concedendo bolsas de estudos de forma integral e parcial em universidades privadas, destinadas à jovens com renda per capita familiar de até três salários mínimos. O projeto Reuni, investiu em infraestrutura universitária, condicionado a aplicação destas verbas a ampliação da oferta de vagas nas Universidades Federais.

No que se refere à área física da UFRGS, no Câmpus Centro, com verbas do projeto Reuni, foi construído, entre 2010 e 2013 e inaugurado em 2014 um prédio para Salas de Aula com 4.254,00 m<sup>2</sup>, localizado atrás do antigo Prédio do Instituto Parobé. Atendeu-se uma necessidade premente, de dar mais salas de aula que comportasse o aumento do nº de vagas que devia ser oferecido pela universidade e também que estas novas salas fossem adequadas as necessidades atuais de recursos audiovisuais e de informatização. Foi desta forma, preenchido com mais uma construção o já exíguo espaço do Câmpus Centro. Também nesse câmpus, em 2014, a Engenharia Nova (1960) está em reformas e a Faculdade de Arquitetura (1957), já com sua biblioteca reformada, ainda aguarda reformas mais amplas.

No Câmpus da Saúde foi construído ainda em 2006 um novo prédio, projeto dos arquitetos Marcelo Spolaor e Deizi Carvalho Mendes do corpo técnico da UFRGS, que comporta em suas dependências um novo Restaurante Universitário, o chamado RU 2, além das novas instalações da Gráfica e a Editora da UFRGS, que desocuparam desta forma o segundo andar da FABICO permitindo a ampliação desta neste andar.

A antiga Escola Técnica, atual Campus Porto Alegre do IFRS, tendo sido desvinculada da universidade, saiu do Câmpus da Saúde da UFRGS em 2011 e passou a funcionar em nova sede localizada em um prédio adquirido no Centro Histórico de Porto Alegre na Rua Coronel Vicente, 281, esquina com Av. Voluntários da Pátria com 48.000m<sup>2</sup>, devendo oferecer mais vagas e novos cursos técnicos. O seu antigo prédio passa a denominar-se Anexo I do Câmpus da Saúde e deve ser ocupado por outras Unidades Acadêmicas como recentemente o fez a FABICO, em abril de 2014, lá instalando os laboratórios dos cursos de Museologia e Biblioteconomia, além do Centro de Documentação e Acervo Digital da Pesquisa, que será implantado em parceria com o CPD. Ainda no Câmpus da Saúde, há em andamento um projeto por parte do Hospital de Clínicas, para sua ampliação por meio de Anexos. Esta obra deveria ter iniciado em 2013, mas o impasse já vem se arrastando desde 2012, tendo sido o projeto aprovado após uma fase de intensas negociações com a Prefeitura Municipal com polêmica motivada pela alteração que a reforma traria ao projeto original. Este, como vimos, foi um dos primeiros e mais importantes projetos Modernistas de Porto Alegre e também pelo impacto ambiental que a reforma irá acarretar, gerando o corte de 240 árvores e falta de vagas de estacionamento correspondentes ao aumento de área. Apesar da aprovação do projeto, o debate ainda se encontra na mídia e talvez ainda se abram novas alternativas de solução com a participação de representantes das diversas correntes e entidades representativas de Porto Alegre. Segundo notícia no Portal G1-Rio grande do Sul da RBS TV, do dia 06/03/2014 postado as 16h59:

Após submeter o tema à análise na Secretaria de Urbanismo, o Prefeito de Porto Alegre, José Fortunati, sancionou, na tarde desta quinta-feira (6), o Projeto de Lei Complementar que viabiliza as obras de ampliação em 70% da estrutura do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. O início dos trabalhos, contudo, não será imediato: a instituição de saúde ainda aguarda um estudo técnico da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM). [...] As obras vão modificar a fachada do prédio, que é patrimônio histórico e cultural da cidade, e devem aumentar em 70% a capacidade do hospital. [...]. A medida abriu uma exceção ao projeto no Clínicas que fere leis municipais sobre o paisagismo urbano e o patrimônio histórico da cidade. (PORTAL G1-RBS, 2014).

Também no Câmpus da Saúde já se encontra em andamento um projeto para construção de um prédio anexo a Faculdade de Farmácia, sua primeira ampliação física significativa em mais de 50 anos. O Estudo de Viabilidade Técnica (EVU) foi aprovado, o anteprojeto arquitetônico se encontra concluído, devendo-se agora passar à fase dos projetos complementares e construtivos, orçamentos e cronogramas, bem como à aprovação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O Hospital de Ensino Odontológico,

está em construção junto a Faculdade de Odontologia desde 2011, com verba do Reuni e com previsão de entrega em 2015. O Anexo da Faculdade de Medicina e o novo prédio para o Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS) estão ainda em projeto, mas também contam com verbas do Projeto Reuni. A Escola de Enfermagem também tem projetos ligados a sua ampliação.

No Câmpus Olímpico também ocorrem reformas e readequações, como a que houve recentemente no prédio das piscinas e no ginásio, além da construção em 2008 de um Restaurante Universitário, o RU 5, naquele Câmpus.

No Câmpus do Vale da UFRGS, o prédio que havia sido projetado originalmente em 1993 para sediar a Creche do Câmpus do Vale (fig.100) e que ficou inacabado, vários anos depois, em 2004, talvez, quem sabe, por influência do advento das ideias do projeto Porto Alegre Tecnópolis<sup>147</sup> na UFRGS, sofreu os devidos ajustes projetuais para sediar então o Laboratório de Metalurgia Física (LAMEF) que hoje faz parte do Departamento de Metalurgia da Escola de Engenharia da UFRGS e está em pleno funcionamento já passados dez anos de sua ocupação.



Fig. 100: Laboratório de Metalurgia Física (LAMEF), projetado inicialmente para ser a creche do Câmpus do Vale.

Com verbas do projeto Reuni, para este câmpus, está sendo projetado um prédio para o Bacharelado, no Bloco IV. Como é característico da implantação de

---

<sup>147</sup> Segundo MOREIRA (1999), o programa Porto Alegre Tecnópolis (PAT), é uma estratégia de desenvolvimento que teve início no Município de Porto Alegre em 1995 com o objetivo de preparar a Região Metropolitana de Porto Alegre para enfrentar os desafios da nova economia. Seu objetivo é promover articulação das universidades, dos setores produtivos e do poder público, em todas as regiões do Estado, visando o desenvolvimento científico e tecnológico regional; articulação e inclusão digital; promoção de setores estratégicos; fomento à inovação. Disponível em: <http://www.geocities.ws/cassiocsm/monografia.pdf>

câmpus universitários, este Câmpus continua hoje, em 2014, ainda em construção+. Contudo passados 40 anos de sua inauguração na década de 1970, algumas premissas da época de sua implantação já foram revistas, como por exemplo, a questão da organização rígida e geométrica dos edifícios em blocos e a da tipologia modular única para qualquer tipo de função, que na época foi adequada pela rapidez da implantação e construção em grande escala, mas que na atualidade não mais se adapta aos novos tempos, funções e atividades da UFRGS neste câmpus.<sup>148</sup>



Fig. 101: Câmpus do Vale em 2014.

A figura 101 mostra um aspecto atual do Câmpus do Vale. É interessante comparar a fotografia tirada quase do mesmo local que o da fig. 92, porém cerca de 30 anos depois. Desde 2012 estão em andamento as obras de construção do Restaurante Universitário 6, com conclusão prevista para 2014, o segundo neste Câmpus que também já conta com o RU 3. Para atender uma reivindicação antiga das unidades acadêmicas e alunos, já foram feitos em diferentes épocas e por diferentes arquitetos, vários projetos para a construção de uma Biblioteca Central no Câmpus do Vale, prevista desde o Plano Piloto do mesmo, na década de 1970. Em 2012 foi elaborado novo anteprojeto propondo um prédio que terá sete pavimentos e 12 mil metros quadrados de área construída, o projeto tramita requerendo aprovação dos órgãos ambientais da prefeitura municipal e ainda não há previsão de aprovação nem de início de obras. Aliás, hoje, já decorrida a primeira década do século XXI, constata-se que a Universidade carece também de um espaço adequado e com pessoal especializado, talvez junto a esta biblioteca, para acomodar, catalogar e lidar com as dezenas de

---

<sup>148</sup> Hoje, em 2013, Porto Alegre, como já se previa desde o Plano Gladosh, se estende a leste até o Campus do Vale fazendo fronteira com Viamão e esta área destinada a Universidade desde aquela época finalmente já foi bastante ocupada, concentrando a maior parte dos mais de 300 prédios da UFRGS.

mapotecas que acomodam o acervo das pranchas contendo os projetos arquitetônicos e complementares de seus prédios. Este acervo trata-se de uma documentação original e única da área física construída da Universidade, contendo projetos elaborados ao longo de mais de cem anos e que deve ser disponibilizada adequadamente, o quanto antes possível, tanto para estudos e pesquisa como para servir de base para as constantes intervenções e reformas que acontecem frequentemente em todas as unidades acadêmicas da UFRGS. Também se faz necessária a organização, com técnicas adequadas, dos projetos de arquitetura e engenharia elaborados por meios digitais para a Universidade a partir dos anos noventa, bem como de suas cópias impressas.

O Parque Científico e Tecnológico da UFRGS criado pelo Conselho Universitário no dia 9 de abril de 2010, é um programa ainda em desenvolvimento na Universidade que vem sendo implantado no Câmpus do Vale e que se consolida como um novo mecanismo de transferência do conhecimento instalado na Universidade para o benefício da Sociedade no âmbito das tecnologias e da inovação. Este Parque

[...] prevê a ocupação de uma área de 6,3 hectares de lotes industriais e de 1,57 hectares de área institucional [...] funcionará como principal elemento de interface na implementação de parcerias entre o setor público e o privado. Ao mesmo tempo integra o esforço regional de desenvolvimento científico e tecnológico através do projeto Porto Alegre Tecnópolis. (TURKIENICZ, et al. 2004. p. 46).

O Câmpus do Vale é a maior área disponível para o adensamento da universidade dentro da cidade e determina [...] um considerável impacto sobre o vizinho município de Viamão, sobre o sistema de tráfego e transportes da região, sobre o meio ambiente natural e, dada a sua dimensão e uso do solo, sobre o município de Porto Alegre. (TURKIENICZ, et al.,2004. p. 1)

Nos dias atuais, Porto Alegre está, no seu limite leste, conurbada com Viamão, sendo a divisa, quase imperceptível, justamente no Câmpus do Vale da UFRGS e tendo a seu lado a Vila residencial Santa Isabel, já pertencente ao município de Viamão, que se utiliza dos transportes de Porto Alegre que ali chegam e, curiosamente, do próprio Câmpus, enquanto parque de lazer, aos fins de semana.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

O assunto sobre o qual trabalhamos nesta dissertação é tão vasto quanto importante. É, além do mais, um assunto bastante difícil de definir, uma vez que se ultrapassa os limites da %universidade e cidade+. As relações, as conexões e interfaces entre a Universidade e a cidade se dão, e podem ser observadas e analisadas, sob vários enfoques distintos. De acordo com Bender (1988, p.290. tradução nossa), uma análise

acerca da cidade e da universidade . e de suas inter-relações . incita um reconhecimento surpreendente. Considerando várias características convencionais e formais sociológicas . secularidade, tolerância, especialização, concentração, diversidade . se é tentado a assumir que existe uma homologia entre a universidade e a cidade.

A reflexão sobre os vários enfoques que se pode abordar, leva a um grande número de temas instigantes e provocativos ao mesmo tempo em que os mesmos se podem tornar esclarecedores, ajudando a definir a relação entre a universidade e a cidade em seus diferentes períodos históricos, desde as suas mútuas origens medievais aos dias atuais.

Rothblatt (1988. In BENDER, 1998. p.119. tradução nossa), falando da Universidade de Londres, aponta alguns dos outros enfoques que poderiam ser estudados no que tange a universidade em relação a cidade. Para ele três temas ou tópicos específicos correm através do curso desta discussão,

o primeiro é a relação da Universidade de Londres com o seu específico meio urbano ao tempo de sua fundação, significando a relação da universidade com um atual e potencial mercado local para estudantes, recursos e serviços. O segundo é a relação com outras instituições educacionais pré-existentes contra as quais inevitavelmente, foi comparada e medida. E a terceira é a posição da nova universidade com respeito a certas características especiais da história cultural nacional e urbana da Grã-Bretanha. Colocados juntos, estes três temas ilustram como diferentes conflitos e tradições nacionais e urbanas produzem diferentes concepções de uma universidade urbana.

Aliás, tal fenômeno onde a Universidade e a constante inter-relação com a %ua+ cidade, torna cada Universidade única bem como a cidade onde se localiza também o é, não é de forma alguma exclusivo da UFRGS e de Porto Alegre, aqui nosso objeto de análise. Alguns autores já identificam esta complexa relação universidade/ cidade em diversas universidades no mundo. Grafton (1998. In: BENDER, 1998. p.67. tradução

nossa), falando da Universidade de Leiden, localizada na cidade do mesmo nome na Holanda e que foi fundada em 1575, coloca que:

[...] como patrícios e pregadores, universidade e sociedade foram trancados juntos em uma simbiose que enriqueceu ambas as partes. A %ertilização cruzada+ da cidade e da universidade podia ser traçada em muitos níveis e através de diversas fontes.

Também Heyd (1998. In: BENDER, 1998. p.91. tradução nossa), em seu artigo sobre a Universidade de Genebra, na Suíça, fundada em 1559, por João Calvino, afirma que o objetivo daquela análise

[...] foi ressaltar a curiosa constituição da Academia de Genebra no séc. XVIII, que não era mais uma Academia Internacional Calvinista, mas também não era bem uma universidade cívica. Esta constituição refletiu as várias tensões políticas, sociais e institucionais na Genebra daquele período. Também mostra que nem a %universidade+ nem a %cidade+ são uma entidade homogênea. O relacionamento entre elas é necessariamente complexo.

O presente trabalho de pesquisa estuda as interfaces existentes entre a instituição Universidade e o meio urbano no que se refere ao viés da materialidade e a espacialização física da Universidade dentro da cidade. Ele teve por objetivo geral fazer um registro, examinar e estudar como se deram as interfaces históricas entre o crescimento físico da UFRGS e a história e o crescimento físico de Porto Alegre e responde a pergunta a respeito de como eles aconteceram também no que tange aos contextos sociais, políticos, econômicos, urbanísticos e culturais que influenciaram os diferentes momentos históricos em que ocorreram estas interfaces.

Phillipson (1998. In: BENDER, 1998. p.101. tradução nossa), falando da Universidade de Edimburgo, fundada em 1583, na cidade de Edimburgo na Escócia, Reino Unido, relata a associação, em determinado momento histórico, dos prédios da universidade com a modernidade e prosperidade da cidade, afirmando que

[...] foi inteiramente apropriado, se um tanto imprudente, de parte da Câmara Municipal e dos professores de imortalizar a sua conquista num novo prédio, vasto, grandioso e extremamente caro projetado por Robert Adam. Junto com os grandes prédios neoclássicos da Bolsa, da Casa de Registro (cartórios) e do Tribunal, o novo edifício teve a intenção de apresentar a universidade moderna como uma parte integrante da vida pública da capital de um país cujas fortunas estavam sendo transformadas pelo comércio e pela educação.

Portanto também não foi fato inédito, conforme pudemos ver pelo relato de Phillipson (1998, p.101), a ideia de associar belos prédios, construídos como sedes de cursos da

universidade, à ideia de modernidade e desenvolvimento da cidade, assim como ocorreu com os primeiros prédios construídos para serem sedes dos Cursos Universitários Livres, construídos no terreno da várzea, doado pela Intendência Municipal, em Porto Alegre no início do século XX.

Confirma-se a hipótese que a localização de cada um desses novos câmpus acompanhou as rotas originais de acesso a cidade.

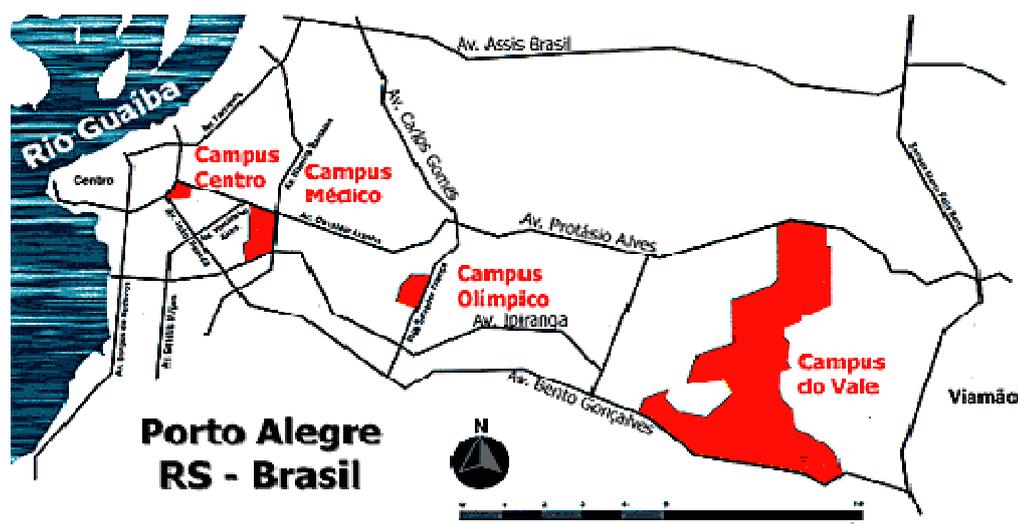


Fig. 102: Mapa esquemático de Porto Alegre com a localização dos câmpus da UFRGS.

O chamado "centro" de Porto Alegre, hoje curiosamente localizado numa ponta da cidade junto ao Estuário do Guaíba, era o núcleo original da cidade. Ao analisar-se a fig. 102, utilizada num guia para orientação para os alunos a respeito da localização dos Câmpus Universitários, observa-se claramente o crescimento da UFRGS em Porto Alegre, com a localização dos seus quatro Câmpus ao longo das vias radiais que partem do seu Centro Histórico da cidade, neste caso as vias que seguem em direção a leste. Estas vias eram antigos caminhos ou estradas que levavam a outras localidades, a atual Av. Protásio Alves, antigo Caminho do Meio que leva ao Município de Alvorada e a Av. Bento Gonçalves, antiga Estrada do Mato Grosso que leva ao Município de Viamão, antiga Capital do Estado e foram algumas das primeiras rotas da expansão natural de Porto Alegre e que nortearam também o crescimento físico da UFRGS.

Hoje Alvorada e Viamão concentram, em grande parte, população que teve e tem em Porto Alegre seu lugar de emprego, caracterizando fluxos diários pendulares de pessoas entre a capital e seus municípios de origem.



Fig. 103: Mapa georeferenciado localizando os Câmpus da UFRGS na malha urbana de Porto Alegre (2014).

Portanto, comprovadamente, a UFRGS, tal qual Porto Alegre, conforme já afirmavam Souza e Müller (2007, p.64), expandiu-se ao longo de seus eixos de acesso:

Comprova-se também, pelas contextualizações históricas aqui realizadas, que a cidade de Porto Alegre, seus habitantes, suas necessidades socioeconômicas, além do poder público, em suas instâncias federal, estadual e municipal, nos diferentes momentos históricos, influenciaram, no sentido de motivar, moldar e construir paulatinamente, o que é hoje a UFRGS e que esta, por sua vez, interferiu no que, com o tempo, se tornou a cidade.

Ainda acredita-se que a UFRGS funcionou como promotora de desenvolvimento físico para determinadas áreas da cidade, principalmente no entorno de cada um dos seus câmpus como claramente se observa em fotografias e mapas ao longo deste trabalho. Porém para comprovação científica desta hipótese talvez ainda sejam necessários mais dados numéricos referentes aos bairros onde se implantaram os câmpus da UFRGS ao longo da história do crescimento de Porto Alegre.

Ao final deste estudo pode concluir-se ainda que houve quatro fases de expansão física da UFRGS, tendo sido a 1ª destas fases a da ocupação do Atheneu Rio-grandense e de pequenos prédios na região da península. Já a 2ª fase, foi a da construção dos Edifícios Sedes dos Cursos Universitários Livres entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX, na região da antiga Várzea, no atual Câmpus Centro. A 3ª fase se deu em torno da década de 1950/60, com a construção

concomitante dos prédios no Câmpus da Saúde, do Hospital de Clínicas e os prédios de características Modernistas do Câmpus Centro. Finalmente, quando da anexação da ESEF, atual Câmpus Olímpico, e principalmente quando do início da construção do Câmpus do Vale, na década de 1970, se dá o que poderíamos chamar de uma 4ª fase de crescimento físico da UFRGS, talvez a maior delas em termos de área construída, permitindo a transferência de alguns cursos existentes que se expandiam, para aquele câmpus .

Em se tratando dos movimentos mundiais que influenciaram a arquitetura e o urbanismo, viu-se que sua maioria teve reflexos em Porto Alegre em determinados períodos históricos e que a UFRGS, algumas vezes, serviu inclusive de vanguarda na introdução destas novas tendências na cidade, como foi o caso das tendências comuns na transição do século XIX para o século XX, como o Neoclássico, o Jugendstil e o estilo Eclético identificados nos prédios do Câmpus Centro. Poderíamos, portanto, também nos permitir aventar que os primeiros prédios, sedes dos Cursos Universitários livres construídos na Várzea, teriam sido uma das primeiras expansões com qualidade arquitetônica e urbanística da malha urbana da cidade de Porto Alegre. Em outra fase, tem-se na UFRGS alguns dos primeiros exemplares representativos da Arquitetura Modernista em Porto Alegre, como o projeto do Câmpus da Saúde, o prédio do Hospital de Clínicas e o da Faculdade de Farmácia entre outros. Quanto ao pós modernismo, sua influencia reflete-se na UFRGS, principalmente no que se refere a olhar com outros olhos, a partir daquele determinado momento histórico, seu patrimônio construído, no intuito da preservação e restauro enquanto resgate de testemunhos físicos de sua história. É bem colocado por Bello (2006<sup>149</sup>) que nos últimos 100 anos, Porto Alegre sofreu uma significativa mudança de padrões na arquitetura e estruturação urbana, refletindo concepções distintas de modernização. E, através do presente estudo, conclui-se que a UFRGS participou da maioria destas mudanças e tem exemplares construídos na cidade representativos de diversas destas fases e estilos arquitetônicos e urbanísticos. Pode-se afirmar, portanto, que a Universidade, com seus edifícios de diferentes épocas, representa uma síntese da trajetória construtiva, tanto formal como tecnicamente falando, do conjunto edificado na cidade de Porto Alegre ao longo de mais de cem anos.

No que diz respeito aos planos urbanísticos para Porto Alegre, todos os planos para a cidade, como se viu apresentado ao longo deste trabalho, tiveram de uma forma ou de outra, seja direta ou indiretamente, em maior ou menor grau, interfaces com a história da UFRGS.

---

<sup>149</sup> Publicação digital sem paginação, (ISSN 18085741).

Também no aspecto humano universidade e cidade estão interligadas. Foram técnicos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre que em 1952 vieram a formar grande parte do primeiro corpo docente da Faculdade de Arquitetura da UFRGS assim como, posteriormente, alguns professores da Faculdade de Arquitetura da UFRGS foram convidados a tomar parte na elaboração do 1º PDDU, em 1979 e também elaboraram estudos que deram embasamento ao PDDUA, em 1999. Também ao longo da história, há casos em que os professores atuaram como técnicos, em órgãos públicos de planejamento urbano e ainda para a própria universidade, elaborando projetos arquitetônicos para muitos de seus prédios, assim como arquitetos contratados para prestar serviços técnicos à universidade, acabaram se tornando professores.

No que se refere à variedade de conceitos e projetos até a efetiva execução do Câmpus do Vale da UFRGS, que nunca efetivamente concentrou toda a Universidade num só local, conforme pensou Gladosh em 1941, nem dispensou a necessidade da existência dos demais Câmpus, Padão (2003. p.1) coloca bem a ideia que

a partir dessas primeiras ideias, outras tantas foram concebidas na forma de projeto, cuja realização não se concretizou. Assim sendo, a problemática da construção de um *campus universitário* para a UFRGS esteve constantemente em discussão ao longo de quase meio século, envolvendo não somente aspectos relacionados à vida universitária, mas também ao desenvolvimento da cidade. Conceitos como os de *quarteirão universitário*, *cidade universitária*, *centro universitário*, *vila universitária* e *campus universitário* foram formulados visando dar conta de um espaço que pudesse centralizar a vida acadêmica. Como resultado desta diversidade conceitual e de opções de localização, a UFRGS dispõe hoje, curiosamente, de quatro *campi* universitários - *Centro*, *da Saúde*, *Olimpico* e *do Vale*. A vontade de centralizar a vida universitária parece ter gerado o seu contrário.

Pode-se afirmar, portanto, que a necessidade de expansão física da UFRGS e a criação de novos cursos levaram a construção de outros Câmpus cada vez mais afastados do centro histórico, contudo por uma série de fatores aqui relatados, como a exiguidade da área ou mudanças políticas e educacionais, não foi capaz de concentrar todas as unidades num mesmo local, como era a intenção conceitual inicial na criação de uma cidade universitária.

Viu-se também que a UFRGS, uma das mais antigas universidades públicas do Brasil, possui um acervo edificado dos mais significativos no contexto urbano da cidade de Porto Alegre.

A consagração de algumas dessas permanências como Patrimônio Cultural indica a sua importância enquanto imaginário urbano, atuando como referência não só para o fortalecimento da qualidade ambiental e identidade coletiva, mas principalmente como fundamento de novos planos e projetos para a construção da cidade do presente e do futuro. (BELLO, 2006<sup>150</sup>)

O patrimônio edificado da UFRGS possui inúmeros significados para os diversos segmentos da população da cidade, identificados com a arte, ciência, conhecimento, política e humanismo e com diferentes gerações de porto alegrensenses, caracterizando uma parte importante da memória da sociedade gaúcha e brasileira.

As histórias da UFRGS e suas edificações estão, portanto, cheias de interfaces com as da cidade de Porto Alegre sendo, por vezes, indissociáveis.

Podemos também projetar tendências futuras, tanto no que tange a cidade como a universidade. Observamos ao longo deste trabalho dados sobre o crescimento populacional da cidade ao longo da história da UFRGS. No que se refere ao crescimento populacional hoje, Porto Alegre tem conforme o último censo do IBGE (no ano de 2010), 1.409.351 habitantes no censo anterior (ano de 2000) tinha 1.360.590. Portanto aumentou em 48.761 mil habitantes, o que para uma Metrópole não é um acréscimo que chegue a ser muito significativo em 10 anos. Se analisarmos o crescimento populacional comparativamente percebe-se que, enquanto Porto Alegre cresceu 3,63%, cidades da região Metropolitana cresceram percentualmente muito mais. Pode-se tomar, por exemplo, Viamão, que cresceu 5,19%, Cachoeirinha, 9,98%, Eldorado do Sul, 25,92% e Nova Stª Rita, 44,17%, as duas últimas próximas a cidade de Guaíba, do outro lado do Rio/Lago do mesmo nome, que banha Porto Alegre. Segundo os mesmos censos alguns bairros tradicionais da cidade tiveram até decréscimo do nº de moradores como o Moinho de Vento, Stª Cecília, Partenon, Stª Tereza, entre outros. Os bairros que cresceram em população na cidade estão em geral localizados próximos aos limites do Município, como o bairro Agronomia, Lomba do Pinheiro, Ponta Grossa e Serraria, entre outros. Com estes dados conclui-se que a tendência futura de crescimento da população, mesmo que ainda vinculada ao comércio e serviços na capital, é estabilizar-se em Porto Alegre e o crescimento populacional real ocorrer nas divisas e nas cidades da região metropolitana.

No que se refere ao crescimento físico, poder-se-ia afirmar que a UFRGS, dentro da cidade, alcançou seus limites urbanos, e quase já não conta mais com área física para crescer, a não ser adensando-se. O Câmpus do Centro e o da Saúde, até mesmo por conta dos índices Urbanísticos municipais hoje a eles aplicados, comportam poucas

---

<sup>150</sup> Artigo Digital, sem paginação (ISSN 1808-5741).

possibilidades de adensamento e, se mantidos os mesmos índices, num futuro próximo isto só poderá ocorrer nos Campus Olímpico e do Vale. Contudo, a possibilidade de negociações bilaterais com o Município sempre devem ser consideradas, em busca do bom senso e de estabelecer um bem comum, não só entre as instituições mas visando a população, como foi o caso da aprovação da ampliação do Hospital de Clínicas recentemente.

Uma nova tendência de crescimento físico da UFRGS, que já está se tornando realidade na segunda década dos anos 2000 é a criação de Câmpus fora do Município de Porto Alegre, como é o caso dos Câmpus Litoral e Serra da UFRGS, que, conforme o Reitor Carlos Alexandre Neto, deverão funcionar já a partir de 2014 (fig. 104), pelo menos no que diz respeito às primeiras turmas de Graduação no Câmpus Litoral, no município de Tramandaí. Esta é hoje em dia uma nova forma de atender as necessidades específicas das diversas regiões do Estado, quanto ao seu aspecto social e econômico, bem como os alunos que buscam pelo ensino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem ter que concentrá-los na cidade de Porto Alegre.

## **Aulas em novo campus da UFRGS no Litoral Norte começam no ano que vem**

Entre os cursos disponíveis estão Desenvolvimento Urbano, licenciatura em Estudos Sociais e Biologia Marinha

As aulas no novo campus da UFRGS às margens da RS-030 em Tramandaí, no Litoral Norte, devem começar a partir do segundo semestre do ano que vem. O anúncio foi feito, no *Gaúcha Repórter*, pelo reitor da Universidade, Carlos Alexandre Neto, que ressaltou que a área já está cercada. "Nós já estamos iniciando a reforma das instalações existentes, onde vamos colocar as primeiras atividades, e já estamos iniciando a fase de projeto das instalações a serem concluídas", afirmou o reitor.

Entre os cursos que estarão disponíveis a partir de agosto de 2014 no litoral estão Desenvolvimento Urbano, licenciatura em Estudos Sociais e Biologia Marinha, esse em parceria com a Universidade de Rio Grande. Já com relação ao futuro campus da UFRGS na serra gaúcha, Alexandre Neto resalta que os prefeitos da região devem definir entre eles qual município abrigará a universidade.

Fig. 104: Reprodução parcial de notícia veiculada na Zero Hora digital de 18/10/2013, a respeito dos novos Câmpus da UFRGS a estabelecerem-se no Litoral e na Serra.

No que se refere à vocação para a pesquisa da Universidade visando à melhoria da qualidade de vida, hoje, iniciativas como o Programa das Nações Unidas para o

Desenvolvimento (PNUD<sup>151</sup>), vem investindo em pesquisas nas Universidades de países em desenvolvimento buscando melhorias locais em diversas áreas de sua atuação. Como por exemplo, temos os convênios noticiados pelo site do PNUD no Brasil, para ajudar a equipar laboratórios de 19 universidades no país, entre elas a UFRGS, que fazem estudos sobre instalação elétrica, aplicações industriais e edificação de combate ao desperdício de energia elétrica. O dinheiro, repassado pela Eletrobrás, deverá ser utilizado para laboratórios que desenvolvem estudos nestas áreas para futuramente poder aplicar seus resultados. (ONU-BR, 2013)

Outra forma que a Universidade encontrou de expandir seu conhecimento, não só a UFRGS, mas instituições em todo o mundo, se deu devido à popularização dos computadores pessoais e notebooks e o advento das redes mundiais. Como foi visto neste trabalho, já nos anos 2000 foi instituída na UFRGS a Secretaria de Educação a Distância, visando ao desenvolvimento e incremento na utilização de novas tecnológicas nessa modalidade de ensino. Foi também implantada a Biblioteca Virtual da UFRGS ampliando e atualizando as fontes de informação científica do Sistema de Bibliotecas. Hoje, o chamado Ensino Acadêmico a Distância (EAD) é uma realidade que leva a Universidade, com seus cursos de Graduação e Especializações, a alunos em qualquer lugar, exigindo poucas aulas presenciais e oferecendo orientação por meio de professores e monitores das disciplinas on line. Estamos vivendo a realidade do chamado Câmpus Virtual. Contudo, apesar das inúmeras vantagens, como por exemplo, uma maior abrangência as mais diversas localidades e a alunos, menor necessidade de locomoção, entre outras, esta modalidade, sob um determinado ponto de vista, deixa uma lacuna na formação acadêmica, não proporcionando o convívio pessoal direto e humanizado entre os próprios alunos e entre eles e seus professores, o que sempre induziu aos salutares debates e troca de ideias, mesmo que longas e acaloradas, mas que conduziam e acabavam resultando num crescimento científico e humano, convívio este tão valorizado desde as Universidades Medievais.

As considerações feitas ao longo deste trabalho tiveram por objetivo analisar o nosso tema de pesquisa, que são as interfaces da história da cidade de Porto Alegre e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil, focando no aspecto do crescimento físico das mesmas, porém contextualizando política, social, econômica e

---

<sup>151</sup> O PNUD é hoje uma rede global presente em 166 países, advogado das mudanças necessárias para a sustentabilidade do planeta e melhores condições de vida dos povos. Ele conecta países a conhecimentos, experiências e recursos, ajudando pessoas a construir uma vida mais digna e trabalhando conjuntamente nas soluções traçadas pelos países membros, para fortalecer as capacidades locais e proporcionar acesso tanto aos recursos humanos, técnicos e financeiros e da cooperação externa com ampla rede de parceiros: governos nacionais e locais, terceiro setor, universidades e centros de excelência, setor privado, outros organismos internacionais. (ONU BR, 2013)

urbanisticamente cada época histórica significativa de mudanças, confirmar nossas hipóteses e fazer também um registro contemporâneo desta história, buscando ainda vislumbrar tendências futuras. Contudo, esta pesquisa não se fecha em si mesma. Ela pode, e deve, suscitar novas perguntas e apontar novos rumos de investigação. O próprio Rothblatt (1988. In BENDER, 1998. p.119. tradução nossa), quando aponta alguns dos outros enfoques no que tange a universidade em relação à cidade que poderiam ser estudados, referindo-se no caso dele a Universidade de Londres, pode indicar à presente pesquisa alguns caminhos que poderiam ser trilhados para dar-lhe continuidade, como por exemplo, a relação da universidade com um atual e potencial mercado local para estudantes, recursos e serviços [...] a relação da universidade com outras instituições educacionais da cidade e da região metropolitana, como por exemplo, a Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUC), o Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), entre tantas outras, ou ainda a posição da nova Universidade com respeito a certas características especiais da história cultural nacional e urbana.

Por hora, quando se retoma neste trabalho a história da universidade no seu início, considerando todo seu vasto passado, o objetivo é sempre a compreensão do presente. Aqui se compreendeu o presente como sendo o estágio transitório entre o passado e a expectativa do futuro a qual, se queira ou não, é extremamente relativa e imprevisível. Contudo, como partimos conhecendo a situação presente da UFRGS na cidade de Porto Alegre traçou-se apenas uma linha histórica, não especulando sobre as diversas alternativas, planos e projetos traçados para a universidade, que todavia não foram executados.

Os indivíduos e as instituições são produtos da história, que por sua vez estão também envolvidos no processo de construção de outros produtos históricos. Por isso deve-se ter a precaução de evitar as considerações definitivas e absolutas sobre o que se é hoje, o que se faz na atualidade, nossos estudos e seus resultados atuais.

A história de nós mesmos e de nossas instituições, sendo um processo contínuo, não nos cabe entendê-la como natural e inevitavelmente dada. Esta é a leitura das interfaces da história da UFRGS e da cidade de Porto Alegre que, baseados neste estudo, faz-se hoje. No futuro, sob nova ótica, acrescidos de novos conhecimentos e experiências, quem sabe, a nossa interpretação possa ser outra.

Para concluir, tem-se uma frase de Bender (1998 p.4. tradução nossa) que afirma

a conexão da universidade com a sociedade, particularmente a maneira na qual a cidade formou um nexos para esta conexão, naturalmente mudaram. Contudo a continuidade é extraordinária; há uma persistente, embora limitada, correlação que associa a universidade no seu melhor, com a cidade no seu melhor.

O autor identifica, na mesma obra, várias cidades que tem relações e interfaces históricas notadamente relevantes com as suas universidades estando entre elas:

New York University . New York; Universidade de Bologna . Bologna; Universidade de Paris . Paris; Universidade de Leiden . Leiden; Academia de Genebra . Genebra; Universidade de Edimburgo . Edimburgo; London University . Londres; Universidade de Berlim . Berlim; Universidade de Chicago . Chicago

Sendo este o caso também, no nosso entender, da UFRGS em relação a Porto Alegre.



## Referências

- ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. Urbanisme parlant na várzea , Arnaldo Gladosh e a feira permanente de amostras. In: **Porto Alegre de papel: avenida e praça 1910-1980** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2008. p. 1- 28. Disponível em:<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70454/000655700.pdf?sequence=1> (Acesso em 09/01/2014)
- ALMEIDA, Maria Soares de. O Urbanismo em Porto Alegre no início do Século, do Ensino e das Práticas. Artigo publicado **nos Anais do IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. 2ª edição**.Org: Denise B. Pinheiro Machado. Rio de Janeiro: PROURB-FAU-UFRJ, 1996.
- ALVAREZ, Cícero; SILVA Marcos Miethicki da. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre na década de 1950: a modernidade como patrimônio na cidade contemporânea**. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/047.pdf>. (Acesso em 12 /03/ 2013).
- BARROS, José Costa D'Assunção. A Historiografia Pós-Moderna. **Revista Ler História**, Lisboa v. 61, p. 10-29, 2011.
- BASTOS, Ronaldo Marcos. **Porto Alegre: Uma História Fotográfica**. Disponível em: <http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2011/> . Blog Digital.(Acesso em 05/02/2014).
- BELLO, Helton Estivalet. Modelos, planos e realizações urbanísticas em **Porto Alegre**. In: Porto Alegre: positivismo, modernismo, ambientalismo. **Revista Digital ARQUITETURA REVISTA**. São v. 2 nº 2, jul-dez 2006. Sem numeração de página. Disponível em: <http://www.arquiteturarevista.unisinos.br/index.php?e=4&s=9&a=18/> (ISSN 1808-5741) Acesso em 05/03/2014.
- BENDER, Thomas. (Editor). **The University and the City: From Medieval Origins to the Present** .New York: Oxford University Press, Inc, 1988.
- BENÉVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. Tradução: Silvia Mazza- São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BENJAMIN, Walter. O Autor como Produtor. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura**. 7ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1).
- BITTENCOURT, Raul. J. Autonomia Universitária. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro. v.7, n. 21, p. 561-563, mar./abr. Ministério da Educação, 1946.
- BONINI, Luci; CARVALHO,Fernanda de. **História das Universidades no Mundo e no Brasil**, Aula para o curso de pós graduação da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) em Metodologia do Ensino Superior, em 18 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.slideshare.net/lucibonini/histria-da-universidade>. Acesso em: 21/12/2012.
- BOTTINI, Antonio. No cinquentenário da Faculdade de Medicina de Porto Alegre: um pouco de história. **Anais da Faculdade de Medicina de Porto Alegre**, número comemorativo do Cinquentenário, p. 43-51. Porto Alegre: 1948.
- BRASIL, Constituição (1937). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro, DF: Senado, 1937
- \_\_\_\_\_. Constituição (1946). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro, DF: Senado, 1946.
- \_\_\_\_\_. Constituição (1967). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1967.
- \_\_\_\_\_. Constituição (1967). Emenda constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1969.
- \_\_\_\_\_. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

Disponíveis em: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-historica/constituicoes-antiores-1>

BRASIL, Decreto Federal nº 14.343. Cria a Universidade do Rio de Janeiro (URJ). Rio de Janeiro, Guanabara: Congresso Nacional, 1920.

BRASIL, Lei nº 1.254. Federaliza as Universidades mantidas pela União. Rio de Janeiro: Congresso Nacional, 1950.

BRASIL, Lei nº 1.523. Dispõe sobre os recursos para as Universidades Federalizadas. Rio de Janeiro: Congresso Nacional, 1951.

BRASIL, Lei n.º 9.394/ 96. Lei de Diretrizes e Bases (LDB). ~~Lei~~ Darcy Ribeiro+. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1996.

BRASIL, Presidente 1930-1945 (G. Vargas). **Mensagens presidenciais 1933-1937, Getúlio Vargas**. Documentos Parlamentares. Brasília: Câmara dos Deputados, 1978.

BRAZIL, Decreto 1232H de 1891, **Lei Benjamin Constantí. Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brazil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891  
Disponível em:  
<http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/novoconteudo/Legislacao/Republica/LeisOcerizadas/1891dgp-jan.pdf>

BURDEN, Ernest. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. 2ª edição. São Paulo: Bookman, 2006.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**, Tradução : Plínio Dentzien .- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CARDOSO, Everton; PELISSARI, Marina. (Colaboradora). Nos tempos dos bailes da Reitoria. **Jornal da Universidade**. Porto Alegre. Ano XV, nº143. Matéria de capa e página central. UFRGS, novembro 2011.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Os Prédios Históricos da UFRGS: Atualidade e Memória/The Historical Buildings of UFRGS: Present Time and Memory**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

CARVALHO, Claudia Maria de Almeida. **A origem da universidade**. Resumo de livro publicado em: 19 junho, 2007. Disponível em: <http://pt.shvoong.com/humanities/1619974-origedauniversidade/#ixzz27QD7WNqm> (Acesso em 24/09/2012).

CASTELANI FILHO, Lino. Política Educacional e Educação Física. **Coleção Polêmicas de nosso tempo**, Campinas, SP nº 60. 2º edição. Autores Associados, 2002.

CHALA, Ânia. Entendendo a Evolução Urbana de Porto Alegre. Entrevista da Prof. Célia Ferraz de Souza. **Jornal da Universidade- UFRGS**. Porto Alegre. Ano 9, nº97 p. 8. Edição de Abril de 2007. Disponível em: [http://issuu.com/jornaldauniversidade/docs/ju\\_97\\_-\\_abril\\_2007](http://issuu.com/jornaldauniversidade/docs/ju_97_-_abril_2007) (Acesso em 24/10/2013).

CHARTIER, Roger **História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil S/A, 1990.

CORSO, Heloisa Vellinho. **Faculdade de Farmácia-UFRGS, 1895-1987**. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

CPDOC- FGV- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. **Fatos & Imagens - O golpe de 1964**. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964> (Acesso em 21/08/2013).

CUNHA, L. A. **A Universidade Temporã. O Ensino Superior da Colônia à Era Vargas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

DELPHIM, Carlos Moura. **Paisagens do Sul** - pareceres de Carlos Fernando de Moura Delphim sobre bens patrimoniais do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - Instituto Estadual do Livro. Edições IPHAN, IPHAE, 2009.

DINIZ, Pery Pinto. Origem e Evolução da Universidade do Rio Grande do Sul, separata dos **Fundamentos da cultura Rio-grandense**, Porto Alegre. Fac. de Filosofia . UFRGS-1960

- DOLL, Johanés; COMERLATO, Denise Maria. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre. v. 35, nº2, Editorial, p 5-8, Maio /Agosto. FAGED/UFRGS, 2010.
- ESKINAZI, Davit. **A arquitetura da exposição comemorativa do centenário da Revolução Farroupilha de 1935 e as bases do projeto moderno no Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado no Programa de Graduação em Arquitetura - PROPAR. Faculdade de Arquitetura- UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- ESPINDOLA, Susana Sondermann. **Implantação Física da UFRGS: da fundação ao Campus do Vale**. Porto Alegre: Proplan / UFRGS, 1979.
- EWALD, Denise Grüne. Centro Nacional de Supercomputação CESUP: Experiências e perspectivas. In: **Fórum nacional de Pró-reitores de planejamento e administração- I Conferência sobre gestão nas IFES**. Novembro, 2004. Disponível em: <http://www.proad.ufg.br/forplad/coletanea-conferencia-forpalad-2004.pdf> Acesso em: 24/02/2014.
- FAGUNDES, Ariel; RODRIGUES, Leandro H. Ilhados na Miséria. In: **Jornal Tabaré**. Porto Alegre. Publicado na Edição de 02/11/2011 Disponível em: <http://jornaltabare.wordpress.com/2011/12/02/ilhados-na-miseria/> Acesso em: 05/03/2014.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Revista Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36. Editora UFPR, 2006.
- FIALHO, Daniela Marzola. **Cidades visíveis: para uma história da cartografia como documento de identidade urbana**. Tese de Doutorado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: IFCH/ UFRGS, 2010.
- FLORES DA CUNHA. José Antônio. **Discurso de criação da Universidade de Porto Alegre (UPA)**, 29 de novembro de 1934.
- FRANCO JR, Hilário. **A Idade Média- Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- \_\_\_\_\_ **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- \_\_\_\_\_ **Guia Histórico de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- FUJIMOTO, Nina Simone V. M. 2001. **Análise ambiental urbana na área metropolitana de Porto Alegre-RS: sub-bacia hidrográfica do Arroio Dilúvio**. Tese de Doutorado. São Paulo- Universidade de São Paulo, 2001.
- GHIRALDELLI JR. Paulo. **Educação Física Progressista: a pedagogia crítico social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1988.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GOELLNER, Silvana Vilodre, et al. ESEF 70 anos: O processo de Federalização sob o olhar discente. **Revista Movimento**. ESEF/UFRGS, [S.l.], p. 11-36, fev. 2011. ISSN-1982-8918. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/18215/11883>>. Acesso em: 09/09/2013.
- GOMES, Eustáquio. País tem história universitária tardia. **Jornal da Unicamp**. Campinas. Ano 17, n. 191, p.7.- 23 a 29 de setembro de 2002. Disponível também em: [http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/setembro2002/unihoje\\_ju191pag7.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2002/unihoje_ju191pag7.html)
- GRAFTON, Anthony. Civic Humanism and Scientific Scholarship at Leiden. In: BENDER, Thomas (ed.). **The University and the city**. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- GUEDES, Paulo Coimbra. (Org.) **UFRGS identidade e memórias: 1934-1994**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1994

- GUTIERREZ, Washington. **Depoimento de Washington Gutierrez**. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 2008. 24 f. (Projeto Garimpando Memórias). Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000752340&loc=2010&l=2aa8d953d40261ec>> Acesso em: 20 fev. 2011.
- HASSEN, Maria de Nazareth Agra; FERREIRA M<sup>a</sup> Letícia Mazzucchi. **Escola de Engenharia-UFRGS- Um Século**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1996.
- HERMIDA, Jorge Fernando. **A reforma Educacional no Brasil (1988-2001):** Processos Legislativos, Projetos em Conflito e Sujeitos Históricos. João Pessoa: Editora Universitária da Paraíba, 2006.
- HEYD, Michael. The Geneva Academy in the Eighteenth Century: A Calvinist Seminary or a Civic University. In: BENDER, Thomas (ed.). **The University and the city**. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOOYKAAS, Robert. **A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna**. Brasília: Editora da UNB, 1988.
- IBGE- Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - **Anuário Estatístico do Brasil**. Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: [biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983\\_v1.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983_v1.pdf) Acesso em: 06/12 /2013.
- IFRS - Instituto Federal do Rio Grande do Sul. **100 anos de história-** Da Escola Técnica da UFRGS ao Câmpus Porto Alegre do IFRS . 1909 a 2009. Disponível em: [http://www.poa.ifrs.edu.br/?page\\_id=3638](http://www.poa.ifrs.edu.br/?page_id=3638) . Acesso em 02/05/2014.
- INFOPÉDIA [on line]. Verbetes: **Pós- Modernismo**. Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em : [http://www.infopedia.pt/\\$pos-modernismo](http://www.infopedia.pt/$pos-modernismo)>. Acesso em 25/02/2014.
- JORNAL A FEDERAÇÃO. **Criação da universidade de Porto Alegre**. Edição de 29 de novembro de 1934, 1<sup>a</sup> página.
- JORNAL CORREIO DO POVO. **Um Espetáculo Inédito aos Porto Alegrenses**. Edição de 28 de junho de 1934, 1<sup>a</sup> página.
- JORNAL DA FACULDADE DE DIREITO DA UFRGS. **Till conta destaques da história da Faculdade**. Porto Alegre, edição de dezembro de 2002. Acesso em 28/10/2013.
- JORNAL ZERO HORA. **Supermáquina de Pesquisa**. Baseada na entrevista da diretora do Centro de Supercomputação, (CESUP), Denise Grüne Ewald, Porto Alegre: edição de 28/09/2009. Disponível digitalmente em: <http://www.sindppdrs.org.br/?paged=87&author=1&print=print-page>. Sem paginação.
- \_\_\_\_\_ **UFRGS Inicia a implantação da reforma universitária**. Edição de 02 de setembro de 1970, 1<sup>a</sup> página.
- LABORIAU, Ferdinand; ROQUETE PINTO; CARDOSO, Licínio. (eds) **O Problema Universitário Brasileiro**: Inquérito promovido pela Secção de Ensino Technico e Superior da Associação Brasileira de Educação (ABE). Rio de Janeiro: A Encadernadora S.A., 1929.
- LAGE, Ana Cristina Pereira. Verbetes: Universidade Medieval, in: **História, sociedade e educação no Brasil** (HISTEDBR), Glossário. Campinas: Faculdade de educação - UNICAMP. (CD-ROM, 1986 . 2006).
- LEÃO, Manoel Luiz. **Discurso** enquanto Diretor do CPD, em solenidade alusiva ao 10<sup>o</sup> Aniversário do CPD-UFRGS. Abril de 1978. Disponível em: [http://palazzo.pro.br/Joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&id=203:10-anos-do-cpd-ufrgs&catid=121&Itemid=549&lang=pt-BR](http://palazzo.pro.br/Joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=203:10-anos-do-cpd-ufrgs&catid=121&Itemid=549&lang=pt-BR). Acesso em: 09 /10/ 2013.
- LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: UNESP, 1999
- \_\_\_\_\_ **Os intelectuais na Idade Média**. Lisboa: Gradiva, 1984.

- LEMOS, Renato Luís do Couto Neto e, **Benjamin Constant**: Biografia e Explicação Histórica. Revista Estudos Históricos, Vol. 10, Nº 19. CPDOC/FGV:1997. p. 67 -81.
- LEVI, Giovanni. Sobre a Microhistória. IN: BURKE, Peter (ORG.) **A escrita da história**: novas perspectivas, São Paulo: USP, 1992 p. 133-161.
- LICHT, Flavia Boni; CAFRUNI, Salma (Org.). **Arquitetura UFRGS, 50 anos de história**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- LOUREIRO DA SILVA, José. **Um Plano de Urbanização** (Colaboração técnica do Urbanista Edvaldo Pereira Paiva). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1943. 300 p. :il.
- MACEDO, Francisco Riopardense de; **História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Porto Alegre, origem e crescimento**. Porto Alegre: Sulina, 1968.
- MACIEL, João Moreira; Comissão de Melhoramentos e Embelezamento da Capital. **Relatório do Projecto de Melhoramentos e orçamentos**, apresentado ao intendente Municipal Dr. José Montaury de Aguiar Leitão em 1914. Porto Alegre: Oficinas graphicas da A Federação, 1927.
- MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Revista Educação Social**, Campinas. vol. 30, n. 106, p. 15-35. UNICAMP, jan./abr. 2009. Também disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- MARTINS, Liana Bach. **A Geografia Histórica de Porto Alegre através de três olhares**: 1800-1850. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre, 2008.
- MATA, Bruna Mota da. **O urbanismo e a imagem da Modernidade**. Resenha crítica. Salvador: Universidade de Salvador. UNIFACS, Departamento de Engenharia e Arquitetura, 2010. Publicação Digital sem numeração se páginas. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAoZwAL/urbanismo-a-imagem-modernidade>.
- MEIRA, Ana. Introdução. In: DELPHIM, Carlos Moura. **Paisagens do Sul** - pareceres de Carlos Fernando de Moura Delphim sobre bens patrimoniais do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro. Edições IPHAN, IPHAE, 2009.
- MICHELOTTO, M. R. UFPR: Uma universidade para a classe média. In: MOROSINI, M. C.(Org). **A Universidade no Brasil**: concepções e modelos. Brasília-DF: Inep, 2006. p. 73-84.
- MONGELLI, Lenia Márcia; FRIAÇA, Amâncio. **Trivium e Quadrivium** - As Artes Liberais na Idade Média. Cotia: Ed. Íbis, 1999.
- MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade** - A construção do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- MOREIRA, Cássio Silva. **Porto Alegre Tecnópole**: Uma estratégia de Desenvolvimento. Faculdade de Ciências Econômicas UFRGS. Porto Alegre: 1999. Disponível em: <http://www.geocities.ws/cassiocsm> Acesso em 30/04/2013.
- MOREIRA, J. R. **Educação e desenvolvimento no Brasil**. Rio de Janeiro: CLAPS, 1960.
- MORENO, Cláudio. IN: SCARTON, Gilberto; SMITH, Marisa M. **Manual de redação**. Porto Alegre: PUCRS, FALE/ GWEB /PROGRAD, 2002. Disponível em: <http://www.pucrs.br/manualred/faq/duv-campus.php>. Acesso em 28/02/2013.
- MOSCA, Paulo Roberto Ferrari. Fundação da Faculdade de Medicina da UFRGS. **Sociedade Brasileira da história da Medicina**. Página Digital. Disponível em: <http://sbhm.webnode.com.br/news/faculdade-de-medicina-da-universidade-federal-do-rio-grande-do-sul/> Postado em :22/06/2011 23:05
- MUSEU DA UFRGS. **Catálogo da exposição "Invisíveis Lugares, Ser, Estar, Ficarí"**. Porto Alegre, abril de 2009. Disponível em: <http://www.museu.ufrgs.br/invisiveislugares/> . Vários acessos entre 2013 e 2014.

- NEGRINE, A., apud GOELLNER. **Perfil do Curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano desde sua implantação 1989-1995**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Porto Alegre, maio de 1996.
- NUNES, Cássio F. T.; MOLINA NETO, Vicente. **O processo de federalização da ESEF/UFRGS sob a perspectiva dos professores: o estudo de caso**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 167-190, maio/ago. 2005.
- NUNES, Magda V. **Memória científica: inventário do patrimônio tecnológico da Faculdade de Farmácia da UFRGS**. 2013. Dissertação de Mestrado em Memória Social. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013.
- NUNES, Ruy Afonso Costa. **História da educação na Idade Média**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1978.
- OLIVEIRA, Ana Rosa de. Carlos Fernando de Moura Delphim. *Entrevista*, São Paulo, ano 04, n. 016.01, **Revista digital Vitruvius**, out. 2003 Acesso em 12 /03/ 2013. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/04.016/3334/page=5>>
- OLIVEIRA, Clovis Silveira de. **Porto Alegre, a cidade e sua formação**. Edição comemorativa do Sesquicentenário Farroupilha. Porto Alegre: Gráfica e Editora Norma, 1985.
- OLIVEIRA, Samuel Rocha de. **iPads, tablets de hoje É supercomputadores de outrora**, artigo eletrônico postado terça-feira, 10, maio, 2011. Disponível em: <http://sro0.wordpress.com/page/3/>. Acesso em 23/02/2014.
- PADÃO, Fabiano Mesquita. O campus em debate: planos e projetos para uma cidade universitária em Porto Alegre (1936-1970). In: Encontro Nacional da Anpur, 10, 2003 **Anais**. Belo Horizonte: 2003
- PAIVA, Edvaldo Pereira; FARIA, L. A. Ubatuba de. **Contribuição ao Estudo da Urbanização de Porto Alegre**, Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1938.
- PAIVA, Edvaldo Pereira; RIBEIRO, Demétrio; VERONESE, Roberto F.; FAYET, Carlos M.; SOUZA, Nelson; FABIAN, Roberto J.- Cidade Universitária. In: **Revista Espaço Arquitetura**. Porto Alegre, Ano 1, nº 2. p. 29 a 37, 1958.
- PEREIRA, Cláudio Calovi. Primórdios da Arquitetura Moderna em Porto Alegre: a presença dos arquitetos do Rio de Janeiro. **Cadernos de Arquitetura**. Porto Alegre. Ritter dos Reis. v. 2, p. 47, 71. UNIRITTER, out. 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e História Cultural**. 2ª edição, Belo Horizonte: Autêntica 2004 (a).
- \_\_\_\_\_ **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- \_\_\_\_\_ **Memória Porto Alegre, Espaços e Vivências**. Porto Alegre: Editora da Universidade . UFRGS / Prefeitura Municipal, 1991.
- \_\_\_\_\_ **Um dia, em um outro tempo** In: OLIVEIRA, Carmen Regina de. **UFRGS: 70 anos**. (p. 9 a 73) Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRS, 2004 (b).
- PHILLIPSON, Nicholas. Commerce and Culture: Edinburgh, Edinburgh University, and the Scottish Enlightenment. In: BENDER, Thomas (ed.). **The University and the city**. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- PLANETÁRIO-UFRGS. **História**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/planetario/memoria.html>. Acesso em 23/10/2013.
- PORTAL G1- RBS- **Sancionado projeto para ampliar Hospital de Clínicas de Porto Alegre**. Postado em: 06/03/2014 16h59 - Atualizado em 06/03/2014 16h59 . Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/03/sancionado-projeto-para-ampliar-hospital-de-clinicas-de-porto-alegre.html> (Acesso em 06/03/2014).
- PORTO ALEGRE. **Livros de Atas da Câmara Municipal É 1766-1850**. Manuscritos. Arquivo Histórico Moisés Vellinho.

- PORTO ALEGRE. **Lei municipal 4166**. Cria o Bairro Agronomia, em de 21 de setembro de 1976. Porto Alegre: Câmara dos Vereadores, 1976.
- PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA)**. Lei Complementar nº 434 de 5 de novembro de 1999. Porto Alegre: PMPA, 2000.
- PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal. **Plano Diretor de Porto Alegre (1954-1964)**. Porto Alegre: PMPA, 1964 128p :il mapas
- PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal. **Primeiro Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano**: Projeto de Lei Complementar com exposição de motivos. Porto Alegre: PMPA, 1978. 76p.:il mapas
- PORTO ALEGRE, Prefeitura Municipal. Secretaria do Planejamento Municipal, **Lei Complementar nº 43 de 21 de julho de 1979**. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano. Com alterações posteriores, Porto Alegre: 1994.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Porto Alegre. Planejar para viver melhor**. Administração de Guilherme Socias Villela. PMPA: 1975-1983
- PROJETO ESCOLAS: DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Lisboa, Portugal. **A Invenção da Imprensa**. 2013. Disponível em: <http://www.nescolas.dn.pt/index.php?a=historia#invencaoimpresa>. Acesso em 21 /01/ 2013.
- RIGATTO, Mário (coordenador); HASSEN, Maria de Nazareth Agra; **Fogos de bengala nos céus de Porto Alegre**. A Faculdade de Medicina faz 100 anos. Livro comemorativo aos 100 anos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.
- RIO GRANDE DO SUL- Assembleia Legislativa- **Constituição do Estado, 1891**. Constituições sul-riograndenses, 1843 . 1947. Constituição do Estado do Rio Grande do Sul de 14 de julho de 1891. Disponível em: <http://www2.al.rs.gov.br/memorial/LinkClick.aspx?fileticket=frKwldvbn2g%3D&tabid=3456&language=pt-BR>. Acesso em 27/06/2012.
- RIO GRANDE DO SUL- **Decreto Nº 5.758**, Criação da Universidade de Porto Alegre, 1934.
- ROTHBLATT, Sheldon. London: a Metropolitan University? In: BENDER, Thomas (ed.). **The University and the city**. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- ROVATI, João Farias (Org.); PADÃO, Fabiano Mesquita. (Org.) **Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Faculdade de Arquitetura- 1952-2002**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 2002.
- SANTOS, João Pedro dos. **A Faculdade de Direito de Porto Alegre**: subsídios para sua história. Porto Alegre: Síntese, 2000.
- SÁ JUNIOR, Renato Maciel de. **Anedotário da Rua da Praia**. Porto Alegre: Editora Globo, 1987 v. 1.
- SILVA, Elza Maria Tavares. **Ensino de direito no Brasil**: perspectivas históricas gerais. Página Digital. (sem numeração) Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572000000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572000000100008&script=sci_arttext) Também disponível em **Psicologia Escolar e Educacional** (Impr.) vol.4 no.1. Universidade de Mogi das Cruzes- UMC, Campinas, 2000.
- SILVA, Jones Lopes da. A Copa de 1950 em Porto Alegre. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 23 de março de 2014. Caderno de Esportes, p. 35 à 39.
- SILVEIRA, Alex; PAIM, Glauce. Reforma Universitária: a política educacional brasileira do governo Castelo Branco a Costa e Silva (1964-1969). **Cadernos FAPA**, n.2, 2ºsem. Porto Alegre, 2005. Disponível em: [www.fapa.com.br/cadernosfapa123](http://www.fapa.com.br/cadernosfapa123). p.123 a 130 (acesso: em 31/03/2014).
- SILVEIRA, Jacira Cabral da. Artigo: Demanda Represada. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre: UFRGS, edição de agosto de 2012. p.7.

- SIMON, Círio. **Origens do Instituto de Artes da UFRGS**. Porto Alegre: PUC-RS, 2006.
- SOUZA, Célia F; MULLER, Dóris Maria; **Porto Alegre e sua Evolução Urbana** -2ª edição Porto Alegre: Ed. UFRGS . 2007.
- SOUZA, Célia F; **Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre**: O Plano que orientou a modernização da cidade. 2ª ed, ver. e ampl. - Porto Alegre: Armazém Digital, 2010.
- STEPHANOU, Maria; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. UFRGS: (In) Visíveis Lugares de Serestarficar. In: Museu UFRGS, **Catálogo da exposição "Invisíveis Lugares, Ser, Estar, Ficarí**. Porto Alegre, abril de 2009. Disponível em: <http://www.museu.ufrgs.br/invisiveislugares/> (Acesso 15/06/2014).
- STELLO, Vladimir Fernando, **Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo**: avaliação conceitual das intervenções de 1925-1927 e 1938- 1940- Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Engenharia Civil da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio grande do Sul. Porto Alegre, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Além das Reduções**: a paisagem cultural da região missioneira. Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio grande do Sul. Porto Alegre, 2013.
- TAVARES, Aurélio de Lyra. **A Engenharia Militar Portuguesa na construção do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.
- TURKIENICZ, Benamy; et al. **Câmpus do Vale**: Heranças e Desafios . Ocupação e planejamento do Câmpus do Vale da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- UFRGS. Faculdade de Farmácia. **Relatório da Congregação da Faculdade Livre de Farmácia** de 25 de julho de 1898. Manuscrito. Porto Alegre: 1898.
- ULLMANN, Reinholdo. **A universidade medieval**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000
- VAZ, Maria Máxima. **As primeiras Universidades da Europa**. Artigo digital publicado em 16 Abril, 2010. Disponível em: <http://odivelas.com/2010/04/16/as-primeiras-universidades-da-europa/> (Acesso em 27/02/ 2013).
- VENÂNCIO FILHO, Alberto. **Das arcadas ao bacharelismo**: 150 anos de ensino jurídico no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1977. Cap. 4.
- VERGER, Jacques. **Homens de saber na Idade Média**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (org.) **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: EDUSP/FUPAN, 1999. p. 169 . 243.
- VILLANOVA, José (Org.) **Universidade do Brasil**. Rio de Janeiro: Serviços dos Países S.A., 1948.
- WEIMER, Günter. O Plano Diretor de Porto Alegre e Arnaldo Gladosh, In WEIMER, Günter (org.) **Textos escolhidos de Arquitetura Gaúcha**, Estudos Tecnológicos, vol. XX. São Leopoldo: Gráfica Unisinos, 1997.

### Sites institucionais consultados:

- CPD- UFRGS. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cpd/historico>. (Acesso em 12/04/2014).
- EDITORA DO SENAC . SP. Disponível em: [www.editorasenacsp.com.br/História](http://www.editorasenacsp.com.br/História) (Acesso em 27/06/2012).
- ESCOLA DE ENGENHARIA UFRGS: Disponível em: <http://www.engenharia.ufrgs.br/>. (Acesso em 16/04/2013)
- ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PAROBÉ. Disponível em: <http://www.cteparobe.com.br/institucional.php>. (Acesso em 25/03/2013)
- FACULDADE DE AGRONOMIA/ UFRGS: Disponível em: <http://www.ufrgs.br/agronomia/joomla/index.php/historico> / (Acesso em 12/06/2013)
- FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS/UFRGS: Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fce/> (Acesso em 12/04/2013)
- FACULDADE DE DIREITO UFRGS: Disponível em: <http://www.ufrgs.br/direito/> (Acesso em 05/03/2013)
- FACULDADE DE FARMÁCIA UFRGS: Disponível em <http://www.ufrgs.br/farmacia/> (Acesso em 08/03/2013)
- FACULDADE DE MEDICINA UFRGS: Disponível em <http://www.famed.ufrgs.br/> (Acesso em 18/04/2013).
- JOHN LOCKE FOUNDATION: Disponível em: [http://www.johnlocke.org/about/who\\_is\\_john\\_locke.html#biographies/](http://www.johnlocke.org/about/who_is_john_locke.html#biographies/) (Acesso em 27/02/2014)
- INSTITUTO DE INFORMÁTICA- UFRGS- Disponível em: [http://www.inf.ufrgs.br/?page\\_id=3638](http://www.inf.ufrgs.br/?page_id=3638) (Acesso em 25/02/2014).
- ONU BR- Nações Unidas no Brasil. (PNUD). Disponível em: <http://www.onu.org.br/onu-no-brasil/pnud/> (Acesso em 21/05/2013).
- PORTAL FGV- da Fundação Getúlio Vargas: Disponível em: <http://portal.fgv.br/>(Acesso em 30/04/2013).
- PORTAL HCPA, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Disponível em: <http://www.hcpa.ufrgs.br/content/view/13/97/> (Acesso em 02/04/2013).
- PORTAL PMPA. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Disponível em : [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal\\_pmpa\\_cidade/](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_cidade/).( Acesso em 28/09/2013).
- SECRETARIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO UFRGS - Disponível em: <http://www.ufrgs.br/predioshistoricos/predios/primeira-geracao> Vários acessos ao longo dos anos de 2012, 2013 e 2014.
- SERVIDOR: Site do Servidor público. Disponível em: [http://www.servidor.gov.br/institucional/historico\\_DASP.htm](http://www.servidor.gov.br/institucional/historico_DASP.htm). (Acesso em 24/01 2013).
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA MEDICINA. SBHM. Disponível em: [http://www.sbhm.org.br/index.asp?p=instituicoes\\_view&codigo=31](http://www.sbhm.org.br/index.asp?p=instituicoes_view&codigo=31)(Acesso em 30/01/2014).
- UFRGS- 75 anos, Linha do Tempo, 2009. Disponível em: [http://www8.ufrgs.br/ufrgs/75anos/index.php?pagina=linha\\_do\\_tempo](http://www8.ufrgs.br/ufrgs/75anos/index.php?pagina=linha_do_tempo).( Acesso em: 23/12/2012).
- UFRJ- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO/ História. Disponível em: [http://www.ufrj.br/pr/conteudo\\_pr.php?sigla=HISTORIA](http://www.ufrj.br/pr/conteudo_pr.php?sigla=HISTORIA).( Acesso em: 23/06/2013).
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: [www.ufrgs.br/](http://www.ufrgs.br/). Vários acessos ao longo dos anos de 2012, 2013, 2014.



<b>Lista de Figuras</b>		pg:
<b>Capa:</b>	- <b>Aquarelas de prédios históricos da UFRGS</b> Autor: <b>Joaquim Fonseca</b> Fonte: <a href="http://www.ufrgs.br/ufrgs/inicial">http://www.ufrgs.br/ufrgs/inicial</a> Consulta em: 15 06. 1911. - <b>Fotografia Quarteirões Universitários.</b> Autor: <b>Callegari</b> (Década 1900) Fonte: Repositório Digital LUME: <a href="http://hdl.handle.net/10183/9190">http://hdl.handle.net/10183/9190</a> Consulta em: 15 06. 1913.	
<b>Figura 1:</b>	<b>Universidade medieval: mestres e alunos em associação para o desenvolvimento do saber.</b> Consulta:19/05/2014. Disponível em: <a href="http://puffin.creighton.edu/eselk/intro-phil_website/Intro-phil_outlines/Medieval-university.jpg">http://puffin.creighton.edu/eselk/intro-phil_website/Intro-phil_outlines/Medieval-university.jpg</a>	29
<b>Figura 2:</b>	<b>Ditadura militar e os movimentos estudantis na década de 1960 A 1970.</b> Fonte: <a href="http://discursohistoriografico.blogspot.com">http:// discursohistoriografico.blogspot.com</a> . Acesso em: 16/ 07/1912.	43
<b>Figura 3:</b>	<b>Detalhe da Planta da Cidade de Porto Alegre. Data: 1839.</b> Autor: Luis Pereira Dias. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <a href="http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart493880.jpg">http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart493880.jpg</a> . Consulta: em 26/ 04/2014	48
<b>Figura 4:</b>	<b>Membros da União Farmacêutica.</b> Título original %Membros da União Farmacêutica em passeio+. Data: início do século XX. Autor não identificado - Acervo do Museu da UFRGS. Consulta: 23/03/2014.	55
<b>Figura 5:</b>	<b>Diploma da União Farmacêutica expedido em 1899.</b> Reprodução de gravura do livro: Fogos de Bengala nos céus de porto Alegre. (RIGATTO E HASSEN, 1998).	55
<b>Figura 6:</b>	<b>Prédios que sediaram a Faculdade de Farmácia.</b> Fonte: <a href="http://www.ufrgs.br/farmacia">http://www.ufrgs.br/farmacia</a> . Consulta: 23/03/2014.	56
<b>Figura 7:</b>	<b>Fachadas de alguns dos prédios alugados no Centro histórico de Porto Alegre para sediar a Faculdade de Engenharia,</b> indicados no mapa da fig.27. Fonte: EGATEA, Revista da Escola de Engenharia de Porto Alegre, Volume VI, Número 4, Porto Alegre, 1921. Fotografias <b>a:</b> pg. 177, <b>b,c,d:</b> pg. 178. Parte integrante do projeto de Tese de Doutorado em desenvolvimento. de LERSCH, Inês Martina. <b>A circulação de ideias sobre a construção das cidades: a influência do ideário germânico na trajetória de personagens que atuaram em Porto Alegre no período de 1889 a 1930.</b> Porto Alegre: UFRGS, PROPUR, 2012	58
<b>Figura 8:</b>	<b>Detalhe da Planta de Porto Alegre de 1906,</b> onde consta a fachada da Escola de Engenharia. Reprodução parcial do Mapa de A. A. Trebbi., 1906. Planta reproduzida do Livro %Biografia Duma Cidade+ Fonte: Acervo Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.	59
<b>Figura 9:</b>	<b>Inauguração Solene da Exposição de 1901, no Campo da Redenção onde já existia a Escola Livre de Engenharia.</b> Consulta em: 5/03/2014. Fonte: <a href="http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2011/02/inauguracao-solene-da-exposicao-de-1901.html">http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2011/02/inauguracao-solene-da-exposicao-de-1901.html</a> .	60
<b>Figura 10:</b>	<b>Escola de Engenharia de Porto Alegre - Vista geral das edificações na cidade.</b> Disponibilizado on line pelo Museu da UFRGS. Repositório Digital LUME <a href="http://hdl.handle.net/10183/9426">http://hdl.handle.net/10183/9426</a> . Década de 1920. Autor desconhecido.	61
<b>Figura 11:</b>	<b>Prédio do Instituto Agrônomo e Veterinário da Escola Livre de Engenharia.</b> Título: %Agronomia e Veterinária - Projeto do Prédio+Museu da UFRGS Código de localização: Rg2783. Doação. Original: Relatório da Escola de Engenharia Disponível em <a href="https://www1.ufrgs.br/AcervoFoto/Cadastro">https://www1.ufrgs.br/AcervoFoto/Cadastro</a> .Consulta em 19/02/2013.	65
<b>Figura 12:</b>	<b>Escola de Engenharia Agrônoma e Veterinária. Também denominado Í Instituto Borges de MedeirosÍ. Estrada do Mato Grosso km 9.( Atual Av. Bento Gonçalves).</b> Ano de 1911. Porto Alegre-RS. Brasil. Disponível em:	66

	<a href="http://www.ufrgs.br/agronomia/joomla/index.php/historico">http://www.ufrgs.br/agronomia/joomla/index.php/historico</a> Acesso em: 19/2/2013	
<b>Figura 13:</b>	<b>Vale entre os Morros Santana e Morro da Companhia</b> onde se instalou a sede da Escola de Engenharia Agrônômica e Veterinária em 1910. Fonte: Google Maps, 2014. Recortes e marcações: Rita Figueiredo.	66
<b>Figura 14:</b>	<b>Fonte do jardim como modelo filogenético. Escola de Agronomia</b> . Fonte: Acervo da SPH- Área de Pesquisa e Documentação-UFRGS.	67
<b>Figura 15:</b>	<b>Sede do Antigo Instituto Agrônômico Borges de Medeiros</b> , na Estrada do Mato Grosso, (Atual Faculdade de Agronomia da UFRGS), com suas casas em fita que serviam de residência aos professores. Fonte: Fonte: LUME, repositório digital. Acervo Museu UFRGS. <a href="http://hdl.handle.net/10183/9096">http://hdl.handle.net/10183/9096</a>	68
<b>Figura 16:</b>	<b>Prédio da Travessa Dois de Fevereiro (atual Av. Salgado Filho), ocupado em 1904 pela Faculdade de Medicina.</b> Foto de acervo pessoal de Rita Figueiredo, 2013.	70
<b>Figura 17:</b>	<b>Ao fundo o Circo de Touradas, em 1º plano o pavilhão do Velódromo</b> Fonte: <a href="http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2011_02_01_archive.html">http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2011_02_01_archive.html</a>	72
<b>Figura 18:</b>	<b>A foto de autoria de Virgílio Calegari ilustra o que eram as tardes de domingo no Circo das Touradas numa Porto Alegre de 1904.</b> Fonte: <a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Arquibancadas_Populares_em_dia_de_Toura_da_-_1904_-_Virgilio_calegari.jpg">http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Arquibancadas_Populares_em_dia_de_Toura_da_-_1904_-_Virgilio_calegari.jpg</a>	73
<b>Figura 19:</b>	<b>Faculdade de Medicina de Porto Alegre.</b> Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo . Fototeca Sioma Breitman. Autor: desconhecido.	73
<b>Figura 20:</b>	<b>Prédio sede da Faculdade de Direito de Porto Alegre (1910), mais ao fundo o antigo colégio Júlio de Castilhos (1900), da Escola de Engenharia.</b> Acervo Museu Joaquim José Felizardo . Fototeca Sioma Breitman. Autor: desconhecido.	76
<b>Figura 21:</b>	<b>Foto da formatura de Getúlio Vargas em 1907.</b> Fonte: Revista "O Cruzeiro". Autor: desconhecido. Data: 1907. Fotografia de domínio público.	76
<b>Figura 22:</b>	<b>Ruy Barbosa Paraninfo da turma de Direito em 1913.</b> Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo . Fototeca Sioma Breitman. Autor: desconhecido.	77
<b>Figura 23:</b>	<b>Prédio da Escola livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul</b> , já com o atelier da escola de artes construído na sua parte superior (após 1914), antes de ser demolido em 1941 para dar lugar ao prédio atual do Instituto de artes. Fonte: Arquivo Geral do Instituto de Artes da UFRGS.	79
<b>Figura 24:</b>	<b>Mapa de Porto Alegre de 1906.</b> Desenhado por A. A. Trebbi. Fonte: Acervo Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.	80
<b>Figura 25:</b>	<b>Detalhe do Mapa de Porto Alegre de 1906, onde consta o Atheneu.</b> Autor: A. A. Trebbi. Fonte: Acervo Museu da Comunicação Hipólito José da Costa.	80
<b>Figura 26:</b>	<b>Prédio do Í Atheneu Rio-grandense.</b> Fonte: Acervo Museu Joaquim José Felizardo . Fototeca Sioma Breitman. Autor e data desconhecidos.	81
<b>Figura 27:</b>	<b>Localização de alguns dos prédios que sediaram os Cursos Universitários Livres no Centro histórico de Porto Alegre.</b> Fonte: Desenho sobre o aerofotogramétrico de Porto Alegre. Autor: Daniela Fialho. Recorte e marcações: Rita Figueiredo.	81
<b>Figura 28:</b>	<b>Mapa atual mostrando a proximidade do Câmpus Centro com a antiga Praça do Portão.</b> Fonte: Google Maps, 2014. Recorte, textos e marcações: Rita Figueiredo	82
<b>Figura 29:</b>	<b>Localização dos Prédios Sedes dos diversos cursos das Universidades Livres de Porto Alegre que vieram a dar origem ao Câmpus Centro da UFRGS.</b> Fonte: Folder do Setor de Patrimônio Histórico/UFRGS. Dia do Patrimônio. Data: 2014	85

<b>Figura 30:</b>	<b>Vista do conjunto de prédios da UFRGS e sua relação com canteiro em triângulo da Praça Argentina, dialogando com a cidade.</b> 1928. Fonte: Acervo Museu da Ufrgs	87
<b>Figura 31:</b>	<b>O Largo Paganini.</b> Conjunto aberto em leque do castelinho, chateau e ao centro o observatório astronômico se abria para a Praça Argentina. Foto: Arquivo pessoal. Autor: Rita Figueiredo Data: agosto 2013	87
<b>Figura 32:</b>	<b>Plano Geral de Melhoramentos para Porto Alegre. Data: 1914.</b> Fonte: <a href="http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=125">http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=125</a> Marcação nossa.	88
<b>Figura 33:</b>	<b>Abertura da Avenida Borges de Medeiros e construção do Viaduto Otávio Rocha.</b> Foto da década de 1920. Acervo do Museu Joaquim Felizardo, Fototeca Sioma Breitman.	92
<b>Figura 34:</b>	<b>Zeppelin sobre a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre em 1934.</b> Fonte: <a href="http://conceicao-da-barra.blogspot.com.br/2012/07/dirigiveis-graf-zeppelin-e-hindenburg.html">http://conceicao-da-barra.blogspot.com.br/2012/07/dirigiveis-graf-zeppelin-e-hindenburg.html</a> .	93
<b>Figura 35:</b>	<b>Decreto estadual 5.758 de 28 de novembro de 1934 que cria a Universidade de Porto Alegre.</b> (Ver transcrição integral de seu texto no anexo 1 ). Fonte: Linha do Tempo75anos/UFRGS: <a href="http://www8.ufrgs.br/ufrgs/75anos/index.php?pagina=fotos&amp;foto=foto_6">http://www8.ufrgs.br/ufrgs/75anos/index.php?pagina=fotos&amp;foto=foto_6</a>	94
<b>Figura 36:</b>	<b>Jornal A Federação de 28 de novembro de 1934 veiculando em primeira página a notícia de criação da universidade de Porto Alegre.</b> Fonte: Linha do Tempo75anos/UFRGS: <a href="http://www8.ufrgs.br/ufrgs/75anos/index.php?pagina=fotos&amp;foto=foto_17">http://www8.ufrgs.br/ufrgs/75anos/index.php?pagina=fotos&amp;foto=foto_17</a>	95
<b>Figura 37:</b>	<b>Assinatura do Ato da Criação da Universidade de Porto Alegre (UPA) no Palácio do Governo.</b> Fonte: Acervo Museu da UFRGS	95
<b>Figura 38:</b>	<b>Prédio do atual Instituto de Artes, construído em 1943.</b> Fonte: <a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_de_Artes_da_Universidade_Federal_do_Rio_Grande_do_Sul">http://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_de_Artes_da_Universidade_Federal_do_Rio_Grande_do_Sul</a>	99
<b>Figura 39:</b>	<b>Esquema Teórico do Plano geral de avenidas radiais e perimetrais de Porto Alegre. Data: 1938</b> Fonte: PAIVA, Edvaldo Pereira & FARIA, L. A. Ubatuba de. Contribuição ao Estudo da Urbanização de Porto Alegre, Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1938. (página 46).	101
<b>Figura 40:</b>	<b>Perspectiva da Cidade Universitária segundo Gladosh.</b> Fonte: LOUREIRO DA SILVA, 1943. Um Plano de Urbanização, pág. 55.	104
<b>Figura 41:</b>	<b>Represa Mãe D'Água, no atual Câmpus do Vale.</b> Fonte: Mapa de localização do Site da SUINFRA UFRGS- Recortes e marcações: Rita Figueiredo	104
<b>Figura 42:</b>	<b>Planta de Porto Alegre, onde consta a localização da futura Cidade Universitária. Na mesma localização atual do Câmpus do Vale da UFRGS.</b> Fonte: LOUREIRO DA SILVA, 1943. Um Plano de Urbanização, pág. 55.	105
<b>Figura 43:</b>	<b>Terceiro Projeto Gladosh, talvez o mais conhecido e bem acabado deles - Um dos Anteprojetos para o Plano Diretor da Cidade de Porto Alegre.</b> Fonte: Porto Alegre, Plano Diretor-1954-1964. p.22	106
<b>Figura 44:</b>	<b>Obras para construção da Av. Salgado Filho. À direita, 7º Batalhão de Caçadores do Exército (anteriormente 8º Batalhão de Infantaria).</b> Fonte: Museu da UFRGS- Código do documento: Rg3711m. Autor desconhecido. <a href="https://www1.ufrgs.br/AcervoFoto/Cadastro/FiltroAcervo.php">https://www1.ufrgs.br/AcervoFoto/Cadastro/FiltroAcervo.php</a> . Consulta em 19/2/ 2013	108
<b>Figura 45:</b>	<b>Visita do Governador Walter Jobim às obras de desvio de canalização do Arroio Dilúvio, 1950.</b> Fonte: Fototeca do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.	113

<b>Figura 46:</b>	<b>Antigo Pórtico do Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina (hoje denominado Hospital de Clínicas de Porto Alegre).</b> Sem data. Disponível em: <a href="http://fotosantigas.prati.com.br/fotosantigas/PortoAlegre/Porto_Alegre_P%C3%B3rtico_Hospital_de_Cl%C3%ADnicas.htm">http://fotosantigas.prati.com.br/fotosantigas/PortoAlegre/Porto_Alegre_P%C3%B3rtico_Hospital_de_Cl%C3%ADnicas.htm</a>	115
<b>Figura 47:</b>	<b>Projeto original do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. (Centro Médico projeto do Arquiteto Jorge Moreira).</b> Data: 1948, Em vermelho vê-se o prolongamento da Rua Ramiro Barcelos executado ainda no fim dos anos 1940. Fonte: Arquivo do Hospital de Clínicas.	116
<b>Figura 48:</b>	<b>Atual forma do Câmpus da Saúde após o prolongamento da Rua Ramiro Barcelos.</b> Fonte: Google Maps, 2014. Recorte: Rita Figueiredo	117
<b>Figura 49:</b>	<b>Vista aérea do Campus Saúde.</b> Década de 1950. Fonte: Reprodução do Livro Fogos de Bengala nos céus de Porto Alegre. (RIGATTO E HASSEN, 1998).	124
<b>Figura 50:</b>	<b>Faculdade de Farmácia no Câmpus da Saúde.</b> Foto do arquivo pessoal do professor desta unidade Pedro Petrovick.	125
<b>Figura 51:</b>	<b>Ao centro Elyseu Paglioli inspecionando as obras do Hospital de Clínicas. A sua esquerda, Leonel Brizola, que foi prefeito de Porto Alegre e governador do Estado.</b> Fonte: Arquivo fotográfico Museu da UFRGS.	126
<b>Figura 52:</b>	<b>Faculdade de Odontologia-</b> Data:1962 Foto: Acervo Museu da UFRGS <a href="http://www.ufrgs.br/comunicacaosocial/jornaldauniversidade/113/pagina2.htm">http://www.ufrgs.br/comunicacaosocial/jornaldauniversidade/113/pagina2.htm</a>	127
<b>Figura 53:</b>	<b>Faculdade de Odontologia-</b> data: 2012. Fonte: <a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Faculdade_de_Odontologia_da_Universidade_Federal_do_Rio_Grande_do_Sul">http://pt.wikipedia.org/wiki/Faculdade_de_Odontologia_da_Universidade_Federal_do_Rio_Grande_do_Sul</a>	127
<b>Figura 54:</b>	<b>Prédio da Reitoria da UFRGS- inaugurado em 1957.</b> Disponível em: <a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:ReitoriaUFRGS2.jpg">http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:ReitoriaUFRGS2.jpg</a>	128
<b>Figura 55:</b>	<b>Conjunto Melódico Norberto Baldauf, que animava os bailes da Reitoria em apresentação na extinta TV Tupi no canal 5 de Porto Alegre.</b> Foto reproduzida da matéria <a href="http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/dancando-na-reitoria">Os inesquecíveis Bailes da Reitoria+</a> Edição de 26/12/2011 16:16 Disponível em: <a href="http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/dancando-na-reitoria">http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/dancando-na-reitoria</a> .	128
<b>Figura 56:</b>	<b>Fachada do Instituto de Filosofia e Ciências Naturais. Década de 1950.</b> Fonte: Repositório Digital Lume <a href="http://hdl.handle.net/10183/9355">http://hdl.handle.net/10183/9355</a> .	130
<b>Figura 57:</b>	<b>Reitoria e conjunto de prédios dos anos 1950/1960.</b> Autor da Fotografia: Flávio Dutra. Data da fotografia: anos 2000.	130
<b>Figura 58:</b>	<b>Prédio Sede da Faculdade de Arquitetura. Data:1954/ 1957</b> Catálogo da exposição Invisíveis Lugares, Museu da UFRGS, pg. 43	131
<b>Figura 59:</b>	<b>Prédio da Faculdade de Engenharia Í Novaí. Data: 1955/1960.</b> Catálogo da exposição Invisíveis Lugares, Museu da UFRGS, pg. 33	131
<b>Figura 60:</b>	<b>Câmpus Centro (Quarteirões Universitários) em 2014.</b> Fonte: Mapa de localização Site da SUINFRA UFRGS- Recortes e marcações: Rita Figueiredo	132
<b>Figura 61:</b>	<b>Câmpus Centro, quarteirões universitários e suas unidades isoladas.</b> Fonte: Mapa de localização do Site da SUINFRA UFRGS- Recortes e marcações: Rita Figueiredo.	133
<b>Figura 62:</b>	<b>Plano Diretor de Porto Alegre de 1959, que incluía um projeto de Urbanização para o Aterro na Praia de Belas.</b> Fonte: <a href="http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/">http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/</a>	136

<b>Figura 63:</b>	<b>Aterro do Guaíba, área do Projeto Praia de Belas, 1959.</b> Fonte: <a href="http://portoalegretche.blogspot.com.br/2013/05/porto-alegre-antiga-e-moderna-em-fotos.html">http://portoalegretche.blogspot.com.br/2013/05/porto-alegre-antiga-e-moderna-em-fotos.html</a>	137
<b>Figura 64:</b>	<b>Área destinada a URGS no aterro da Praia de Belas no projeto para o Plano Diretor para Porto Alegre que se delineava desde 1954.</b> (reprodução parcial da planta da pg. 68).	137
<b>Figura 65:</b>	<b>Faculdade de Educação/ Colégio de Aplicação, construído no centro do quarteirão Universitário.</b> Fonte: Catálogo da Exposição Invisíveis Lugares. Museu da UFRGS, pg. 44	139
<b>Figura 66:</b>	<b>Área do Í Polígono Universitário a ser trocado pela área na Praia de Belas conforme consta no Projeto para o Plano Diretor 1954/64.</b> Projeto para o Plano Diretor 1954/64-Reprodução parcial da Planta da p. 62. Recortes e marcações: Rita Figueiredo	139
<b>Figura 67:</b>	<b>Construção do Viaduto Imperatriz Dona Leopoldina em frente à Faculdade de Medicina.</b> Fonte: Reprodução de Espíndola, 1979, p.82.	141
<b>Figura 68:</b>	<b>Mapa de Porto Alegre, com os dados cartográficos de 2013 do Í Google maps, onde ainda aparece uma área no bairro Praia de Belas com a seguinte inscrição: Í UFRGS- futuro centro Universitário.</b> Google maps dados: 2013. Recortes e marcações: Rita Figueiredo.	142
<b>Figura 69:</b>	<b>Aspecto da Vila Choclatão em 2011 antes da reintegração de posse do terreno promovido pela prefeitura municipal à União. Terreno este que já esteve destinado a um futuro campus da UFRGS.</b> Fonte: <a href="http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smg/default.php?reg=4&amp;p_secao=75">http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smg/default.php?reg=4&amp;p_secao=75</a>	142
<b>Figura 70:</b>	<b>Vista aérea atual do local onde se localiza o Hospital de Clínicas de Porto Alegre. A esquerda vemos a Av. Protásio Alves. Abaixo a Ramiro Barcelos. Data:2010.</b> Fonte: <a href="http://www.google.com.br/search?aq=&amp;hl=ptBR&amp;rlz=1T4ADRA_ptBRBR442BR442&amp;q=hospital+de+clinicas+de+porto+alegre&amp;um">http://www.google.com.br/search?aq=&amp;hl=ptBR&amp;rlz=1T4ADRA_ptBRBR442BR442&amp;q=hospital+de+clinicas+de+porto+alegre&amp;um</a>	144
<b>Figura 71:</b>	<b>Construção do Planetário da UFRGS É fotografia de 1971.</b> Fonte: <a href="http://www.planetario.ufrgs.br/memoria.html">http://www.planetario.ufrgs.br/memoria.html</a> Consulta: 15/04/ 2013	145
<b>Figura 72:</b>	<b>Planetário da UFRGS fotografado em 2010.</b> Fonte: <a href="http://parquesdeportoalegre.blogspot.com.br/2010/08/panoramica-do-planetario-da-ufrgs.html">http://parquesdeportoalegre.blogspot.com.br/2010/08/panoramica-do-planetario-da-ufrgs.html</a>	145
<b>Figura 73:</b>	<b>Câmpus da Saúde com seus dois quarteirões.</b> Fonte: Mapa de localização do Site da SUINFRA UFRGS- Recortes e marcações: Rita Figueiredo.	147
<b>Figura 74:</b>	<b>Câmpus da Saúde, ocupação atual dos dois quarteirões.</b> Fonte: Mapa de localização do Site da SUINFRA - UFRGS- Recortes e marcações: Rita Figueiredo.	148
<b>Figura 75:</b>	<b>Implantação da Reforma Universitária na UFRGS.</b> Fonte: Jornal Zero Hora, de Porto Alegre, exemplar datado de 02 de setembro de 1970.	151
<b>Figura 76:</b>	<b>Prédio das Piscinas - Centro Náutico - ESEF/UFRGS. Data: 1980.</b> Fonte: Catálogo da Exposição UFRGS: Invisíveis Lugares. Museu da UFRGS. pg. 53	155
<b>Figura 77 :</b>	<b>Câmpus Olímpico da UFRGS, o Parque Jardim Botânico do outro lado da Avenida Salvador França e ao redor o bairro residencial Jardim Botânico.</b> Fonte: Google Earth 2014. Imagem datada de 20/05/2011. Altitude do ponto de vista 655m. Recorte: Rita Figueiredo.	156
<b>Figura 78:</b>	<b>Organização interna atual do Câmpus Olímpico - UFRGS</b> Fonte: Mapa de localização do Site da SUINFRA UFRGS- Recortes e marcações: Rita Figueiredo. Planta orientativa institucional. Fonte: <a href="http://www.esef.ufrgs.br">www.esef.ufrgs.br</a>	157

<b>Figura 79:</b>	<b>Implantação do Câmpus Olímpico na cidade de Porto Alegre.</b> Fonte: Mapa de localização do Site da SUINFRA- UFRGS- Recortes e marcações: Rita Figueiredo.	158
<b>Figura 80:</b>	<b>Câmpus do Vale, localizado entre as Avenidas Protásio Alves (antigo Caminho do Meio) e Bento Gonçalves (antiga Estrada do Mato Grosso).</b> Fonte: Mapa de localização do Site da SUINFRA- UFRGS- Recortes e marcações: Rita Figueiredo	160
<b>Figura 81:</b>	<b>Capa da Revista Espaço Arquitetura (1958).</b> Nº 2, Porto Alegre.	161
<b>Figura 82:</b>	<b>Perspectiva ilustrativa do sistema de blocos e passarelas do Plano do Câmpus do Vale.</b> Autor: Cyrillo S. Crestani. Fonte: Reprodução de ESPÍNDOLA (1979, p.161)	164
<b>Figura 83:</b>	<b>Plano Piloto do Câmpus do Vale.</b> Fonte: Reprodução de ESPÍNDOLA (1979, p.161)	164
<b>Figura 84:</b>	<b>Placa inaugural do Campus do Vale da UFRGS.</b> Fotografia: Rita Figueiredo. Data: Abril 2014.	166
<b>Figura 85:</b>	<b>Placa comemorativa a inauguração do Campus do Vale da UFRGS.</b> Fotografia: Rita Figueiredo. Data: Abril 2014.	167
<b>Figura 86:</b>	<b>Área de proteção ambiental do Morro Santana, no Câmpus do Vale da UFRGS.</b> Fonte: Google Earth. Consulta 14/06/2013	168
<b>Figura 87:</b>	<b>Câmpus do Vale em início de implantação (1979).</b> Fonte: <a href="http://www.ufrgs.br/leiturasdacidade/imagemgal/albumufrgs02.jpg">http://www.ufrgs.br/leiturasdacidade/imagemgal/albumufrgs02.jpg</a> Autor: desconhecido	169
<b>Figura 88:</b>	<b>Zoneamento interno do Câmpus do Vale. (Conforme o existe até os dias atuais).</b> Fonte: Mapa de localização do Site da SUINFRA - UFRGS- Recortes e marcações: Rita Figueiredo	170
<b>Figura 89:</b>	<b>Blocos do Anel Viário.</b> Fonte: Mapa de localização do Site da SUINFRA UFRGS- Recortes e marcações: Rita Figueiredo	170
<b>Figura 90:</b>	<b>Vila Agrovet, bairro Agronomia.</b> Fonte: Mapa de localização do Site da SUINFRA UFRGS- Recortes e marcações: Rita Figueiredo	172
<b>Figura 91:</b>	<b>Aspectos paisagísticos e arquitetônicos do Câmpus do Vale.</b> Fonte das fotografias: a) <a href="http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/galerias/">www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/galerias/</a> ; b, c, d: autora Rita Figueiredo, 2014	174
<b>Figura 92:</b>	<b>Campus do Vale da UFRGS. Década de 1980.</b> Catálogo da Exposição Invisíveis Lugares. Museu da UFRGS. pg. 52	175
<b>Figura 93:</b>	<b>Maquete eletrônica do Anel Viário do Câmpus do Vale com sua ocupação atual.</b> Autor: Arquiteto Francisco Carlos Souza da Silva- SUINFRA- UFRGS.	175
<b>Figura 94:</b>	<b>Prédio do CPD da UFRGS, ainda em construção, década de 1960.</b> Fonte: <a href="http://museu.ufrgs/photos/a.260262577395048.66685.256741761080463/442907252463912/?type=1&amp;theater">museu.ufrgs/photos/a.260262577395048.66685.256741761080463/442907252463912/?type=1&amp;theater</a>	177
<b>Figura 95:</b>	<b>Uma das Plantas representativa de Porto Alegre com a área abrangida pelo 1º Plano Diretor de Porto Alegre (1º PDDU).</b> Data: Julho de 1979. Disponível em: <a href="http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=125">http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=125</a>	183
<b>Figura 96:</b>	<b>Novo edifício sede da Faculdade de Medicina.</b> Fotografia: Rita Figueiredo, 2013.	188
<b>Figura 97:</b>	<b>Prédio que deveria sediar os setores de Plantas de Lavoura, Horticultura e Fruticultura, na Faculdade de Agronomia, ainda incompleto.</b> Fotografia e Projeto Arquitetônico de autoria de: Rita Figueiredo. Data da fotografia: abril de 2014.	189

<b>Figura 98:</b>	<b>a) Documentos de Tombamento Federal do Observatório Astronômico e da Faculdade de Direito. b) Reconhecimento de 12 Prédios do Câmpus Centro como Patrimônio pelo Estado do Rio Grande do Sul.</b> Fonte: Setor de Patrimônio Histórico, área de Pesquisa e Documentação.	192
<b>Figura 99:</b>	<b>Um dos mapas do PDDUA- indicando Estratégias de Estruturação Urbana e integração Metropolitana.</b> Disponível em: <a href="http://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=269231">http://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=269231</a>	193
<b>Figura 100:</b>	<b>Laboratório de Metalurgia Física (LAMEF), projetado inicialmente para ser a creche do Câmpus do Vale.</b> Fotografia e Projeto Arquitetônico de autoria de: Rita Figueiredo. Data da fotografia: abril de 2014.	198
<b>Figura 101:</b>	<b>Câmpus do Vale em 2014.</b> Fotografia: Rita Figueiredo, abril de 2014.	199
<b>Figura 102:</b>	<b>Mapa esquemático de Porto Alegre com os câmpus da UFRGS.</b> Fonte disponível em: <a href="http://www.iq.ufrgs.br/iq/?page_id=221">http://www.iq.ufrgs.br/iq/?page_id=221</a>	203
<b>Figura 103:</b>	<b>Mapa georeferenciado localizando os Câmpus da UFRGS na malha urbana de Porto Alegre (2014).</b> Fonte: Mapa de localização do Site da SUINFRA UFRGS-Recortes e marcações: Rita Figueiredo	204
<b>Figura 104:</b>	<b>Reprodução parcial de notícia veiculada na Zero Hora digital de 18/10/2013, a respeito dos novos Câmpus da UFRGS a estabelecerem-se no Litoral e na Serra.</b> Disponível em: <a href="http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/aulas-em-novo-campus-da-ufrgs-no-litoral-norte-comecam-no-ano-que-vem-29061.html">http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/aulas-em-novo-campus-da-ufrgs-no-litoral-norte-comecam-no-ano-que-vem-29061.html</a>	208



## **ANEXOS**



**ANEXO 1 Ë Documentos:**

1.1-Transcrição do decreto 5758, de 28/11/ 1934, que cria a Universidade de Porto Alegre.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
DECRETO Nº 5758, de 28 de no  
vembro de 1934  
crêa a UNIVERSIDADE DE PORTO ALEGRE

O Interventor Federal do Estado do Rio Grande do Sul, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto Federal nº 19.398 de 11 de Novembro de 1930, e de conformidade com o que dispõe o artigo 156 da Constituição da República, no intuito de dar uma organização uniforme e racional ao ensino superior no Estado, elevar o nível da cultura geral, estimular a investigação científica e concorrer efficientemente para aperfeiçoar a educação do individuo e da sociedade

DECRETA:

Artigo 1º - É creada nesta Capital a Universidade de Porto Alegre, que terá por finalidade:

- a) formar especialistas e technicos em todas as profissões scientificas e artisticas;
- b) aperfeiçoar a educação intelectual, moral e physica das novas gerações, e ministrar conhecimentos culturaes e praticos que preparem cidadãos úteis à Nação e à Humanidade;
- c) estimular a investigação scientificas;
- d) promover a vulgarisação das sciencias, das letras e das artes, por meio de cursos syntheticos, conferencias, diffusão pelo radio e por filmes e outros procesos adequados.

Artigo 2º - A Universidade de Porto Alegre será constituída dos seguintes estabelecimentos officiaes:

- a) Faculdade de Medicina, com as suas Escolas de Odontologia e Pharmacia;
- b) Faculdade de Direito, com a sua Escola de Commercio;
- c) Escola de Engenharia;
- d) Escola de Agronomia e Veterinaria;
- e) Faculdade de Educação, Sciencias e Letras;
- f) Instituto de Bellas Artes.

Artigo 3º - A installação official da Universidade se fará logo após seja obtida autorização do Governo Federal para congregar a actual Faculdade de Medicina com os seus cursos e a modificação no contracto ora existente com a Universidade Technica.

§ 1º - A incorporação da Faculdade de Medicina será feita sem prejuizo das suas prerrogativas de Instituto Federal e dos direitos de vantagens asseguradas pela legislação federal aos respectivos membros actuaes e futuros do corpo docente e administrativo, em tudo que não contravenha as Disposições dos Estatutos da Universidade.

§ 2º - Direitos idênticos e nos mesmos termos serão assegurados aos membros do corpo docente e administrativo da Faculdade de Direito e da Escola de Engenharia.

Artigo 4º - As relações administrativas entre o Governo do Estado e a Universidade processar-se-ão por intermédio da Secretaria do Interior.

Artigo 5º - Ficam aprovados os Estatutos da Universidade de Porto Alegre, que com este Decreto baixam, revoga das as disposições em contrário.

Palácio do Governo, em Porto Alegre,  
em 28 de novembro de 1934

(ass) José Antonio Flores da Cunha.

1.2-**Transcrição do Discurso do General Flores da Cunha.** Publicado no jornal Correio do Povo em 29/11/1934 quando da criação oficial da Universidade.

DISCURSO DO GENERAL FLORES DA CUNHA

PUBLICADO NO CORREIO DO POVO DE

29 de novembro de 1934

Meus Senhores,

Não posso ficar insensível às expressões lisongeiras do illustre professor dr. Leonardo Macedônia, e à demonstração de applausos dos professores, e estudantes aqui presentes, no momento em que é assignado o acto que crêa a Universidade Rio Grandense.

A idéia que foi corporificada neste decreto estava já amadurecida e era como que um imperativo da necessidade de elevar a cultura rio-grandense. É mais obra dos meus illustres secretarios e da digna e brilhante commissão por mim incumbida de estudar a organização da Universidade do que propriamente minha.

Eu me sinto bastante lisongeadado com o que acabo de ouvir e feliz por ter de subscrever este decreto.

Em verdade, tendo tido uma formação cultural bem differente daquella que hoje domina os espiritos no Rio Grande e fóra do Rio Grande - quando digo cultural também quero me referir à orientação philosophica - devo confessar que era infenso ao ensino universitario. Mas, - porque não dizer aqui na casa pública, na casa do governo, como já o fiz no Congresso Medico realisado na capital do Rio Grande, - que não me envergonho de corrigir as minhas idéas e de rectificá-las.

Como ficar insensível e indifferente em face da doutrina que julgava pedantesco, desnecessario e anti-social o ensino universitario, diante da anarchia dos espiritos, que tudo domina e avassala e da falta de uniformidade nos programmas do ensino superior?

Como ficar insensível e indifferente diante das intromissões perturbadoras da cultura dos moços, que por ahí vão adquirindo fôros de cidade e se apresentando como as melhores doutrinas?

A Universidade é uma necessidade, no momento em que os campos de actividade mental estão divididos e sub-divididos, mais pelas paixões dos homens e pela cegueira partidaria, do que mesmo pela obra do raciocinio. Todavia, no tocante a essa necessidade, a opinião é quasi unanime.

Eu nada mais fiz do que crystalisar neste decreto a grande, a vasta, a insoffreavel aspiração da consciencia esclarecida do Rio Grande.

Congratulo-me com os srs. professores, com os academicos de todas as Faculdades, com os meus patricios, com estes velhos mestres da sciencia do Direito e da sciencia da Medicina, pelo advento desta nova era, pois assim devemos consideral-a. Tenho a esperanza - ella que a inda não enlanguesceu e nem amorteceu no meu coração - de que o Rio Grande ha de preparar a cultura de sua gente de tal modo que possa haver uma justa proporção, neste formidavel povo, entre o seu saber e o seu progresso.

Não será de mais declarar que, antes de assignar e organizar este decreto, procurámos tambem, animados pelo espirito de transigencia que anima os governantes do Rio Grande do Sul, ouvir a autoridade espiritual, que é tão forte, do meu querido amigo, o eminente sr. arcebispo, que deu a sua absoluta e inteira annuencia à idéa vencedora e agora crystalisada."

1.3 **Processo de nº 1412/48**, do Reitor Alexandre Martins da Rosa ao Governador Walter Jobim, encaminhado em 31 de março de 1949, tratando do local para a construção da cidade universitária.

PROCESSO Nº 1412/48 DO REITOR

ALEXANDRE MARTINS DA ROSA AO

GOVERNADOR WALTER JOBIM

Senhor Governador,

1 - Tenho a honra de restituir a Vossa Excelência o expediente anexo (Processo nº 1412/48) referente à localização da Cidade Universitária, solicitando ao mesmo passo a sua permissão para fazer algumas considerações.

2 - Ao encaminhar a Vossa Excelência o presente expediente, eu me sinto bem à vontade porque, em reunião do Egrégio Conselho Universitário do dia 1º de setembro de 1948, este órgão da Universidade, consultado por meu ilustre antecessor, "sobre a conveniência de que a própria Reitoria tome as providências necessárias ao encaminhamento da Comissão Constitucional incumbida do estudo das bases da localização e construção da futura Cidade Universitária", resolveu "dar ao Senhor Reitor poderes para agir como achar mais oportuno e conveniente."

3 - Ainda em abono desse ponto de vista peço licença a Vossa Excelência para transcrever tópicos da ata de reunião do Colendo Conselho Universitário realizada a 30 de janeiro de 1948, a saber:  
"O Senhor Reitor ponderou ao Senhor Governador que a Universidade entende serem perfeitamente divisíveis os dois problemas:

o da localização e construção da futura Cidade Universitária e a

satisfação imediata das necessidades do espaço e instalações da Universidade

"De sorte que as construções nos terrenos atualmente ocupados pela Universidade não podem implicar em prejuízo do estudo das bases da localização e construção da Cidade Universitária."

4 - No Plano Diretor da Capital estudado pelo urbanista Arnaldo Gladosh com a colaboração em parte dos ilustres Engenheiros com atividade na Prefeitura Municipal, foram localizados, para a Cidade Universitária, as terras contíguas à Escola de Agronomia e Veterinária, limitadas ainda pelas avenidas Protásio Alves e Bento Gonçalves, e pelo chamado Beco do Salso, tal como se vê no anexo nº 1.

5 - "O trabalho que hoje apresentamos constitui um ante-projeto para a localização da Cidade Universitária de Porto Alegre em conjunto com um Jardim Botânico, um Horto Florestal e um Bosque Municipal, na forma de uma reserva florestal do Município. É o resultado de diversos estudos que realizei em colaboração com o Dr. Ary de Abreu Lima, então Reitor da Universidade, com o Dr. Paulo Bozano, Diretor Geral de Obras e Viação da Prefeitura Municipal e com os demais Engenheiros da mesma Prefeitura."

Ver Gladosh - Um Plano de Urbanização, mandado publicar pelo ex-prefeito José Loureiro da Silva, à página 198 e folhas 3 do parecer do Professor Luiz Leseigneur de Faria.

6 - A área das terras escolhidas, segundo planta organizada na Diretoria de Cadastro da Prefeitura Municipal o que constitui o anexo nº 2, é de 10.063.000 me-

tros quadrados, ou seja, 1.063,5 hectares.

7 - Como a canalização do Riacho constitui de velha data um sério problema para a Capital, ela foi incluída no citado Plano Diretor, visando não só livrar-a o melhor possível do flagelo das enchentes, mas ainda proporcionar-lhe a possibilidade da recuperação duma área grande e relativamente próxima do centro.

8 - Depois da grande enchente de 1941, o estudo sobre esse palpitante assunto preocupou a bom número de técnicos.

9 - Como um dos tantos resultados desses estudos, surgiu a idéia da construção duma barragem nas proximidades da bacia em que se acham as nascentes do riacho, a qual, retendo as águas durante as grandes chuvas, funcionaria como regulador da descarga do mesmo riacho, livrando a parte baixa da cidade, enfim, toda a zona que lhe é ribeirinha, dos efeitos das enchentes.

10 - Não tardou que a idéia da construção dessa barragem se entrosasse com a outra, a da localização da Cidade Universitária.

11 - É que o lago resultante da barragem com área de cerca de 80 hectares (2.000 x 400 m), constitui uma necessidade para a Universidade, pois afora do partido que se poderá tirar dele, no que tange à estética e à ciência, oferecerá ótimo local para educação física de universitários.

12 - A 24 de fevereiro de 1947 a Prefeitura Municipal, incluindo e consagrando oficialmente a construção da barragem citada entre as obras complementares à retificação do Riacho, baixou o Decreto nº 365, que foi publicado no Diário Oficial do Estado e entrou em vigência no dia 26 daquele mês e constitui o anexo nº 3.

13 - Por ele, "são declarados de utilidade pública, para fins de desapropriação, duas glebas de terra situadas no arrêbaldô Partenon, fronteiro ao chamado Bairro São José, nesta Capital" que se acham assinalados a vermelho e azul na planta anexo nº 2.

14 - A área total desapropriada é de ..... 3.596.700 metros quadrados ou 360 hectares aproximadamente, e se destina, necessariamente, ao lago decorrente da projetada barragem.

15 - A desapropriação assim decretada, ainda não foi efetivada, apesar de decorridos mais de dois anos dos cinco da prescrição em que incorrerá na forma do disposto no artigo 10 do Decreto-lei federal nº 3.365, de 21 de junho de 1941.

16 - Entre a área consignada pelo Plano Diretor (10.635.000 m<sup>2</sup>) e a área das duas glebas desapropriadas (3.596.700 m<sup>2</sup>) resta a diferença de 7.038.300 m<sup>2</sup> que não foi desapropriada pela Prefeitura Municipal.

17 - A 8 de julho ainda de 1947, o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias dispôs o seguinte:

Artigo 27 - Com a possível brevidade enviará o Poder Executivo à Assembléia Legislativa projetos de lei que visam:

VI - estabelecer, em cooperação com o Município, as bases para a localização e construção da Cidade Universitária e ...

18 - Para o desempenho desse dispositivo constitucional o Governo do Estado, já por Decreto de 7 de agosto seguinte, nomeou os Senhores Professores da Escola de Engenharia Engenheiros José Baptista Pereira, Paulo de Aragão

Bozano, e Luiz Leseigneur de Faria, este então diretor da mesma Escola, para integrar a Comissão, sob a presidência do primeiro, encarregado de elaborar projeto de lei referente à localização e construção da Cidade Universitária.

19 - Dando desempenho a essa importante missão a Comissão apresentou seu parecer em duas partes, uma firmada pelos Engenheiros José Baptista Pereira e Paulo de Aragão Bozano e outra de autoria do Engenheiro Luiz Leseigneur de Faria.

20 - Recuando um pouco no tempo se constata pelo anexo nº 4 que a 27 de março de 1945 foi aprovado pela quasi totalidade dos membros da Congregação da Escola de Engenharia um plano para construção da então Universidade de Pôrto Alegre, da autoria dos Engenheiros Leovigildo Paiva e Luiz Leseigneur de Faria, o qual teve aprovação do Conselho Universitário, segundo assevera este último Professor a fls.6 do seu parecer.

Trata-se dum "monobloco" projetado para ser construído no quarteirão onde funcionam atualmente a Escola de Engenharia, a Faculdade de Direito, etc..., limitado pela Avenida João Pessoa, rua Sarmiento Leite, avenida Oswaldo Aranha e Praça Argentina.

21 - Esse projeto apesar de conter muitas críticas a outra localização da Universidade que não seja no quarteirão citado e no quarteirão em que se acham a Faculdade de Medicina, o Instituto de Química, o Instituto Tecnológico do Rio Grande do Sul, limitado pela rua Sarmiento Leite, avenida Luiz Engler, avenida Paulo Gama e avenida Oswaldo Aranha, foi

apresentado sem que seus autores, os Professores Leovigildo Paiva e Luiz Leseigneur de Faria, abandonassem "a idéia" da Cidade Universitária fôra do centro da cidade, muito embora admitam-na "em um futuro mais afastado, de 40 anos no mínimo."

22 - Da mesma maneira agora, quando decorridos mais de dois anos, e embora firmando parece res em separado, os três membros da Comissão Constitucional concordam com a localização da Cidade Universitária segundo o Plano Diretor da Capital, da autoria do urbanista Arnaldo Gladosh, sendo que o Snr. Professor Luiz Leseigneur de Faria mantém as mesmas restrições contidas no estudo de 1945 - anexo nº 4.

23 - Efetivamente, a fls. 13 do seu parecer, os Professores José Baptista Pereira e Paulo A ragão Bozano concluem:

"Examinando as diferentes localizações possíveis para uma Vila Universitária nos moldes expostos, a Comissão fixou a sua escolha em uma área de terreno situada no Caminho do Meio (atual Av. Protásio Alves), escolha que já havia sido sugerida desde 1934 pelo então Reitor Engenheiro Ary de Abreu Lima e o Arquiteto Arnaldo Gladosh autor do Plano Diretor para Urbanização da Capital."

E a fls. 8 do seu próprio parecer o Professor Luiz Leseigneur de Faria conclue:

"... Somos de parecer que o projeto de lei a ser remetido pelo Governo do Estado à Assembleia Legislativa, consigne Aquiescência da Universidade às sugestões da Prefeitura Municipal relativas à localização da futura Cidade Universitária na área indicada no Plano Diretor elaborado pelo urbanista Arnaldo Gladosh, uma vez... -

seguem-se aproximadamente as mesmas restrições ou condições estipuladas na sessão de Congregação da Escola de Engenharia, cuja ata constitui o anexo nº 4.

24 - Assim estabelecidas as diretrizes do Egrégio Conselho Universitário, da ilustre Comissão Constitucional com referência à localização da Cidade Universitária de acordo com o Plano Diretor da Capital, de autoria do Urbanista Arnaldo Gladosh, tudo, por assim dizer, está por fazer no que tange à construção propriamente dita.

25 - O Professor Luiz Leseigneur de Faria é pela constituição duma Comissão Técnica para elaborar os planos e acompanhar a construção da Cidade Universitária.

26 - Os Professores José Baptista Pereira e Paulo de Aragão Bozano afirmam que o ante-projeto que elaboraram é destinado apenas a objetivar bem a solução aconselhada, mas sem nenhuma pretensão de servir como projeto definitivo.

27 - A propósito desse particular o Egrégio Conselho Universitário faz constar na ata dos trabalhos realizados na sua reunião de 13 de setembro de 1948, o seguinte:

"Ficou claro que o valor do projeto oferecido pelos Engenheiros José Baptista Pereira e Paulo de Aragão Bozano, é meramente ilustrativo do modo como se poderá realizar a execução do Plano da Cidade Universitária."

"Houve concordância quanto à existência de pontos comuns que possibilitam o encaminhamento, sem divergências, de um projeto de lei à Assembléia Legislativa, sem prejuízo da solução de emergência ao lado da solução definitiva."

"Entende o Snr. Reitor que não é conveniente manter-se a Universidade em atitude de intransigência, pois será interminável a discussão."

"Informa o Snr. Reitor que procurou fixar com a Comissão foi um problema da futura Cidade Universitária, não consentindo na reabertura da discussão de possibilidade de se construir, nos terrenos existentes. Entretanto devemos ver o aspecto prático do caso, pois é necessário aplainar o caminho para evitar fricções e protelações quando o assunto for encaminhado à Assembléia Legislativa."

28 - Permito-me, a título de colaboração, apresentar a Vossa Excelência, um esboço do projeto de lei que poderá ser encaminhado à Egrégia Assembléia Legislativa - anexo nº 5.

29 - Na sua elaboração procurei atender às linhas mestras dos trabalhos que venho de aludir, adotando, outrossim, quanto possível, a orientação seguida por outras Universidades, tais como, a Universidade do Brasil, e de Minas Gerais e a de São Paulo.

30 - Nele se contêm disposições atinentes à desapropriação da área fixada pelo Plano Diretor, e à constituição de duas comissões especiais, uma com a tarefa do estudo e da elaboração do Plano da Cidade Universitária, e outra com a incumbência da construção ou realização desse plano.

31 - A execução do plano será feita progressivamente na conformidade dos recursos que forem postos à disposição da Universidade.

32 - Para os estudos iniciais, foi previsto tal como na Universidade de São Paulo, um crédito especial de quinhentos mil cruzeiros.

33 - Incluo, como elementos subsidiários, cópia de dois decretos - um de São Paulo, e outro de Pernambuco, em que se contêm providências interessantes, sobre as Cidades Universitárias das capitais desses dois Estados. (anexos nºs 6 e 7).

Reitero a Vossa Excelência, neste ensejo, os protestos de minha elevada estima e distinta consideração.

Prof. Alexandre Martins da Rosa

Reitor

1.3 Documento de Tombamento Federal - Observatório Astronômico e Faculdade de Direito da UFRGS. (cópia do fax recebido pelo SPH)

 INSTITUTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

GABINETE DA REITORA  
RECEBIDO  
28/12/99  
1ª via - Destinatário

Ofício nº 424/99  
Em 14 de dezembro de 1999.

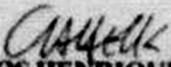
Ass. Comunica tombamento  
Prédios do Observatório Astronômico e da Faculdade de Direito  
Campus do Centro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRS  
Proc. nº 1.438-T-98

Magnífica Reitora,

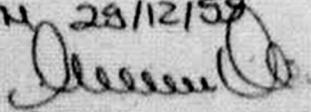
Cumpre-me levar ao conhecimento de Vossa Magnificência que os prédios do Observatório Astronômico e da Faculdade de Direito, situados no *Campus* do Centro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRS, no Município de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, pertencentes a essa autarquia de ensino, são objeto de processo de tombamento nº 1.438-T-98, tendo o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural deste Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, em reunião, de 07.10.99, decidido favoravelmente pela tutela especial.

A presente comunicação implica, pois, o tombamento provisório dos prédios em questão, *ex vi* do disposto no art. 5º, do Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, pelo que passa a gozar da proteção especial do Poder Público Federal, por meio do IPHAN, para os efeitos previstos notadamente nos arts. 17 e 18 do diploma legal citado.

Atenciosamente,

  
CARLOS HENRIQUE HECK  
Presidente

Exatidão: Sônia  
Prof. Dra. WIANA MARIA FANEZZI  
Magnífica Reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Avenida Frei Gaspar nº 116 - 6º andar - Centro  
Porto Alegre - Rio Grande do Sul  
CEP. 91240-000

DE ORDEN, A SUITE  
PARA CONHECIMENTO  
EM 28/12/99  
  
Carmen Regina de Oliveira  
Sub-Chefe de Gabinete/UFRGS



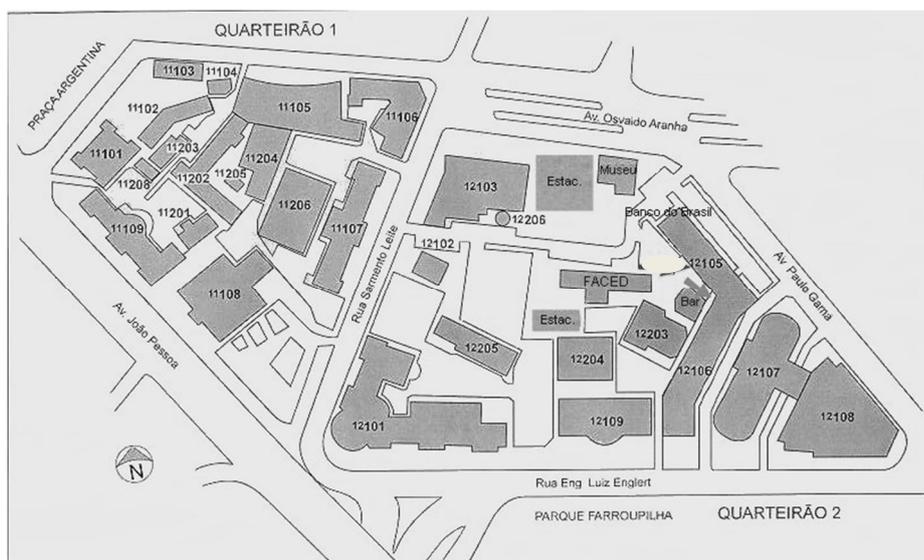
## ANEXO 2 . Os Câmpus Centro da UFRGS e alguns de seus prédios históricos.

### Fichas Técnicas



- |   |  |                              |
|---|--|------------------------------|
| 1. Antigo Prédio do Instituto de Química  | 5. Instituto Parobé                          | 9. Castelinho                |
| 2. Museu da UFRGS                         | 6. Faculdade de Direito                      | 10. Observatório Astronômico |
| 3. Rádio da Universidade                  | 7. Prédio Centenário da Escola de Engenharia | 11. Instituto Eletrotécnico  |
| 4. Antigo Prédio da Faculdade de Medicina | 8. Chateau                                   |                              |

Vista aérea do Câmpus Centro destacando os prédios históricos da 1ª fase.



Planta do Câmpus Centro- Quarteirão 1 e 2.

Alguns dos Prédios do Câmpus Centro da UFRGS constituem inestimável patrimônio histórico e arquitetônico de Porto Alegre. Temos dentre eles:

## Escola de Engenharia



Primeiro prédio sede da Escola de Engenharia

**Endereço:** Praça Argentina, s/nº

**Ano de Construção:** 1898 / 1900

**Projeto:** Engenheiro João José Pereira Parobé

**Usos:**

1900 . Escola Livre de Engenharia

1950- aumentado de um 3º pavimento

Década 1970/80 . Passou a ser ocupada somente pela direção, setores administrativos e o Centro Acadêmico da faculdade.

2013 . em restauração.

**Observações:**

De acordo com o site da SPH o prédio foi projetado seguindo modelos de palacetes renascentistas, com fachadas planas e decoração sóbria, sua construção contou com recursos derivados dos impostos sobre a conservação de passeios públicos. Destaca-se o frontão com o ano de inauguração em numerais romanos encimado por uma estátua, e as delicadas aberturas em arco do segundo piso, emolduradas por pilastras e cornijas. Hoje em 2013 encontra-se em final de restauração pela Secretaria do patrimônio Histórico da UFRGS.

### **Ginásio Júlio de Castilhos /Faculdade de Ciências Econômicas:**



Instituto Julio de Castilhos



Faculdade de Ciências Econômicas  
Prédio depois da reconstrução motivada pelo incêndio  
ocorrido em novembro de 1951.

**Endereço:** Av. João Pessoa, 52.

**Ano de Construção:** 1900

**Projeto:** Engenheiro Manoel Barbosa Assumpção Itaqui

**Usos:**

1908- Ginásio Júlio de Castilhos

1951- Incendiado em 16 de novembro.

1953 - Faculdade de Ciências Econômicas. ( Reconstruído como um novo prédio)

**Observações:**

Este prédio foi fundado em 1900 pela Escola livre de Engenharia, com o objetivo de oferecer um curso elementar direcionado aos exames para ingresso no curso superior. Seu nome foi uma homenagem ao estadista republicano falecido aos 43 anos em 1903. Tratava-se de um Prédio com a composição formal estabelecida por tres torções interligados pelo corpo do prédio, originalmente com dois andares e, ao lado da Faculdade de Direito, formava um conjunto harmonioso com todos os outros prédios existentes. Este prédio foi destruído por um incêndio em 1951 e a estrutura que restou foi aproveitada para a construção da atual Faculdade de Ciências Econômicas inaugurada em 1953, que resultou num prédio completamente diferente, com características formais mais modernas de acordo com sua época.

## Château



: Detalhe do Château.

**Endereço:** Praça Argentina, s/nº.

**Ano de Construção:** 1901

**Projeto:** Engenheiro Manoel Barbosa Assumpção Itaquí

**Usos:**

1901 - Oficinas de marcenaria, carpintaria, serralheria, e as salas de máquinas, almoxarifado do Instituto Parobé e ambulatório.

1901- Ganha nova ala.

1902- Curso de Topografia da Escola Livre de Engenharia.

1917-Instituto Técnico Profissional (posteriormente denominado Parobé).

1920- Criada uma *Seção Feminina*, para preparar condutoras de trabalhos domésticos e rurais.

1928 - com a mudança do Parobé para suas novas instalações, esse prédio foi ocupado, sucessivamente, pelo Departamento Comercial, Industrial e Financeiro da Escola de Engenharia.

1951 / 1957- É ocupado para aulas do curso de Arquitetura e de Geologia.

2003-2004 - Restaurado

2004 - Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico - SEDETEC e o Departamento de Metalurgia da Escola de Engenharia.

**Observações:**

Durante longo período a Biblioteca Central da Universidade também ocupou a ala norte do prédio junto ao prolongamento da Av. Oswaldo Aranha. O Château forma, com o Castelinho e com o Observatório Astronômico, um conjunto de prédios com semelhantes características arquitetônicas e formais do art-nouveau. Destacam-se o torreão, os vãos de tijolos de vidro e as molduras. Sua restauração foi orientada pela Secretaria do Patrimônio Histórico da UFRGS e patrocínio de empresas particulares.

### Observatório Astronômico



Observatório Astronômico visto da Av. Osvaldo Aranha.

**Endereço:** Praça Argentina, s/nº.

**Ano de Construção:** 1906 . 1908

**Projeto:** Engenheiro Manoel Barbosa Assumpção Itaqui (que foi seu 1º diretor)

**Usos:**

1908 . Observatório Astronômico e Meteorológico da Escola Livre de Engenharia.

1942 . Instituto de Astronomia da Escola de Engenharia.

1972- Transferido para o Morro Santana e passa a ser usado para arquivos e depósitos da Escola de Engenharia.

2002- Restaurado

**Observações:**

Segundo o Setor do Patrimônio Histórico da UFRGS, o prédio do Observatório é o mais completo exemplo da arquitetura art-nouveau ainda existente em Porto Alegre: em sua fachada destacam-se a escultura representando Urânia, a musa da Astronomia, a decoração com motivos fito e zoomórficos, a requintada caixilharia em madeira com acabamentos rendilhados, e a cúpula giratória em ferro e madeira do laboratório de observação, sendo também notável a pintura mural representando Saturno, o deus do Tempo, no terceiro pavimento. A qualidade do monumento ainda é evidenciada pela sua requintada caixilharia em madeira com acabamentos rendilhados. Este prédio, protegido pelo estado do Rio Grande do Sul, foi tombado pelo Patrimônio Nacional (IPHAN) pelo processo 1438-T-98 e teve sua restauração completada em 2002, com o patrocínio de instituições particulares. O Observatório Astronômico forma, com o *Château* e o Castelinho, um conjunto de características formais e ornamentais semelhantes. Apresentam grande riqueza de elementos decorativos nas fachadas, junto com ornamentos de ferro e tijolos de vidro de origem francesa.

## Castelinho



Prédio apelidado de "Castelinho".

**Endereço:** Praça Argentina, s/nº.

**Ano de Construção:** 1906 . 1908

**Projeto:** Engenheiro Manoel Barbosa Assumpção Itaqui

**Usos:**

1908 . Laboratórios e oficinas ligados a engenharia e ao Instituto Parobé

X . Biblioteca Central da Escola de Engenharia

Década de 1970 . Sediou o curso de Engenharia Nuclear

2004 . 2006: Restaurado

2006 . Passa a abrigar o NORIE

**Observações:**

O Prédio traduz bem a influência art- nouveau nas primeiras construções do Câmpus Centro. No Castelinho, foram instalados equipamentos e ferramentas importados para os laboratórios e oficinas, e prestava diversos serviços para a comunidade. Depois o edifício passou a ser a Biblioteca Central da Escola de Engenharia, e posteriormente serviu ao curso de Engenharia Nuclear. Foi restaurado entre 2004 e 2006. Atualmente, o prédio abriga o *Núcleo para Inovação das Edificações* (NORIE), do Curso de Pós-Graduação da Escola de Engenharia, orientado à Inovação na Edificação.

### Instituto Eletro-Técnico



Instituto Eletro-Técnico, esquina da Av Osvaldo Aranha com Sarmiento Leite.

**Endereço:** Avenida Osvaldo Aranha, 103.

**Ano de Construção:** 1906 . 1910

**Projeto:** Engenheiro Manoel Barbosa Assumpção Itaquí

**Usos:**

1910- Instituto Eletro-Técnico

1922- Recebeu o nome de Instituto José Montauray (ex- intendente de Porto Alegre)

1951- aumentado em um pavimento.

**Observações:**

De estilo eclético Seu desenho mostra linhas *Art Déco*, com um pórtico de esquina com colunas e pilastras duplas pesadas. A estatuária decorativa representa a Eletricidade e a Mecânica. Apresenta também ornamentações *Art Nouveau*. Neste prédio, como no Castelinho, a vedação de algumas aberturas ainda apresenta painéis em tijolo de vidro tipo *pavê* de origem francesa. Hoje ainda aguarda restauração.

## Faculdade de Direito



Faculdade de Direito UFRGS.



Faculdade de Direito (década de 1990)

**Endereço:** Avenida João Pessoa, nº 80

**Ano de Construção:** 1908 / 1910

**Projeto:** Arquiteto Hermann Otto Menschen

**Datas e Usos:**

1910 . Faculdade livre de Direito de Porto Alegre.

1910/ 1945 . Funciona junto a Faculdade de Direito, a Escola de Comércio de Porto Alegre, futura Faculdade de Ciências Econômicas.

1934 . Passa a funcionar, também neste prédio, a Reitoria da recém criada Universidade de Porto Alegre, instituição estadual.

1942 - Faculdade de Educação, Ciências e Letras, futura Faculdade de Filosofia, instituída em 1936, funcionando apenas a partir de 1942, instalou-se durante algum tempo neste prédio, juntamente com o Direito.

1951 . Os fundos do prédio são remodelados.

1954 - Restauro das pinturas decorativas das paredes e forros e dos vitrais.

1991- Restauro do pédio

1998 - Tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN).

2002/ 2005- Restauro completo do prédio sede da Faculdade de Direito da UFRGS.

**Observações:**

Segundo a Secretaria do Patrimônio Histórico da UFRGS, a atual construção neoclássica na Avenida João Pessoa é inspirada no "Palais du Rhin", em Estrasburgo, palácio de verão de Guilherme I da Alemanha. Tem arquitetura monumental e simétrica da sendo definida pela regularidade do seu volume em forma de prisma retangular, dotado de um frontão clássico, exuberante mas bem proporcionada ornamentação nas fachadas, coberturas e platibandas e sua cúpula central adornada com rica estatuária

figurativa. Internamente, o hall principal marca a simetria e reforça a monumentalidade do conjunto, com sua escadarias de mármore e corrimão em estuque veneziano, as pinturas decorativa dos tetos e paredes e os vitrais representando a Justiça, a Doutrina e a Ciência. Destaca-se, ainda, o magnífico mural de Ado Malagoli no auditório. Em 1954 restaurou-se as pinturas decorativas das paredes e forros, e dos vitrais. O prédio foi Tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), pelo processo 1438-T-98. Um projeto de restauro havia sido aprovado para o prédio em 1991 e mais um, completo, iniciou em 2002 só sendo encerrando em 2005.

### Museu da UFRGS



Museu da UFRGS- Antigo Curtumes e Tanantes (Curso de Tecnologia do Couro)

**Endereço:** Avenida Oswaldo Aranha, 277.

**Ano de Construção:** 1910

**Projeto:** Engenheiro Manoel Barbosa Assumpção Itaqui

**Usos:**

1910 - Laboratório de Resistência dos Materiais da Escola de Engenharia

1919 - Ampliado.

1942/ fins da década de 1960 - Instituto Tecnológico do Rio Grande do Sul

1960/ 1999 . Curso em Tecnologia do Couro, *Prédio dos Curtumes e Tanantes*

1999 e 2002- Restaurado

2002- Museu da UFRGS.

**Observações:**

Sua fachada principal, na avenida Oswaldo Aranha 277, tem uma disposição simétrica, destacando-se um frontão com duas figuras humanas pintadas representando o Trabalho. Também são interessantes as treliças *Polonceau* e os arcos abatidos. Originalmente ficava dentro de um terreno cercado de muro e gradil, que desapareceram com a ampliação da avenida Oswaldo Aranha a sua frente. As obras de restauração ocorreram entre 1999 e 2002.

## Faculdade de Medicina



Faculdade de Medicina-Século XX.

**Endereço:** Rua Sarmiento Leite, 3209. (na época Travessa 1º de Março).

**Ano de Construção:** início 1912, interrompido em 1914 com a 2ª guerra mundial, retomado em 1919, durando até 1924

**Projeto:** Arquiteto Theodor Wiederspahn

### Usos:

1924- Faculdade de Medicina, Farmácia e Odontologia

1937 . acréscimos na ala direita

1955 - acréscimos na ala esquerda.

1974 - Com a reforma Universitária suas instalações foram ocupadas pelo Instituto de Biociências e após, pelo Instituto de Ciências Básicas da Saúde.

1996/ 98 . Construção da nova Sede da Faculdade de Medicina, próxima ao Hospital de Clínicas (Ramiro Barcelos, 2400).

### Observações:

As obras do prédio iniciaram em 1912, sendo interrompidas logo após, em 1914, por conta da I Guerra Mundial, os trabalhos são retomados em 1919 indo até 1924. O projeto foi modificado pelo engenheiro Pedro Paulo Scheunemann (Fernando Corona relata que foi Augusto Sartori), que incluiu um grande volume semicircular na esquina e substituiu as estátuas que deveriam adornar a platibanda da esquina por jarros ornamentais, depois removidos, e as grandes cúpulas de bronze que deveriam cobrir os blocos em projeção, por telhado comum oculto por uma platibanda e os atuais frontões. Houve novas reformas em 1952. De estilo eclético com influência neo-barroca, destacam-se na sua fachada o bloco de entrada, como enormes pilastras jônicas, as aberturas com sacada e balaustrada, a cornija saliente com platibanda acima, e o grande frontão decorado com o brasão da República, volutas e outros arabescos esculpidos. Outros frontões menores coroam os blocos secundários do prédio, que tem diversos volumes em projeção, colunas e revestimento simulando pedras rústicas. Atualmente este prédio espera obras de restauro.

### Rádio da Universidade



Rádio da Universidade no terreno do antigo Velódromo.

**Endereço:** Rua Sarmento Leite, 426.

**Ano de Construção:** 1920 - 1921

**Projeto:** Engenheiro Adolph Alfred Stern, do escritório de Rudolf Ahrons.

**Usos:**

1921- Seção de Meteorologia do Instituto Astronômico e Meteorológico da Escola de Engenharia

1942- Desativado ( este serviço é absorvido pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio)

1957 - Estúdios da Rádio da Universidade (reformado e adaptado).

2001/ 2002 . restaurado, continua sediando a Rádio da Universidade.

**Observações:**

A fachada é de linhas sóbrias se caracteriza por sua assimetria bem proporcionadas. Tem na entrada uma escadaria de mármore que leva ao segundo piso, com guarda-corpo vazado e trabalho em ferro, e no patamar junto à porta de entrada há uma cobertura de ferro e placas de vidro. Arremata o edifício um pequeno torreão. O Edifício foi restaurado entre 2001 e 2002 sob a orientação da SPH- UFRGS sob o patrocínio de empresas particulares dentro do programade recuperação dos prédios do Patrimônio Histórico da UFRGS.

## Instituto de Química



"Instituto de Química Industrial" - "Vista do Prédio em 1929.



Anexo II da Reitoria, dias atuais.

**Endereço:** Rua Luiz Englert, s/nº.

**Ano de Construção:** 1922 / 1924.

**Projeto:** desconhecido

### Usos:

1924 . Curso de Química Industrial da escola de Engenharia

1926 . Inauguração oficial, 8 de junho de 1926 pelo Presidente Washington Luís.

1936 - Cursos de Química Analítica e Industrial, História Natural e Física.

1945 - Curso de Mineralogia.

1944/1946 - inicialmente quadrado foi ampliado e recebeu acréscimos laterais tornando-se retangular.

1946 /1981 - Curso de Química, então do já criado Instituto de Química da UFRGS.

1981 . Com a transferência do Instituto de Química para o Câmpus do Vale, passa a denominar-se anexo II da Reitoria sendo ocupado a partir daí por setores administrativos da Universidade, a Secretaria do Patrimônio Histórico e também possui algumas salas de aula ainda ativas.

2013 . aguardando restauração.

### Observações:

O prédio em três pavimentos apresenta no centro da fachada uma galeria aberta protegida por um terraço, configurando um mirante. Essa galeria é valorizada pela presença de colunas toscanas alternadas entre duplas e simples e esculturas femininas que simbolizam a Química. Atualmente, mesmo sem ter sido restaurado, o prédio serve a setores administrativos da Universidade, à Secretaria do Patrimônio Histórico, e também possui algumas salas de aula ainda ativas recebendo a denominação de Anexo II da Reitoria.

## Instituto Parobé



Antigo Instituto Parobé

**Endereço:** Avenida Sarmiento Leite, 103.

**Ano de Construção:** 1925 . 1928

**Projeto:** Arquiteto Chrétien Hoogenstraaten.

**Usos:**

1928 - É construído para ser a nova sede do Instituto Parobé (da escola de Engenharia) existente desde 1906 no Castelinho e no Chateau.

1935 - Sede da Secretaria de Educação e Saúde do Estado.

1937- Superintendência do ensino profissional.

1970 . Com a separação do ensino técnico do superior, o Instituto Parobé passa a ser Estadual e recebe nova sede. Desde esta data, passa a ser a sede do Instituto de Matemática da UFRGS e com a transferência deste para o Câmpus do Vale no fim da mesma década, neste prédio passam a funcionar a Graduação e pós graduação em Engenharia Mecânica e o Museu do Motor.

**Observações:**

Em estilo Neoclássico, conta com 3 pavimentos, mais um em mansarda. Apresenta requintes decorativos e monumentais proporções. Dentre suas características mais notáveis estão as grandes cúpulas metálicas em cobre sobre o bloco central e sobre os blocos das extremidades. Atualmente está em processo de restauro .Fica na rua Sarmiento Leite, 425 e confere a paisagem urbana uma imagem incomum dada sua volumetria e imponência. Hoje neste prédio funcionam os cursos de graduação e pós graduação em Engenharia Mecânica e o Museu do Motor.

Fontes das Fichas Técnicas:

CARVALHAL (1998),

SPH-UFRGS, Setor de Patrimônio Histórico- Área de Pesquisa e Documentação.

**ANEXO 3 . A Universidade Federal do Rio Grande do Sul em números.****Dados Gerais**

Primeiras Escolas	1895
Universidade de Porto Alegre	1934
Universidade do Rio Grande do Sul	1947
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1950
Área Territorial	21.948.812 m <sup>2</sup>
Porto Alegre	6.246.210 m <sup>2</sup>
Eldorado do Sul	15.566.000 m <sup>2</sup>
Imbé	95.924 m <sup>2</sup>
Outras Unidades	40.678 m <sup>2</sup>
Área Edificada	363.106 m <sup>2</sup>

<b>Graduação</b>	
Cursos Presenciais	89
Cursos a Distância (Ofertados em 2010)	8
Vagas Para Ingresso Vestibular	5048
Inscritos no Vestibular	36314
<b>Pós-graduação</b>	
Programas de Mestrado	71
Programas de Doutorado	69
Avaliação CAPES - Nota 7	11 (15,49%)
Avaliação CAPES - Nota 6	10 (14,08%)
Avaliação CAPES - Nota 5	32 (45,07%)
Avaliação CAPES - Nota 4	16 (22,54%)
Avaliação CAPES - Nota 3	3 (0,04%)
Programas de Mestrado Profissionalizante	9
Lato Sensu	160 (101 em andamento; 59 concluídos em 2011)
<b>Escola Básica</b>	
Colégio de Aplicação	

**Alunos Matriculados**

<b>Graduação</b>	
Total de alunos: 27595	
Presencial 2011/1	29617
Presencial 2011/2	30102
A distância (Ofertados em 2010)	1009
Bolsistas (SAE)	1335
Monitoria	1467
Tutores (EAD)	

<b>Pós-graduação</b>	
Doutorado	4470
Mestrado Acadêmico	5212
Mestrado Profissional	450
Especialização	7188
Alunos Especiais	2264
Residência Médica/Veterinária	404
Bolsas (Mestrado/Doutorado)	2526
<b>Educação Básica</b>	
Total de alunos:	612

**Concluintes e Títulos Outorgados**

<b>Concluintes de Graduação</b>	
Total de alunos:	3236
Presencial	2905
A distância	331

<b>Títulos Outorgados na Pós-graduação</b>	
Total de alunos:	2039
Doutorado	622
Mestrado	1333
Mestrado Profissionalizante	84

### Unidades e Outros Órgãos

Unidades Acadêmicas	6 (Centro, Saúde, Olímpica, Vale da Agronomia, Eldorado do Sul, Imbé)
Unidades de Ensino	27 (13 institutos, 10 faculdades e 4 escolas)

### Órgãos Suplementares

Biblioteca Central  
 Centro de Processamento de Dados  
 Centro de Teledifusão Educativa  
 Centro Nacional de Supercomputação  
 Cinema e Teatro  
 Editora  
 Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados  
 Museu  
 Centro de Microscopia Eletrônica  
 IpaHC - Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural  
 Hospital de Clínicas de Porto Alegre

### Órgãos Auxiliares

Gráfica Universitária
Almoxarifado Central
Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas
Centro de Estudos e Pesquisas em Administração
Estação Experimental Agrônômica
Hospital de Clínicas Veterinárias
Centro de Pesquisa em Odontologia Social
Centro de Ecologia
Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos

### Pesquisa

<b>Grupos de Pesquisa</b>	701
Pesquisadores	6111
Pesquisadores (professores efetivos da UFRGS com participação registrada em Projeto de Pesquisa)	2070
Técnicos	251
Estudantes de graduação (Iniciação Científica)	3790
Projetos em Andamento	6162
Laboratórios	1104

### Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT)

INCT da Criosfera  
 INCT para Excitotoxicidade e Neuroproteção  
 INCT de Genética Médica Populacional  
 INCT Translacional em Medicina  
 INCT de Hormônios e Saúde da Mulher  
 INCT para Avaliação de Tecnologias em Saúde (IATES)

<b>Centros interdisciplinares</b>	
Centro Estadual de Pesquisa em Sensoriamento Remoto	
Centro de Biotecnologia do RS – CBIOT	
Centro Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Agronegócios – CEPAN	
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação – CINTED	
Centro Interdisciplinar de Nanociência e Nanotecnologia	
Centro de Estudos Internacionais sobre Governo - CEGOV	

<b>Produção científica</b>	
Publicações periódicos indexados na Web of Science	2117
Publicações periódicos indexados na Web of Science com Qualis A1	754
Citações em periódicos indexados na Web of Science	1370
Citações em periódicos indexados na Web of Science com Qualis A1	714
Apresentações em eventos internacionais (dados coletados do SABI em 21/07/2011)	810

**Extensão**

Ações de extensão	1612
Bolsistas de extensão	398

<b>Projetos Sociais</b>	
Conexões e saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares	3302 espectadores em 12 eventos
Programa de educação anti-racista nas escolas	896 participantes em 11 eventos
Programa Convivências	570 participantes em 4 eventos

<b>Atividades Culturais</b>	
Projetos culturais	38803 espectadores em 77 eventos
Cinema universitário	14822 espectadores em 511 sessões
Museu	12401 espectadores em 28 eventos
Planetário	40100 espectadores em 578 sessões

**Biblioteca**

Bibliotecas	32
Acervo	858.308 publicações
Acervo LUME (Repositório digital)	35.014 publicações

**Laboratórios de informática**

Laboratórios de informática	144
-----------------------------	-----

**Assistência estudantil**

3 Casas de estudantes	552 moradores
5 Restaurantes universitários	6055 refeições diárias
Alunos contemplados pelos programas de bolsas	1335

Dados referentes ao ano de 2011

## ANEXO 4 . Principais Fontes de Pesquisa.

### Fontes primárias:

- ❑ Documentos UFRGS
  - Ata da 1ª sessão da assembléia Universitária da Universidade de Porto Alegre de 30 de dezembro de 1936.
  - Atas do Conselho Universitário.
  - Atas da Congregação da Faculdade de Farmácia
  - Atas da Congregação da Faculdade de Medicina
  - 80ª Reunião da Congregação da Escola de Engenharia da Universidade de Porto Alegre, de 26 de março de 1945.
  - Processo nº1412/48 do reitor Alexandre Martins da Rosa ao Governador Walter Jobim, de 1948, sobre a implantação da cidade Universitária.
  - Plano de Reestruturação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Comissão de Planejamento- UFRGS. 1967
  - Plano Global ASPLAN, jan.1970-gestão Reitor Eduardo Faracco
  - Relatório da Gestão Elyseu Paglioli.
  - Ofício do IPHAN comunicando o Tombamento do Observatório Astronômico e da Faculdade de Direito.
- ❑ Constituição Estadual do Estado do Rio Grande do Sul de 14 de julho de 1891.
- ❑ Constituição Federal Brasileira de 1937.
- ❑ Constituição Federal Brasileira de 1946.
- ❑ Constituição Federal Brasileira de 1967 e emenda constitucional de 1969.
- ❑ Constituição Federal Brasileira de 1988.
- ❑ Decreto 7247 de abril de 1879, que estabelece o ensino livre.
- ❑ Decreto nº5758, de 28 de novembro de 1934 do Estado do Rio Grande do Sul, que cria a Universidade de Porto Alegre.
- ❑ Discurso do General. Flores da Cunha, publicado no Correio do Povo de 29 de novembro de 1934.
- ❑ Lei 5540 de 1968, que institui a reforma do ensino Universitário no Brasil.
- ❑ Lei das Diretrizes e Bases da Educação ( LDB) que foi criada em 1961, seguida por uma versão em 1971, reafirmada na constituição de 1988 e que vigorou até a promulgação da mais recente em 1996.
- ❑ Plano diretor de Porto Alegre (1954-1964). Porto Alegre: PMPA, 1964 128p :il mapas
- ❑ Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA). Lei Complementar nº 434 de 5 de novembro de 1999. Porto Alegre: PMPA, 2000
- ❑ Primeiro Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano: Projeto de Lei Complementar com exposição de motivos. Porto Alegre: PMPA, 1978. 76p.:il mapas
- ❑ Reforma do ensino Benjamin Constant, de 1891.
- ❑ Relatório do Projeto de Melhoramentos e orçamentos. João Moreira Maciel; Comissão de Melhoramentos e Embelezamento da Capital. Apresentado ao intendente Municipal Dr. José Montauray de Aguiar Leitão em 1914. Porto Alegre: Oficinas gráficas de %A Federação+, 1927.
- ❑ Um Plano de Urbanização. José Loureiro da Silva, (Colaboração técnica do Urbanista Edvaldo Pereira Paiva). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1943. 300 p.

### Fontes secundárias:

- Livros de história das unidades acadêmicas
  - CORSO, Heloisa Vellinho. **Faculdade de Farmácia-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1895-1987.**Porto Alegre: UFRGS, 1990.
  - HASSEN, Maria de Nazareth Agra; FERRREIRA M<sup>a</sup> Letícia Mazzucchi. **Escola de Engenharia- UFRGS- Um Século** Porto Alegre: Tomo Editorial,1996.
  - LICHT, Flavia Boni; CAFRUNI, Salma (Org.). **Arquitetura UFRGS, 50 anos de história.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
  - NUNES, Magda V. **Memória científica: inventário do patrimônio tecnológico da Faculdade de Farmácia da UFRGS.** 2013. 120 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Instituto de ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2013.
  - RIGATTO Mário (coordenador); HASSEN, Maria de Nazareth Agra; **Fogos de bengala nos céus de Porto Alegre: a Faculdade de Medicina faz 100 anos.** Porto Alegre : Tomo Editorial, 1998.
  - ROVATI,João Farias (Org.); PADÃO,Fabiano Mesquita.(Org.) **Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Faculdade de Arquitetura- 1952-2002.**Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 2002.
  - SANTOS, João Pedro dos. **A Faculdade de Direito de Porto Alegre: Subsídios para sua História,** Porto Alegre, 2000.
- Jornais
  - Jornal da Universidade.
  - Jornal Zero Hora.
  - Jornal Correio do Povo.
  - Jornal % Federação+.
  - Jornal da Faculdade de Direito da UFRGS,